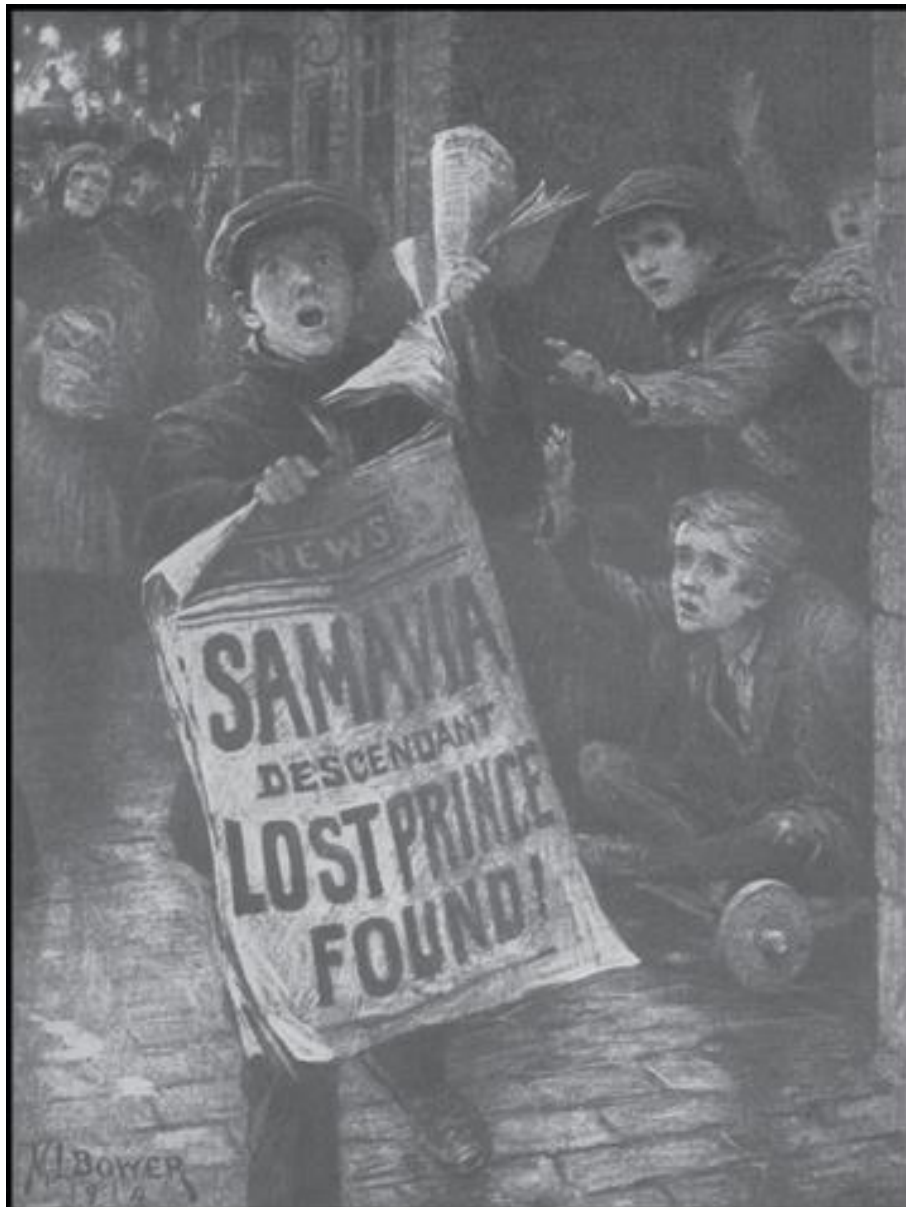


# O Príncipe Perdido



de Francis Hodgson Burnett

# O PRÍNCIPE & PERDIDO



DE  
FRANCIS HODGSON BURNETT

PRIMEIRO PUBLICADO EM 1914  
COM ILUSTRAÇÕES DE  
MAURICE L. BOWER

ESSA EDIÇÃO COM DIREITOS AUTORAIS © 2008  
[www.HeavenReigns.com](http://www.HeavenReigns.com)

PRIMEIRA VERSÃO TRADUZIDA PARA PORTUGUÊS EM 2009

© 2008

Este documento pode ser duplicado e distribuído livremente, em sua totalidade e sem modificações, contanto que a cópia inclua esse texto de direitos autorais. O material desta edição jamais deverá ser vendido – por preço algum.

[www.AosSeusPes.com.br](http://www.AosSeusPes.com.br)

# ÍNDICE

PREFÁCIO .....	v
CAPÍTULO I OS NOVOS PENSIONISTAS EM PHILIBERT PLACE Nº 7 .....	7
CAPÍTULO II UM JOVEM CIDADÃO SEM PÁTRIA.....	13
CAPÍTULO III A LENDA DO PRÍNCIPE PERDIDO .....	19
CAPÍTULO IV O RATO .....	27
CAPÍTULO V SILÊNCIO AINDA É A ORDEM .....	39
CAPÍTULO VI AS MANOBRAS E O PARTIDO SECRETO.....	45
CAPÍTULO VII A LÂMPADA ESTÁ ACESA! .....	57
CAPÍTULO VIII UM JOGO EMPOLGANTE .....	65
CAPÍTULO IX NÃO É UM JOGO.....	73
CAPÍTULO X O RATO – E SAMÁVIA.....	79
CAPÍTULO XI VENHA COMIGO .....	85
CAPÍTULO XII "APENAS DOIS MENINOS" .....	89
CAPÍTULO XIII LORISTAN COMPARECE A UMA MANOBRA E MARCO CONHECE UMA SAMAVIANA..	97
CAPÍTULO XIV MARCO NÃO RESPONDE.....	107
CAPÍTULO XV UM SOM EM UM SONHO.....	117
CAPÍTULO XVI O RATO PARA O RESGATE.....	121
CAPÍTULO XVII "É UM MAU SINAL" .....	125
CAPÍTULO XVIII "CIDADES E FACES" .....	129
CAPÍTULO XIX "UM JÁ FOI!" .....	137
CAPÍTULO XX MARCO VAI PARA A ÓPERA.....	147
CAPÍTULO XXI "SOCORRO!" .....	155
CAPÍTULO XXII UMA VIGÍLIA NOTURNA.....	159
CAPÍTULO XXIII A TROMPA DE PRATA.....	165
CAPÍTULO XXIV "COMO VAMOS ACHA-LO?" .....	175
CAPÍTULO XXV UMA VOZ NA NOITE .....	183
CAPÍTULO XXVI DO OUTRO LADO DA FRONTEIRA .....	193
CAPÍTULO XXVII É O PRÍNCIPE PERDIDO! É IVOR!.....	203
CAPÍTULO XXVIII "EXTRA! EXTRA! EXTRA!" .....	209
CAPÍTULO XXIX ENTRE A NOITE E A MANHÃ.....	217
CAPÍTULO XXX O JOGO ESTÁ NO FIM.....	225
CAPÍTULO XXXI SUA MAJESTADE O ESPERA! .....	231
EXPLORE: O MUNDO DE O PRÍNCIPE PERDIDO .....	243
EXPLORE: ACHANDO AS MANEIRAS DE DEUS .....	247
EXPLORE: O PRÍNCIPE PERDIDO COMO UMA ALEGORIA.....	263

# PREFÁCIO

---

**A**presentamos para você com muito prazer *O Príncipe Perdido*, escrito por Frances Hodgson Burnett com ilustrações da edição original de 1915 de Maurice L. Bower. Esperamos que este livro não se torne somente uma "boa leitura", mas que você também o aprecie como uma ilustração poderosa do caráter de Deus e verdade espiritual. Para ajudar sua apreciação do livro, nós adicionamos material novo nesta edição. Primeiramente, onde o texto inclui nomes ou lugares que seriam pouco conhecidos a leitores hoje, adicionamos notas explanatórias curtas no rodapé da página. E em segundo, adicionamos três "roteiros de aprendizagem" suplementares que seguem o texto:

- Explore: O Mundo de *O Príncipe Perdido* – O cenário do nosso livro, a Europa no começo do vigésimo século, era em várias maneiras um mundo muito diferente do que vivemos hoje. Esta pequena seção apresenta um mapa da Europa por volta de 1911 com uma descrição curta da vida política e econômica desse período. Os leitores podem referir-se ao mapa ao lerem, especialmente na segunda metade do livro.
- Explore: Achando o Coração de Deus – Para cada capítulo, oferecemos algumas perguntas para ponderar e conversar, e esperamos que ajude o leitor a pensar sobre algumas das riquezas deste livro maravilhoso. Uma família ou grupo de amigos lendo este livro em voz alta (nossa maneira favorita de compartilhar uma história boa!) talvez goste de usar estas perguntas para estimular suas próprias conversas. Os pais ou outros educadores podem sugerir perguntas para uma tarefa escrita. Mas queremos realçar que o alvo principal destas perguntas não é acadêmico, mas sim para aplicar à sua vida.
- Explore: Lendo *O Príncipe Perdido* como uma Alegoria – O que aproveitamos do livro? Por que estamos tão ansiosos em compartilhá-lo com você? Pensamos que esta história, para aqueles "que tem ouvidos para ouvir," pode fornecer um conhecimento poderoso da realidade espiritual. Se achar este resumo um início útil para a sua própria exploração destas verdades, ficaremos gratos. (Esta seção

foi escrita para ser lida depois de ter lido a história inteira, pois revela o final da história).

Espero que este livro o encoraje pelo caminho na única jornada que vale: a jornada para conhecer Jesus cada vez melhor.

*Por esta razão eu ajoelho-me diante do Pai, do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra. Oro para que, com as suas gloriosas riquezas, ele os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fé; e oro para que, estando arraigados e alicerçados em amor, vocês possam, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus. Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós, a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre! Amém! (Efésios 3:14-21)*

# CAPÍTULO I

## OS NOVOS PENSIONISTAS EM PHILIBERT

### PLACE N° 7

---

**E**m Londres existem muitas fileiras de casas feias, tristes e sujas, mas certamente não poderia haver uma fileira mais suja do que em Philibert Place. Contavam-se histórias de que essa rua fora mais atrativa, mas fazia tanto tempo, que ninguém lembrava quando. Ficava isolada com faixas estreitas de jardins obscuros, desamparados e acinzentados cujas grades de aço quebradas eram para protegê-los do trânsito pulsante da rua que sempre estava rugindo com o barulho de ônibus, táxis, carroças e carros de entrega. A rua alvoroçava com o movimento de pessoas vestidas pobremente e que pareciam como se estivessem indo ou vindo de um trabalho duro ou até com pressa para ver se conseguiam achar um emprego para não passar fome. As faces expostas dos tijolos das casas estavam acinzentadas pela fumaça, suas janelas estavam quase inteiramente sujas e tinham cortinas desbotadas ou não tinham cortina alguma. As faixas de terra, que no passado eram para flores crescerem, foram pisadas a tal ponto que restou somente terra e até as ervas daninhas desistiram de crescer nesses lugares. Uma destas faixas foi usada como um pátio de um lapidário e monumentos e ardósias baratas eram colocados lá para serem vendidos. Outra tinha pilhas de madeira velha e uma outra era usada para colocar amostras de móveis usados, como cadeiras com pernas desiguais, sofás com enchimento de crina de cavalo saindo pela capa e espelhos manchados e rachados. Dentro das casas era tão obscuro quanto fora. Todas eram exatamente iguais. Cada uma tinha um corredor de entrada escuro que levava para escadas estreitas que ou subiam para os quartos ou desciam para uma cozinha no porão. O quarto dos fundos olhava para pequenos, cimentados e fuliginosos quintais onde gatos magros brigavam ou sentavam em cima dos muros esperando que alguma hora poderiam talvez sentir o sol. Os quartos da frente olhavam para a rua barulhenta e pelas suas janelas entrava barulho e tumulto. Era miserável e triste nos dias mais claros e nos dias nebulosos ou chuvosos era o lugar mais infeliz que tinha em Londres.

Pelo menos isso foi o que um menino pensava enquanto estava em pé ao lado da grade de aço olhando as pessoas passarem na manhã em que essa história começa. Também era a manhã em que o pai dele o trouxera para morar como um pensionista na sala de estar dos fundos da casa Nº 7.

Ele era um menino de mais ou menos 12 anos. O nome dele era Marco Loristan e era um tipo de menino que as pessoas olham uma segunda vez depois de o terem



*Ele ficou de pé ao lado da grade de aço olhando as pessoas passarem.*

visto pela primeira vez. Em primeiro lugar ele era um menino grande e alto para sua idade, com um corpo forte. Os seus ombros eram largos e seus braços e pernas longos e musculosos. Ele já estava acostumado a ouvir pessoas comentando ao vê-lo: "Que rapaz bonito e grande!" E depois olhavam mais uma vez para o rosto dele. Não era um rosto inglês e nem americano, era um tipo de rosto que parecia ser de alguma região da Turquia. Seu aspecto era forte. Seu cabelo preto crescia como um tapete em sua cabeça e seus olhos, grandes e profundos, olhavam entre cílios grossos, retos e pretos. Ele não tinha absolutamente nada de britânico em seu sangue, e uma pessoa observadora ficaria admirada com o seu olhar SILENCIOSO que se expressava pelo seu rosto inteiro, um olhar que dava uma impressão de que não era um menino que falava muito.

Esse olhar era especialmente reparado nessa manhã enquanto ele ficava em pé do lado da grade de aço. Seus pensamentos eram do tipo que traziam para seu rosto de doze anos uma expressão não de menino.

Ele estava pensando na longa e apressada viagem que ele, seu pai e o velho soldado servo, Lázaro, tinham feito nesses últimos dias... a viagem da Rússia. Em um trem apertado na terceira classe, eles precisavam atravessar rapidamente o continente como se algo importante ou terrível os tivesse empurrando, e aqui estavam em Londres, pondo tudo no seu lugar como se fossem morar para sempre em Philibert Place N°7. Marco sabia, entretanto, que mesmo se ficassem um ano, era bem provável que de repente no meio da noite o seu pai ou Lázaro iria acordá-lo do sono e dizer: "Levante-se! Troque de roupa rápido. Precisamos sair agora." E, alguns dias depois, eles poderiam estar em São Petersburgo, Berlin, Viena, ou Budapeste, amontoados em alguma casa pobre e pequena, mal conservada e sem conforto assim como Philibert Place N°7.

Ele passou sua mão na testa, ao pensar nisso e olhar os ônibus. A sua vida estranha e seu relacionamento bem próximo com o seu pai o tinham feito muito mais velho do que seus doze anos, mas ele era na verdade só um menino. O mistério das coisas algumas vezes pesava sobre ele e o deixava em pensamento profundo.

Em nenhum desses muitos países que ele conhecia havia encontrado um menino que tinha uma vida ao menos um pouco similar à dele. Os outros meninos tinham casas em que passavam ano após ano. Eles iam para escola regularmente, brincavam com outros meninos e falavam abertamente das coisas que acontecia com eles e das viagens que faziam. Quando ele ficava em um lugar por um tempo suficiente para fazer alguns amigos, ele sabia que nunca poderia esquecer de que sua inteira existência era um tipo de segredo e sua segurança dependia do seu silêncio e de sua prudência.

Isso era por causa das promessas que ele tinha feito ao seu pai e sempre as lembrava em primeiro lugar. Não porque ressentia qualquer coisa que tinha a ver

com seu pai. Ele se endireitou rapidamente ao pensar sobre isso. Nenhum dos outros meninos tinha um pai igual ao dele, nenhum deles. O seu pai era seu herói e seu chefe. Eram poucas as vezes em que Marco se lembrava de ver a roupa de seu pai ser algo mais do que pobre e gasta. Mas também nunca tinha o visto, mesmo com seu casaco bem usado e roupa esfiapada, não se sobressair entre todos os outros. Ele era distinguido e fácil de ser notado entre todos os homens. Quando andava pelas ruas, pessoas viravam para olhá-lo mais uma vez, até mais do que elas se viravam para olhar Marco, e o menino sentia que isso não era somente porque era um homem grande com um rosto angular de comandante, mas porque tinha uma aparência de alguma maneira como se tivesse nascido para comandar exércitos e ninguém sequer pensaria em desobedecê-lo. Mas Marco nunca tinha o visto comandar nenhum homem. Eles sempre eram pobres, se vestiam pobremente e muitas vezes passavam com pouca comida. Mas se eles estavam num país ou noutro, por mais escuro que fosse o lugar em que se escondiam, as poucas pessoas que eles se encontravam sempre tratavam-no com um certo respeito e na maioria das vezes ficavam em pé quando estavam na presença dele, a não ser se ele implorasse para se sentarem.

"É porque eles sabem que ele é um patriota e patriotas são respeitados", o menino havia falado para si mesmo. Ele mesmo ansiava ser um patriota, mesmo nunca tendo visto o seu país Samávia. Entretanto, ele conhecia Samávia muito bem. Desde o dia em que ele fez as promessas, o seu pai havia lhe falado tudo sobre lá. Ele o ensinara a conhecer o país, ajudando-o a estudar mapas detalhados e interessantes do país – mapas das cidades, mapas das montanhas, mapas das ruas. Ele o contava histórias sobre as injúrias do povo do país, dos seus sofrimentos e esforços para liberdade e acima de tudo da sua coragem que não se abatia. Quando eles conversavam juntos sobre a história de Samávia, o sangue de Marco queimava e pulsava em suas veias e ele sabia pelo olhar do seu pai que o sangue dele também se queimava. Os homens que moravam nesse país tinham sido mortos, roubados e milhares morreram por causa das crueldades e da fome, mas as suas almas nunca foram conquistadas e ao passar dos anos, mesmo que nações mais poderosas os esmagaram ou os escravizaram nunca cessaram de lutar para serem livres das correntes como os samavianos centenas de anos atrás eram.

"Por que nós não moramos lá?" Marco chorou no dia em que as promessas foram feitas. "Por que não voltamos e lutamos? Quando eu for um homem, vou ser um soldado e morrer por Samávia!"

"**Nós somos aqueles que devem VIVER para Samávia – trabalhando dia e noite,**" o seu pai havia respondido, "**negando a nós mesmos, treinando nossos corpos e almas,** usando nossas mentes, aprendendo as melhores coisas que precisam ser feitas por nosso povo e o nosso país. Até exilados podem ser soldados para Samávia – eu sou um deles. Você deve ser um deles também."

"Nós somos exilados?" Marco perguntou.

"Sim." foi a resposta. "Mas mesmo se nunca colocarmos nosso pé no solo samaviano, devemos dar as nossas vidas por ela. Eu tenho dado a minha vida desde quando eu tinha dezesseis anos. E darei até morrer."

"Você já morou lá, pai?" Marco disse.

Um olhar estranho atravessou rapidamente o rosto do seu pai.

"Não," ele respondeu e nada mais falou. Marco, olhando para ele, sabia que não deveria fazer essa pergunta outra vez.

As próximas palavras do seu pai foram sobre as promessas. Marco era um menino novo naquela época, mas ele entendia a seriedade das promessas e sentia que ele estava sendo honrado como se fosse um homem.

"Quando você se tornar um homem, você saberá tudo que desejar saber," Loristan disse. "Agora você é uma criança e sua mente não deve ser sobrecarregada. Mas você deve fazer a sua parte. Uma criança às vezes esquece que palavras podem ser perigosas. Você deve me prometer nunca se esquecer disso, não importa o lugar que você esteja. Se você tiver amigos, você precisa se lembrar de manter silêncio sobre muitas coisas. Você não deve falar do que eu faço ou das pessoas que vêm me visitar. Você nunca deve mencionar as coisas que faz a sua vida diferente dos outros meninos. Você deve ficar ciente que existe um segredo que uma única palavra desatenta poderá revelar. Você é um samaviano e já houve samavianos que preferiam morrer mil vezes a entregar esse segredo. Você precisa aprender a obedecer sem questionar, como se fosse um soldado. Agora você deve fazer seu juramento."

Loristan levantou da cadeira e foi até o canto do quarto. Ajoelhou-se, levantou o tapete, tirou uma tabua do assoalho e tirou uma coisa que estava debaixo da tábua. Era uma espada. Ao se aproximar de Marco, tirou-a da bainha. O corpo forte da criança se endireitou e se firmou. Seus olhos fundos e grandes brilhavam. Ele faria seu juramento de fidelidade pela espada como se fosse um homem. Ele não estava ciente de que sua pequena mão abria e fechava com a garra de entendimento ardente porque aqueles com seu mesmo sangue haviam carregado espadas e lutado por centenas de anos.

Loristan deu a ele a grande arma desembainhada e ficou em pé diante dele.

"Repita essas palavras depois de mim, sentença por sentença!" ordenou. Ao ouvir as palavras, Marco ecoou cada uma delas alta e claramente.

"A espada na minha mão para Samávia!"

"O coração no meu peito para Samávia!"

"A rapidez dos meus olhos, os pensamentos na minha cabeça e a vida da minha vida para Samávia!"

"Aqui cresce um homem para Samávia."

"Deus seja louvado!"

Com isso Loristan colocou a sua mão nos ombros da criança, seu rosto marcado com orgulho quase violento.

"Dessa hora em diante," ele falou, "eu e você somos companheiros de guerra." E daquele dia até o dia em que ele estava em frente às grades de ferro quebradas, em Philibert Place Nº 7, Marco nunca esqueceu isso, nem por uma hora.

## CAPÍTULO II

### UM JOVEM CIDADÃO SEM PÁTRIA

---

Ele já estivera em Londres mais de uma vez, mas nunca nessa pensão em Philibert Place. Quando era trazido para uma cidade ou vilarejo pela segunda ou terceira vez, ele sempre sabia que a casa seria numa outra parte da cidade e que não veria as pessoas que tinha visto antes. Por isso, ligações superficiais que algumas vezes se formavam entre ele e outras crianças tão pobres quanto ele poderiam ser facilmente quebradas. O seu pai nunca o tinha proibido de considerar certa familiaridade casual. Seu pai, aliás, falou para ele que tinha razões de não desejar que ficasse afastado de outros meninos. A única barreira que deveria existir entre eles seria a barreira do silêncio das viagens que faziam de um país para outro. Outros meninos que eram pobres como ele não faziam viagens constantes assim, e conseqüentemente não sentiriam algo estranho se nas suas conversas de menino não falasse nada sobre isso. Se ele estivesse na Rússia, deveria falar somente sobre os lugares na Rússia e pessoas e costumes russos. Se estivesse na França, Alemanha, Áustria ou Inglaterra, precisava fazer a mesma coisa. Ele não lembrava quando aprendera inglês, francês, alemão, italiano e russo. Parecia que tinha crescido dentro dessa mudança de línguas e todas pareciam familiares para ele, como línguas são familiares para crianças que convivem com elas ao ponto de uma língua não ser menos familiar que outra. Ele lembrava, entretanto, que o seu pai era firme sobre sua atenção com a pronúncia e o sotaque da língua de cada país que estivessem morando naquele momento.

"Você não deve se parecer com um estrangeiro em nenhum país," o seu pai havia dito. "Ninguém deve desconfiar que você é um estrangeiro. Quando você estiver na Inglaterra, você não deve saber francês, alemão ou nenhuma língua a não ser inglês."

Uma vez, quando ele tinha sete ou oito anos, um menino tinha perguntado qual era a profissão de seu pai. "O pai do menino era um carpinteiro, e ele perguntou se o meu pai também era." Marco trouxe essa história para Loristan. "Eu falei que você não era um carpinteiro. Aí ele perguntou se você era um sapateiro e outro falou que você talvez fosse um pedreiro ou um alfaiate. Eu não sabia o que falar para eles." Marco estava brincando numa rua em Londres e colocou a sua mão pequena e suja

no braço do seu pai e a segurou fortemente. "Eu queria falar para eles, pai, que você não era como os pais deles, nenhum pouquinho. Sei que você não é, mesmo que a gente seja pobre. Você não é um pedreiro nem um sapateiro, mas um patriota! Você nem iria pensar em ser só um pedreiro, né, pai?!" Ele falou estas palavras com um ar de grandioso e com um leve ar de indignação, sua cabeça erguida com um olhar furioso.

Loristan colocou sua mão na boca do menino. "Shhh!" ele falou. "Será que é um insulto um homem pensar que ele pode ser um carpinteiro ou fazer um bom terno de roupa? Se eu pudesse fazer nossas roupas, nós vestiríamos roupas melhores. Se eu fosse um sapateiro, seus dedos dos pés não estariam espiando o mundo como estão agora." Ele estava sorrindo, mas Marco viu sua cabeça erguida também e seus olhos brilhavam ao tocar os ombros de Marco. "Eu sei que você não falou que eu era um patriota," ele concluiu. "O que foi que você disse para eles?"

"Eu lembrei que você está quase sempre escrevendo e desenhando mapas então eu falei que você era um escritor, mas que eu não sabia o que você escrevia e que você disse que não era um bom negócio. Uma vez eu ouvi você falar isso para o Lázaro. Foi uma boa resposta?"

"Sim. Você sempre pode falar isso se for pedido de você. Existem muitas pessoas pobres escrevendo milhares de coisas diferentes que trazem pouco dinheiro. Ser um escritor não seria estranho." Esta foi a resposta de Loristan e daquele dia em diante, se por acaso alguém perguntasse de que seu pai trabalhava, era respondido simples e honestamente que ele escrevia para ganhar o pão de cada dia.

Quando chegava num lugar novo e diferente, Marco andava bastante. Ele era forte, não se cansava facilmente e se entretinha em andar pelas ruas desconhecidas, olhar para lojas, casas e pessoas. Ele não se limitava a avenidas grandes, gostava de percorrer ruas afastadas, praças esquisitas e aparentemente desertas e até vielas e passagens estreitas entre edifícios. Muitas vezes ele parava para observar trabalhadores e conversar com eles se fossem amigáveis. Dessa maneira, nos seus passeios ele ficava conhecendo pessoas e aprendia muitas coisas. Ele tinha um certo afeto por músicos errantes, e aprendeu a cantar muitas músicas em sua forte e musical voz de menino com um velho italiano, que desde sua juventude era cantor de ópera. Ele conhecia muito bem as músicas do povo de vários países.

As horas passavam lentamente nessa primeira manhã, e ele estava com vontade de ter alguma coisa para fazer ou alguém para conversar. Fazer nada é uma coisa depressiva em qualquer momento, mas talvez mais ainda para um menino grande e saudável de doze anos. Londres, vista pela Avenida Marylebone, parecia um lugar horrível. A rua era triste, miserável e cheia de pessoas com rostos enfadonhos. Não era a primeira vez que ele tinha visto as mesmas coisas e isso sempre o deixava com um desejo de ter alguma coisa para fazer.

De repente ele virou-se da grade e foi para dentro da casa para falar com Lázaro. Ele o achou dentro do seu pequeno quarto, no quarto andar no fundo da casa. — Vou caminhar um pouco — ele anunciou. — Por favor, avise meu pai se ele perguntar onde estou. Ele está ocupado e não quero incomodar ele. — Lázaro estava remendando uma jaqueta velha como sempre remendava as coisas. Às vezes até remendava sapatos. Quando Marco falou, ele ficou em pé imediatamente para respondê-lo. Lázaro era bem obstinado e particular em algumas maneiras de agir. Nada iria forçá-lo a manter-se sentado quando Loristan ou Marco estava perto dele. Marco pensava que era porque ele tinha sido treinado rigidamente como um soldado. Ele sabia que o seu pai tinha tido muita dificuldade em tentar ajudá-lo a deixar esse hábito de fazer continência quando dirigiam algumas palavras a ele.

"Talvez," Marco tinha ouvido Loristan falar para ele de uma maneira quase rigorosa, certa vez quando Lázaro tinha esquecido e ficado em pé, fazendo continência para seu mestre enquanto ele passava por um portão arruinado em frente a uma pensão igualmente arruinada, "talvez você possa lembrar de se conter se eu falar que isso não é prudente – simplesmente NÃO É SEGURO! Você coloca todos nós em perigo!" Era evidente que isso ajudara o bom companheiro a controlar-se. Marco lembrou que ele ficou pálido na hora, bateu a mão em sua testa e falou uma torrente de palavras no dialeto de Samávia em arrependimento e terror. Mas, mesmo que ele nunca mais fizesse continência em público, ele não omitia nem uma outra forma de reverência ou cerimônia e o menino se acostumou a ser tratado como se fosse qualquer outra coisa a não ser o pobre menino que de fato ele era, do qual até o próprio casaco era remendado por um velho soldado, que estava em posição de sentido diante dele agora.

— Sim, senhor — Lázaro respondeu. — Para onde deseja ir?

Marco franziu suas sobrancelhas pretas, tentando lembrar algo distinto da última vez em que ele estivera em Londres. — Tenho ido a tantos lugares e visto tantas coisas desde a última vez que estive aqui, que preciso reaprender as ruas e os edifícios que não lembro mais.

— Sim, senhor — Lázaro falou. — já fomos a MUITOS lugares. Eu também esqueço. A última vez que você esteve aqui só tinha oito anos.

— Acho que vou procurar o palácio real e de lá vou andando e aprendendo os nomes das ruas — Marco disse.

— Sim, senhor — Lázaro respondeu, e dessa vez ele fez sua continência militar. Marco levantou sua mão direita em reconhecimento, como se fosse um jovem comandante. A maioria dos meninos pareceriam desajeitados ou teatrais ao fazer esse gesto, mas ele fez continência com naturalidade e com facilidade porque estava acostumado com essa forma de agir desde a infância. Ele tinha visto comandantes retornando suas continências aos seus homens quando estes encontravam-se por

acaso nas ruas. Também tinha visto príncipes passando por sentinelas no caminho para suas carruagens e personagens mais ilustres levantando suas mãos quietamente aos capacetes em reconhecimento quando o príncipe passava por meio de multidões dando aplausos. Ele já tinha visto muitas pessoas reais e muitos desfiles reais, mas sempre somente como um menino mal vestido em pé na beira da multidão de pessoas comuns. Um rapaz energético, mesmo pobre, não tem como gastar seus dias indo de um país para o outro sem, por mera chance no meio dos eventos diários, se tornar familiar com a vida pública de realezas e de cortes reais. Marco já tinha estado em vias continentais quando imperadores que, ao visitarem, passavam com soldados na frente e atrás com armaduras cintilando no sol e as multidões gritando suas boas-vindas cortesmente. Ele sabia onde estavam as sentinelas de plantão em frente a palácios de reis e príncipes em várias grandes capitais. Tinha visto certos rostos reais o suficiente para conhecê-los bem e ficar pronto para fazer sua continência quando certas carruagens quietas e desacompanhadas passavam por ele.

"É bom conhecê-los. É bom observar tudo e treinar a si mesmo a lembrar de rostos e circunstâncias" seu pai falou. "Se você fosse um jovem príncipe ou um jovem em treinamento para uma carreira diplomática, seria ensinado a notar e lembrar pessoas e coisas, assim como também seria ensinado a falar sua própria língua com elegância. Tal observação seria sua realização mais prática e seu maior poder. É tão prático para um homem quanto para outro, para um rapaz pobre de casaco com remendos como para alguém que tem um lugar nas cortes reais. Sendo que você não pode ser educado na maneira comum, você precisa aprender das suas viagens e do mundo. Você não pode perder nada... esquecer nada."

O seu pai lhe ensinara tudo e ele tinha aprendido bastante. Loristan tinha a habilidade de fazer tudo interessante a ponto de fasciná-lo. Para Marco, parecia que ele conhecia tudo que havia no mundo. Eles não eram ricos o suficiente para comprarem muitos livros, mas Loristan conhecia os tesouros de todas as grandes cidades e os recursos das cidades menores. Juntos ele e seu filho andavam pelas infinitas galerias cheias das maravilhas do mundo e pinturas as quais intermináveis fileiras de olhos levantados tinham observado pelos séculos. Seu pai fazia as pinturas se parecerem com o trabalho cheio de fulgor e glória de homens ainda vivos, os quais os séculos não tornaram pó. Ele podia contar as histórias dos que viveram e labutaram ao triunfo, histórias do que sentiram, do que sofreram e do que eram. Por essa razão, os velhos artistas – italianos, alemães, franceses, holandeses, ingleses, espanhóis – se tornaram tão familiares para o menino quanto a maioria dos países em que tinham vivido. Para ele não eram meramente artistas do passado, mas homens de grande caráter, homens que para ele pareciam ter lutado com lindas espadas e segurando luzes esplêndidas bem altas.

Seu pai não podia acompanhá-lo com tanta frequência, mas ele sempre o levava pela primeira vez para as galerias, museus, bibliotecas e lugares históricos que eram ricos em tesouros de arte, beleza ou história. Tendo ido pela primeira vez com seu



*Seu pai fazia as pinturas se parecerem com o trabalho cheio de fulgor e glória de homens ainda vivos*

pai, Marco retornava várias vezes e cresceu íntimo com as maravilhas do mundo. **Ele sabia que estava honrando o desejo de seu pai quando treinava a si mesmo a observar todas as coisas e de não se esquecer de nada.**

Esses lugares de maravilha eram os seus professores, e sua educação estranha, embora completa, era a parte mais interessante da sua vida. Com tempo, ele ficou sabendo exatamente onde as grandes obras de arte de Rembrandt, Vandykes, Rubens, Raphaels, Tintoretto ou Frans Hals ficavam. Sabia qual obra prima estava em qual cidade, fosse Viena, Paris, Munique ou Roma. Ele conhecia as histórias das coroas cheias de joias, das armaduras antigas, das obras de arte antigas e das relíquias romanas desenterradas das fundações de velhas cidades alemãs. Qualquer menino poderia ver o que Marco via, mas meninos com vidas mais cheias ou não tão sozinhas eram menos prováveis de conseguir concentrar as suas mentes no que estivessem olhando e também menos prováveis de gravar fatos com uma determinação para conseguir recordá-los em qualquer momento da prateleira mental em que eles estavam guardados. Tendo nenhum amigo e nada para brincar, ele começou, ainda bem pequeno, a fazer das suas caminhadas pelas galerias de fotos e lugares de tesouros e relíquias antigas um tipo de jogo.

Sempre tinha aqueles "dias livres" maravilhosos quando ele podia subir alguma escada de mármore e entrar em um portal grande sem pagar taxa de entrada. Uma vez dentro do lugar, havia muitas pessoas simples e pessoas vestidas pobremente, mas não havia muitos meninos jovens como ele que não fossem acompanhados por um adulto. Quieto e simples como ele era, muitas pessoas olhavam para ele. O jogo que ele criou para si mesmo era bem simples e interessante. O jogo era ver quanto ele podia lembrar e descrever claramente para o seu pai quando eles se sentavam juntos à noite e conversavam sobre o que ele tinha visto. Essas noites eram as noites mais felizes. Ele nunca se sentia solitário nessas horas, e quando seu pai, com seus olhos pretos e refletivos, se sentava e o olhava diligentemente com certa curiosidade, o menino ficava totalmente confortável e feliz. Algumas vezes Marco trazia para seu pai desenhos rústicos de objetos sobre os quais ele queria fazer perguntas, e Loristan sempre lhe contava uma história completa e rica do que ele queria saber. Elas eram histórias contadas com tanto esplendor e cheias de cor que Marco nunca as esquecia.

## CAPÍTULO III

# A LENDA DO PRÍNCIPE PERDIDO

---

**A**o andar pelas ruas, Marco pensava em uma dessas histórias. Era aquela história que ouviu quando era bem pequenininho e que captou sua imaginação de tal forma que tinha pedido para que fosse recontada várias vezes. Era, na verdade, parte da longa história de Samávia e ele a amava por essa razão. Lázaro lhe tinha contado essa história muitas vezes, às vezes adicionando muitos detalhes, mas Marco gostava mais da versão de seu pai porque fazia as coisas mais emocionantes e vivas. Na viagem da Rússia, durante uma hora quando eles foram forçados a esperar numa estação onde estava bem frio na beira da estrada e estava demorando muito, Loristan discutiu este assunto com ele. Loristan sempre achava alguma maneira de transformar tempos difíceis e horas sem conforto em algo que passava o tempo mais facilmente.

"Que rapaz forte e bom – para um estrangeiro," Marco ouviu um homem falar para o seu companheiro na sua caminhada aquela manhã. "Parece um Polaco ou um Russo". Foi isso que fizera os pensamentos dele voltar para a história do Príncipe Perdido. Ele sabia que a maioria das pessoas que o olhavam e o chamavam de um "estrangeiro" não tinham nem ouvido falar de Samávia. Aqueles que por acaso tinham uma lembrança da existência só sabiam que era um país pequeno e bravo colocado no mapa de forma que os países vizinhos maiores sentissem que deveriam controlar e mantê-la em ordem e, conseqüentemente, a invadiam e lutavam contra seu povo e entre eles mesmos para possuí-la.

Mas nem sempre fora assim. Era um país muito, muito antigo e séculos atrás era celebrado como um lugar cheio de paz e alegria e prosperava na sua beleza. Seu povo, naquele tempo, eram pastores e cuidadores de rebanhos que possuíam ricas colheitas e rebanhos esplêndidos que eram a inveja de muitos países que tinham terreno menos fértil. Entre os pastores e cuidadores de rebanhos haviam poetas que cantavam os seus cânticos e tocavam suas flautas com suas ovelhas pelas montanhas e vales cheios de flores. Seus cânticos eram sobre patriotismo, coragem, e fidelidade para os seus líderes e seu país. Uma simples cortesia de um dos mais pobres camponeses era tratada como uma coisa nobre. Mas isso, Loristan tinha lhe falado

com um sorriso meio cansado, era como Samávia fora antes de ser influenciada pelos outros países.

Quinhentos anos atrás, um rei ruim e fraco subiu ao trono real. O pai desse rei só morreu aos noventa anos e o filho ficou cansado de esperar em Samávia para ser coroado. Então foi viajando pelo mundo e visitando outros países e suas cortes. Quando voltou e se tornou rei, viveu como nenhum outro rei de Samávia tinha antes. Ele era um homem gastador e vicioso que ficava zangado, amargurado, e com ciúmes facilmente. Tinha inveja das cortes e países maiores que vira e tentou introduzir os costumes e ambições dos outros países que tinha visitado. Ele acabou introduzindo seus piores vícios e enganos. Levantou então disputas e partidos políticos muito brutais. Dinheiro era desperdiçado e até pobreza começou pela primeira vez e as pessoas do país ficaram com olhos arregalados.

Os samavianos, confusos no começo, eventualmente ficaram furiosos. Juntava-se multidões e tumultos de homens e depois uma batalha sangrenta. Sendo que era o rei que tinha começado todo esse mal, eles não queriam nem mais saber dele. Eles iam depô-lo e colocar o seu filho como rei no seu lugar. Era nessa parte da história em que Marco estava sempre mais interessado. O jovem príncipe era totalmente diferente de seu pai. Ele era um verdadeiro rei samaviano. Era mais alto e forte de todos da mesma idade dele no país inteiro, e também era tão bondoso quanto honesto. Ainda mais do que isso ele tinha um coração de leão, e antes dele ter dezesseis anos, os pastores já tinham começado a fazer canções sobre a coragem desse jovem e sua cortesia real e a bondade generosa. Não somente os pastores e homens com rebanhos cantavam esses cânticos, mas as pessoas das ruas. O rei, pai desse príncipe, sempre tinha inveja do seu filho mesmo quando ele era uma criança majestosa a quem pessoas gritavam com alegria quando passava pelas ruas. Quando o rei voltou das suas jornadas e viu como as pessoas amavam o seu filho, ele o detestou ainda mais. Quando as pessoas começaram a clamar e exigir que o rei deveria abdicar, ele ficou louco de raiva e cometeu tantas crueldades que as pessoas também ficaram violentas.

Um dia as pessoas invadiram o palácio, mataram e tiraram o poder dos guardas, correram para o quarto real, e invadiram o quarto particular onde o rei estava tremendo com terror e fúria. As pessoas o cercaram com suas espadas desembainhadas e sacudiram-nas na cara dele e fizeram uma promessa que ele não seria o rei mais e deveria sair do país. Mas, onde estava o príncipe? Eles precisavam ver o príncipe e avisá-lo deste ultimato que estavam dando ao rei. Era ele quem queriam como o seu rei. Eles confiavam nele e iriam obedecê-lo. E então todos juntos começaram a gritar, "Príncipe Ivor, Príncipe Ivor, Príncipe Ivor!" Mas não veio nenhuma resposta. As pessoas do palácio foram todas se esconder e o palácio ficou completamente silencioso.

O rei, apesar de todo o seu terror, não pode evitar de zombar. "Chame-o de novo." Ele falava. "Ele está com medo de sair do seu buraco!"

Um homem selvagem das montanhas bateu-lhe na boca e gritou, "Ele?! Com medo!". "Se ele não vem é porque você o matou e, se isso for verdade você é um homem morto!"

Isso deixou as coisas ainda mais agitadas. As pessoas saíram, deixando três para traz vigiando o rei, correndo pelos quartos vazios do palácio e gritando o nome do príncipe. Mas não veio nenhuma resposta. Eles o procuraram com muito frenesi, abrindo as portas repentinamente e derrubando cada obstáculo que estivesse na sua frente. Um pajem que foi achado escondido num quartinho falou que tinha visto Sua Alteza Real passar pelo corredor cedo aquela manhã e que estava cantando para si mesmo um dos cânticos dos pastores. E nessa estranha maneira foi que começou a história de Samávia. Quinhentos anos antes dos dias de Marco aquele jovem príncipe tinha andado cantando quietamente para si mesmo um dos velhos cânticos da beleza e alegria de Samávia, mas nunca mais foi visto.

Em cada cantinho e buraco, alto e baixo, eles o procuravam, acreditando que o rei tinha lhe colocado numa prisão em algum lugar secreto, ou tinha o matado secretamente. A fúria das pessoas foi até o ponto de frenesi. Tinham sempre novas revoltas e a cada poucos dias que passavam o palácio era atacado e vasculhado de novo. Mas nenhum sinal do príncipe foi achado. Ele tinha sumido como uma estrela some quando cai do lugar dela no céu.

Durante uma invasão no palácio, quando a última e infrutífera procura foi feita, o próprio rei foi morto. Um poderoso nobre que era o cabeça de uma das invasões se fez rei no lugar do rei que foi morto. Daquele ponto em diante, aquele pequeno reinado esplendido se tornou como um osso que os cachorros brigam para ter. A paz que tinha foi esquecida. Aquele país foi rasgado, atormentado e abalado pelos outros países mais fortes. Rasgou e atormentou a si mesmo com as brigas internas. Assassina os reis e criava outros. Nenhum homem jovem poderia saber quem iria servir quando ficasse mais velho, ou se suas crianças iriam morrer em uma batalha fútil, ou se eles iam passar por tempos desagradáveis de pobreza, crueldade e leis inúteis. Não haviam mais pastores e cuidadores de rebanhos que eram poetas, mas nas encostas das montanhas e nos vales algumas vezes velhos cânticos eram cantados. Os que as pessoas gostavam mais eram os cânticos sobre um Príncipe Perdido que se chamava Ivor. Se ele tivesse sido rei, ele salvaria Samávia, as estrofes falavam, e todos os corações corajosos acreditavam que ele voltaria. Nas cidades modernas quando alguma coisa era basicamente improvável de acontecer, as pessoas brincavam falando, "Sim, isso vai acontecer quando o Príncipe Ivor voltar".

Nos dias de criança, Marco tinha ficado amarguradamente perturbado com esse mistério sem explicação. Onde que o Príncipe Perdido tinha ido? Será que foi morto

ou escondido num calabouço? Mas ele era tão grande e corajoso que iria sair de qualquer calabouço. O menino tinha inventado para si mesmo uma dúzia de maneiras de como essa história terminava. "Ninguém nunca achou sua espada ou seu chapéu – ou ouvido nada ou adivinhado alguma coisa sobre ele nunca... nunca... nunca?" Marco falava de novo e de novo.

Numa noite de inverno, sentado junto com seu pai perto de uma fogueira num quarto frio e numa cidade fria da Áustria ele estava muito ansioso e perguntou tantas perguntas que o seu pai deu a ele uma resposta que ele nunca tinha lhe dado antes, e que era mais ou menos um final da história, mas não um final satisfatório.

"Todo mundo tem adivinhado como você está adivinhando. Alguns velhos pastores nas montanhas que gostam de acreditar em histórias antigas relataram uma história que a maioria considera um tipo de lenda. A história começa quase cem anos depois que o príncipe foi perdido quando um velho pastor contou uma história que o seu pai, o qual tinha morrido muito tempo atrás, havia lhe contado logo antes de morrer. O pai tinha falado que numa manhã cedo, ao caminhar na encosta da montanha, tinha achado na floresta o que a princípio parecia para ele um corpo morto de um jovem caçador. Algum inimigo tinha certamente atacado ele por traz e pensara que o tinha matado. Porém, ele não estava totalmente morto e o pastor o carregou para dentro de uma caverna que ele mesmo muitas vezes se refugiava de tempestades com o seu rebanho. Já que tinha tanta confusão na cidade, ele estava com medo de falar do que tinha achado. E quando descobriu que estava abrigando o príncipe, o rei já tinha sido morto e um homem ainda pior tinha tomado posse do seu trono e reinava Samávia com uma mão pesada e cheia de sangue. Para o apavorado e simples pastor a coisa mais segura a fazer era tirar esse jovem ferido para fora do país, antes que tivesse uma mínima possibilidade de alguém o achar e francamente o assassinar, o que sem dúvida ia acontecer. A caverna em que estava se escondendo não era longe da fronteira, e quando o príncipe estava ainda muito fraco, tão fraco que quase nem estava consciente do que acontecia, foi contrabandeado para o outro lado da fronteira dentro de uma carroça cheio de couros de carneiros. E o pastor voltou para seu rebanho e para as montanhas e viveu e morreu lá, sempre com terror das mudanças de líderes e suas batalhas selvagens uns contra os outros. As pessoas das montanhas falavam entre si, ao passar das gerações, que o Príncipe Perdido deveria ter morrido jovem, porque caso contrário ele iria voltar ao seu país e tentar restaurar os dias do passado da sua bondade".

"Sim, ele iria ter voltado," Marco falou.

"Ele teria voltado se tivesse visto que poderia ajudar seu povo," Loristan respondeu como se não refletisse somente numa história que fosse uma lenda. "Ele era bem jovem, e Samávia estava nas mãos de uma nova dinastia, e cheia com seus inimigos." Ele não poderia atravessar a fronteira sem um exército. Ainda, eu acho que ele morreu jovem.

Era essa história em que Marco pensava ao andar, e talvez os pensamentos que enchiam sua mente estavam expressos na sua face de tal maneira que iriam atrair a atenção de alguém. Ao se aproximar de Buckingham Palace, um homem bem vestido com uma ilustre aparência e com ótimos olhos o notou de repente e, ao olhá-lo mais de perto, diminuiu a sua velocidade ao se aproximar dele na direção oposta. Um observador pensaria que ele tinha visto algo e aquilo o deixou confuso e o surpreendeu. Mas Marco nem tinha o reparado e ainda continuava adiante pensando sobre os pastores e príncipes. O homem bem vestido e conhecido começou a andar ainda mais devagar. Quando estava bem próximo de Marco, ele parou e lhe falou algo, na linguagem samaviana.

— Qual é seu nome? — Ele perguntou.

O treinamento de Marco desde quando era uma criancinha tinha sido extraordinário. O amor que tinha por seu pai fez com que esse treinamento parecesse simples e natural para ele e nunca tinha questionado a razão para esse treino. Da mesma maneira que fora ensinado a ficar silencioso, fora ensinado a controlar a expressão no seu rosto e na sua voz, mas, acima de tudo isso, de em nenhum minuto aparentar que algo tivesse o pego de surpresa. Mas nesta ocasião poderia ficar surpreso pelas palavras extraordinárias samavianas pronunciadas de repente numa rua de Londres por um senhor inglês. Marco poderia até ter respondido em samaviano, mas não foi o que fez. Ele simplesmente levantou seu chapéu e cortesmente respondeu em inglês: — Como disse?

Os olhos inteligentes e perspicazes desse senhor o examinaram de cima para baixo. E ai ele também falou em inglês. — Será que você não me entende? Eu perguntei seu nome porque você me parece muito com um samaviano que eu conheço, — ele disse.

— Eu sou Marco Loristan — o menino o respondeu.

O homem o olhou diretamente nos seus olhos e sorriu. — Esse não era o nome do menino que eu estava pensando, — ele falou. — Me perdoe, meu menino. — Ele estava pronto para continuar e até certamente tomaria alguns passos quando pausou e virou para Marco novamente. — Você pode falar para seu pai que você é um menino bem treinado. E eu queria saber por mim mesmo. — E então continuou.

Marco sentiu seu coração bater mais rápido. Isso era uma das várias ocorrências que tinha acontecido durante os últimos três anos, e o fez sentir que estava vivendo em dias tão misteriosos que davam a entender que poderiam ser perigosos. Mas antes ele mesmo nunca parecia estar envolvido. Porque iria fazer alguma diferença de eu ser um menino bem educado? Aí ele lembrou algo. O homem não tinha falado que ele era "bem educado", mas sim que era "bem TREINADO". Marco sentiu sua testa comichar um pouco ao pensar no sorriso e no olhar perspicaz que tinha se fixado diretamente nele. Será que o homem tinha lhe dito algo em samaviano como um

tipo de teste para ver se ele iria ficar espantado e iria esquecer que tinha sido treinado a parecer saber somente a língua do país que estava temporariamente morando? Mas ele não tinha esquecido e ficou grato que não tinha traído nada. "Até exilados podem ser soldados samavianos. Eu sou um e você deve ser um também," o seu pai tinha dito naquele dia um tempo atrás quando ele o fez tomar as promessas. Talvez lembrar de seu treinamento fosse ser um soldado.

Nunca antes Samávia precisara de ajuda como agora estava. Dois anos atrás, um rival reivindicador ao trono tinha assassinado quem reinava e todos os seus filhos naquela época, e, desde aquele dia, as batalhas sangrentas e a desordem estavam furiosas. O novo rei era um homem poderoso e as piores pessoas e os mais egoísticos o seguiam. Países vizinhos tinham interferido pelo seu próprio interesse e os jornais estavam cheios de história de batalhas selvagens, crueldades, e camponeses passando fome.

Uma noite Marco entrou na sua pensão bem tarde e achou Loristan andando de um lado para o outro como um leão na sua jaula. Um papel estava esmagado e rasgado em suas mãos e seus olhos estavam cheios de fogo. Ele estava lendo sobre as crueldades impostas sobre pessoas pobres, mulheres e crianças inocentes. Lázaro estava pasmado olhando para ele em pé com grandes lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Quando Marco abriu a porta, o velho soldado andou fortemente até ele e o fez virar e guiou-o para fora do quarto.

"Desculpe, senhor, desculpe!" ele chorou. "Ninguém o pode ver assim, nem você. Ele sofre tão horrivelmente". Ele ficou em pé perto de uma cadeira no pequeno quarto de Marco, onde mais ou menos o empurrou para entrar. Abaixou sua cabeça grisalha e chorou como uma criança que havia apanhada.

"Por favor, Deus daqueles que estão em tanta dor, certamente agora é a hora de trazer de volta o nosso Príncipe Perdido!" ele falou e Marco sabia que as palavras eram uma oração e ponderava na intensidade delas porque parecia uma coisa muito absurda orar para um retorno de um menino que tinha morrido há quinhentos anos atrás.

Quando chegou perto do palácio, Marco ainda estava pensando no homem com quem tinha conversado, e ainda pensava nele enquanto olhava para os prédios cinzas e majestosos e contava o número de andares e janelas. Ele andou envolta deles para colocar na sua memória o tamanho e a aparência das suas entradas e de ter uma ideia do tamanho dos seus jardins. Ele fez isso porque era parte do seu jogo, e também parte do seu treinamento diferente.

Quando chegou de novo na frente do prédio, ele viu a grande entrada da corte e dentro das grades altas de ferro viu uma carruagem elegante, mas quieta que estava fechada aproximando-se da entrada. Marco ficou em pé olhando com interesse para ver quem iria sair dela e entrar. Ele sabia que reis e imperadores que não estavam em

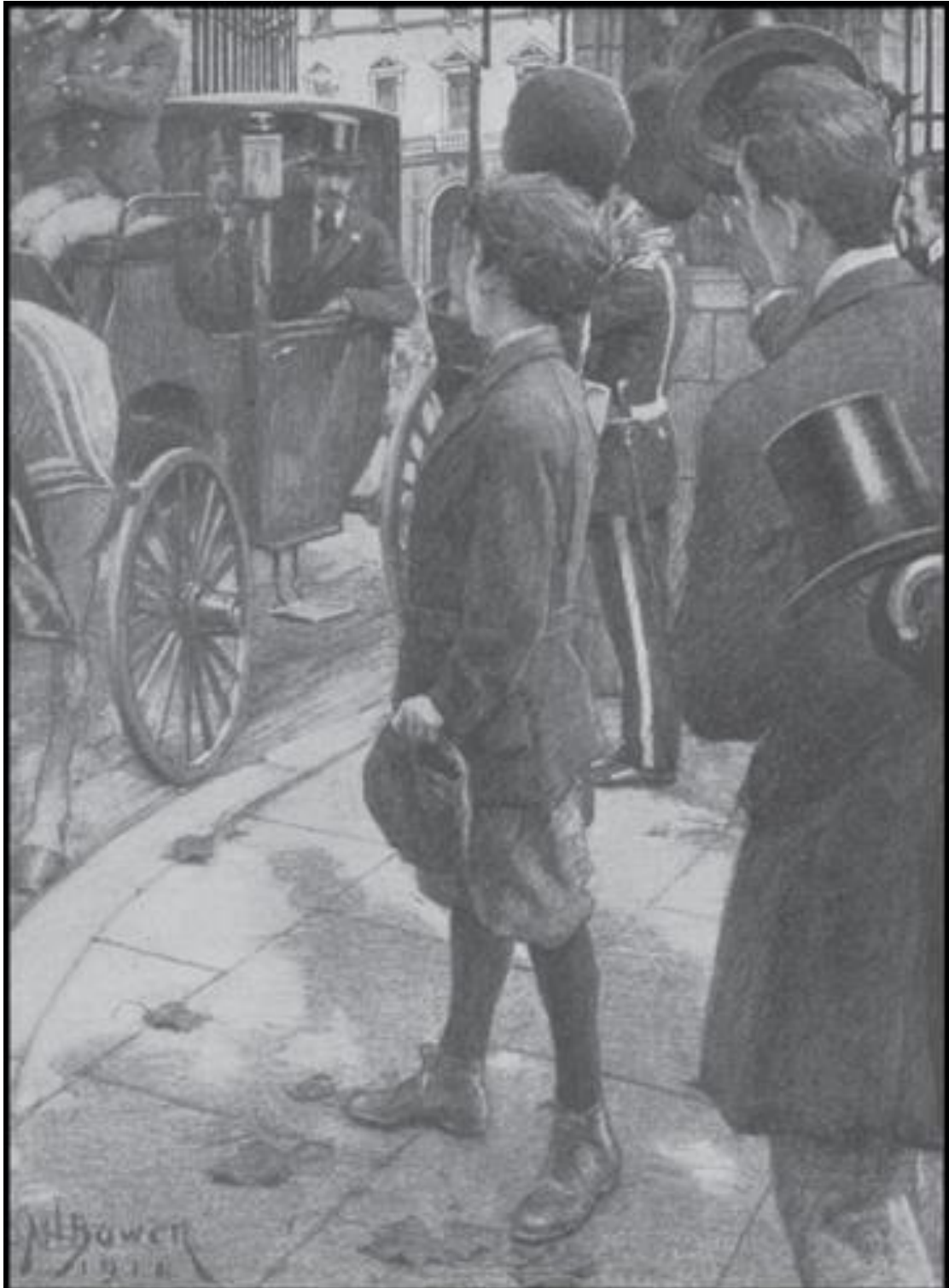
desfiles pareciam somente com um senhor bem vestido e muitas vezes escolhiam sair simples e quietamente como outros homens fazem. Então pensou que se talvez esperasse iria ver uma daquelas faces bem conhecidas que representa uma pessoa com uma posição mais alta e poderosa na monarquia do país e que nos tempos passados tinha representado o poder de vida ou morte humana e liberdade.

"Gostaria de falar para o meu pai que eu vi o Rei e conheço seu rosto, como conheço os rostos do czar e dos dois imperadores".

Os altos servos vestidos com uniforme escarlate real se movimentaram um pouco e um homem de mais idade desceu as escadas seguido por outro. O homem entrou na carruagem e o outro o seguiu. As portas da carruagem fecharam e a carruagem foi até as grades de entrada onde as sentinelas fizeram suas continências.

Marco estava perto o suficiente para ver claramente. Os dois homens estavam conversando como se estivessem bem interessados. O rosto que estava mais longe dele era o rosto que vira várias vezes nas vitrinas de lojas e em jornais. O menino fez sua continência rápida e formalmente. Ele era o Rei; e, ao sorrir e reconhecer a continência, falou para o seu companheiro: — Aquele bom rapaz faz continência como se fosse parte do exército, — ele falou, mas Marco não pode ouvi-lo.

Seu companheiro inclinou-se para ver pelas janelas da carruagem. Quando viu Marco, uma expressão singular tomou conta do seu rosto. — Ele faz parte de um exército, senhor, — o companheiro respondeu — mesmo que não saiba disto. O nome dele é Marco Loristan. Foi então que Marco o viu claramente. Ele era o homem com olhos perspicazes que tinha lhe falado em samaviano.



*Ele era o homem com olhos perspicazes que tinha lhe falado em samaviano.*

## CAPÍTULO IV

### O RATO

---

**M**arco estaria pensando muito se tivesse ouvido aquelas palavras, mas sendo que não as ouviu, começou a voltar para casa pensando sobre outra coisa. Um homem intimamente ligado ao rei deve ser uma pessoa importante. Esse homem sem dúvida sabia muitas coisas não somente do seu próprio país e governantes, mas também dos outros países e reis. Tão poucos realmente sabiam algo sobre a pobre pequena Samávia, até que recentemente os jornais começaram a falar para as pessoas dos terrores e das suas guerras – e quem, sem ser os samavianos, iria saber falar sua língua? Isso seria uma coisa interessante de falar para seu pai, de que um homem que conhecia o Rei tinha conversado com ele em samaviano e ainda mais tinha mandado uma mensagem curiosa.

Mais tarde Marco se achou passando uma rua secundária e olhou para cima. Era uma rua bem estreita e nos dois lados da rua havia altas e velhas casas que atraíu sua atenção. Parecia que um pouco da velha Londres tinha restado em pé enquanto os lugares mais novos cresceram e a esconderam da vista. Era esse tipo de rua que ele gostava de andar por mera curiosidade. Ele conhecia muitas delas em velhas partes de muitas cidades. Marco até tinha morado em algumas delas. Ele poderia achar seu caminho de volta para casa no final dessa rua. Uma outra coisa que o atraíu, sem ser um lugar diferente, eram vozes de meninos e queria ver o que estavam fazendo. Algumas vezes quando chegava num lugar novo e estava se sentindo só, ele seguia vozes de meninos brincando ou discutindo e achava alguns amigos temporários.

Na metade do caminho dessa rua existia uma passagem arqueada de tijolo. As vozes de meninos estavam vindo de lá – uma das vozes mais alta, fina, e aguda do que o resto. Marco foi até a arcada e olhou pela passagem. Ela se abria num espaço pavimentado que era fechado por grades de um cemitério preto, antigo e deserto. Os meninos não estavam brincando, mas ouvindo um do seu grupo que estava lendo para eles o jornal.

Marco andou até a passagem e escutou também em pé num lugar escuro na arcada e ficou olhando para o menino que estava lendo. Ele era uma criatura pequena e

estranha com uma testa grande e olhos bem profundos que eram curiosamente penetrantes. Mas não era só isto. Ele era corcunda e suas pernas pareciam pequenas e tortas. E se sentava com elas cruzadas na sua frente numa plataforma rígida de madeira com pequenas rodas em baixo, com o que evidentemente se empurrava. Próximo a ele havia muitas madeiras empilhadas juntos como se fossem rifles. Uma das primeiras coisas que Marco notou era que naquele pequeno rosto havia linhas marcadas como se estivesse irado toda sua vida.

— Segurem suas línguas, seus tolos! — ele gritou agudamente para alguns meninos que o interromperam. — Vocês não querem aprender nada?

Ele estava pobremente vestido, como todos os outros meninos, mas não falava no dialeto de Cockney<sup>1</sup>. Se era um moleque de rua, como todos seus outros companheiros eram, ele tinha algo diferente de alguma maneira. Aí, por acaso, ele viu Marco, que estava em pé na entrada da passagem de baixo da arcada.

— O que você está fazendo aí escutando? — ele gritou, e de repente pegou uma pedra e atirou nele. A pedra bateu no ombro do Marco, mas não doeu tanto. O que Marco não gostou foi o fato de um outro menino querer jogar algo nele antes mesmo de conversarem. Ele também não gostou que dois outros meninos prontamente aproveitaram a oportunidade e abaixaram para pegar mais pedras.

Marco andou para frente diretamente para o grupo de meninos e parou perto do corcunda. — Por que você fez isso? — ele perguntou na sua voz jovem e grossa.

Marco era grande e forte o suficiente para propor que não era um menino que poderia ser facilmente descartado. Mas não foi isso que fez o grupo ficar parado com olhos arregalados para ele. **Era algo dentro dele** — parte era um pouco de uma falta de algo como irritação pela pedra que foi jogada. Era como se não se importasse nem um pouquinho. Não fez ele ficar irado ou ofendido. Estava somente um pouco curioso sobre o que aconteceu. Visto que estava limpo e seu cabelo e roupas velhas estavam esfregadas, a primeira impressão que foi dada da sua aparência ao ficar de pé na entrada da passagem era que ele era um "filhinho de papai"<sup>2</sup> metendo seu nariz onde não era chamado; mas ao se aproximar, os meninos viram que as roupas bem esfregadas eram gastas e calçava sapatos gastos e remendados.

— Por que você fez isso? — ele perguntou, e fez essa pergunta meramente como se quisesse saber a razão.

— Eu não vou ter vocês grã-finos entrando no meu clube como se fosse um de nós — o corcunda falou.

---

<sup>1</sup> "Cockney" é um termo usado para referir-se a classe trabalhadora de pessoas que moravam na região leste de Londres. Os amigos do Rato são Cockneys, porém ele mesmo não é. Os Cockneys falam com um sotaque distinto do inglês falado normalmente em Londres. Para refletir este sotaque distinto dos Cockneys na tradução tentamos usar um linguajar mais de rua.

<sup>2</sup> Alguém de uma classe mais alta, mais rico. Um janota.

— Não sou um grã-fino e nem sabia que aqui era um clube — Marco respondeu. — Ouvi meninos e pensei que poderia vim para ver. Quando ouvi vocês lendo sobre Samávia, queria ouvir também. — Ele olhou para o que estava lendo com uma expressão silenciosa nos seus olhos. — Você não precisava jogar uma pedra — ele adicionou. — Não vejo os adultos agindo dessa maneira. Vou ir embora então.

Ele virou como se fosse embora, mas, antes de ter tomado três passos, o corcunda informalmente o chamou. — Hei! — Ele gritou. — Hei, você!

— O que você quer? — Marco falou.

— Aposto que você não sabe onde Samávia é localizada ou porque eles estão lutando — o corcunda jogou as palavras a ele.

— Sim, eu conheço. Ela é localizada ao norte de Beltrazo e leste de Jiardásia e estão lutando porque um partido assassinou o Rei Maran e o outro partido não vai deixá-los coroar Nicola Iarovitch. E porque devem? Nicola é um salteador e não tem um pingo de sangue real nele.

— Ah! — o corcunda admitiu com relutância. — Você conhece tudo isso, então? Volta aqui.

Marco voltou enquanto os meninos ainda ficavam de olhos arregalados. Era como se dois líderes ou generais estivessem se encontrando pela primeira vez e esse grupo de meninos de rua, olhando, imaginavam no que resultaria esse encontro.

— Os samavianos do partido Iarovitch são mal e só querem coisas ruins. — Marco falou primeiro. — Eles não se importam com Samávia. Só querem dinheiro e o poder para fazer leis que vão servir a eles mesmos e esmagar todos os outros. Eles sabem que Nicola é um homem fraco, e que, se conseguirem coroa-lo como rei, poderão convencê-lo a fazer o que eles gostam.

Pelo fato de ter começado, mesmo que tenha falado numa voz firme de menino sem gabolice, pensou que, de alguma maneira, certamente iriam ouvi-lo. Isso deu-lhe um lugar imediatamente. Meninos são criaturas impressionáveis e sabem quem é um líder quando veem um. O corcunda fixou seus olhos brilhantes nele. O grupo começou a murmurar.

— Rato! Rato! — várias vozes começaram a gritar ao mesmo tempo num dialeto forte de Cockney. — Joga mais perguntas pra ele, Rato!

— É disso que eles te chamam? — Marco perguntou ao corcunda.

— Disso é que eu me chamo — ele respondeu ressentidamente. — ‘O Rato’. Olhe pra mim! Rastejando pelo chão assim! Só dá uma olhada para mim! — Ele fez um gesto ordenando seus companheiros para saírem da frente dele, e começou a puxar a si mesmo rapidamente indo de um lado para o outro. Encurvou sua cabeça e corpo, torceu seu rosto, e fez movimentos estranhos de animais. Ele até fez alguns gritos

agudos ao correr aqui e lá - como um rato faria se estivesse sendo caçado. Ele fez isso como se demonstrasse um talento e as risadas dos seus companheiros eram de aplausos.

— Não foi como um rato? — ele demandou, quando de repente parou.

— Você se fez parecer com um rato de propósito — Marco respondeu. — Você faz porque gosta.

— Não é muito legal — O Rato falou. — Eu me sinto como um. Todo mundo é meu inimigo. Sou uma peste. Não posso me defender a não ser por morder. Mas, consigo morder. — Ele mostrou suas duas fileiras de dentes bravios, fortes e brancos que eram mais pontudos do que geralmente são em humanos. — Mordi meu pai uma vez e ele nunca mais me incomodou. — O Rato disse rindo uma risada feia, penetrante e aguda. — O homem mais bravo que você já viu na sua vida. — Aí ele riu ainda mais agudamente. — Ele é um cavalheiro, — adicionou sarcasticamente. — E eu sou um filho de um cavalheiro. Ele era o diretor numa escola grande até que decidiu de sair, isso foi quando eu tinha quatro anos e minha mãe morreu. Eu tenho treze anos agora e até hoje não achou um trabalho fixo. E você, tem quantos anos?

— Tenho doze, Marco respondeu.

O Rato torceu seu rosto com inveja. — Gostaria de ser do seu tamanho! Você é um filho de um cavalheiro? Você parece um.

— Sou um filho de um homem bem pobre — foi a resposta de Marco. — Meu pai é um escritor.

— Então com toda a certeza ele é um tipo de cavalheiro — Rato falou. Aí de repente jogou outra pergunta nele. — Qual é o nome do outro partido samaviano?

— Os Maranovitch. Os Maranovitch e os Iarovitch estão lutando uns contra os outros há quinhentos anos. Primeiro uma dinastia reina e daí outra quando eles conseguem matar alguém, como fizeram com o rei Maran — Marco respondeu sem hesitação.

— Qual era o nome da dinastia que reinou antes deles começarem a brigar? O primeiro Maranovitch assassinou o último deles — O Rato lhe perguntou.

— Os Fedorovitch — Marco falou. — O último deles era um rei mal.

— Seu filho era aquele que nunca foi encontrado — O Rato falou. — Aquele que chamam de O Príncipe Perdido.

Marco estaria surpreso, mas por causa do seu longo treinamento de autocontrole exterior, não estava. Era tão estranho ouvir histórias da sua terra natal faladas nessa rua sem saída num bairro pobre e justamente na hora que estava pensando sobre elas.

— O quê que você conhece sobre ele? — Marco perguntou, e ao fazer essa pergunta viu os moleques se aproximando.

— Não muito. Só li algo sobre ele num jornal rasgado que achei na rua — O Rato respondeu. — O homem que estava escrevendo sobre ele falou que era somente parte de uma lenda e ria de pessoas que acreditam nesse príncipe. Também falou que estava na hora dele se revelar, se tinha qualquer intenção de fazer isso. Eu tenho inventado coisas sobre ele porque esses rapazes gostam de me ouvir. Mas são somente histórias.

— *Nois* gosta dele — alguém gritou. — Porque ele é um cara legal; ele... ele lutaria, ooohhh sim, se estivesse em Samávia agora.

Marco rapidamente se perguntou quanto deveria falar. Uma vez decidido, falou com todos.

— Ele não é parte de uma lenda. Ele é parte da história de Samávia — Marco disse. — Eu sei alguma coisa sobre ele também.

— Como que você descobriu? — O Rato perguntou.

— Porque meu pai é um escritor, ele precisa de livros e papéis e também sabe muita coisa. Eu gosto de ler então vou a bibliotecas públicas. Você sempre pode pegar livros e papéis lá. Daí pergunto coisas para meu pai. Todos os jornais estão cheios de coisas sobre Samávia hoje em dia. — Marco sentiu que essa explicação não iria trair nada. Era verdade que ninguém podia abrir o jornal esses dias sem ver notícias e histórias sobre Samávia.

O Rato viu possíveis vistas de informação se abrindo diante dele. — Sente aqui — ele falou, — e fale para a gente o que você sabe sobre ele. Sentem meus amigos.

Não tinha nada onde sentar a não ser no chão, mas isso não era um problema. Marco tinha sentado no chão muitas vezes antes, como também todos os outros meninos. Ele ocupou seu lugar ao lado do Rato e os outros fizeram um semicírculo em frente deles. Os dois líderes juntaram suas forças, por assim dizer, e os seguidores ficaram numa linha em "atenção". Aí o recém-chegado começou a falar.

Era uma história boa, aquela do príncipe perdido, e Marco contou de uma maneira que dava realidade. Como não poderia ser real? Ele sabia, como os outros não poderiam saber, que era verdadeira. Ele que tinha olhado detalhadamente os mapas da pequena Samávia, que tinha desde os sete anos estudado os mapas junto com seu pai, e conhecia Samávia como um país onde poderia achar seu caminho em qualquer canto se fosse deixado em qualquer floresta ou montanha dele. Conhecia todas as rodovias e avenidas e na cidade capital de Melzar podia ir aonde quisesse com os olhos vendados. Conhecia também os palácios e fortalezas, as ruas pobres e as ruas ricas. Seu pai uma vez o tinha mostrado uma planta de um palácio real que eles estudaram juntos até que o menino soubesse cada quarto e corredor dentro dela na

ponta da língua. Mas disso não falou. Ele sabia que isso era uma das coisas sobre as quais precisava ser silencioso. Mas podia falar das montanhas e dos prados veludos da cor de esmeralda que cobriam os lados da montanha e só terminavam onde tinham grandes penhascos e onde os picos começavam. Ele podia pintar nas mentes deles as grandes planícies férteis onde os bandos de cavalos comiam ou apostavam corridas ao respirar o ar fresco. Podia descrever os vales férteis onde rios claros corriam e ovelhas pastavam em grama verde e alta. Marco disse estas coisas porque poderia dar uma boa razão de conhecê-las. Esta não era a única razão por que tinha tanto conhecimento, mas era uma que iria lhe servir suficientemente bem.

— Aquela revista rasgada que você achou tinha mais de um artigo sobre Samávia — ele falou para o Rato. — Aquele mesmo homem escreveu quatro artigos. Eu li todos eles numa biblioteca pública. Esse homem esteve em Samávia, e sabia muita coisa sobre ela. Falou que era o país mais lindo e fértil que já tinha viajado. Isso é o que todos falam sobre ela.

O grupo que estava diante dele não sabia nada sobre o que eram florestas ou regiões rurais. Eles só sabiam dos becos e ruelas de Londres. A maioria deles só tinha ido a parques públicos e de fato quase nem acreditavam na existência de florestas. Eles eram uma turma sem refinamento e olharam para ele com olhos arregalados, como tinham feito na primeira vez que o viram. Quando falou dos samavianos altos, de tempos antigos, que caçavam cavalos selvagens para domesticá-los, as bocas deles caíram. Isso era uma coisa que iria entusiasmar a imaginação de qualquer menino.

— Oh loco! Mas como eu gostaria de *pegá* um daqueles *cavalo* — gritou alguém na audiência de repente, e sua exclamação foi repetida uma dúzia de vezes com o mesmo entusiasmo. Quem não iria gostar de "*pegá um*"?

Quando falou das grandes florestas que parecia nunca acabar e dos pastores que tocavam suas flautas e faziam músicas sobre ações grandiosas e de bravura, eles sorriram de alegria sem saber que estavam sorrindo. Eles não sabiam muito bem que nesse beco abandonado, fechado de um lado com casas bem pobres e pretas de tanta poluição e no outro lado por um cemitério abandonado e esquecido, eles ouviam o sussurro dos galhos verdes das florestas onde pássaros se aconchegavam juntos, o assobio do vento de verão nos caniços do rio e o tilintar, as gargalhadas e o barulho dos riachos correndo.

Eles escutaram mais ou menos tudo isso pela história do Príncipe Perdido, porque o Príncipe Ivor gostava muito de planícies com florestas e tudo que fosse ao ar livre. Quando Marco o descreveu como sendo alto, jovem e com membros fortes, atraindo todos ao passar pelas ruas sorrindo, os meninos também sorriram sem saber.

— *Pooxa!* Pena que ele sumiu! — alguém gritou.

Quando ouviram do desassossego e descontentamento dos samavianos, eles também começaram a ficar impacientes. Então, quando Marco chegou na parte da

história onde a multidão correu para dentro do palácio e interrogou o rei sobre o príncipe, eles começaram a xingar o rei. — Aquele *vêio* esquisito escondeu *ele* em algum lugar num buraco, ou *matô* ele sem dó... foi isso, era isso que *tava* tramando! Se *nois* tivesse lá – aiii, se só a gente *tivesse* lá. A gente ia *dá* pra aquele rei o que *tava* merecendo! Sim, isso mesmo!

— Quando ele foi saindo daquele palácio cedinho e cantando daquele jeito! Alguém seguiu ele e *pegou ele*! — decidiram com várias exclamações de ira de menino. De algum jeito, o fato de aquele jovem real ter passeado numa manhã ensolarada cantando, os deixou furiosos. Mas se foi ruim nessa parte da história, ficou pior quando ouviram que o velho pastor achou o jovem caçador semimorto na floresta. — Pegaram ele POR TRAZ! Não deu ele nem chance. R-r-r-r! — os moleques uivaram em coro. — Que pena que *nois* não *tava* lá pra *ajudá ele*!

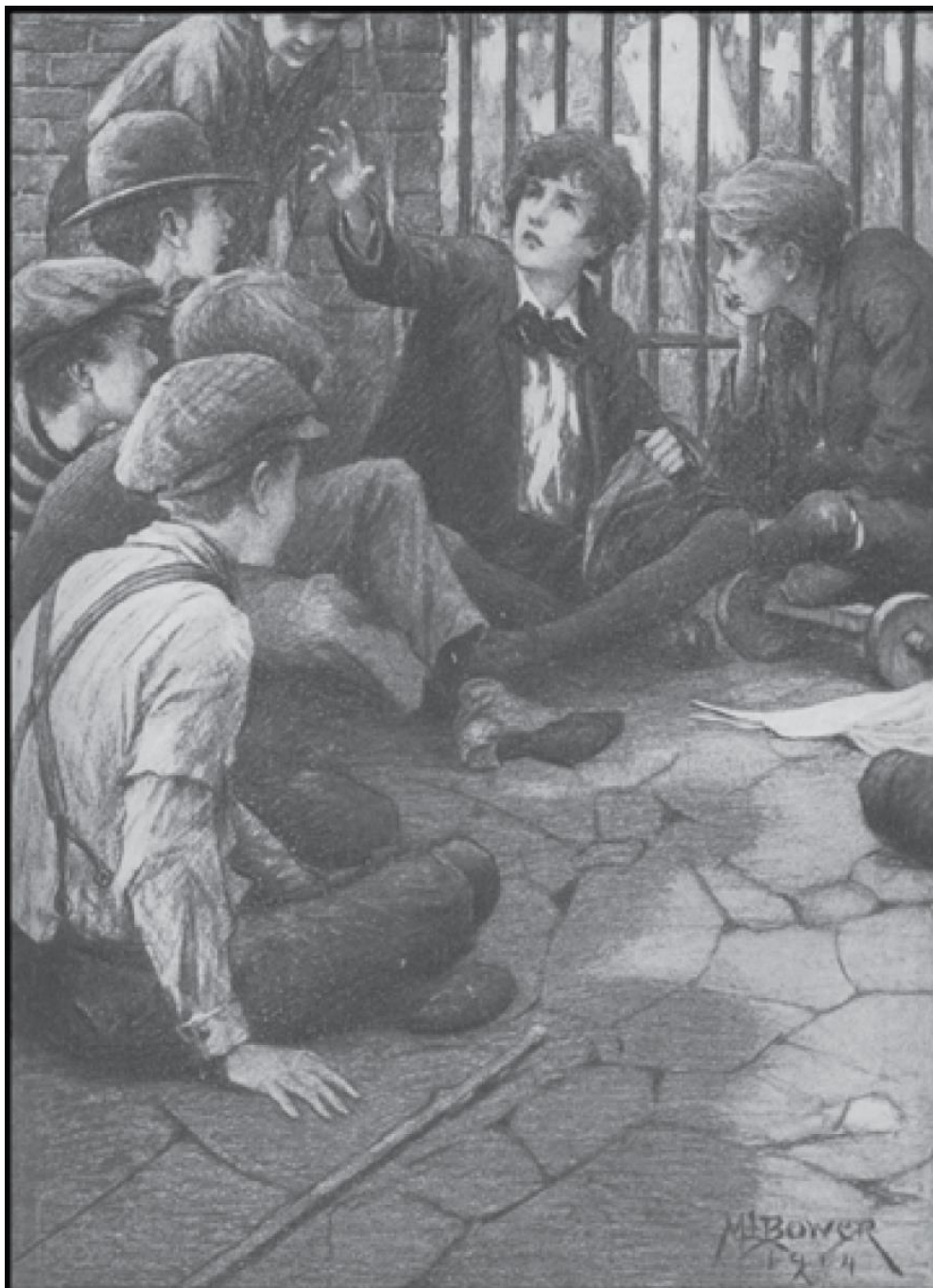
Era uma história que tinha um efeito estranho neles. A história os fez pensar que viram coisas; fez o sangue deles queimar e querer lutar por ideais que desconheciam – coisas de aventura, por exemplo, e nobres e jovens príncipes de alta posição que estavam cheios das possibilidades de grandes e nobres feitos. Sentados no chão com o cemitério deserto atrás deles, de repente foram carregados dentro de um mundo de aventuras, e nobres, jovem príncipes e feitos grandiosos e bons ficaram tão real quanto os túmulos e muito mais interessantes.

Quando chegou à parte da história onde o pastor estava contrabandeando o príncipe inconsciente pela fronteira em uma carroça cheia de pele de ovelha puxado por touros! Todos seguraram sua respiração. Será que o velho pastor iria conseguir atravessar a fronteira com o príncipe escondido na carroça?! Marco, que estava perdido no meio da história, a contou como se estivesse presente. Sentia que estava lá e era a primeira vez em que contava essa história para uma galera cheia de excitação. Sua imaginação pegou o melhor dele e seu coração pulava no seu peito ao ter certeza do que aquele velho homem deveria ter feito quando a polícia o parou e perguntou o que estava levando para fora do país. Marco sabia que o pastor precisava usar todo seu esforço para forçar-se a responder numa voz estável, imperceptível e regular. Aí não tinha mais nada para contar...mais nada. Parou aí, e algo como um uivo baixo de desânimo começou do semicírculo.

— Ahhh não! — eles protestaram, — não pode *pará* aí! Não tem nada mais *pra contá*? Só isso?!

— É só isso que se sabe. E essa última parte talvez seja só uma história que alguém inventou. Mas eu acredito que aconteceu.

Rato estava escutando com os olhos queimando. Ele tinha ficado todo aquele tempo roendo suas unhas, como era o seu mau hábito quando estava agitado ou zangado.



*De repente foram carregados dentro de um mundo de aventuras.*

— Sabe o quê?! — ele exclamou de repente. — Deixe-me contar o que aconteceu. Era algum Maranovitch que tentou matá-lo. Eles queriam matar seu pai para fazer o homem deles ser rei e sabiam que as pessoas não iriam aceitar isso se o jovem Ivor estivesse vivo ainda. Eles o esfaquearam nas costas, aqueles malvados! Suponho que ouviram o pastor se aproximando e deixaram-no pensando que estava morto e correram.

— Isso, é isso mesmo! Mais era isso que *conteceu!* — os moleques gritaram. — Cé tá certo Rato!

— Quando melhorou, — Rato continuou agitado ainda mordendo suas unhas, — ele não conseguiu voltar. Ele era somente um menino. Aquele outro homem foi coroado e seus seguidores sentiram que estavam fortes porque acabaram de conquistar o país. Ele não poderia fazer nada sem montar um exército e era muito jovem para montar um. Talvez pensou que esperaria até que fosse velho o suficiente para saber o que fazer. E suponho que foi procurar um trabalho como se nunca tivesse sido um príncipe. Então talvez tenha se casado com alguém e teve um filho e lhe falou como um segredo quem ele realmente era e tudo sobre Samávia.

O Rato começou a ter um olhar vingativo. — Se eu fosse ele falaria para o meu filho não esquecer o que os Maranovitch tinham feito para mim. Eu iria lhe falar que se eu não conseguisse ser rei de novo, ele deveria ver o que poderia fazer quando se tornasse um homem. E eu iria fazê-lo prometer que, se ele pegasse de novo o trono, iria torturar e matar todos os que estivessem reinando antes e também os filhos deles e os filhos dos filhos deles. Também iria fazê-lo prometer que mataria todos os Maranovitch que estavam vivos na época. Se ele não conseguisse fazer isso durante a vida dele, falaria para ele passar essa promessa para o filho dele e para o filho do filho dele, contanto que ainda existisse um Fedorovitch vivo na terra. Você não faria o mesmo? — ele demandou entusiasmado para Marco.

**O sangue de Marco também estava quente, mas era um tipo de sangue diferente porque ele havia conversado bastante com um homem bem sensato.** — Não — Marco respondeu lentamente. — em que isso iria ajudar? Não teria feito nenhuma coisa boa para Samávia e não teria feito ele nenhum bem torturando e matando pessoas. É melhor mantê-los vivos e fazê-los trabalhar para fazerem coisas para o país. Se você é um patriota, você pensa no país como um todo. — Marco queria adicionar "É isso que o meu pai fala", mas não falou.

— Primeiro os tortura para depois ajudarem o país — retrucou O Rato. — O que você falaria para o seu filho se fosse o Ivor?

— Eu teria lhe falado para aprender tudo sobre Samávia, todas as coisas que reis precisam saber, por exemplo: estudar coisas sobre leis e outros países, sobre manter em silêncio, e sobre governar a si mesmo como se fosse um general comandando soldados em uma batalha para que nunca fizesse algo que não fosse de propósito ou que fosse vergonhoso depois de tudo terminado. Eu também iria pedir-lhe para falar essas mesmas coisas para o seu filho e filho do filho. Assim, não importa quanto tempo levará, sempre irá ter um rei se preparando para Samávia quando Samávia realmente o quiser. E seria um rei verdadeiro.

Marco parou de repente e olhou para o semicírculo. — Eu não inventei essa história por mim mesmo. — Marco falou. — Eu tenho escutado um homem que lê e conhece muitas coisas falar isso. Acredito que o Príncipe Perdido teria os mesmos pensamentos. Se ele teve esse pensamento, e falou essas coisas para o seu filho, uma

linhagem de reis em treinamento para Samávia tem existido por quinhentos anos e talvez um deles está andando nas ruas de Viena, Budapeste, Paris, ou Londres neste instante e estaria pronto para ajudar se o povo soubesse dele e o chamasse.

— Puxa! Espero que *chama!* — um gritou.

— Seria extraordinário saber um segredo todo o tempo quando ninguém mais sabe — O Rato falou com sigo mesmo — você é um rei e deveria estar no trono usando uma coroa. Será que isso faria um rapaz parecer diferente?

Ele riu sua risada aguda e de repente virou para Marco.

— Mas ele seria um tolo se não mostrasse vingança. Qual é seu nome?

— Marco Loristan. Qual é o seu? Não é O Rato, né?

— Jem RATcliffe<sup>3</sup>. Bem similar. Onde você mora?

— Philibert Place N° 7

— Isso é um clube de soldados. — O Rato falou. — É chamado de Pelotão. Eu sou o capitão. 'Tenção, meus amigos! Vamos mostrar para ele.

O semicírculo levantou rapidamente. Havia um total de doze rapazes e quando levantaram Marco percebeu que estavam acostumados de obedecer à voz de comando com precisão militar.

— Alinhem-se! — ordenou o Rato.

Eles fizeram isso imediatamente e seguraram suas costas e pés retos e suas cabeças levantadas impressionantemente bem. Cada um pegou uma das madeiras que estavam empilhadas como armas.

O próprio Rato ficou sentado retamente na sua plataforma. Havia algo até militar na maneira que levava seu corpo. Sua voz perdeu a agudez e tornou-se uma voz de comandante.

Ele fez aqueles doze rapazes fazer manobras como se fosse um jovem comandante esperto. E as manobras eram rápidas e espertas que soldados já treinados iriam ficar impressionados. Isso fez Marco involuntariamente ficar em pé numa maneira mais reta e olhar com interesse.

— Muito bom! — Marco exclamou quando estava tudo terminado. — Como você aprendeu isso?

O Rato fez um gesto meio selvagem. — Se eu tivesse pernas para ficar em pé seria um soldado! — ele falou. — Eu teria me alistado em um regimento que iria me aceitar. Não tenho interesse em mais nada.

---

<sup>3</sup> As primeiras três letras do sobrenome do Rato formam a palavra "rat", que significa "rato" em português.

De repente sua face mudou e gritou uma ordem para seus seguidores. — Vira volta! — ele ordenou.

E eles viraram suas costas e olharam pela grade do velho cemitério. Marco viu que estavam obedecendo uma ordem que não era nova para eles. O Rato tinha levantado seus braços cobrindo seus olhos e os segurou lá por vários momentos. Marco também virou suas costas como o resto tinha feito. Ai Marco percebeu que O Rato não estava chorando, mas estava sentindo algo que qualquer outro menino possivelmente não teria aguentado.

— OK! — ele gritou e abaixou seu braço com mangas esfarrapadas, sentando reto de novo. — Quero ir para guerra! — ele falou roucamente. — Quero lutar! Quero guiar bastantes homens para batalha! Mas não posso usar minhas pernas. Algumas vezes elas tiram o coração de batalha de mim.

— Você ainda não cresceu! — Marco disse. — Você talvez vai ficar mais forte. Como que alguém consegue saber o que vai acontecer? Como que você aprendeu a manobrar o clube?

— Eu gasto meus dias perto de quartéis. Eu olho e escuto. Sigo soldados. Se conseguisse pegar livros, iria ler tudo sobre guerras. Não posso ir a bibliotecas como você. Não posso fazer nada a não ser brigar como um rato.

— Eu posso te levar às bibliotecas — Marco disse. — Tem alguns lugares onde meninos podem entrar. E posso pegar alguns papéis do meu pai.

— Você pode? — O Rato disse. — Você quer fazer parte do clube?

— Sim! — Marco respondeu. — Vou falar com meu pai sobre isso.

Marco falou isso porque o anseio profundo por companheirismo na sua própria mente havia achado um tipo de resposta no olhar ansioso do Rato. Queria vê-lo de novo. A estranha criatura que ele era tinha algo de atrativo. Correndo de um lado para o outro nessa baixa plataforma com rodas, tinha atraído esse grupo de moleques a ele e tinha se tornado o comandante deles. Eles o obedeciam e escutavam suas histórias e erupções sobre guerra e soldados; deixaram-no manobrar e dar ordens. Marco sabia que quando falasse ao seu pai sobre ele, iria ficar interessado. O menino queria ouvir o que Loristan iria dizer.

— Vou para casa agora — Marco falou. — Se você vai estar aqui amanhã, vou tentar vim.

— Vamos estar aqui — respondeu O Rato. — É o nosso quartel.

Marco se levantou e fez sua continência como para um oficial superior. Então deu meia volta e marchou pela arcada e o som dos seus passos de menino eram regulares e decididos como se fosse um homem num regimento.

— Ele tem sido treinado também — O Rato disse. — Ele sabe o tanto quanto eu sei.

E sentou reto e ficou de olhos fixos nele com novo interesse.

## CAPÍTULO V

### SILÊNCIO AINDA É A ORDEM

---

Eles estavam mais pobres do que o normal esses dias, e a janta que Marco e seu pai sentaram para comer era escasso. Lázaro estava em pé reto atrás da cadeira do seu mestre e o serviu com muita cerimônia. A pobre pensão deles era sempre mantida bem arrumada com uma limpeza de soldado e tudo tinha seu lugar. Quando um objeto estava meio desbotado, era forçado para brilhar. Nenhum grão de pó era permitido descansar em qualquer lugar sem ser perturbado e essa perfeição não era por que eles tinham uma empregada. Lázaro estava bem familiarizado com o trabalho de limpar os quartos do seu mestre, assim o trabalho de uma empregada era completamente desnecessário. Ele tinha aprendido bastante nos quartéis quando era jovem. Lázaro pegava as velhas toalhas de mesa e as toalhas de secar louças e as limpava muito bem como se fossem feitos com linho de excelente qualidade. Também sabia como remendar e cerzir roupas e lutava numa batalha ainda mais difícil contra a sujeira e esqualidez, como toda pessoa que vive em lugares pobres encaram. Eles não tinham nada a não ser pão seco e café nessa tarde, mas Lázaro tinha feito o café e o pão estava bom.

Ao Marco comer, contou para o seu pai sobre Rato e seus seguidores. Loristan escutou, como o menino pensou que iria, com um pequeno sorriso de profundo pensamento nos seus olhos pretos. Era um olhar que sempre fascinava Marco porque significava que estava pensando sobre muitas coisas. Talvez contaria algumas coisas que estava pensando ou talvez não falasse nada. O efeito que tinha sobre o menino era como se ele fosse um livro maravilhoso que você só conseguia olhar de relance em certos momentos. Um livro cheio de figuras e aventuras verdadeiras e não se conseguia parar de fazer perguntas sobre elas.

Sim, o sentimento que Marco tinha era que as outras pessoas sentiam a mesma coisa. Quando conversava com pessoas comuns ele segurava seu corpo alto com benevolência quieta e com poder. Ele nunca se mexia ou movimentava seu corpo como se estivesse nervoso ou incerto do que fazer. Ele conseguia segurar suas mãos bem quietas; podia ficar em pé com suas pernas fortes sem se mexer e sem arrastar os pés. Podia sentar sem ser desgracioso ou desassossegado. A mente dele sabia o que

seu corpo deveria fazer e dava ordens para seu corpo sem falar nada, e suas pernas, braços, músculos e nervos o obedeciam. Ele podia ficar em pé quietamente e à vontade e olhar para a pessoa com quem estivesse conversando e sempre todos olhavam para ele e escutavam tudo que dizia. De alguma maneira, mesmo que suas ações fossem sempre de agir cortesmente e sem se achar importante, parecia para Marco que sempre "dava audiência" como reis dão. Ele tinha visto muitas vezes pessoas abaixando suas cabeças bem baixas em reverência ao saírem da sua presença e mais de uma vez tinha acontecido que uma pessoa bem humilde saíra da sua presença andando de costas, como pessoas fazem quando se afastam de um soberano. E ainda sua postura e maneira de se carregar eram a mais quieta e menos presunçosa que existia no mundo.

— E estavam conversando sobre Samávia? E ele sabia a história do Príncipe Perdido? — ele falou pensativo. — Até naquele lugar!

— Ele quer saber sobre guerras e quer conversar sobre elas — Marco respondeu. — Se pudesse ficar em pé e fosse velho o suficiente, iria lutar por Samávia ele mesmo.

— É um lugar cheio de sangue e triste agora! — Loristan falou — As pessoas estão violentas quando não estão com o coração partido e apavoradas.

De repente Marco bateu a mesa com sua palma de menino. Ele fez isso até antes de perceber qualquer era a intenção na sua mente.

— Porque até qualquer um dos Iarovitch ou Maranovitch precisa ser rei! — ele gritou. — Eles eram somente camponeses quando começaram a lutar pela coroa há centenas de anos atrás. Os mais ferozes foram os que pegaram a coroa e estão lutando desde aquele dia até hoje. Somente os Fedorovitch foram nascidos para serem reis. **Só tem um homem no mundo que tem o direito ao trono** e não sei se está no mundo ou não. Mas acredito que está! Sim, acredito!

Loristan olhou com uma curiosidade para o rosto avermelhado dele de doze anos. Ele viu que a chama que tinha subido de repente nele fora inesperada, como uma furiosa batida do coração.

— Você quer dizer...? — ele sugeriu calmamente.

— Ivor Fedorovitch. Rei Ivor deve ser. E as pessoas iriam obedecê-lo e os dias bons voltariam.

— Faz quinhentos anos que Ivor Fedorovitch deixou os bons pastores. — Loristan ainda falava calmamente.

— Mas pai — Marco declarou — até O Rato falou o que você disse: que ele era muito novo para poder voltar enquanto os Maranovitch estavam no poder. Ele precisava trabalhar e ter uma casa, talvez fosse pobre como a gente. Mas quando tivesse um filho iria chamá-lo de Ivor e iria lhe FALAR e seu filho iria chamar o filho

dele, de Ivor também, e falaria para ELE e isso prosseguiria de novo e de novo. Eles nunca poderiam chamar seu filho mais velho de outro nome a não ser Ivor. E o que você falou sobre treinamento seria verdade. Sempre teria um rei sendo treinando para Samávia e pronto para ser chamado.

Entre seus pensamentos que estavam disparando ele pulou da sua cadeira e ficou em pé retamente. — Ora! Deve haver um rei da Samávia em alguma cidade agora que sabe que é rei e quando ele lê sobre a luta entre seu povo, seu sangue fica vermelho de quente. É seu próprio povo - o seu próprio! Ele deve ir a eles. Deve ir a eles e falar quem ele é! Você não acha que ele deve fazer isso, pai?

— Não seria tão fácil quanto aparenta ser para um menino — Loristan respondeu. — Muitos países teriam algo a falar sobre isso. A Rússia teria sua palavra para dizer, como também a Áustria, a Alemanha; e a Inglaterra nunca é silenciosa. Mas, se ele fosse um homem forte e soubesse como fazer amigos em silêncio, talvez pudesse, algum dia, declará-lo abertamente.

— Mas se ele está em algum lugar, alguém, um Samaviano, deve ir e procurá-lo. Deve ser um Samaviano esperto e um patriota... — Ele parou com um pensamento que entrou de repente na sua mente. — Pai! — gritou. — Pai! Você é a pessoa que pode achá-lo, não teria outro melhor no mundo. Mas talvez... — parou outro momento porque novos pensamentos começaram a correr pela sua mente. — VOCÊ já tentou procurá-lo? — perguntou hesitante.

Talvez tivesse perguntado uma pergunta boba - talvez seu pai sempre o estivesse procurando, talvez isso fosse seu segredo e seu trabalho. Mas Loristan não olhou como que pensasse que ele era um estúpido. Pelo contrário. Loristan olhou-o com seus olhos amorosos fixados nele ainda daquela mesma maneira curiosa, como se o estudasse - como se Marco fosse muito mais velho do que doze anos, e como se estivesse decidindo se poderia falar-lhe algo.

— Camarada, — ele disse, com um sorriso que sempre alegrava o coração de Marco, — você tem guardado seu juramento como um homem. Você não tinha sete anos quando você fez a promessa. Você está ficando mais velho. Silêncio ainda é a ordem, mas você é homem o suficiente para que lhe seja dito mais. — Ele pausou e olhou para baixo, e aí olhou para cima falando em uma voz bem baixa. — Eu não o tenho procurado — falou — porque acredito que sei onde está.

Marco segurou sua respiração. — Pai!

Ele falou somente essa palavra. Ele não podia falar nada mais. Ele sabia que não poderia perguntar nada mais. "Silêncio ainda é a ordem". Mas, ao olharem um para o outro naquele quarto escuro no fundo da casa velha que ficava naquela rua comum e barulhenta com Lázaro imóvel atrás da cadeira de Loristan com seus olhos fixos nas xícaras de café vazias e no prato com pão seco, tudo parecendo tão pobre, como sempre era, mas havia um rei de Samávia, um Ivor Fedorovitch com o sangue do

Príncipe Perdido nas suas veias, vivo em alguma cidade neste momento! E o próprio pai de Marco sabia onde ele estava!

Ele olhou para Lázaro, mas, mesmo que a face do velho soldado era inexpressiva como se fosse feito de madeira, Marco percebeu que ele também sabia do que estavam falando, e que sempre soube. Ele tinha sido um camarada de guerra sua vida inteira. Lázaro continuou com seu olhar fixo no prato de pão.

Loristan começou a falar de novo num tom ainda mais baixo. — Os Samavianos que são patriotas e pensadores — ele disse — formaram entre si um partido secreto há uns oitenta anos atrás. Eles formaram o partido quando não tinham mais esperança, mas eles o formaram porque um deles descobriu que um Ivor Fedorovitch estava vivo. Esse Ivor era um guarda florestal numa grande propriedade rural nos Alpes da Áustria. Os nobres que ele servia sempre pensavam que ele era um mistério porque a maneira dele carregar seu corpo e o jeito dele falar não fosse de uma pessoa que nasceu como um servo. Suas maneiras de cuidar da floresta e dos animais eram como um homem que fosse educado e tinha estudado essas coisas. Mas nunca era conhecido ou vaidoso e nunca se declarava superior sobre nenhum dos seus ajudantes. Ele era um homem de grande estatura e era extraordinariamente corajoso e quieto. O nobre que era seu mestre o fez seu companheiro quando caçavam juntos. Uma vez o nobre o levou quando viajou para Samávia para caçar cavalos selvagens. Ele percebeu que conhecia o país muito bem e que estava familiarizado com a caça e costumes da Samávia. Antes de retornarem para Áustria, o homem pediu a permissão do seu mestre para ir nas montanhas sozinho. Ele visitou os pastores e fez amigos com eles, fazendo várias perguntas.

Uma noite quando estava em volta de uma fogueira ele ouviu as músicas sobre O Príncipe Perdido que não foram esquecidas mesmo depois de quinhentos anos. Os pastores conversaram sobre o Príncipe Ivor, e lembraram as velhas histórias sobre ele e relataram a história de que um dia ele voltaria e traria os bons dias de Samávia de volta. Ele talvez fosse só um dos seus descendentes, mas seria o verdadeiro Príncipe Ivor, porque seu coração nunca parava de amar a Samávia. Um pastor bem velho levantou-se cambaleando e levantou sua face para as miríades de estrelas espalhadas como joias no céu azul acima das árvores da floresta, e chorou e orou em voz alta e pediu a Deus que mandasse para eles o seu rei. Então o estrangeiro também ficou de pé e levantou sua face para as estrelas. E mesmo que não disse nada, o pastor que estava próximo a ele viu suas lágrimas na sua face – eram grandes e pesadas. No próximo dia, quando o estrangeiro partiu da Samávia, a sociedade secreta foi formada, e os membros dela sabiam que um Ivor Fedorovitch tinha passado pelo país dos seus antepassados como um servo de um outro homem. Mas a sociedade secreta era pequena e, mesmo que esteja crescendo desde aquele dia e tenha feito boas ações e tenha trabalhado em segredo, o caçador morreu de velhice antes de ser forte o suficiente até para pensar em falar para Samávia do que sabia.

— Ele tinha um filho? — gritou o Marco. — Tinha um filho?

— Sim. Ele tinha um filho. Seu nome era Ivor. Foi treinado como eu te disse. Essa parte eu sei que é verdade, e ia acreditar mesmo se eu não soubesse. SEMPRE houve um rei pronto para Samávia mesmo quando ele trabalhava com suas mãos e servia outros. Cada um deles fez seu juramento de fidelidade.

— Como eu fiz? — Marco disse, com bastante entusiasmo. Quando se tem doze anos, é uma coisa bem emocionante estar tão próximo ao Príncipe Perdido que pode acabar com guerras.

— Sim, dá mesma maneira — Loristan respondeu.

Marco levantou sua mão em continência.

— Aqui cresce um homem para Samávia! Deus seja louvado! — ele citou. — E ELE está em algum lugar? E você sabe onde?

Loristan baixou sua cabeça concordando. — Por anos bastante trabalho em segredo tem acontecido, e o partido Fedorovitch tem crescido muito e está bem mais poderoso do que os outros partidos sonham ser. Os países maiores estão cansados da guerra e desordem constante em Samávia. Seus interesses estão sendo perturbados por Samávia e eles estão decidindo que devem ter paz e leis com as quais possam contar. Patriotas samavianos têm gastado suas vidas tentando realizar isso fazendo amigos nas capitais mais poderosas, e trabalharam secretamente para trazer os bons dias de volta para seu país. Por Samávia ser bem pequena e não ter muita influência, tem demorado bastante, mas quando o Rei Maran e sua família foram assassinados e a guerra começou, muitos grandes poderes começaram a dizer que se a algum rei de sangue bom e com características de confiança fosse dado a coroa, ele seria apoiado.

— O sangue DELE, — a intensidade de Marco fez com que sua voz abaixasse para um cochicho — O sangue DELE tem sido treinado por quinhentos anos, Pai! Se isso se torna verdade... — mesmo rindo um pouco, ele foi obrigado a fechar seus olhos bem fortes porque sentiu lágrimas começando a se formar neles, o que nenhum menino gosta... — os pastores vão precisar fazer uma nova música. Vai ter que ser de gritos sobre um príncipe indo embora e um rei voltando!

Aí pulou na mente de Marco a história que ele tinha que falar, mas que tinha segurado para o final - a história do homem que conversou na língua samaviana e dirigiu a carruagem com o Rei. Ele sabia que talvez iria significar uma coisa importante que ele nunca tinha imaginado antes.

— Tem algo que preciso falar para você, — ele disse.

Ele tinha aprendido a relatar ocorrências em poucas, mas claras palavras quando as relatava para seu pai. Isso era parte de seu treinamento. Loristan lhe falara que talvez precisaria contar uma história em só alguns minutos - uma história que significava vida ou morte para alguém. Ele disse esta história rápida e claramente. Fez

Loristan ver o homem vestido com roupas bonitas com seus condutos e olhos agudos e o fez ouvir sua voz quando disse, "Fale para seu pai que você é um menino bem treinado".

— Que bom que disse isso. Ele é um homem que sabe o que treinamento é — disse Loristan. — Ele é uma pessoa que sabe sobre o que a Europa inteira está fazendo, e quase tudo do que ela vai fazer. Ele é um embaixador de um país grande e poderoso. Se ele viu que você é bem treinado e um menino forte, talvez... isso talvez seja bom para a Samávia.

— Faria uma diferença se eu fosse bem treinado? FARIA diferença para Samávia?  
— Marco gritou.

Loristan pausou por um momento - olhando para ele gravemente - examinando-o de cima para baixo - seu corpo grande e forte, suas roupas pobres, e seus olhos ansiosos.

Ele sorriu um dos seus sorrisos mais maravilhosos.

— Sim. Talvez faça diferença para Samávia! — ele respondeu.

## CAPÍTULO VI

### AS MANOBRAS E O PARTIDO SECRETO

---

**L**oristan não proibiu Marco de continuar conhecendo O Rato e seus seguidores. — Você vai saber por si mesmo se eles realmente são seus amigos ou não — ele disse — Você vai saber em alguns dias, e aí você pode fazer sua própria decisão. Você conhece meninos em vários países e você os julga bem, eu acho. **Mesmo que eles só tenham doze anos, você logo saberá se vão se tornar HOMENS ou irão permanecer meros moleques.** E o Rato, como que ele aparenta ser para você? E seus olhos profundos olharam com questionamento.

— Ele seria um soldado corajoso se conseguisse ficar em pé — Marco respondeu, pensando como ele era — Mas talvez ele fosse um pouco cruel.

— Um menino que talvez seria um soldado corajoso não pode ser desprezado, mas um homem cruel é um estúpido. Fale isso para ele por mim, — Loristan respondeu. — Ele desperdiça força, sua própria e a força daquele que ele trata cruelmente. Somente um tolo desperdiça força.

— Posso mencionar você algumas vezes? — perguntou Marco.

— Sim. Você saberá como. Você vai se lembrar das coisas sobre as quais silêncio ainda é a ordem.

— Eu nunca as esqueci — disse Marco. — Eu tenho tentado não esquecê-las já há um bom tempo.

— Você tem se lembrado bem, Camarada! — retornou Loristan da sua escrivaninha, onde tinha ido e onde estava revirando papéis.

Um grande impulso dominou o menino. Ele marchou até a mesa e ficou de pé bem reto, fazendo sua continência como um jovem soldado, sua face estava ardente.

— Pai! — ele disse — você não sabe o tanto que te amo! Eu gostaria que você fosse um general e eu poderia morrer na batalha por você. Quando olho para você, anseio muito em fazer algo para você que um menino não seria capaz de fazer. **Iria morrer com mil feridas antes de te desobedecer,** ou Samávia!

Ele segurou a mão de Loristan e ajoelhou-se com um joelho no chão e a beijou. Um menino Inglês ou Brasileiro não conseguiria fazer tal coisa com tanta naturalidade como Marco fez. Mas ele tinha sangue de um Samaviano.

— Eu fiz meu juramento de fidelidade para você, Pai, quando eu também fiz para a Samávia. Você mesmo parece como se fosse Samávia também — ele disse e beijou sua mão de novo.

Loristan virou para ele com um movimento que era cheio de dignidade e graça. Marco, olhando para ele, sentiu que sempre havia uma certa magnificência distante nele que fazia parecer bem natural de qualquer um dobrar seu joelho e beijar sua mão.

Um olhar carinhoso brilhou na face do seu pai ao levantar o seu menino e colocar sua mão nos seus ombros. — Camarada — ele disse — você não sabe o tanto que eu amo você e a razão porque precisamos amar um ao outro! Você não sabe como eu tenho olhado você e agradecido a Deus cada ano que aqui crescia um homem para Samávia. Disso tenho certeza que é... um **HOMEM**, mesmo que você só tenha vivido por doze anos. **Doze anos podem fazer crescer um menino para um homem ou provar que nunca vai se tornar um homem e será somente um ser humano que viverá na terra por noventa anos.** Esse ano talvez seja cheio de coisas estranhas para nós dois. Não podemos saber O QUE eu vou precisar pedir de você fazer por mim e para Samávia. Talvez algo que nenhum menino de doze anos tenha feito antes.

— Toda noite e manhã — Marco disse — Vou orar para que possa ser chamado para fazer essa coisa, e que possa fazê-la bem.

— Você fará um bom trabalho, Camarada, se for chamado. Isso posso jurar — Loristan lhe respondeu.

O Pelotão já tinha se juntado naquele lugarzinho fechado atrás do cemitério quando Marco apareceu no final da passagem arcada. Os meninos estavam na posição de sentido com seus rifles, mas todos tinham um olhar exclusivo e taciturno. A explicação que entrou na mente de Marco era que isso acontecia porque O Rato estava com um mau humor. O Rato estava sentado todo curvado na sua plataforma, mordendo suas unhas com raiva, seus ombros estavam apoiados nos seus joelhos e sua face estava toda torcida com uma terrível carranca. Ele não olhou ao seu redor nem levantou sua cabeça dos paralelepípedos da rua em que seus olhos estavam fixos.

Marco procedeu com um passo militar e parou no lado oposto do Rato e fez sua continência.

— Desculpe pelo atraso, senhor — ele disse, como se fosse um soldado raso conversando com seu coronel.

— É ele Rato! Ele *chegô*, Rato! — o Pelotão gritou — Olhe pra ele!

Mas O Rato não levantou sua cabeça, e nem se mexeu.

— O que houve? — Marco disse com menos cerimônia do que um soldado raso teria mostrado — Não há razão de eu vir aqui se você não me quer.

— Ele tá' aborrecido porque 'cê *chegô* tarde! — gritou o que estava na frente da linha. — Não dá pra *fazê* nada quando ele tá aborrecido.

— Não vou tentar fazer nada — disse Marco, seu rosto jovem fixando em determinação. — Não foi isso que vim fazer. Vim para fazer as manobras. **Estava com meu pai. Ele é sempre primeiro.** Não posso fazer parte do Pelotão se ele não for o mais importante. Não estamos no serviço ativo militar, nem estamos em quartéis.

Ai O Rato levantou sua cabeça e virou para ele.

— Pensei que nem viria! — ele resmungou de repente — Meu pai disse que não viria. Ele disse que você era um jovem riquinho. Ele falou que seu pai se achava rico mesmo só ganhando um centavo por linha que escrevia nos jornais e não iria deixá-lo fazer parte com um moleque de rua. Ninguém implorou a você para fazer parte. Eu não me importo com o que seu pai pensa!

— Não fale deste jeito sobre meu pai — Marco disse calmamente — porque não posso te derrubar.

— Vou me levantar e deixar! — começou O Rato, que estava branco e com raiva — Posso me levantar com dois paus. Vou levantar e deixar!

— Não, não irá fazer isso. — disse Marco — Se quer saber o que meu pai disse, posso te falar. Ele disse que eu poderia vir sempre que quisesse até eu descobrir se vamos ser amigos ou não. Ele disse que vou descobrir isso por mim mesmo.

Foi algo bem estranho que Rato fez. Precisa ser lembrado sempre de que o pai vil do Rato, o qual tinha afundando cada ano mais e mais em pecado, havia sido um cavalheiro, um homem que era familiarizado com bons costumes e tinha sido educado em boas maneiras. Às vezes ele conversava com O Rato sobre muitas coisas que ele nunca iria saber de outra maneira. Era por isso que ele era diferente dos outros moleques. E também, por causa disso que de repente ele mudou a situação inteira fazendo essa coisa estranha e inesperada. Ele mudou totalmente sua expressão e voz, fixando seus olhos perspicazes astutamente em Marco. Era quase como um enigma. O Rato sabia que seria um enigma para a maioria dos meninos cuja classe externamente ele aparentava ser parte. Marco poderia saber a resposta ou não.

— Rogo pelo seu perdão — O Rato disse.

Esse era o enigma. Um cavalheiro ou um oficial diria isto, se tivesse sentido que estava errado ou se que fora rude. O Rato tinha escutado isso do seu pai.

— E eu rogo pelo seu por ter me atrasado — Marco disse.

Essa era a resposta correta. Essa resposta era o que outro oficial ou cavalheiro teria falado também. Isso resolveu o caso na hora, e resolveu até mesmo mais do que aparentava no momento. Resolveu que Marco realmente era um daqueles que sabia as coisas que o pai do Rato no passado também sabia - coisas que cavalheiros falam e pensam. Não foi dito nada mais. Tudo estava certo. Marco entrou na linha com o Pelotão e O Rato sentou retamente com uma maneira militar e começou suas manobras:

"Pelotão!"

"Sentido!"

"Numero!"

"Ombro armas!"

"Formar quatro!"

"Direita, volver!"

"Marchar rápido!"

"Alto!"

"Esquerda, volver!"

"Ombro armas!"

"Descansar!"

"À vontade!"

Eles fizeram tão bem que chegou a ser maravilhoso, considerando o espaço limitado à disposição deles. Eles evidentemente tinham feito isso muitas vezes antes, e O Rato não era somente sábio, mas um oficial rigoroso. Essa manhã eles repetidamente fizeram essas manobras de novo e de novo e até revisaram algumas manobras que já tinham aprendido antes, que também já eram bem familiares.

— Onde que você aprendeu isso? — O Rato perguntou quando as armas estavam empilhadas de novo e Marco estava sentado próximo dele como tinham sentado no dia anterior.

— De um velho soldado. Também gosto de olhar outras pessoas fazendo, como você também faz.

— Se você fosse parte do corpo da Guarda Britânica, não poderia fazer melhor — O Rato disse — A maneira que você segura seu corpo! A maneira que você fica em pé! É exatamente como um soldado verdadeiro! Gostaria de ser como você! É tão natural para você.

— Sempre gostei de olhar outras pessoas fazendo e aí tento fazer eu mesmo. Fiz isso quando era pequeno — respondeu Marco.

— Tenho tentado treinar esses rapazes por mais de um ano — disse O Rato — Foi um trabalho duro! Quase fiquei doente na primeira vez que fizemos.

O semicírculo na frente dele riu às gargalhadas. Parecia que não se ofenderam nem um pouquinho com a maneira que o Rato os tratara. Evidentemente ele tinha algo para dar a eles que era divertido o suficiente para recompensar sua tirania e indiferença. Ele de repente colocou sua mão dentro do bolso no seu casaco velho e puxou de dentro dele um pedaço de jornal.

— Meu pai trouxe o pão para casa enrolado nisso — ele disse — Veja o que está escrito!

Ele deu para Marco, apontado para umas palavras impressas em letras grandes em cima da coluna. Marco deu uma olhada e não se mexeu. As palavras eram: "O Príncipe Perdido."

"Silencio ainda é a ordem" foi o primeiro pensamento que entrou na mente de Marco. "Silencio ainda é a ordem".

— O que isso significa? — Marco disse em voz alta.

— Não resta muito do jornal. Gostaria que tivesse mais — O Rato falou com um tom de irritação — Leia e veja. Claro que dizem que talvez não seja verdade, mas acredito que seja. Dizem que pessoas pensam que existe alguém que sabe onde ele está, pelo menos onde um dos seus descendentes está. Seria a mesma coisa. Ele seria o rei verdadeiro. Se ele só se mostrasse, talvez pararia toda a briga. Leia.

Marco leu, e sua pele começou a formigar enquanto seu sangue percorria pelo seu corpo. Sua face, porém, não mudou. Tinha uma história curta do Príncipe Perdido no começo do jornal. Era considerado por muitas pessoas, o artigo disse, como um tipo de lenda. Agora existia um certo boato que não era uma lenda mais, mas parte da longa história passada de Samávia. Disse que por séculos sempre havia um partido secretamente leal aos descendentes desse Fedorovitch perdido. Também disse que de pai para filho, geração após geração, haviam feitos seus juramentos de fidelidade a ele e seus descendentes. As pessoas tinham colocado suas esperanças nele, e agora, por incrível que pareça, o segredo estava começando a ser aberto e algumas pessoas acreditavam que um descendente fora achado, um Fedorovitch digno do seu jovem antepassado, e que um certo Partido Secreto também proclamou que, se ele fosse trazido de volta ao trono da Samávia, as contínuas guerras iriam acabar e o derramamento de sangue iria acabar.

O Rato começou a morder suas unhas rapidamente. — Você acha que ele realmente foi encontrado? — perguntou agitado — VOCÊ NÃO ACHA? Eu acredito!

— Onde será que está, se for verdade? Isto é o que gostaria de saber! Onde?! — exclamou Marco. Ele podia falar isso, e poderia agir tão ansioso como se sentia.

O Pelotão começou a tagarelar todos ao mesmo tempo. — Isso! Onde que ele *tá*? Não tem como *sabê'*. Talvez *teja* num desses lugares *estrange'ro*. A Inglaterra é muito longe da Samávia. Samávia é longe daqui? É perto da Rússia, ou da França? Talvez *teja* perto dos *Alemão*? Mas... onde quer que *'teja*, seria do tipo que pessoas parariam para olhar quando *'tivesse* na rua.

O Rato continuou a morder suas unhas.

— Ele pode estar em qualquer lugar — Rato disse com sua face ardente — É isso que gosto de pensar. Talvez ele esteja nas ruas ali fora, talvez more em uma dessas casas — jogando sua cabeça para trás na direção das casas no final da rua — Talvez ele saiba que é rei, ou talvez não. Ele saberia se o que você disse ontem é verdade, sobre um rei sempre se preparando para Samávia.

— Sim, ele saberia — Marco adicionou.

— Bem, seria bom se ele soubesse — continuou O Rato — Mesmo sendo pobre e mendigo, ele saberia o segredo todo o tempo. E se pessoas zombassem dele, ele zombaria deles e riria para si mesmo. Eu acho que ele iria andar bem reto e segurar sua cabeça para cima. Se eu fosse ele, iria gostar de fazer as pessoas me respeitar um pouco mais do que o resto das pessoas — ele esticou sua mão e puxou o Marco com empolgação — Vamos fazer planos para ele! — ele disse — Isso seria um jogo esplendido! Vamos fazer de conta que somos o Partido Secreto!

Ele estava extremamente empolgado. Do seu bolso velho tirou um pedaço de giz. Ele inclinou-se para frente e começou a desenhar algo rapidamente no chão perto da sua plataforma. O Pelotão também inclinou-se quase sem fôlego, como também Marco. O giz estava desenhando rapidamente um mapa, e Marco sabia qual era antes do Rato falar.

— Isso é o mapa da Samávia — ele disse — Era o que estava no jornal que te comentei, aquele que li sobre o Príncipe Ivor. Eu o estudei até ele cair em pedaços. Mas consigo desenhá-lo por mim mesmo, então não tem problema. Consigo desenhá-lo com meus olhos fechados. Essa é a capital — apontando para o lugar — Chama-se Melzarr. O palácio está localizado ali. É o lugar onde os primeiros Maranovitch mataram o último Fedorovitch, aquele cara ruim que era pai do Ivor. É o palácio onde Ivor saiu cantando a música dos pastores naquela manhã cedo. É onde o trono está, no qual seu descendente se sentaria para ser coroado... onde IRÁ se sentar. Eu creio que ele vai! Vamos prometer que ele irá! — Ele jogou seu pedaço de giz e sentou reto — Me dê dois paus. Ajude-me levantar.

Dois do Pelotão rapidamente ficaram de pé e vieram até ele. Pegaram dois paus da pilha de rifles, já sabendo o que ele queria. Marco também se levantou e olhou com bastante curiosidade. Ele tinha pensado que O Rato não podia ficar de pé, mas estava parecendo que ele podia, na sua própria maneira, e ele ia fazer. Os meninos o levantaram pelos braços, o apoiaram na grade do cemitério, e colocaram um pau em

cada uma das suas mãos. Eles ficaram de pé ao seu lado, mas ele estava se suportando sozinho.

— Ele poderia *andá'* se tivesse pila para comprar umas muletas! — disse um com bastante orgulho, cujo nome era Cad. Uma coisa engraçada que Marco tinha notado era que os maltrapilhos eram orgulhosos do Rato e o consideravam como seu chefe e mestre. — Se tivesse muletas, podia ir aonde quisesse e *ficá'* de pé como todos *nois* — adicionou um outro, como se tivesse algo de que se orgulhar. Seu nome era Ben.

— Eu vou ficar de pé agora, e vocês também — disse O Rato. — Pelotão! Sentido! Você em frente — ele disse ao Marco. Todos estavam numa linha naquele instante: retos, ombros para trás, e queixos para cima. Marco estava na frente.

— Vamos fazer um juramento — disse O Rato — É um juramento de fidelidade. Fidelidade quer dizer ser leal a alguma coisa, tipo um rei ou um país. O nosso quer dizer fidelidade ao Rei de Samávia. Nós não sabemos onde está, mas prometemos ser fiel a ele, lutar para ele, planejar para ele, MORRER para ele, e trazê-lo de volta ao trono! — A maneira com que ele jogou sua cabeça para cima quando disse "morrer" foi bastante convincente — Nós somos o Partido Secreto. Trabalharemos no escuro e iremos pegar informações, correr riscos e juntar um exército que ninguém vai conhecer até que seja forte o suficiente para de repente aparecer num sinal secreto, e derramar sobre os Maranovitch e Iarovitch tomando suas fortalezas e cidadelas. Ninguém sabe que estamos vivos. Nós somos silenciosos, coisas secretas que nunca falam alto!

Silenciosos e secretos como queriam ser, nessa ocasião, porém, falaram bem alto. Era uma ideia tão esplêndida para um jogo, tão cheia de possibilidades, que o Pelotão gritou num coro de excitação.

— Eba! — gritaram — Vamos *fazê'* nosso juramento! Eba! Eba! Eba!

— Calem-se! — gritou O Rato — É assim que se faz quando se está querendo ser secreto? Vocês vão chamar a atenção das polícias, seus tolos! Olhe para ELE! — apontando para Marco. Ele está fazendo a coisa certa.

Marco, de fato, não tinha feito nem um som.

— Venham cá Cad e Ben e me coloquem de volta nas minhas rodas — o comandante disse com intensidade — Não vou fazer o jogo. Não tem como fazer com recrutas bagunceiros e destreinados como vocês.

A linha se quebrou e todos estavam em volta dele rapidamente, implorando e ansiando. — Ah, Rato! Nós *esquecemo*. É o melhor jogo que você já pensou na vida, Rato! Oh...Rato! Não fique aborrecido! Ficaremos *qu'etos*, Rato! É o melhor jogo de todos se *escondé'* e *ficá' qu'eto*. Ah, Rato! Continua!

— Continuem vocês! — rosnou o Rato.

— Não tem ninguém entre nós que pode *fazê'* isso a não *sé'* você! Não tem um! Não tem outro que poderia pensar nesse jogo. Você é o único garoto que pode *pensá'* nessas coisas. Foi você que pensou na ideia do Pelotão! Por isso você é o capitão!

Isso era verdade. Ele era quem podia inventar divertimento para eles, esses meninos de rua que não tinham nada. Desse vazio ele podia criar algo que os empolgava e dar-lhes algo para encher as horas vazias, inúteis, e várias vezes frias, molhadas e nebulosas. Isso que fez dele o capitão e o orgulho deles.

O Rato começou a se render, mas ainda meio relutante. Ele apontou de novo para Marco, que não tinha se mexido, mas tinha ficado em atenção.

— Olhe para ELE! — ele disse — Ele sabe o suficiente para ficar de pé onde é colocado até ordens serem dadas para sair da linha. Ele é um soldado, certamente não um recruta destreinado que não sabe como marchar. Ele já esteve em quartéis antes.

Quando ele terminou de falar estas palavras, concordou em continuar. — Este é o juramento — ele disse — Prometemos aguentar qualquer tortura, e ficar silenciosos mesmo até a morte, mas não iremos trair nosso segredo ou nosso rei. Obedeceremos silenciosamente e em segredo. Nadaremos através de oceanos furiosos e lutaremos pelos lagos de fogo, se isso nos for ordenado. Nada irá impedir nosso caminho. Tudo que fazemos e pensamos é para o nosso país e nosso rei. Se algum de vocês tem algo para dizer, diga agora antes de tomar o juramento.

Ele viu Marco mexer-se um pouquinho, e lhe fez um sinal. — Você — ele disse — Tem algo a dizer?

Marco virou para ele e fez continência. — Aqui estão dez homens para Samávia. Deus seja louvado! — ele disse. Ele pelo menos queria dizer isso, e sentiu como se seu próprio pai tivesse dito que eram as palavras certas.

Rato pensou que eram ótimas. De alguma maneira Marco sentiu que aquelas palavras o tocaram. Ele se avermelhou com uma emoção repentina.

— Pelotão! — ele disse — Vou deixar vocês darem três gritos para aquelas palavras, mas será a última vez. Vamos ficar silenciosos daí em diante.

E para o exultante alívio do Pelotão o Rato começou os aplausos e eles foram permitidos gritar o tanto que quisessem. Eles gostavam disso, e quando tudo se acalmou de novo, estavam prontos para trabalhar.

O Rato começou o drama imediatamente. Nunca em todos esses anos alguém já ouvira um cochicho de um conspirador tão profundo quanto o dele.

— Amigos Secretos — ele disse — é meia-noite. Encontramo-nos no escuro total. Nunca durante o dia. Quando nos encontramos de dia, fazemos de conta que não nos conhecemos. Estamos se reunindo agora numa cidade Samaviana onde existe

uma fortaleza. Vamos precisar derrotá-la e entrar em ação quando o sinal secreto for dado. Estamos preparando tudo para que, quando acharmos o rei, o sinal secreto possa ser dado.

— Qual é o nome da cidade em que estamos? — sussurrou Cad.

— Chama-se Larrina. Ela tem um porto bem importante. Devemos tomar conta do porto assim que entramos em ação. A próxima vez que nos encontramos vou trazer uma lanterna e desenhar um mapa para mostrar a vocês.

Seria de grande vantagem para o jogo se Marco pudesse desenhar para eles um mapa que ele muito bem sabia como fazer; um mapa que teria mostrado cada castelo - cada fortaleza e cada lugar onde tinha menos soldados. Como ele era uma criança, sabia a alegria que traria em cada coração presente, como eles iriam olhar aquele mapa e ter pergunta em cima de pergunta, apontado pra lá e pra cá. Marco sabia como desenhar o mapa antes de ter dez anos e o havia desenhado de novo e de novo porque seu pai às vezes lhe falava que tinham ocorrido mudanças. Ah, sim, ele poderia desenhar um mapa que deixaria todos agitados de alegria. Mas ele sentou-se calmamente e escutou, somente falando quando perguntava algo, como se ele não soubesse mais sobre Samávia que O Rato. Que Partido Secreto eram! Eles se ajuntavam todos em círculos bem próximos; falavam em sussurros misteriosos.

— Um guarda deve ser colocado no final da passagem — Marco sussurrou.

— Ben, vá com sua arma! — comandou O Rato.

Ben levantou secretamente, e, colocando a arma no ombro, foi nas pontas dos pés até o final da passagem e lá ficou de guarda.

— Meu pai disse que um Partido Secreto em Samávia existe há cem anos — Rato sussurrou.

— Quem lhe disse? — perguntou Marco.

— Um homem que esteve em Samávia — respondeu O Rato — Ele disse que era o Partido Secreto mais maravilhoso do mundo porque tem trabalhado e esperado por tanto tempo e nunca desistiu, embora não exista nenhuma razão para ter esperança. O partido secreto começou com pastores e carvoeiros. Eles se juntaram por um juramento de achar o Príncipe Perdido e trazê-lo de volta para o trono. Eles eram poucos demais para fazer algo contra os Maranovitch, e quando os fundadores do partido perceberam que estavam envelhecendo, fizeram seus filhos tomar o mesmo juramento. Isso tem se passado geração após geração e em cada geração o grupo tem crescido. Ninguém realmente sabe o tamanho, mas dizem que existem pessoas em quase todos os países da Europa que pertencem a ele em pleno silêncio e estão prontos para ajudar quando forem chamados. Estão somente esperando. Algumas são ricas que irão dar dinheiro, e outros são pobres que vão ir de fronteira para fronteira para lutar ou ajudar contrabandeando armas. Eles até dizem que por

todos esses anos armas têm sido fabricadas em cavernas nas montanhas e escondidas lá ano após ano. Há homens que são chamados Forjadores da Espada, e eles, seus pais, seus avôs, e seus bisavôs têm sempre feito espadas e as guardado em cavernas que ninguém conhece escondidas de baixo do chão.

Marco falou em voz alta o pensamento que entrou na sua mente ao escutar, um pensamento que lhe trouxe medo. — Se as pessoas nas ruas conversam sobre isso, não vai continuar um segredo por muito mais tempo.

— Meu pai disse que não é algo que muitos conversam. Somente poucos sabem, e a maioria deles pensam que é parte da Lenda do Príncipe Perdido. — disse O Rato — Os Maranovitch e Iarovitch riem disso. Eles têm sempre sido grande tolos. Eles estão muito cheios de si mesmos para pensar que algo possa se intrometer nos seus planos.

— Se... se você realmente quer ajudar os Samavianos, você deve sugerir ao seu pai não ficar falando para outras pessoas sobre o Partido Secreto e dos Forjadores da Espada — sugeriu Marco.

O Rato ficou meio chocado. — Verdade! — ele disse — Você é mais rápido do que eu. Não se deve tagarelar, se não os Maranovitch podem ouvir o suficiente para pararem e escutarem. Vou fazer meu pai prometer não fazer isso. Tem algo interessante sobre meu pai — ele adicionou devagar como se estivesse repensando — Suponho que é um pouco do coração de cavalheiro que resta nele. Se ele faz uma promessa, ele nunca a quebra.

— Então peça a ele para fazer essa promessa — disse Marco. Então ele mudou o assunto porque parecia a melhor coisa a fazer naquele momento — Vá e fale-nos o que nosso Partido Secreto deve fazer. Estamos esquecendo — ele sussurrou.

O Rato começou o jogo de novo com entusiasmo. Era um jogo que o atraía muito porque exigia muito da sua imaginação e segurava suas audiências ligadas, além de fazer-lhe pensar sobre estratégias de guerra.

— Estamos nos preparando para a hora certa. — ele disse — Deve vir logo. Temos esperado por tanto tempo. As cavernas estão cheias de armas. Os Maranovitch e os Iarovitch estão lutando e gastando todos seus soldados e agora é nossa vez.

Ele parou e pensou, seus cotovelos nos seus joelhos. Começou a morder suas unhas de novo.

— O Sinal Secreto deve ser dado — ele disse. Então parou de novo, o Pelotão segurou sua respiração e se juntou ainda mais — Duas Pessoas Secretas devem ser escolhidas por sorteio e enviadas — ele continuou; neste ponto quase que o Pelotão se estragou e trouxe desgraça sobre si mesmo novamente por querer gritar de alegria, mas pararam em tempo — Devem ser escolhidos POR SORTEIO — O Rato

repetiu, olhando na face de cada um — Cada um irá precisar estar disposto a dar a sua vida quando necessário. Ele talvez precise morrer mil mortes, mas ele deve ir e manter-se silencioso e se disfarçar de país para outro. Onde quer que esteja alguém que faz parte do Partido Secreto, mesmo se estiver num casebre ou num trono, os mensageiros devem ir até a pessoa e dar o sinal no escuro e secretamente. O sinal significará: A hora chegou! Deus salve Samávia!

— Deus salve Samávia! — sussurraram o Pelotão, empolgados. E, por terem visto Marco levantar sua mão para a testa, cada um fez continência.

Eles começaram a sussurrar todos juntos.

— *Vamo' fazê' o sorteio. Vamo' fazê' o sorteio*, Rato, não deixa a gente esperando.

O Rato começou a olhar ao seu redor com bastante ansiedade. Parecia que estava examinando o céu.

— A escuridão não está tão densa agora — ele sussurrou — Meia-noite passou. A manhã do dia está próxima. Se alguém tem um pedaço de papel ou linha, nós faremos o sorteio antes de partimos.

Cad tinha um pedaço de linha e Marco tinha um canivete que poderia ser usado para cortar a linha em diferentes tamanhos. Isso O Rato mesmo fez. Então, depois que fechou os olhos e misturou as linhas, segurou-as na sua mão pronto para fazer o sorteio. — A Pessoa Secreta que escolher a linha maior é o escolhido. E a Pessoa Secreta que escolher a linha menor é o outro escolhido, — ele disse firmemente.

Cada menino queria pegar o menor ou o maior. Cada coração batia fortemente ao pegar seu pedaço de linha.

Quando o sorteio terminou, cada um mostrou sua linha. O Rato pegou o pedaço menor e Marco pegou o maior.

— Camarada! — disse O Rato, dando a mão para Marco — Enfrentaremos morte e perigo juntos!

— Deus salve Samávia! — respondeu Marco.

E o jogo terminou por aquele dia. A melhor coisa, o Pelotão disse, que O Rato tinha inventado até então para eles: "Puxa, esse cara é o máximo!"



## CAPÍTULO VII

### A LÂMPADA ESTÁ ACESA!

---

**N**o seu caminho para casa, Marco não pensou em mais nada a não ser na história que ele queria contar a seu pai: a história do estrangeiro que esteve em Samávia e tinha conversado com o pai do Rato. Ele sentiu que era uma história verdadeira e não meramente uma invenção. Os Forjadores da Espada devem ser homens verdadeiros, e as cavernas escondidas subterrâneas empilhadas pelos séculos com armas devem ser verdadeiras também. E se essas coisas eram verdadeiras, certamente seu pai iria saber o segredo.

Seus pensamentos estavam correndo a mil por hora. A invenção do Rato de como o rei voltaria era somente parte de um jogo, mas, talvez em breve, o rei realmente iria voltar! Certamente existiria um rei se o Partido Secreto tivesse crescido tanto e se tantas armas e amigos secretos em outros países estivessem prontos e esperando. Durante todos esses anos, trabalho e preparação em segredo têm acontecido continuamente mesmo sendo preparação para um dia não conhecido. Um partido que tem durado por tanto tempo – que tem passado seu juramento de geração para geração – deve ter uma determinação imensa.

Quem sabe o que talvez o partido tem aprontado nas suas cavernas e reuniões secretas! Ele queria muito chegar em casa e falar para seu pai assim que pudesse, tudo que tinha ouvido. Ele lembrou na sua mente, palavra por palavra, tudo que O Rato tinha dito, e até tudo que ele mesmo tinha adicionado ao jogo, porque – bem, porque aquilo pareceu tão real que talvez seria útil.

Mas quando chegou em Philibert Place, N° 7 viu que Loristan e Lázaro estavam bem ocupados. A porta da sala de estar dos fundos estava trancada quando bateu pela primeira vez, e foi trancada de novo assim que entrou. Muitos papéis estavam na mesa, e evidentemente eles os estavam estudando. Vários deles eram mapas. Alguns eram mapas de ruas, outros mapas de vilas e cidades, e também havia algumas plantas de fortes. Todos eram mapas de lugares em Samávia. Eles eram geralmente guardados numa caixa segura, e quando eram tirados para serem estudados, as portas sempre ficavam trancadas. Antes deles jantarem, eram todos guardados na caixa

segura, que era empurrada para um canto e sobre a qual jornais eram empilhados. — Quando ele chegar — Marco ouviu Loristan falar para Lázaro — nós podemos mostrar-lhe claramente o que tem sido planejado. Ele pode ver por si mesmo.

Seu pai quase não falou durante o jantar e, mesmo que não fosse o hábito de Lázaro falar nessas ocasiões a não ser que alguém falasse com ele, essa noite PARECIA para Marco que ele estava com um olhar mais silencioso do que Marco tinha visto antes. Os dois, Lázaro e Loristan, estavam em pensamento profundo de coisas bem importantes. A história do estrangeiro que estava em Samávia não deveria ser contada no momento. Mas seria guardada para outra hora.

Loristan não falou nada até Lázaro ter limpado a mesa e arrumado o quarto o melhor que podia. Enquanto isto estava acontecendo, ele sentou-se com sua testa descansando nas suas mãos, como se estivesse absorvido em pensamento. Aí ele fez um gesto para Marco. — Venha cá, Camarada — ele disse.

Marco foi até ele.

— Hoje à noite talvez alguém venha conversar comigo sobre coisas bem importantes — ele disse — Acho que vai vir, mas não posso garantir. É importante que essa pessoa saiba que, quando chegar, irá me achar completamente sozinho. Ele virá bem tarde à noite, e Lázaro irá abrir a porta silenciosamente para que ninguém escute. É importante que ninguém o veja. Alguém deve andar para o lado oposto da rua até ele aparecer. Aí a pessoa que irá para dar o sinal deve atravessar a rua antes dele e dizer numa voz baixa, "A Lâmpada está acesa!" e rapidamente virar e sair.

Qual menino não pularia de alegria com o mistério disso! Até um menino comum e estúpido que não soubesse nada sobre Samávia ficaria ansioso. A voz de Marco quase tremeu com o entusiasmo quando falou.

— Como que irei identificá-lo? — Marco disse de repente. Sem perguntar, ele sabia que era "o alguém" que deveria ir.

— Você já o viu antes — Loristan respondeu — Ele é o homem que estava com o Rei na carruagem.

— Então sim, certamente o reconhecerei — disse Marco — Quando devo ir?

— Só lá pelas uma e meia da manhã. Vá para cama e durma até Lázaro chamar. — Aí ele adicionou: — Olhe bem para o rosto dele antes de falar o sinal. Ele talvez não esteja vestido tão bem quanto da primeira vez que você o viu.

Marco subiu as escadas para seu quarto e foi para cama como fora ordenado, mas foi difícil ele dormir. Os ruídos da rua geralmente não o incomodavam porque tinha vivido nos lugares mais pobres de tantas capitais grandes e estava acostumado ao barulho. Mas essa noite parecia que, ao deitar-se olhando a lâmpada lá fora, ouvia cada ônibus e carro que passava. Ele não conseguia parar de pensar nas pessoas que estavam dentro deles e as pessoas com pressa andando na calçada no lado de fora do

seu portão. Ele estava curiosamente pensando no que iria passar na cabeça delas se soubessem que coisas relacionadas às guerras que liam todos os dias estavam acontecendo em uma dessas casinhas pobres que quase nunca olhavam ao passar. Deveria ser algo relacionado à guerra, já que um grande diplomata e companheiro de reis viria conversar secretamente e sozinho com um patriota samaviano. Qualquer coisa que seu pai estivesse fazendo era para o bem da Samávia, e talvez o Partido Secreto soubesse o que ele estava fazendo.

Seu coração estava a mil debaixo da sua camisa ao deitar-se no colchão pensando sobre isso. Certamente ele deveria olhar bem para estrangeiro antes dele até ir em sua direção. Ele deveria ter certeza de que é o homem certo. O jogo que ele tinha brincado por tanto tempo – o jogo de tentar lembrar claramente as fotos e pessoas e lugares em detalhes – havia sido um excelente treinamento. Se ele pudesse desenhar, poderia ter feito um desenho dos seus olhos brilhantes, da sua face aquilina e esperta com uma bem cortada e delicada boca fechada, que parecia sempre estar fechada por causa de segredos – sempre. Se pudesse desenhar, ele se pegou falando isso de novo. Ele PODIA desenhar, mas talvez não com tanta precisão. Ele tinha várias vezes se divertido fazendo desenhos de coisas sobre as quais queria perguntar. Ele até desenhara, de forma básica, as faces de pessoas, e seu pai dissera que tinha um bom dom de captar aparências. Talvez pudesse fazer um desenho dessa face, o qual mostraria para seu pai que ele sabia quem esse homem era e iria reconhecê-lo.

Ele pulou da sua cama e foi para a mesa perto da janela. Um papel e um lápis estavam em cima dela. Uma lâmpada da rua que estava exatamente oposta iluminou o suficiente para que ele visse o que estava fazendo. Ele se ajoelhou perto da mesa e começou a desenhar. Ele trabalhou por uns vinte minutos sem parar, rasgando dois ou três desenhos antes de conseguir um desenho satisfatório. A simplicidade do desenho não teria importância se conseguisse captar o olhar sutil que não era de esperteza mas algo mais digno e importante. Desenhar o contorno aristocrático dos traços não era a parte mais difícil. Um homem comum com um perfil menos pronunciado teria sido, em um sentido, mais difícil de desenhar. Ele concentrou toda a sua mente para relembrar cada detalhe que tinha se fotografado na sua memória pelo seu hábito treinado. Devagarzinho ele viu que estava começando a ficar mais claro. Não demorou muito para que fosse claro o suficiente para ser um desenho maravilhoso. Qualquer um que conhecesse o homem iria reconhecê-lo.

Depois levantou, respirou fundo e sorriu. Ele não colocou seu sapato para atravessar o quarto o mais silencioso que pudesse, e sem fazer nenhum barulho abriu a porta. Ele não fez um barulhinho ao descer as escadas. A dona da pensão já estava dormindo, como também todos os outros que moravam lá e a empregada. Todas as luzes estavam apagadas exceto uma, da qual ele viu só um vislumbre de baixo da porta do quarto do seu pai. Desde nenê, a ele fora ensinado fazer um sinal especial na porta quando desejava falar com o Loristan. Ele ficou de pé quieto no lado de

fora da porta e fez esse sinal. Era um barulhinho como o de um arranhão - dois arranhões e um tapa. Lázaro abriu a porta e olhou com preocupação.

— Ainda não chegou a hora, senhor — ele falou bem baixo.

— Eu sei — Marco respondeu — Mas preciso mostrar algo para meu pai — Lázaro deixou-o entrar, e Loristan virou-se da sua escrivaninha com um olhar pensativo.

Marco aproximou e deitou o desenho em frente dele. — Olhe — ele disse — Eu lembro desse homem o suficiente para desenhar isso. Eu pensei que podia fazer um desenho. Você não acha que este desenho parece com ele? — Loristan examinou o desenho cuidadosamente.

— É bem parecido com ele — ele respondeu — Você me deixou totalmente seguro. Obrigado, Camarada. Foi uma ideia excelente.

Houve um alívio quando Loristan apertou a mão de Marco, e Marco voltou com um sentimento exultante. Ao aproximar-se da porta, Loristan disse o seguinte:

— Aproveite esse dom. Certamente é um dom. E é verdade que sua mente tem tido bom treinamento. Quanto mais você desenhar melhor. Desenhe tudo que imaginar.

Nem as lâmpadas da rua, os barulhos e os pensamentos de Marco fizeram com que ele ficasse acordado quando voltou para cama. Mas antes de se ajeitar no travesseiro, deu algumas ordens para si mesmo. Ele tinha lido, e ouvido Loristan dizer, que a mente pode controlar o corpo quando as pessoas descobrem que pode. Ele tinha feito algumas experiências e tinha achado algumas coisas bem interessantes. Uma era que se ele falava para si mesmo lembrar de certa coisa numa certa hora, geralmente verificava que CONSEGUIA lembrar. Algo na sua mente parecia lembrá-lo. Várias vezes ele tinha experimentado falar para si mesmo acordar numa hora determinada e tinha acordado quase exatamente naquela hora.

— Vou dormir até uma hora da manhã — ele disse ao fechar os olhos — Aí vou acordar e sentir-me descansado. Não vou estar sonolento.

Ele dormiu pesadamente como um menino. E à uma da manhã em ponto acordou e viu que a luz da rua ainda estava jorrando sua luz pela janela. Ele sabia que era uma da manhã porque tinha um pequeno e barato relógio redondo onde conseguia ver as horas. Estava bem descansado e não estava sonolento. Sua experiência funcionara de novo.

Ele levantou e trocou a roupa. Aí desceu as escadas da mesma maneira que fez da última vez, o mais quieto possível. Ele levou seus sapatos na mão porque iria colocá-los quando chegasse à rua. Fez seu sinal na porta do pai, e dessa vez foi Loristan que abriu.

— Devo ir agora? — Marco perguntou.

— Sim. Ande devagar para o outro lado da rua. Olhe em todas as direções. Não sabemos de onde ele vem. Quando der o sinal para ele, volte e vá para cama de novo.

Marco fez continência como um soldado faria ao receber uma ordem. Então, sem perder tempo, saiu da casa sem fazer um barulhinho.

Loristan virou-se para dentro do seu quarto e ficou de pé silenciosamente no centro do quarto. Seus olhos estavam brilhando como se algo tivesse movido dentro dele.

— Aí cresce um homem para Samávia — ele disse para Lázaro, que estava olhando para ele — Deus seja louvado!

Lázaro fez continência com bastante reverência e disse baixo e numa voz rouca: — Sua... senhor! — ele disse — Deus salve o Príncipe!

— Sim, — Loristan respondeu, depois de alguns momentos — quando ele for achado — então ele voltou para sua mesa sorrindo seu maravilhoso sorriso. O silêncio nas ruas desertas de uma grande cidade, depois de a madrugada ter silenciado todo o barulho e tumulto, é quase uma coisa inacreditável. Silêncio no meio de uma floresta ou num topo de uma montanha não é tão estranho. Só há algumas horas atrás o tumulto estava correndo para seus lugares; em mais algumas horas, estará passando de novo.

Mas agora a rua é um lugar solitário; o barulho dos passos de um guarda na pavimentação tem um som oco e até assustador. Parecia especialmente assustador para Marco ao atravessar a rua. Será que tinha sido tão vazio e solitário antes? Era assim todas as noites? Talvez fosse assim quando estava dormindo no seu colchão duro com a lâmpada da rua jorrando sua luz dentro do quarto. Ele prestou atenção aos passos do guarda noturno porque não queria ser visto. Havia uma parede saliente onde podia ficar em pé na sombra enquanto o homem passava. Um guarda pararia e olharia estranhamente para um menino andando para cima e para baixo na rua a uma e meia da manhã. Marco poderia esperar até ele passasse, e daí sair na luz de novo e olhar para cima e para baixo na rua.

Ele ouviu seus passos aproximando em alguns minutos, mas Marco já estava seguro na sombra antes de ser visto. Quando o guarda passou, ele saiu da sombra e andou devagar na rua olhando para cada lado, e de vez em quando olhando para trás. No começo, ninguém estava a vista. Aí ouviu o tilintar de um charrete-táxi tardio passando na rua. Mas as pessoas dentro dele estavam voltando de uma festa e estavam rindo e conversando, não notando nada mais além das suas próprias piadas. Houve silêncio mais uma vez por um bom tempo, como pareceu para Marco, e não havia ninguém. Na verdade, não foi tanto tempo quanto pareceu, mas ele estava ansioso. Então uma carroça com verduras no seu caminho cedo do sítio para a feira

em Covent Garden<sup>4</sup>, passou devagar com seu motorista quase dormindo em cima das suas pilhas de batatas e repolho. Depois que passou, houve silêncio e vazio novamente, até o guarda reaparecer fazendo suas rondas, e Marco se enfiou na sombra da parede como tinha feito antes.

Quando ele voltou para a luz, começou a esperar que não demorasse muito mais tempo para seu pai. Não havia realmente passado tanto tempo, ele disse para si mesmo, era apenas impressão. Mas a ansiedade do seu pai seria maior do que a sua poderia ser. Loristan sabia tudo que dependeria na vinda desse grande homem que se sentava lado a lado com um rei na sua carruagem e conversava com ele como se o conhecessem bem.

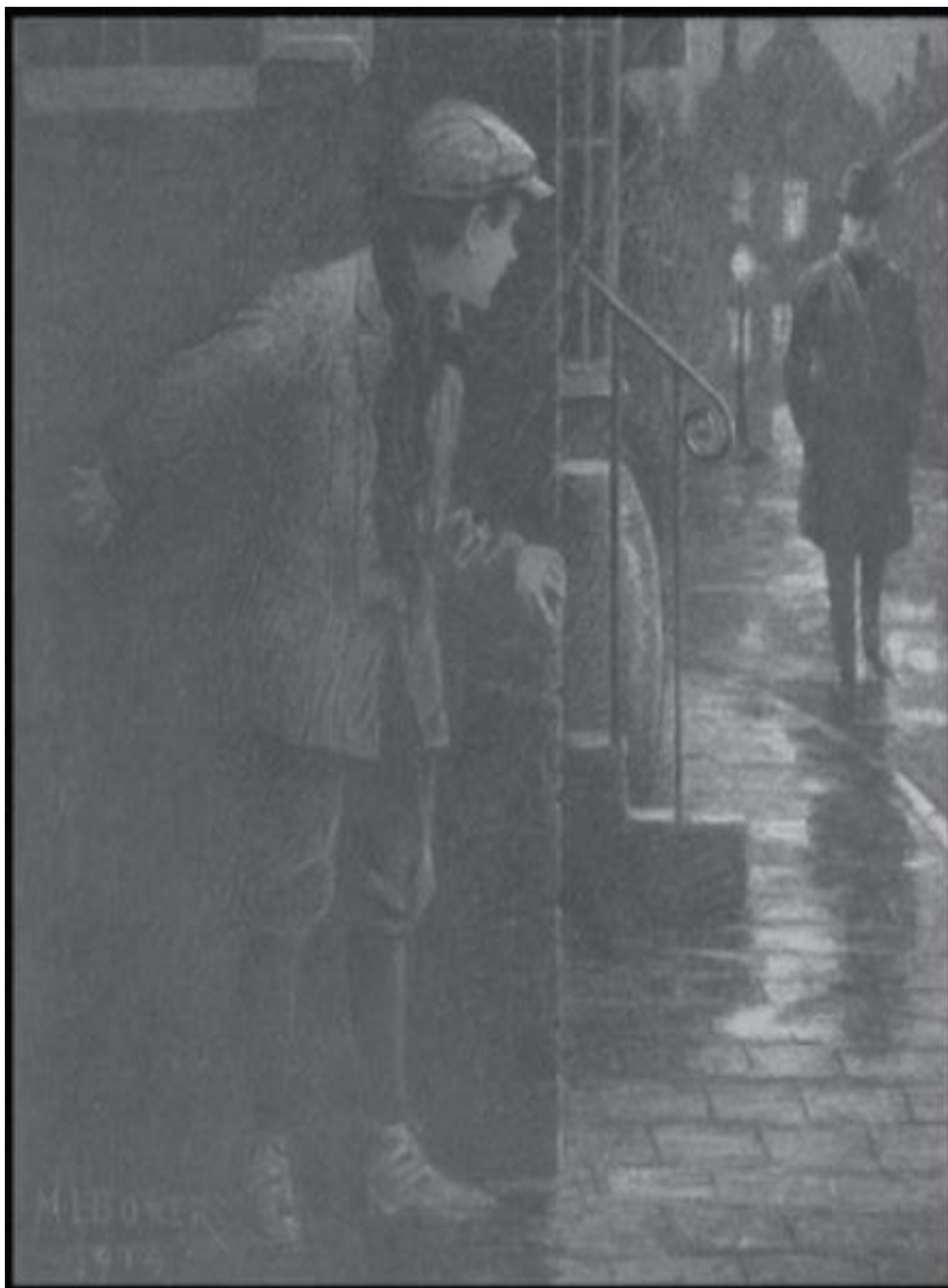
"Talvez seja algo que a Samávia inteira está esperando para saber... pelo menos o Partido Secreto," Marco pensou. "O Partido Secreto é a Samávia,..." ele de repente foi interrompido, havia o som de passos. "Alguém está vindo!" ele disse. "É um homem."

Era um homem subindo a rua no mesmo lado da calçada que ele estava. Marco começou a andar na direção dele quieto e rapidamente. Ele pensou que seria melhor se ele se parecesse com um menino enviado no meio da noite para dar um recado a um médico ou algo do tipo. Então, se ele passasse por um estrangeiro, não levantaria suspeita. Será que esse homem era da mesma altura daquele que saiu com o Rei? Sim, ele era praticamente da mesma altura, mas ainda estava muito distante para reconhecer outra característica. Ele aproximou-se, e Marco percebeu que ele também começou a ir mais rápido. Marco continuou. Só um pouquinho mais próximo e ele conseguiria ter certeza. Sim, agora estava perto o suficiente. Sim, esse homem era da mesma altura e tinha aparências similares, mas era bem mais jovem. Não era o homem que estava na carruagem com Sua Majestade. Esse homem não tinha mais do que trinta anos. Ele começou a balançar sua bengala e assobiar uma música quando Marco passou sem mudar a sua velocidade.

---

<sup>4</sup> Covent Garden começou no décimo terceiro século como um jardim que gradualmente foi se desenvolvendo em um tipo de feira de fazendeiros em Londres. A feira em Covent Garden ainda é até hoje um lugar para comprar frutas e verduras, comer um lanche, ou assistir performances de rua.

Foi depois que o guarda fez outra ronda e desapareceu pela terceira vez que Marco ouviu passos ecoando a alguma distância numa rua que atravessava. Depois de escutar para saber se os passos estavam se aproximando e não distanciados, ele se colocou numa posição onde poderia ver claramente a distância da rua. Sim, alguém estava vindo. Era de novo uma figura de um homem. Marco conseguiu se posicionar na sombra de modo que a pessoa que se aproximava não conseguiria ver que estava sendo observada. A pessoa solitária chegou numa distância reconhecível em dois minutos. Ele estava ordinariamente vestido com um paletó bem gasto feito por um alfaiate. Seu chapéu comum era usado de modo a esconder um pouco sua face. Mas mesmo antes de ele atravessar para o lado da rua onde o Marco estava, o menino o



*Era o homem que saía com o Rei!*

reconheceu claramente. Era o homem que saía com o Rei!

A sorte estava com Marco. O homem passou exatamente num lugar fácil para o menino andar alguns passos até chegar ao lado dele, olhar ele bem no rosto e dizer baixa, porém distintamente, as palavras "A Lâmpada está acesa" e, sem demorar, atravessar a rua e continuar andando. Marco não mudou a sua velocidade nem olhou para trás até estar a certa distância. Então olhou por cima do ombro e viu que a figura tinha atravessado a rua e estava dentro do portão. Tudo estava certo. Seu pai não ficaria desapontado. O grande homem chegou.

Marco andou por mais uns dez minutos e então voltou para casa e foi diretamente para cama. Mas foi obrigado a falar para si mesmo dormir várias vezes antes de realmente fechar seus olhos para o resto da noite.

## CAPÍTULO VIII

### UM JOGO EMPOLGANTE

---

**N**o dia seguinte, Loristan se referiu apenas uma vez ao que havia ocorrido. — Você cumpriu bem sua missão. Não foi precipitado nem nervoso — ele disse — O Príncipe ficou contente com sua calma.

Nada mais foi dito. Marco sabia que o título secreto do estrangeiro fora feito simplesmente como uma designação. Se fosse necessário mencioná-lo no futuro, ele seria referido como "o Príncipe". Em vários países Europeus existiam muitos príncipes que não eram nobres nem altezas serenas - eram apenas príncipes assim como outros nobres eram duques ou barões. Nada de especial era revelado quando um homem era chamado de príncipe. Mas como nada fora dito sobre o incidente, era óbvio que Loristan e Lázaro estavam trabalhando muito. A porta da sala estava trancada, e os mapas e documentos, geralmente guardados na caixa de ferro, estavam em uso.

Marco foi para a Torre de Londres e gastou parte do dia revivendo as histórias que, séculos atrás, aconteceram dentro de suas grandes e antigas paredes de pedra. Desse modo, toda sua juventude tornou-se íntima com pessoas que, para a maioria dos meninos, pareciam apenas criaturas irrealis que existiam apenas nos livros de história. Ele aprendera a conhecê-los como homens e mulheres porque estivera nos palácios onde eles nasceram, onde brincaram quando crianças, e onde morreram. Ele vira os calabouços onde foram aprisionados, os blocos onde deitavam suas cabeças, os parapeitos onde guerrearam para defender suas torres fortificadas, os tronos onde se sentaram, as coroas que usaram, e os cetros enfeitados com joias que seguraram. Ele ficara diante de seus retratos e fixara curiosamente os seus olhos nos "Trajes Cerimoniais", costurados com dezenas de milhares de pequenas pérolas. Olhar para a face de um homem e sentir os seus olhos pintados seguirem você enquanto se afasta dele é compreender que história não é uma simples lição de um livro, mas um relato das histórias das vidas de homens e mulheres que viram estranhos e esplendidos dias, e algumas vezes sofreram estranhas e terríveis coisas.

Havia apenas alguns turistas. O seu guia<sup>5</sup>, que usava o traje dos antigos guardas da Torre de Londres, era afável e, evidentemente, gostava muito de falar. Ele era grande e corpulento, tinha uma face larga e olhos pequenos e alegres. Era um tanto parecido com as figuras de Henrique VIII, o qual Marco lembrava ter visto. Ele ficou especialmente falador quando parou diante da placa que marca o local onde ficou o bloco no qual Joana Grey colocara sua jovem cabeça. Um dos turistas que sabia um pouco da história inglesa fizera algumas perguntas sobre as causas de sua execução.

— Se o sogro dela, o duque de Northumberland, tivesse deixado o jovem casal em paz, ela e seu marido, Lorde Guildford Dudley, poderiam continuar com suas cabeças no lugar. Ele estava resolvido a torná-la rainha, mas Maria Tudor também estava resolvida a se tornar a rainha. O duque não era hábil o suficiente para dirigir uma conspiração e persuadir o povo. Esses samavianos sobre os quais lemos nos jornais teriam feito melhor. E eles são semisselvagens.

— Eles tiveram uma grande batalha perto de Melzarr ontem. — disse um turista próximo de Marco para a moça que o acompanhava — Milhares deles morreram. Eu vi em letras grandes nas placas enquanto vinha no ônibus. Eles estão somente matando uns aos outros, é isto que estão fazendo.

O guia falador que estava com seu famoso traje o ouviu. — Eles nem podem enterrar seus mortos rápido o suficiente. — ele disse — Terá algum tipo de praga espalhando e devastando os países mais próximos deles. Isso vai acabar expandindo por toda a Europa como na Idade Média. O que os países civilizados devem fazer é forçá-los a escolher um rei decente e a começarem a se comportar.

"Vou contar isto a meu pai também", Marco pensou, "Isto mostra que todo mundo está pensando e falando de Samávia, e que até mesmo as pessoas comuns sabem que ela precisa de um rei verdadeiro. Esta deve ser A HORA!". Com isso ele queria dizer que esta devia ser a hora pela qual o Partido Secreto esperara e trabalhara tanto - a hora de tomar Ação.

Mas o seu pai não estava quando retornou para Philibert Place, e Lázaro parecia mais silencioso do que nunca enquanto estava de pé atrás de sua cadeira e ao servir a refeição insignificante para Marco. Por mais simples que fosse a comida, era sempre servida com o mesmo cuidado e a mesma cerimônia de um banquete. "Um homem pode comer pão velho e beber água como se fosse um cavalheiro" seu pai lhe dissera há muito tempo. "E é fácil adquirir maus hábitos. Mesmo que esteja com tanta fome que se sinta voraz, um homem que tem sido bem educado não irá aparentar assim. **Um cão pode, um homem não.** Assim como um cão pode uivar quando está zangado ou com dor e um homem não deve."

---

<sup>5</sup> O trabalho dos guias da Torre de Londres no princípio era de vigiar os prisioneiros na Torre e proteger as joias da coroa Britânica, mas em na prática eles serviam mais como guias para turistas que queriam conhecer a Torre de Londres. Estes guias são uma atração turística até hoje e vestem um traje exclusivo.

Esta era apenas uma pequena parte do treinamento que calmamente formara o menino, mesmo quando criança, autocontrolado e cortês, e o ensinara a tranquilidade e a graça de seu jovem comportamento, o hábito de se manter reto e elevado, e lhe dera uma clara aparência distinta a qual, mesmo sem presunção, o diferenciava dos outros meninos de maneiras negligentes e desajeitadas.

— Tem algum jornal aqui que fale da batalha, Lázaro? — ele perguntou, depois que deixou a mesa.

— Sim, senhor. — foi a resposta — Seu pai falou que você pode lê-lo. É uma história terrível. — ele adicionou, enquanto lhe dava o jornal.

Era uma história terrível. Enquanto lia, Marco sentiu que quase não conseguia suportar o que lia. Era como se Samávia nadasse em sangue, e como se os outros países devessem ficar espantados diante de tantas crueldades furiosas.

— Lázaro — ele disse, levantando-se de um salto, seus olhos em chamas — alguma coisa precisa parar isso! Deve existir alguém forte o suficiente. A hora chegou. A hora chegou. — e andou de um lado para o outro porque estava muito agitado para ficar parado.

Como Lázaro o observava! Que sentimento forte e incandescente estava na sua face controlada! — Sim, senhor. Certamente a hora chegou. — mas foi tudo o que disse, então virou-se e saiu da velha sala imediatamente. Foi como se sentisse que era a escolha mais sábia a fazer, antes que perdesse o controle e dissesse mais.

Marco foi para o ponto de encontro do Pelotão, ao qual O Rato dera no passado o nome de Quartel. O Rato estava sentado entre os seus seguidores e estivera lendo o jornal da manhã para eles, o qual continha o relato da batalha de Melzarr. O Pelotão tornara-se o Partido Secreto, e cada membro vibrava com o espírito de conspiração e aventura. Todos eles cochichavam ao conversarem.

— Agora isto não é o Quartel — O Rato disse — É uma caverna subterrânea. Milhares de espadas e armas estão enterradas abaixo do chão, e empilhadas até o teto. Sobrou apenas um pequeno espaço para sentarmos e planejarmos. Nós entramos rastejando por um buraco e ele está escondido por arbustos.

Para o resto dos meninos isso era apenas um jogo empolgante, mas Marco sabia que para O Rato era mais do que isso. Ainda que O Rato não soubesse nada do que ele sabia, ele viu que toda a história parecia-lhe verdadeira. As lutas da Samávia, sobre as quais ele ouvira e lera nos jornais, apoderaram-se dele. Sua paixão por ser soldado e pelas artes de guerra e seu cérebro curiosamente maduro o levaram a seguir cada detalhe a que pudesse se prender. Ele prestara atenção a tudo o que ouvira com notáveis resultados. Ele recordava coisas que as pessoas mais velhas geralmente esquecem após mencioná-las. Não esquecera nada. Ele desenhara nas pedras do

pavimento um mapa de Samávia, e Marco viu que estava correto, e também fizera um esboço básico de Melzarr e a batalha que tivera resultados desastrosos.

— Os Maranovitch tinham a posse de Melzarr. — ele explicou com vivacidade febril — E os Iarovitch os atacaram daqui. — apontando com seu dedo — Isto foi um erro. Eu teria atacado de um lugar do qual eles não estivessem esperando. Eles esperavam ataque na suas fortificações, e estavam prontos para defendê-las. Eu creio que o inimigo poderia os surpreender à noite e os atacar aqui. — apontando de novo. Marco pensou que ele estava certo. O Rato planejara tudo, e estudara Melzarr como se estudasse um quebra-cabeça ou um problema de aritmética. Ele era muito inteligente e, como sua face demonstrava, muito perspicaz.

— Eu creio que você seria um bom general se fosse adulto. — disse Marco. — Gostaria de mostrar seus mapas para o meu pai e perguntar-lhe se não acha que sua estratégia seria boa.

— Ele sabe muito sobre Samávia? — perguntou O Rato.

— E letem que ler os jornais porque escreve coisas. — Marco respondeu. — E todo mundo está pensando sobre a batalha. Ninguém pode evitar.

O Rato tirou um papel sujo e dobrado do bolso e deu uma olhada com ar de reflexão. — Vou fazer um limpo — ele disse — Gostaria que um homem adulto desse uma olhada para ver se está certo.

— Fala, Rato, o que 'cê e Marco vão ter *qui fazê*'. *Vamu ouvi*' o que 'cê inventô'. — sugeriu Cad. Ele se aproximou, e assim fez o resto do círculo, abraçando os joelhos com os braços.

— Isto é o que devemos fazer — começou O Rato, no cochicho baixo do Partido Secreto. — A HORA CHEGOU. Para todos os Membros Secretos em Samávia e para os amigos do Partido Secreto em todos os países, o sinal deve ser levado. Deve ser levado por alguém que não seria suspeito. Quem suspeitaria de dois meninos, sendo um deles um aleijado? A melhor coisa para nós é que eu sou um aleijado. Quem suspeitaria de um aleijado? As pessoas quase sempre dariam dinheiro para um aleijado. Eu não serei mendigo por mim mesmo, mas serei um por Samávia e pelo Príncipe Perdido. Marco fingirá que é meu irmão e que cuida de mim. Escute — disse para Marco com uma súbita mudança de voz — você sabe cantar? Não importa como você faz.

— Sim, eu sei cantar — Marco respondeu.

— Então Marco vai fingir que canta para que as pessoas deem dinheiro. Eu vou arrumar um par de muletas em algum lugar, parte do tempo vou andar de muletas, e parte na minha plataforma. Nós vamos viver como mendigos e iremos aonde quisermos. Eu posso rapidamente passar por um homem e dar o sinal sem ninguém perceber. Às vezes Marco pode dar o sinal quando as pessoas estiverem pondo

dinheiro no seu chapéu. Podemos passar de um país a outro e incitar todos os que são do Partido Secreto. Vamos ir trabalhando até chegarmos em Samávia, e seremos apenas dois meninos - um sendo aleijado - e ninguém vai pensar que poderíamos fazer qualquer coisa. Nós vamos mendigar nas grandes cidades e na rodovia.

— Onde 'cês vão arrumar pila pra *viajá*? — perguntou Cad.

— O Partido Secreto vai nos dar, e não vamos precisar de muito. Nossas esmolas serão o suficiente para isso. Nós vamos dormir abaixo das estrelas, ou debaixo de pontes ou de arcadas, ou nas esquinas escuras das ruas. Eu mesmo fiz isso muitas vezes quando meu pai me expulsava de casa. Se faz frio, é muito ruim, mas se o tempo está bom, é melhor do que dormir onde estou acostumado. — Camarada — ele disse para Marco — você está pronto?

Ele disse "Camarada", como Loristan, e de alguma maneira Marco não ficou ressentido, porque ele estava pronto para trabalhar para Samávia. Era apenas um jogo, mas tornara-os camaradas - e será que era apenas um jogo, afinal de contas? Sua voz excitada e as linhas estranhas de sua face o tornavam singularmente diferente.

— Sim, Camarada, estou pronto. — Marco respondeu.

— Nós deveremos estar em Samávia quando o combate pelo Príncipe Perdido começar — O Rato continuou sua história com fervor — Nós poderemos ver uma batalha. Podemos fazer alguma coisa para ajudar. Podemos levar mensagens sob uma chuva de balas... uma chuva de balas! — O pensamento o alegrou tanto que esqueceu seu cochicho e sua voz ressoava ferozmente. — Meninos já estiveram em batalhas antes. Podemos achar o Rei Perdido... não, o Rei Achado, e pedir a ele para sermos seus servos. Ele poderia mandar-nos onde não poderia mandar pessoas maiores. Eu poderia dizer a ele: "Sua Majestade, eu sou chamado de 'O Rato', porque posso rastejar por buracos e em esquinas e mover-me rapidamente. Ordene-me ir para qualquer perigo e eu obedecerei você. Deixe-me morrer como um soldado se não posso viver como um."

De repente ele levantou seu casaco em farrapos e cobriu os olhos. Ele se agitara tremendamente com a cena da chuva de balas. E sentiu como se visse o Rei, que finalmente fora achado. No instante seguinte ele descobriu sua face.

— Isto é o que devemos fazer — ele disse — exatamente isto, se você quer saber. E muito mais. Não há fim para isso!

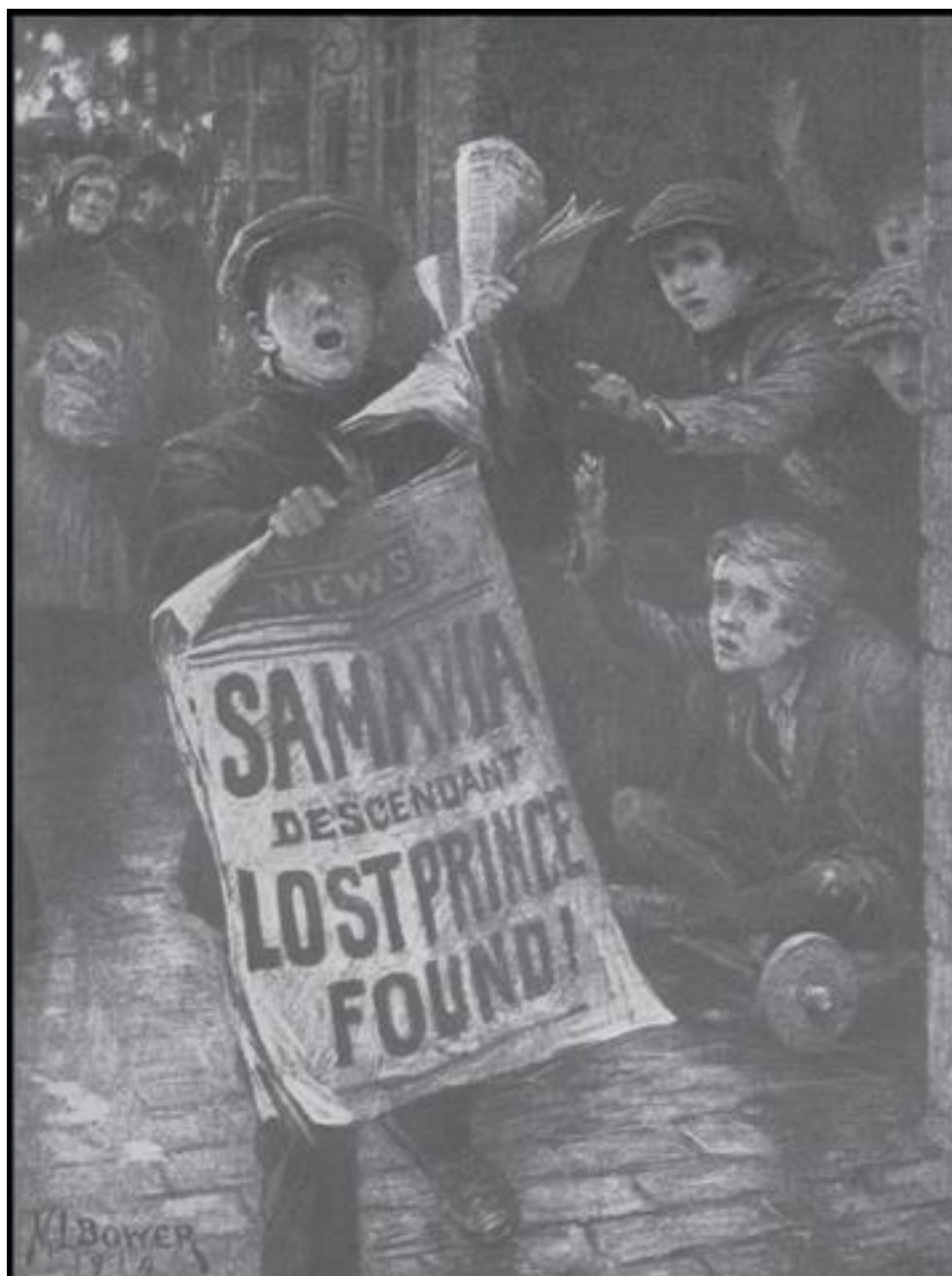
Os pensamentos de Marco estavam num rodopio. Isso devia ser apenas um jogo. Ele ficou completamente incendiado por dentro. Se o Partido Secreto quisesse mandar mensageiros que ninguém pensaria ser suspeitos, quem pareceria mais inofensivo do que dois moleques perambulando levando a vida o melhor que podem, não parecendo pertencer a ninguém? E sendo um aleijado. Era verdade -

sim, era verdade, como O Rato disse, que ser aleijado o fazia parecer mais inofensivo do que qualquer outro. Marco colocou sua testa entre suas mãos e pressionou suas têmporas.

— Qual é o problema? — exclamou O Rato — No que você está pensando?

— Estou pensando que general você faria. Estou pensando que tudo poderia ser real, cada palavra. Poderia não ser um jogo afinal de contas. — disse Marco.

— Não, poderia não ser — O Rato respondeu — se eu soubesse onde o Partido Secreto está, gostaria de ir lá e falar a eles sobre isso. O que é isso?! — ele disse, de repente virando sua cabeça na direção da rua — O que eles estão gritando?



*O Rato girou pela passagem enquanto o pelotão o seguia.*

Alguns jornaleiros com uma voz particularmente aguda gritavam alguma coisa o mais alto que seus pulmões permitiam. Tensos e agitados, nenhum membro do círculo se mexeu nem falou por alguns segundos. O Rato ouvia, Marco ouvia, todo o Pelotão ouvia, aguçando os ouvidos.

— Notícias surpreendentes de Samávia, — os jornaleiros guinchavam — História maravilhosa! Descendente do Príncipe Perdido achado! Descendente do Príncipe Perdido achado!

— Alguém tem um centavo? — O Rato falou rapidamente, começando a se arrastar na direção da passagem arqueada.

— Eu tenho! — respondeu Marco, seguindo-o.

— Venha! — O Rato gritou. — Vamos comprar um jornal! — E girou pela passagem com o seu mais rápido movimento de rato, enquanto o Pelotão o seguia, gritando e atropelando uns aos outros.



## CAPÍTULO IX

### NÃO É UM JOGO

---

Loristan andava lentamente para lá e para cá na sala de estar dos fundos, ouvindo Marco, que estava sentado próximo do pequeno fogo e falava. — Continue — ele dizia, cada vez que o menino parava — Eu quero ouvir tudo. Ele é um rapaz estranho, e este é um jogo esplendido.

Marco contava-lhe a história de sua segunda e terceira visitas ao recinto deserto atrás do cemitério. Ele começara do começo, e seu pai ouvira com grande interesse.

Um ano depois, Marco recordava esta tarde como sendo uma memória emocionante, e que jamais esqueceria. Ele sempre seria capaz de trazê-la de volta à mente. A pequena e velha sala dos fundos, a obscuridade do único bico de gás fraco, que era tudo o que podiam ter para iluminar a casa, a caixa de ferro em um canto com seus mapas e planos trancados seguramente, o jeito majestoso da figura alta, o qual as roupas velhas, gastas e remendadas não podiam esconder nem ofuscar. Nem mesmo trapos poderiam fazer Loristan parecer insignificante ou indistinto. Ele era sempre o mesmo. Seus olhos pareciam mais escuros e mais maravilhosos do que nunca na sua remota meditação e no seu interesse enquanto ele falava.

— Continue. — ele disse — É um jogo esplendido. E é interessante. Ele estudou tudo bem. O rapaz é soldado nato.

— Não é um jogo para ele. — Marco disse — E não é um jogo para mim. O Pelotão está apenas brincando, mas com ele é muito diferente. Ele sabe que nunca realmente terá o que quer, mas sente como se isso fosse algo perto. Ele disse que eu poderia mostrar para você o mapa que fez. Pai, olhe.

Ele deu a Loristan a cópia limpa do mapa de Samávia do Rato. A cidade de Melzarr estava marcada com certos sinais. Eles serviam para mostrar em quais pontos O Rato - se fosse um general samaviano - teria atacado a capital. Enquanto Marco apontava, ia explicando as razões do Rato para seu plano.

Loristan segurou o papel por alguns minutos. Ele fixou seus olhos curiosamente, e franziu suas sobrancelhas pretas. — Isto é muito surpreendente! — ele disse

finalmente — Ele está realmente certo. Eles poderiam ter entrado por aqui, e pelas mesmas razões que ele disse. Como ele aprendeu tudo isso?

— Ele não pensa em mais nada agora — Marco respondeu — Ele tem sempre pensado em guerras e feito planos para batalhas. Ele não é como os outros membros do Pelotão. Seu pai é muito bem educado, e gosta de conversar. O Rato lhe faz perguntas, e o maneja até descobrir uma boa parte. Então mendiga para conseguir jornais velhos, e se esconde em esquinas e ouve o que as pessoas estão falando. Ele disse que se deita e fica acordado à noite estudando o que ouviu, e pensa sobre isso o dia todo. É por isso que organizou o Pelotão.

Loristan continuara examinando o papel. — Diga a ele — ele disse, quando o redobrou e o devolveu — que eu estudei seu mapa, e ele pode orgulhar-se dele. Você também pode dizer a ele — e sorriu calmamente ao falar — que na minha opinião ele está certo. Os Iarovitch teriam posse de Melzarr hoje se ele os tivesse liderado.

Marco estava cheio de exultação. — Eu pensei que você diria que ele estava certo. Tive certeza que sim. Isto é o que me faz querer contar o resto. — Marco prosseguiu. — Se você acha que ele está certo sobre o resto também — ele parou desajeitadamente porque um pensamento repentino e extravagante passou por ele — Não sei o que você vai pensar — ele balbuciou — Talvez irá parecer para você como se o jogo - como se essa parte pudesse - pudesse ser apenas um jogo.

Apesar de sua hesitação, ele estava tão fervoroso que Loristan começou a assisti-lo com um respeito simpático, como sempre fazia quando o menino tentava expressar alguma coisa de que não tinha certeza. Um dos grandes laços entre eles era que Loristan era sempre interessado nos seus processos mentais de menino - no modo pelo qual seus pensamentos o guiavam a alguma conclusão.

— Continue — ele disse de novo — Eu sou como O Rato e sou como você. Não tem parecido com um jogo para mim, até agora. Ele se sentou na sua escrivaninha e Marco, na sua vivacidade, aproximou-se e inclinou-se sobre ela, descansando seus braços e abaixando sua voz, posto que era sempre o hábito deles falar de tal modo que ninguém no lado de fora do cômodo onde estavam poderia distinguir o que falavam.

— É o plano do Rato dar o sinal para a Ação — ele disse.

Loristan fez um pequeno movimento. — Ele acha que haverá uma Ação? — perguntou.

— Ele diz que deve ser o que o Partido Secreto tem preparado todos esses anos. E deve acontecer logo. As outras nações veem que a luta deve acabar, ainda que eles mesmos tenham que dar um fim. E se o verdadeiro Rei foi achado - mas no jornal que O Rato comprou não tinha nada sobre onde ele estava. Era apenas algum tipo

de rumor. Ninguém parecia saber de nada — ele parou por alguns segundos, mas não proferiu as palavras que estavam na sua mente. Ele não disse: "Mas VOCÊ sabe."

— E O Rato tem um plano para dar o sinal? — Loristan disse.

Marco esqueceu seu primeiro sentimento de hesitação. Ele começou a ver o plano de novo, como vira quando O Rato falava. Começou a falar como O Rato falara, esquecendo-se de que era um jogo. Ele fez uma descrição ainda mais clara que a do Rato sobre os dois moleques nômades - sendo um deles um aleijado - indo de um lugar para outro, livres para carregar mensagens ou advertências aonde escolhessem, porque eram tão insignificantes e pareciam tão pobres que ninguém poderia pensar que eram alguma coisa, a não ser meninos abandonados vagueando, não pertencendo a ninguém e levados pelo vento da pobreza e pelo acaso. Ele sentiu como se quisesse convencer seu pai de que o plano era possível. Não sabia exatamente por que se sentia tão ansioso para receber a aprovação do esquema - como se fosse real - como se pudesse realmente ser feito. Mas esse sentimento era o que o inspirava a entrar em novos detalhes e sugerir possibilidades.

— Um menino aleijado e um cantor de rua mendigo que poderia ir quase a qualquer lugar. — ele disse — Soldados ouviriam um cantor se ele cantasse boas canções - e eles não teriam medo de conversar na frente dele. Um cantor errante e um aleijado talvez ouvissem muitas coisas notáveis que poderiam ser úteis para o Partido Secreto. Poderiam até mesmo ouvir coisas importantes. Você não acha que é verdade?

Antes de ele ir longe com sua história, a expressão longínqua veio à face de Loristan - a expressão que Marco conhecera tão bem em toda sua vida. Ele estava sentado um pouco para o lado do menino com seu cotovelo descansando na mesa e com a testa na mão. Olhava o tapete gasto aos seus pés, e continuou assim até ouvir o final. Era como se algum pensamento novo fosse crescendo devagar na sua mente enquanto Marco contava e aumentava o plano do Rato. Ele nem mesmo levantou os olhos, nem mudou de posição ao responder. — Sim, acho que sim.

Mas, por causa do pensamento profundo que crescia na sua face, a coragem de Marco aumentou. Seu primeiro medo de que essa parte do plano pudesse parecer tão audaciosa e precipitada que aparentaria pertencer a um jogo de menino, gradualmente desvaneceu-se por alguma razão estranha. Seu pai dissera que a primeira parte das imaginações do Rato não lhe parecera um jogo, e agora - mesmo agora - ele não escutava como se fossem os detalhes de meras fantasias exageradas. Era como se o que ouvisse não fosse totalmente impossível. O conhecimento de Marco sobre os países Europeus e sobre métodos de viagem o ajudou a entrar em mais detalhes e a dar realismo a seus planos.

— Às vezes nós poderemos fingir que sabemos somente inglês — ele disse — Então, embora O Rato não consiga entender, eu entenderia. Eu sempre entenderia

em cada país. Conheço as cidades e os lugares que precisaríamos ir. Sei como meninos como nós vivem, e então não faríamos nada que deixasse a polícia irritada nem nada que fizesse com que as pessoas nos notassem. Se alguém fizesse perguntas, eu os faria acreditar que conheci O Rato por acaso, e decidimos viajar juntos porque as pessoas dão mais dinheiro para um menino que canta se ele estiver com um aleijado. Havia um menino que costumava tocar violão nas ruas de Roma, e sempre estava com uma menina coxa, e todos sabiam que era por isso que estava lá. Quando ele tocava, as pessoas olhavam para a menina e sentiam pena dela, e lhe davam moedas. Você se lembra?

— Sim, eu me lembro. E o que você diz é verdade. — Loristan respondeu.

Marco inclinou-se para frente sobre a mesa para ficar mais próximo dele. O tom em que as palavras foram ditas fez sua coragem saltar como uma chama. Ter permissão de continuar com sua ousadia era sentir que era tratado quase como se fosse um homem. Se seu pai desejasse pará-lo, poderia ter feito isso com um olhar calmo, sem proferir uma única palavra. Por alguma razão maravilhosa ele não desejou que Marco cessasse de falar. **Ele estava disposto a ouvir o que Marco tinha a dizer – ele estava até mesmo interessado.** — Você está crescendo. — ele dissera na noite que revelara o maravilhoso segredo — Silêncio ainda é a ordem, mas você é homem o suficiente para que lhe seja dito mais.

Era ele homem o suficiente para ser considerado digno de ajudar Samávia em qualquer coisa, mesmo com fantasias de menino que poderiam conter um germe de alguma ideia a qual mentes mais velhas e mais sábias poderiam tornar útil? Estava ele sendo ouvido porque o plano, feito como parte de um jogo, não era impossível, se dois meninos de confiança pudessem ser achados? Ele deu um grande suspiro ao continuar, aproximando-se ainda mais e falando tão baixo que seu tom era quase um cochicho.

— Se os homens do Partido Secreto têm trabalhado e pensado por tanto tempo... eles prepararam tudo. Eles sabem agora exatamente o que precisa ser feito pelos mensageiros que devem dar o sinal. Podem dizer-lhes aonde ir e como reconhecer os amigos secretos que devem ser notificados. Se as ordens puderem ser escritas e dadas para... para alguém que... alguém que aprendeu a guardar as coisas na memória! — ele começara a respirar tão rapidamente que parou por um momento.

Loristan levantou os olhos. Olhou diretamente nos olhos dele. — Alguém que tem sido TREINADO para guardar as coisas na memória? — ele disse.

— Alguém que tem sido treinado — Marco continuou, tomando sua respiração de novo. — Alguém que não se esquece – que nunca se esqueceria – nunca! Esse, mesmo que tenha somente doze anos – mesmo que tenha somente dez – poderia fazer como lhe fora dito.

Loristan pôs a mão no ombro dele. — Camarada, — ele disse — você está falando como se você mesmo estivesse pronto para ir.

Os olhos de Marco olhavam corajosamente nos seus, mas ele não disse nada.

— Você sabe o que significaria, Camarada? — seu pai continuou — Você está certo. Não é um jogo. E você não está pensando como se fosse. Mas já pensou em como seria se alguma coisa traísse você, e você fosse posto contra uma parede para ser FUZILADO?

Marco ficou em pé retamente. Tentou pensar que sentia a parede contra suas costas. — Se eu fosse fuzilado, seria fuzilado por Samávia. — ele disse — E por VOCÊ, Pai.

Enquanto ainda estava falando, a campainha da porta da frente tocou e Lázaro evidentemente abriu-a. Ele falou com alguém, e então eles ouviram seus passos se aproximando da sala dos fundos. — Abra a porta — disse Loristan, e Marco abriu.

— Há um menino que é aleijado aqui, senhor — o velho soldado disse — Ele pediu para ver o Mestre Marco.

— Se for O Rato — disse Loristan — traga-o aqui. Quero vê-lo.

Marco foi pela passagem para a porta da frente. O Rato estava lá, mas não estava na sua plataforma. Ele estava inclinado sobre um velho par de muletas, e Marco pensou que ele parecia anormal e estranho. Estava branco, e de algum modo as linhas de sua face pareciam torcidas de um jeito novo. Marco imaginou se alguma coisa havia o assustado, ou se ele estava doente.

— Rato, — ele começou — meu pai...

— Eu vim para falar sobre MEU pai. — O Rato interrompeu sem esperar para ouvir o resto, e sua voz estava tão estranha quanto sua face pálida. — Não sei por que vim, mas eu... eu apenas quis vir. Ele está morto!

— Seu pai? — Marco gaguejou — Ele está...

— Ele está morto. — O Rato respondeu de modo trêmulo — Eu fiquei com ele enquanto estava morrendo, e então me deu esta terrível dor de cabeça e me senti doente, e pensei em você.

Marco fez um movimento na direção dele porque viu que ele estava de repente tremendo como se fosse cair. Ele foi a tempo, e Lázaro, que estivera olhando da parte de trás da passagem, avançou. Juntos eles o sustentaram.

— Eu não vou desmaiar — ele disse fracamente — mas sinto como se fosse. Eu estava completamente sozinho.

— Venha ver meu pai. — Marco disse — Ele nos dirá o que fazer. Lázaro, ajude-o.

— Eu posso entrar sozinho. O Rato disse — Vê minhas muletas? Eu fiz alguma coisa para um penhorista na noite passada, e ele me deu como pagamento.

Mas embora ele tentasse falar despreocupadamente, estava clara e horrivelmente balançando e exausto. Sua face pálida ainda estava branco-amarelada, e estava tremendo um pouco. Marco o conduziu até a sala dos fundos. No meio da pobreza da sala velha e embaixo da luz fraca Loristan estava de pé em uma de suas calmas, atenciosas atitudes. Ele estava esperando-os.

— Pai, este é O Rato — o menino começou.

O Rato parou repentinamente e descansou em suas muletas, fitando a alta e calma figura com olhos arregalados.

— Este é seu pai? — ele disse para Marco. E então adicionou, com um meio-sorriso desajeitado: — Ele não se parece muito com o meu, parece?

## CAPÍTULO X

### O RATO – E SAMÁVIA

---

O que O Rato pensou quando Loristan começou a falar com ele, Marco ficou imaginando. De repente ele estava em um mundo desconhecido e foi Loristan que fez isso ser assim porque sua pobreza não tinha poder para tocá-lo. Ele olhou para o menino com olhos calmos e claros, carinhosamente perguntando-lhe perguntas práticas, mas era óbvio que ele entendia muitas coisas sem perguntar nada. Marco pensou que ele talvez vira, em algum tempo, outros homens morrer na sua vida em lugares estranhos. Ele parecia saber quão terrível era a noite pela qual O Rato passara. Ele o fez sentar-se e ordenou para Lázaro trazer-lhe um pouco de café quente e comida simples.

— Não comi nada desde ontem, — O Rato disse, ainda com seu olhar fixo nele.  
— Como soube que não comi?

— Você não teve tempo — Loristan respondeu. Depois disso Loristan o fez deitar-se no sofá.

— Olhe para minha roupa — O Rato disse.

— Deite e durma. — Loristan respondeu, colocando suas mãos nos seus ombros e carinhosamente o empurrando para o sofá — Você irá dormir por um bom tempo. Você deve me dizer como encontrar o lugar onde seu pai morreu, e eu cuidarei que as autoridades apropriadas sejam notificadas.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou O Rato, e então adicionou: — senhor.

— Porque eu sou um homem e você é um menino. E porque isso é uma coisa terrível — Loristan respondeu.

E partiu sem dizer mais, e O Rato ficou deitado no sofá fitando a parede e pensando sobre isso até adormecer. Mas, antes de isso acontecer, Marco o deixara sozinho silenciosamente. Então, como Loristan dissera que seria, ele dormiu profundamente e muito tempo; de fato, ele dormiu por toda a noite.

Quando acordou na manhã seguinte, Lázaro estava em pé ao lado do sofá olhando para ele. — Você vai querer se limpar. — ele disse — Isso precisa ser feito.

— Me limpar! — disse O Rato, com sua risada guinchante — Eu não podia me manter limpo quando tinha um lugar para viver, e agora onde vou me lavar? — Ele sentou-se e olhou em volta. — Dê minhas muletas — ele disse — Preciso ir. Eles me deixaram dormir aqui a noite toda. Não me mandaram para a rua. Não sei por que não. O pai do Marco... ele é um tipo bom. Ele parece um grã-fino.

— O Mestre — disse Lázaro, de maneira rígida — o Mestre é um grande cavalheiro. Ele não mandaria nenhuma criatura cansada de volta à rua. Ele e seu filho são pobres, mas são daqueles que dão. Ele deseja vê-lo e falar com você de novo. Você terá pão e café com ele e com o jovem Mestre. Mas sou eu que digo que você não pode sentar-se à mesa com eles até que esteja limpo. Venha comigo. — e entregou-lhe suas muletas. Sua maneira era autoritária, mas era a maneira de um soldado; seus movimentos um tanto firmes e mecânicos eram, também, de soldado, e O Rato gostava deles porque faziam-no sentir como se estivesse em um quartel. Ele não sabia o que ia acontecer, mas levantou e seguiu-o sobre suas muletas.

Lázaro levou-o a um banheiro embaixo da escada onde uma bacia de banho gasta feita de estanho estava já cheia de água quente, que o próprio velho soldado trouxera em baldes. Lá havia sabão e toalhas ásperas e limpas, numa cadeira de madeira, e também havia uma muda de roupa bem usada, mas limpa.

— Coloque-as quando tiver se banhado — Lázaro ordenou, apontando-as — Elas pertencem ao jovem Mestre e serão grandes para você, mas serão melhores que as suas — e então saiu do banheiro e fechou a porta.

Era uma nova experiência para O Rato. Até onde sabia, lavara sua face e suas mãos - quando lavava - em uma torneira de ferro na parede da rua de trás ou em alguma viela de bairro pobre. Ele e seu pai tinham há muito tempo caído em um mundo onde se lavar não fazia parte do dia-a-dia. Eles viveram entre sujeira e infâmia e quando seu pai estivera triste e embriagado, algumas vezes chorava e falava dos dias passados quando ele barbeava-se toda manhã e colocava uma camisa limpa.

Para estar até mesmo na mais velha das bacias de banho de estanho cheia de água limpa e quente e se lavar e molhar com um bom pedaço de flanela e bastante sabão era uma coisa maravilhosa. O Rato respondeu à novidade com um curioso sentimento de frescor e conforto.

— Suponho que os grã-finos fazem isso todo dia — ele murmurou — Eu faria se fosse um. Soldados têm que se manter tão limpos que brilhem.

Quando, depois de aproveitar ao máximo o sabão e a água, saiu de dentro do banheiro debaixo da escada, ele estava tão limpo quanto o próprio Marco; e embora suas roupas fossem feitas para um menino mais robusto, o reconhecimento da

limpeza delas o encheu de prazer. Ele ficou imaginando se com algum esforço poderia manter-se limpo quando saísse para o mundo de novo e tivesse que dormir em qualquer buraco de onde a polícia não ordenasse que saísse.

Ele queria ver Marco de novo, mas queria mais ver o homem alto com os olhos escuros e gentis e aquela aparência nobre de um grã-fino apesar de suas roupas gastas e do lugar estranho onde ele vivia. Havia alguma coisa nele que fazia com que se ficasse olhando-o, e querendo saber em que ele estava pensando, e por que se sentia como se receberia ordens dele do mesmo modo que receberia de um general, se se fosse um soldado. Ele parecia, de algum modo, um soldado, mas como se fosse algo mais - como se as pessoas tivessem sempre recebido ordens dele, e sempre receberiam ordens vindas dele. E ainda ele tinha aquela voz calma e aqueles movimentos leves e tranquilos, e não era um soldado afinal, mas um homem pobre que escrevia para os jornais, os quais não lhe pagavam o suficiente para dar a ele e a seu filho uma vida confortável. Durante todo o tempo de sua reclusão com a bacia velha de banho e sabão e água, O Rato pensou nele, ansiando por vê-lo e ouvi-lo falar de novo. Ele não via motivo para Loristan tê-lo permitido dormir em seu sofá ou para dar-lhe café da manhã antes de mandá-lo de volta para encarar o mundo. Foi extremamente gentil da parte dele. O Rato sentiu que quando fosse mandado embora, depois do café, desejaria ficar andando pela vizinhança só para ter a chance de vê-lo passar de vez em quando.

Ele não sabia o que ia fazer. Os oficiais da cidade deviam agora já ter levado seu pai morto, e ele não o veria novamente. Ele não queria vê-lo novamente. Nunca se parecera com um pai. Eles nunca se importaram um com o outro. Ele sempre fora um rejeitado desprezível. Talvez, O Rato pensou, ele seria levado a andar pela rua para lá e para cá em sua plataforma e pedir esmolas, como seu pai tentara forçá-lo a fazer. Poderia ele vender jornais? O que poderia um garoto aleijado fazer a não ser pedir esmolas ou vender jornais?

Lázaro esperava por ele na passagem. O Rato deteve-se por um momento. — Talvez eles não preferissem tomar café comigo. — ele hesitou — Eu não... eu não sou do tipo deles. Eu poderia engolir o café aqui fora e levar o pão comigo. E você poderia agradecê-lo por mim. Gostaria que ele soubesse que eu o agradeço.

Lázaro também tinha olhos firmes. O Rato percebeu que ele o olhava com um olhar penetrante como se tentasse ver que tipo de menino ele era. — Você pode não ser do tipo deles, mas é do tipo que o Mestre vê o bem. Se ele não visse alguma coisa, não pediria para você sentar à sua mesa. Você deve vir comigo.

O Pelotão vira coisas boas no Rato, mas ninguém mais. Policiais o faziam ir embora sempre que o viam, as mulheres infelizes dos cortiços o tratavam do mesmo modo que tratavam o animal pelo qual era chamado; homens vadios ou homens de

negócios viam nele um jovem estorvo para ser chutado e empurrado para fora do caminho.

O Rato deu um pequeno sorriso e ficou imaginando o que eles pretendiam, ao seguir Lázaro até a sala dos fundos. Ela era tão desbotada e sombria quanto parecera na noite anterior, mas pela luz do dia O Rato viu quão rigidamente limpa, quão varrida e livre de qualquer mancha de sujeira era, e como as pobres janelas foram limpas e polidas, e como tudo estava posto em ordem. O tecido áspero de linho na mesa limpo e sem manchas, e assim eram também as louças de barro de pouco valor, e as colheres brilhavam.

Loristan estava em pé perto da lareira e Marco estava perto dele. Eles estavam esperando pelo seu convidado vadio como se ele fosse um cavalheiro.

O Rato hesitou e esquivou-se à porta por um momento, e então subitamente lhe ocorreu ficar em pé tão reto quanto pudesse e fazer continência. Quando se viu na presença de Loristan, ele sentiu que devia fazer alguma coisa, mas não sabia o quê.

O reconhecimento vindo de Loristan pelo seu gesto e sua expressão ao ir em frente tiraram dos ombros do Rato um peso que ele mesmo nunca soubera que estava lá. De algum modo ele sentiu como se alguma coisa nova tivesse acontecido a ele, como se ele não fosse um simples "verme", afinal de contas, como se não precisasse ficar na defensiva - até mesmo como se não precisasse temer muito na escuridão, e como uma coisa para a qual não havia lugar no mundo. O mero olhar direto e perspicaz dos olhos desse homem parecia abrir espaço em qualquer lugar para onde ele olhasse. E ainda assim o que ele disse foi muito simples.

— Isso é bom — ele disse. — Você descansou. Vamos comer alguma coisa, e então conversaremos juntos. Ele fez um pequeno gesto na direção da cadeira à direita de seu próprio lugar.

O Rato hesitou de novo. Como ele era formidável! Com aquele aceno de mão ele fazia você se sentir como se fosse um homem como ele, e como se o estivesse honrando. — Eu não sou... — O Rato interrompeu-se e virou a cabeça na direção de Marco. — Ele sabe. — ele terminou — Nunca me sentei em uma mesa assim antes.

— Não há muita coisa nela — Loristan fez o pequeno gesto na direção do assento ao lado direito e sorriu — Vamos nos sentar.

O Rato obedeceu-o e a refeição começou. Havia apenas pão e café e um pouco de manteiga diante deles. Mas Lázaro ofereceu as xícaras e os pratos em uma pequena e brilhante badeja como se fosse uma travessa de ouro. Quando não estava servindo, ele ficava ereto atrás da cadeira de seu mestre, como se usasse um uniforme real de escarlata e ouro. Para o menino que roía um osso ou mastigava um pedaço de pão onde que os encontrasse, sem pensar em nada a não ser apaziguar sua fome feroz, assistir os dois com os quais se sentava comer sua simples comida era uma coisa nova.

Ele não sabia nada das decências do dia-a-dia das pessoas civilizadas. O Rato gostou de olhar para eles, e se viu tentando segurar sua xícara como Loristan, e se sentando e se movendo como Marco fazia, pegando seu pão ou manteiga, quando era segurado ao seu lado por Lázaro, como se fosse uma coisa simples ser servido. Marco fora servido assim por toda sua vida, e isso não o fazia se sentir desajeitado. O Rato sabia que seu próprio pai já vivera assim. Pensar nisso o fez franzir a testa.

Mas em poucos minutos Loristan começou a falar sobre a cópia do mapa de Samávia. Então O Rato esqueceu de todo o resto e não ficou mais embaraçado. Ele não sabia que Loristan o estava levando a explicar suas teorias sobre o país, sobre as pessoas e sobre a guerra. Ele se viu contando tudo que ouvira, ou secretamente ouvira, ou PENSARA quando ficava deitado acordado no seu sótão. Ele estudara muitas coisas de um modo nada parecido com o de um garoto. Sua mente estranhamente concentrada e super madura estivera cheia de esquemas militares os quais Loristan ouviu com curiosidade e também maravilhado. Ele se tornara extraordinariamente inteligente em um sentido porque fixara todas as suas capacidades mentais em uma coisa. Parecia muito improvável que um moleque sem instrução conhecesse tanto e raciocinasse tão claramente. Era no mínimo extraordinariamente interessante. Não houvera nenhuma briga, nenhum ataque, nenhuma batalha que ele não liderara e lutara em sua própria imaginação, e ele fizera grande número de esboços de planos táticos de tudo que fora ou deveria ser feito. Lázaro ouviu tão atenciosamente quanto seu mestre, e uma vez Marco viu-o trocar um olhar surpreso e rápido com Loristan. Foi em um momento quando O Rato estava traçando com seu dedo no pano um ataque que DEVIA ter sido feito mas não fora. E Marco soube imediatamente que o rápido trocar de olhares significava: "Ele está certo! Se fosse feito, haveria vitória ao invés de desastre!"

Foi uma refeição excelente, ainda que tivesse apenas pão e café. O Rato sabia que nunca seria capaz de esquecê-la.

Mais tarde, Loristan contou-lhe o que fizera na noite anterior. Ele falara com as autoridades da cidade e tudo fora feito conforme o governo de uma cidade providencia no caso de morte de uma pessoa pobre. Seu pai seria enterrado de maneira usual. — Nós vamos segui-lo. — disse Loristan no fim. — Você e eu e Marco e Lázaro.

A boca do Rato abriu-se. — Você... e Marco... e Lázaro! — ele exclamou, pasmado. — E eu! Por que deveria qualquer um de nós ir? Eu não quero ir. Ele não me seguiria se eu estivesse no lugar dele.

— Quando uma vida não se deu a nada, o fim dela é uma coisa muito solitária. — ele disse finalmente. — Se a vida esqueceu todo o respeito por si mesma, piedade é tudo o que sobra para alguém oferecer. Alguém ofereceria ALGUMA COISA para algo tão solitário. — Ele disse a última e breve sentença depois de uma pausa.

— Vamos. — disse Marco de repente; e pegou a mão do Rato.

O movimento do Rato foi repentino. Ele deslizou de suas muletas para uma cadeira, e sentou-se com seu olhar fixo no tapete gasto, não como se olhasse para ele, mas para alguma coisa muito longe. Depois de um tempo ele olhou para Loristan.

— Você sabe no que eu pensei, tudo de uma vez? Ele disse numa voz trêmula. — Pensei naquele "Príncipe Perdido". Ele só viveu uma vez. Talvez não tenha vivido muito tempo. Ninguém sabe. Mas faz quinhentos anos, e, só porque ele era do tipo que era, todos que se lembram dele pensam em alguma coisa boa. É engraçado, mas faz bem só ouvir seu nome. E se ele tem treinado reis para Samávia todos esses anos - eles podem ter sido pobres e ninguém deve saber sobre eles, mas eles têm sido REIS. Isso é o que ELE fez - mesmo tendo vivido poucos anos. Quando eu penso nele e então penso... no outro... tem uma tremenda diferença que... sim... desculpe-me. Pela primeira vez. Eu sou seu filho e não ligava para ele naquele tempo; mas vejo como ele era sozinho - eu quero ir.

Então foi quando o homem infeliz e abandonado foi carregado para o cemitério onde cargas sem nome da cidade eram dadas à terra, que um curioso cortejo fúnebre o seguiu. Lá havia dois homens altos e com aparência de soldados e dois meninos, um dos quais andava sobre muletas, e atrás deles estavam dez outros meninos que andavam de dois a dois. Esses dez eram um grupo misturado, vestido em farrapos; Mas tinham faces respeitosamente solenes, mantinham suas cabeças e ombros perfeitamente.

Era o Pelotão; mas eles deixaram seus "rifles" em casa.

## CAPÍTULO XI

### VENHA COMIGO

---

O Rato permaneceu silencioso por todo o caminho ao voltarem do cemitério. Ele estava pensando no que havia acontecido e no que ia acontecer com ele. Ele estava, na verdade, realmente pensando que não havia nada na sua frente – nada. Ele estava tão convicto disso que sua face perspicaz tinha novas linhas e uma perspicácia que a tornou aflita e dura.

Antes disso, ele apenas tinha um canto em um sótão vazio que tinha nada mais do que um telhado que gotejava em cima da sua cabeça – isso quando ele não fosse expulsado para a rua. Mas, se um policial lhe perguntasse onde morava, podia dizer que morava em Bone Court com seu pai. Agora não podia dizer isso.

Ele estava indo muito bem nas suas muletas, mas estava bem cansado quando eles chegaram à curva da rua que ia na direção do seu velho bairro. De qualquer forma, era um bairro que conhecia e a ele pertencia mais do que qualquer outro lugar. O Pelotão parou particularmente nessa curva porque era a rua onde estavam as casas deles. Eles pararam como um grupo e olharam para O Rato, e O Rato também parou. Ele rapidamente virou para o lado de Loristan, e com sua mão tocou a testa.

— Obrigado, senhor. — ele disse. — Alinhem-se e façam continência, rapazes! — E o Pelotão alinhou-se e levantaram suas mãos também. — Obrigado, senhor. Obrigado, Marco. Tchau.

— Aonde está indo? — Loristan perguntou.

— Ainda não tenho certeza — O Rato respondeu, mordendo seus lábios.

Ele e Loristan olharam um para o outro por alguns momentos em silêncio. Os dois estavam em pensamento profundo. Nos olhos do Rato estava um tipo de adoração arrebatada. Ele não sabia o que iria fazer quando esse homem virasse e andasse para longe dele. Seria como se o próprio sol houvesse caído do céu – e O Rato não havia considerado o que o sol significava antes.

Mas Loristan não virou e saiu. Ele olhou profundamente nos olhos do rapaz como se estivesse procurando alguma segurança. Então disse bem baixo: — Você sabe quão pobre eu sou.

— Eu... eu não me importo! — O Rato disse. — Você... Você é como um rei para mim. Se você me dissesse, ficaria de pé para ser baleado em pedaços.

— Sou tão pobre que não tenho certeza que posso te dar pão seco suficiente para comer - sempre. Marco e Lázaro e eu passamos fome várias vezes. Algumas vezes você talvez não tenha nada para dormir a não ser o chão. Mas eu posso achar um LUGAR para você se eu te levar comigo — Loristan disse. — Você sabe o que quero dizer com um LUGAR?

— Sim, eu sei — respondeu O Rato. — É o que nunca tive antes... senhor.

O que Rato sabia no momento era que significava um pedacinho de espaço no mundo onde poderia ter um certo direito de ficar, mesmo que fosse pobre e sem nada. O que perceberia depois era que Loristan quis dizer muito mais, muito mais do que só isso.

— Não estou acostumado com camas e com muita comida — ele disse. Mas nem ousava insistir muito mais nesse "lugar". Parecia bom demais para ser verdade.

Loristan pegou sua mão. — Venha comigo — ele disse. — Não o deixaremos. Creio que podemos confiar em você.

O Rato ficou muito branco com um tipo de angustia de alegria. Ele nunca se importava com ninguém em sua vida. Ele havia sido como um jovem Caim, sua mão estava contra todos e a mão de todos estava contra ele. E durante as últimas doze horas havia imergido num oceano tumultuoso de profunda apreciação do que realmente significava um menino ter um pai. O que Loristan dissera e fizera no dia anterior, o qual realmente fora as horas em que O Rato estivera com mais necessidade, depois daquela noite horrorosa - a maneira em que ele olhara para sua face e entendera tudo, a conversa na mesa quando ouvira seriamente, compreendendo e realmente respeitando seus planos e rascunhos de mapas; seu companheirismo calmo ao irem ao funeral juntos - essas coisas eram o suficiente para fazer com que o garoto tivesse um desejo ardente de ser qualquer tipo de servo ou escravo dele se para somente poder vê-lo e conversar com ele uma ou duas vezes ao dia.

O Pelotão mostrou um olhar de desânimo por um momento, e Loristan percebeu isso. — Estou levando seu capitão comigo — ele disse. — Mas ele voltará ao Quartel. Marco também.

— Você vai continuar com o jogo? — perguntou Cad como um ansioso orador. — Queremos continuar sendo "O Partido Secreto".

— Sim, continuarei. — O Rato disse. — Não desistirei tão cedo. Há muito nos jornais esses dias.

Então eles tranquilizaram-se e cada um foi no seu caminho e Loristan e Lázaro e Marco e O Rato foram no seu também

"Estranho", O Rato pensou ao andarem juntos, "estou um pouco com medo de falar algo a ele antes de ele falar comigo primeiro. Nunca me senti assim antes com ninguém."

Ele havia zombado de policiais e impudentemente pilheriado "grã-finos", mas sentia um certo respeito secreto por esse homem e, na verdade, gostava do sentimento. "É como se eu fosse um soldado raso e ele fosse um comandante supremo," ele pensou. "É isso mesmo".

Loristan conversou com ele ao irem. Ele era simples o suficiente nas suas afirmações da situação. Havia um sofá velho no quarto de Marco. Era estreito e duro, como a cama de Marco era, mas O Rato podia dormir nele. Iriam compartilhar a comida que tinham. Havia jornais e revistas para lerem. Havia papéis e lápis para desenharem mapas novos e planos de batalhas. Havia até um mapa velho de Samávia que era de Marco e que os dois poderiam estudar juntos como uma ajuda para seu jogo. Os olhos do Rato começaram a mostrar pontos de fogo.

— Se eu pudesse ler os jornais toda manhã, poderia lutar nas batalhas em papel à noite — ele disse quase ofegando com a incrível visão de esplendor. Seriam todos os reinos da terra dados a ele? Será que dormiria num lugar sem um pai cruel perto dele? Teria a oportunidade de se lavar e se sentar numa mesa onde ouviria pessoas dizerem "Obrigado," e "Desculpe-me," como se estivessem usando a maneira mais comum de conversarem? Seu próprio pai, antes de cair nas profundezas, havia vivido e falado dessa maneira.

— Quando eu tiver tempo, veremos quem consegue desenhar os melhores planos, — disse Loristan.

— Você quer dizer que você irá ver o meu... quando tiver tempo? — perguntou O Rato, hesitantemente. — Não estava esperando isso.

— Sim, — respondeu Loristan — olharei o seu e iremos conversar juntos sobre eles.

Ao continuarem, ele disse-lhe que ele e Marco podiam fazer muitas coisas juntos. Podiam ir a museus e galerias e Marco poderia mostra-lhe coisas com as quais ele mesmo já estava familiarizado.

— Meu pai disse que você não o deixaria voltar aos Quartéis quando você descobrisse — O Rato disse hesitantemente de novo e ficando quente porque lembrava tantos dias feios no passado. — Mas... mas prometo que não irei fazer-lhe nenhum mal, senhor. Não irei!

— Quando disse que acreditava que poderíamos confiar em você, quis dizer várias coisas — Loristan respondeu. — E uma delas era isso. Você é um recruta novo. Você e Marco estão debaixo de um oficial comandante. — Ele disse essas palavras porque sabia que iriam enchê-lo de felicidade e agitariam seu sangue.

## CAPÍTULO XII

### "APENAS DOIS MENINOS"

---

**A**s palavras realmente o alegraram, e seu sangue se agitava todas as vezes que elas voltavam à sua mente. Ele se lembrava delas durante os dias e noites que seguiram. De fato, algumas vezes acordava de seu profundo sono no sofá duro e estreito no quarto de Marco, e percebia que estava dizendo-as quase alto para si mesmo. A dureza do sofá não impedia seu descanso, o qual nunca tivera antes na vida. Em contraste com o passado que ele conhecera, esta existência pobre era conforto que beirava o luxo. Ele entrava na velha bacia de banho todas as manhãs, sentava-se à mesa limpa, e poderia olhar para Loristan e falar com ele, e ouvir sua voz. Seu maior problema era que mal conseguia tirar os olhos dele, e estava um pouco receoso que ele poderia ficar irritado. Mas não aguentava perder um olhar ou um movimento que ele fazia.

No fim do segundo dia, ele achou o caminho, com um pouco de dificuldade, para o pequeno quarto de fundo de Lázaro, na parte mais alta da casa. — Você me deixa entrar e conversar um pouco? — ele disse.

Quando entrou, foi obrigado a se sentar na caixa de madeira de Lázaro, porque não havia nada mais para ele. — Gostaria de perguntar para você. — ele foi direto ao assunto — Você acha que ele me nota olhando-o tanto? Não consigo parar... mas se ele detesta isso... bem... vou tentar e vou manter meus olhos na mesa.

— O Mestre está acostumado a ser observado. — Lázaro respondeu.— Mas seria bom perguntar a ele. Ele gosta de diálogo franco.

— Quero descobrir tudo de que ele gosta e tudo de que ele não gosta. — O Rato disse. — Eu quero... não há nada... nada que você me deixaria fazer para ele? Não importa o que seja. E ele não precisa saber que você não está fazendo. Sei que você não desejaria parar com nada em particular. Mas você o serve dia e noite. Não poderia deixar alguma coisa para mim?

Lázaro penetrou nele com seus olhos perspicazes. Ele não respondeu por algum tempo. — Ocasionalmente — ele disse asperamente enfim. — Vou permitir que você escove as botas dele. Mas não todo dia, talvez uma vez por semana.

— Quando vai me deixar escovar pela primeira vez? — O Rato perguntou.

Lázaro refletiu. Suas sobrancelhas felpudas desceram sobre seus olhos como se isso fosse uma questão de estado. — No próximo sábado. — ele consentiu. — Não antes. Eu direi a ele quando você escová-las.

— Não precisa — disse O Rato. — Não é que eu quero que ele saiba. Eu mesmo quero saber que estou fazendo alguma coisa para ele. Vou descobrir as coisas que posso fazer sem interferir com você. Vou pensar no que posso fazer.

— Qualquer coisa que alguém fizesse para ele estaria interferindo comigo — disse Lázaro.

Agora era a vez de O Rato refletir, e sua face contorceu-se com novas linhas e dobras. — Vou te falar antes de fazer qualquer coisa — ele disse, depois de pensar bem no assunto. — Você o serviu primeiro.

— Eu o tenho servido desde que ele nasceu — disse Lázaro.

— Ele é... ele é seu — disse O Rato, ainda pensando profundamente.

— Eu sou dele. — foi a rígida resposta. — Eu sou dele, e do jovem Mestre.

— É isso aí — O Rato disse. Então uma meia-risada aguda escapou dele — Eu nunca fui de ninguém — ele acrescentou.

Seus olhos perspicazes captaram um olhar passageiro na face de Lázaro. Um olhar diferente, perturbado e repentino. Estaria ele com pena? Talvez o olhar significasse alguma coisa assim.

— Se você ficar perto dele tempo suficiente - e não precisa ser muito - você será dele também. Todos são - os que realmente almejam ser.

O Rato levantou-se e ficou o mais ereto que pôde — Até que isso aconteça. — ele deixou escapar — Sou dele agora, do meu jeito. Eu era dele no minuto que olhou para mim com seus olhos profundos e convidativos. É como se eles pegassem e segurassem você e o fizessem ser dele, e você quer segui-lo. Eu vou seguir.

Naquela noite Lázaro contou para seu mestre a história da cena. Ele simplesmente repetiu palavra por palavra do que fora dito, e Loristan ouviu atenciosamente. — Ainda não tivemos tempo para aprender muito sobre ele — ele comentou — Mas é uma alma fiel, eu penso.

Alguns dias depois, Marco sentiu falta do Rato logo depois da hora do café. Ele saíra sem dizer nada para as pessoas da casa. Não retornou por várias horas, e quando voltou parecia cansado. À tarde ele adormeceu no sofá no quarto de Marco e dormiu

profundamente. Ninguém lhe fez perguntas, e também ele não deu explicações. No dia seguinte ele saiu novamente na mesma maneira misteriosa, e no outro, e no outro. Durante uma semana inteira ele saía e retornava com aquele olhar cansado; mas não explicou nada até que numa manhã, deitado no sofá antes de se levantar, ele disse para Marco:

— Estou praticando andar com minhas muletas. Não quero mais andar por aí como um rato. Quero ficar o mais parecido que eu puder com as outras pessoas. Cada manhã eu vou mais longe. Comecei com três quilômetros. Se eu praticar todo dia, minhas muletas serão como pernas.

— Posso andar com você? — perguntou Marco.

— Você não se importaria em andar com um aleijado?

— Não se chame disso — disse Marco. — Podemos conversar juntos, e tentaremos lembrar tudo que vemos enquanto andarmos.

— Quero aprender a lembrar das coisas. Gostaria de me treinar nisso também — O Rato respondeu. — Eu daria qualquer coisa para saber algumas das coisas que seu pai ensinou para você. Tenho uma boa memória. Lembro de muitas coisas que não quero me lembrar. Você vai nesta manhã?

Naquela manhã eles foram, e foi dito a Loristan a razão da caminhada. Mas embora ele soubesse uma razão, não sabia de tudo. Quando foi permitido a O Rato fazer seu "turno" de escovar as botas, ele contou mais para Lázaro.

— O que eu quero fazer — ele disse — não é só andar tão rápido quanto as outras pessoas, quero andar mais rápido. Acrobatas treinam-se para fazer qualquer coisa. Treinamento é a solução. Pode vir um tempo quando ele precisará de alguém para ir numa missão rapidamente, e eu vou estar pronto. Vou me treinar até que ele não precise mais pensar em mim como se fosse apenas um aleijado que não pode fazer as coisas e precisa de cuidados. Quero que ele saiba que sou realmente tão forte quanto Marco, e onde Marco pode ir eu posso.

"Ele" era o que ele sempre falava, e Lázaro sempre entendia sem explicação. — "O Mestre" é como você o chama — O Rato explicara no começo. — E eu não posso chamá-lo apenas de "Seu" Loristan. Soa como insolência. Se ele fosse chamado de "General" ou "Coronel" eu poderia tolerar - embora não seria exatamente o correto. Algum dia eu acharei um nome. Quando falo com ele, eu digo "Senhor".

As caminhadas eram feitas todo dia, e cada dia eram mais longas. Marco se achava silenciosamente olhando O Rato, maravilhado com sua determinação e perseverança. Ele sabia que não devia falar sobre o que não poderia deixar de ver ao andarem. Não devia contar-lhe que ele parecia cansado e pálido e algumas vezes desesperadamente fatigado. Ele herdara de seu pai um discernimento o qual vê o que a pessoa não gosta de ser lembrada. Ele sabia que por alguma razão sua, **O Rato determinara fazer isto,**

**fosse qual fosse o custo.** Algumas vezes sua face se tornava branca e exausta e ele respirava com dificuldade, mas nunca descansava mais que alguns minutos, e **nunca voltava ou encurtava uma caminhada que eles planejaram.**

— Diga-me alguma coisa sobre Samávia, alguma coisa para eu lembrar — ele dizia, quando estava com a pior aparência. — Quando começo a tentar lembrar, eu esqueço... outras coisas.

Então, enquanto andavam, eles conversavam, e O Rato ia pondo as coisas na memória. Ele era rápido nisso, e se tornava mais rápido a cada dia. Eles inventaram um jogo de lembrar as faces pelas quais passavam. Ambos decoravam-nas, e quando voltavam para casa Marco as desenhava. Eles foram aos museus e galerias e aprenderam coisas lá, fazendo de memória listas e descrições as quais à noite mostravam para Loristan, quando ele não estava ocupado de mais para falar com eles.

Ao passarem os dias, Marco viu que O Rato estava ganhando força. Isso o alegrava muito. Eles frequentemente iam ao Parque Hampstead<sup>6</sup> e andavam ao vento e ao sol. Lá O Rato fazia alguns exercícios estranhos os quais ele acreditava que desenvolveriam seus músculos. Ele começou a parecer menos cansado durante e depois de sua jornada. Havia até mesmo menos dobras em sua face, e seus olhos perspicazes pareciam menos ferozes. As conversas entre os dois meninos eram longas e interessantes. Marco logo percebeu que O Rato queria aprender, aprender, e aprender.

— Seu pai pode falar com você quase como se você tivesse vinte anos. — ele disse uma vez. — Ele sabe que você pode entender o que ele está dizendo. Se ele tivesse que falar comigo, teria sempre que lembrar que eu sou apenas um rato que vivera em valetas e nunca vira nada mais.

Eles estavam conversando no seu quarto, como quase sempre faziam antes de dormirem e o brilho da lâmpada da rua entrava no cômodo pequeno e vazio. Várias vezes sentavam-se abraçando os joelhos, Marco na sua cama pobre, O Rato no seu sofá duro, mas nenhum dos dois tomava consciência da pobreza e nem da dureza, porque para cada um o senso de companheirismo era uma coisa satisfatória que os dois nunca haviam experimentado. Nenhum dos dois jamais conversara intimamente com outro menino, e agora eles estavam juntos dia e noite. Eles revelaram seus pensamentos um para o outro; contaram um ao outro coisas que nem mesmo pensaram em contar a alguém. De fato, eles descobriram sobre si mesmos, ao conversarem, coisas que nunca realmente souberam antes. Marco descobrira gradualmente que a admiração do Rato por seu pai era um sentimento apaixonado e

---

<sup>6</sup> Hampstead, que foi primeiro mencionado em relatos históricos em d.C 974, é um parque público com morros cobertos de grama, várias lagoas, bosques antigos, e trilhas de caminhadas. Este parque até hoje é um lugar favorito para os Londrinos respirarem um ar fresco e exercitarem.

interessante que o dominava totalmente. Ele evidentemente pensava nele a todo o momento. Então quando ele falava que Loristan sabia que ele era apenas um rato da valeta, Marco sentiu-se afortunado por lembrar-se de alguma coisa que pudesse falar.

— Meu pai disse ontem que você tem um grande cérebro e uma vontade forte. — ele respondeu de sua cama. — Ele disse que você tem uma memória maravilhosa que só precisa ser exercitada. Ele disse isso depois de olhar a lista que você fez das coisas que vira na Torre.

O Rato moveu-se em seu sofá e abraçou seus joelhos ainda mais forte. — Mesmo? Foi isso que disse? — ele falou.

Ele descansou o queixo nos joelhos por alguns minutos e olhou fixamente para frente. Então se virou para a cama. — Marco, — ele disse, numa voz um tanto rouca e um tanto forçada. — você está com ciúme?

— Ciúme? — disse Marco. — por quê?

— Quero dizer, você alguma vez já ficou enciumado? Você sabe como é isso?

— Acho que não sei. — respondeu Marco, um pouco pensativo.

— Você já ficou com ciúme do Lázaro porque ele está sempre com seu pai... porque ele está mais com seu pai do que você - e sabe sobre o trabalho dele - e pode fazer coisas para ele que você não pode? Quero dizer, você tem ciúme por... por seu pai?

Marco soltou os braços dos joelhos e deitou-se no seu travesseiro. — Não, não tenho. Quanto mais pessoas amam e servem ele, melhor. — ele disse. — A única coisa com a qual eu me importo é... é ele. Eu só me importo com ELE. E Lázaro também. Você não?

O Rato estava muito agitado internamente. Ele estivera pensando muito nisso. O pensamento algumas vezes o apavorara. Ele poderia esclarecer tudo agora se conseguisse. Se pudesse chegar à verdade, tudo seria mais fácil. Mas será que Marco realmente contaria a ele?

— Você não se importa? — ele disse, ainda rouco e ansioso — Você não se importa com o quanto eu me interesso por ele? Isso poderia fazer você se sentir irado? Isso poderia fazer você pensar que eu não sou nada a não ser... o que eu sou mesmo... e que é uma audácia minha meter meu nariz e me prender a um cavaleiro que me pegou apenas por caridade? Aqui está a verdade viva: — ele finalizou em uma explosão — se eu fosse você e você fosse eu, isso é o que eu estaria pensando. Sei que estaria. Eu não poderia evitar. Eu veria cada coisa ruim que existisse em você, nas suas maneiras, na sua voz e na sua aparência. Eu não veria nada além do contraste entre você e eu e entre você e ele. Eu ficaria tão enciumado que eu simplesmente ficaria irado. Eu ODIARIA você, e o DESPREZARIA!

Ele se expressara com tal sentimento de paixão que fez Marco pensar que o que estava ouvindo significava emoções estranhas e fortes tais que ele mesmo nunca experimentara. O Rato estivera pensando muito sobre tudo isso em segredo por algum tempo, isso era evidente. Marco deitou-se imóvel por alguns minutos e pensou bem no assunto. Então ele achou algo para falar, assim como achara antes.

— Você faria isso, se estivesse com outras pessoas que pensassem da mesma forma — ele disse — e se você não tivesse descoberto que é um erro pensar desse modo, isso é até mesmo estúpido. Mas, veja, se você fosse Marco, você teria morado com meu pai, e ele teria contado a você o que ele sabe - o que ele tem descoberto por toda sua vida.

— O que ele descobriu?

— Oh! — Marco respondeu, despreocupadamente. — Apenas que você não deve espalhar pensamentos ruins pelo mundo, assim como você não deve soltar animais selvagens com raiva. Eles sempre acabam se virando contra você e cortando *you* em pedaços antes de estarem terminados.

— O que você quer dizer? O Rato falou ofegante.

— É assim. — disse Marco, deitando-se calmamente no seu travesseiro duro e olhando para o reflexo da lâmpada da rua no teto. — Naquele dia que eu entrei no seu Quartel, sem saber que você poderia pensar que eu estava espiando, isso fez você se sentir irado, e você jogou aquela pedra em mim. Se isso tivesse feito eu me sentir irado e eu tivesse avançado para brigar, o que teria acontecido com todos nós?

O espírito de general do Rato deu a resposta. — Eu teria chamado o Pelotão para avançar com baionetas fixas. Eles teriam quase matado você. Você é um jovem forte, e teria ferido muitos deles. Uma nota de terror rompeu em sua voz. — Que tolo eu teria sido! — ele exclamou. — Eu nunca teria vindo aqui! — Eu nunca teria conhecido ELE! — Mesmo com a luz da lâmpada da rua Marco podia vê-lo começar a parecer quase doente de desgosto.

— O Pelotão poderia facilmente ter quase me matado. — Marco acrescentou. — Eles poderiam ter me matado, se quisessem fazer isso. E quem poderia tirar algum bem disso? Teria sido apenas uma briga de moleques de rua - com a polícia e prisão no fim.

— Mas por você ter vivido com ele, — O Rato ponderou — você entrou como se não se importasse, e apenas perguntou por que a gente fez aquilo, e pareceu mais forte do que qualquer um de nós - e diferente - diferente. Fiquei imaginando qual era o problema com você; você foi calmo e firme. Eu sei agora. **Era porque você foi como ele. Ele ensinou você.** Ele sabe tudo.

— Ele sabe de muitas coisas melhor do que as outras pessoas pensam que sabem — Marco disse. — Ele diz que não são coisas estranhas ou anormais. São apenas

simples leis da natureza. Você precisa estar de um lado ou de outro, como um exército. Você escolhe seu lado. Você constrói ou destrói. **Ou você se mantém na luz onde pode ver, ou fica no escuro e luta contra qualquer coisa que se aproximar de você, porque não pode ver e pensa que é um inimigo.** Não, você não teria ficado com ciúme se fosse eu e eu fosse você.

— E você NÃO está? — A vós penetrante estava quase surda. — Você promete que não está?

— Não estou. — disse Marco.

O excitação do Rato aumentou uma sombra enquanto despejava sua confissão. — Eu estava com medo. — ele disse. — Estive com medo todos os dias desde que vim aqui. Vou ser bem sincero com você. Pareceu muito natural que você e Lázaro não me tolerariam, assim como eu não toleraria você. Pareceu muito natural que vocês trabalhariam juntos para me jogar para fora. Eu sei como eu teria feito. Marco... eu disse que seria sincero... estou com ciúme de você. Com ciúme de Lázaro. Fico cheio de inveja quando vejo que vocês dois sabem tudo sobre ele, e estão preparados e prontos para fazer qualquer coisa que ele quer que seja feita. Eu não estou pronto e não estou preparado.

— Você faria qualquer coisa que ele quisesse, estando preparado e pronto ou não. — disse Marco. — Ele sabe disso.

— Ele sabe? — Você acha que ele sabe? — Exclamou O Rato. — Gostaria que ele me testasse. Eu gostaria.

Marco virou-se em sua cama e ergueu-se com o cotovelo no travesseiro de modo que encarou O Rato em seu sofá. — Vamos ESPERAR. — ele disse num cochicho. — Vamos ESPERAR.

Houve uma pausa, e então O Rato cochichou também. — Esperar para o que?

— Quando ele achar que nós dois estamos preparados para sermos testados. Você não vê como seríamos tolos se gastássemos nosso tempo sendo ciumentos, qualquer um de nós dois? Somos apenas dois meninos. Suponha que ele visse que somos apenas dois tolos ignorantes. Quando estiver com ciúme de mim ou de Lázaro, apenas vá e sente-se num lugar tranquilo e pense NELE. Não pense sobre si mesmo ou sobre nós. Ele é tão calmo que pensar sobre ele faz você mesmo ficar calmo. Quando as coisas vão mal ou quando estou sozinho, ele me ensinou a me sentar e me fazer pensar em coisas como... pinturas, livros, monumentos, lugares esplendidos. Isso põe as outras coisas para fora e faz sua mente funcionar corretamente. **Ele não sabe que eu quase sempre penso nele. Ele mesmo é o melhor pensamento.** Tente. Você não precisa ser ciumento. Você apenas PENSA que precisa. Você pode escolher não ser ciumento. Vai descobrir se sempre parar a tempo. Qualquer um pode ser um tolo se permitir, mas pode sempre parar se decidir. Não sou ciumento. Você deve

deixar esse pensamento para lá. Você mesmo não precisa ser ciumento. **Chute esse pensamento para a rua.**

O Rato prendeu a respiração e levou os braços até os olhos. — Ah! — ele disse — Se eu tivesse vivido perto dele sempre como você. Se eu pelo menos tivesse.

— **Nós dois estamos vivendo perto dele agora.** — disse Marco. — E aqui está uma coisa para pensar: — disse inclinando-se mais para frente em seus cotovelos — os reis que estiveram sendo preparados para Samávia esperaram todos esses anos; **NÓS podemos nos preparar e esperar para que, se precisarem de apenas dois meninos para alguma coisa – apenas dois meninos – nós poderemos dar um passo à frente da linha quando vier o chamado e dizer "Aqui!"** Agora vamos nos deitar e pensar sobre isso até adormecermos.

## CAPÍTULO XIII

# LORISTAN COMPARECE A UMA MANOBRA E MARCO CONHECE UMA SAMAVIANA

---

**O** Pelotão não foi esquecido. Percebeu-se que até o próprio Loristan consideraria isso uma negligência, como uma violação de tarefas militares. — Você deve lembrar dos seus homens — ele disse dois ou três dias depois que O Rato tornou-se membro da família. — Você deve continuar suas manobras. Marco me diz que foram inteligentes. Não os deixe ficar destreinados.

"Seus homens!" O Rato sentiu algo que não conseguia descrever em palavras.

Ele sabia que ele e o Pelotão trabalharam muito em buracos escondidos e cantos. Somente era possível trabalharem e existirem em buracos escondidos e cantos por causa dos protestos do mundo em que viviam e a vigilância de policiais. Eles haviam tentado vários outros refúgios antes de acharem o Quartel. Todos ressentiam a existência da tropa de moleques barulhentos. Mas de alguma maneira esse homem sabia que algo mais do que mera brincadeira barulhenta evoluíra disso e que ele, O Rato, EXIGIA ordem e disciplina.

"Seus homens!" Isso fez o Rato sentir como se usasse uma medalha de honra. Ele tinha um cérebro inteligente para perceber muitas coisas e sabia que era nessa maneira que Loristan estava achando um "lugar" para ele. E sabia como.

Quando eles chegaram ao Quartel, o Pelotão os cumprimentou com tumultuosas boas-vindas que expressavam uma sensação de alívio. Os membros haviam secretamente se enchido de medo e conversavam juntos em profunda tristeza. Eles chegaram à conclusão que o pai de Marco era grã-fino demais para deixar os dois voltarem depois que viu do que o Pelotão era formado. Talvez esteja pobre somente agora, ricos às vezes perdiam seu dinheiro por um tempo, mas você podia ver o que ele era e pais como ele nunca deixavam seus filhos fazerem amigos com "pessoas como nós". Ele pararia as manobras e o jogo da "Sociedade Secreta". Isso é o que faria! Mas O Rato veio rapidamente com suas muletas parecendo que fora feito um

general e Marco com ele; e as manobras que o Pelotão fez eram mais exatas e perfeitas do que qualquer outra manobra que haviam feito.

— Gostaria que meu pai pudesse ver isso... — Marco disse para O Rato. O Rato ficou vermelho, branco e depois vermelho de novo, mas não disse nada. Só pensar nisso era como se um clarão de fogo passasse por ele. Mas ninguém poderia esperar por algo tão grandioso como isso. O Partido Secreto, na sua caverna subterrânea, cercada por pilhas de armas, sentou-se para ler os jornais da manhã.

As notícias da guerra foram tristes de ler. Os Maranovitch seguravam o dia no momento, e enquanto sofriam e faziam crueldades na capital, os Iarovitch sofriam e faziam crueldades nos campos fora da capital. Tão violentos e escuros eram os relatos que a Europa inteira estava espantada.

O Rato dobrou o jornal ao terminar de ler e sentou-se mordendo suas unhas. Feito isso por alguns minutos, começou a falar no dramático e baixo cochicho do Partido Secreto.

— A hora chegou — disse aos seus seguidores. — Os mensageiros devem ir adiante. Eles não sabem por que devem ir, só sabem que devem obedecer. Se fossem pegos e torturados, não poderiam trair ninguém em nada porque não sabem de nada a não ser que, em certos lugares, precisam dizer algumas palavras. Não carregam papéis. Precisam decorar todas as ordens. Quando o sinal for dado, o Partido Secreto saberá o que fazer - onde reunir-se e onde atacar.

Ele desenhou seus planos de batalha no pavimento e fez um esboço de uma rota imaginária que os dois mensageiros deveriam seguir. Mas seu conhecimento do mapa da Europa não era muito bom, então virou-se para Marco. — Você conhece mais sobre geografia do que eu. Você sabe mais do que eu sobre tudo — ele disse. — Só sei que a Itália está embaixo e a Rússia está de um lado e a Inglaterra do outro. Como os Mensageiros Secretos poderiam ir até Samávia? Você poderia desenhar os países por onde precisariam passar?

Já que qualquer menino que conhecesse o mapa da Europa poderia fazer a mesma coisa, Marco desenhou. Ele também sabia as estações de trem que os Dois Secretos chegariam e partiriam quando entrassem numa cidade, sabia as ruas que iriam andar e os próprios uniformes que iriam ver; mas dessas coisas nada falou. A realidade que seu conhecimento deu para o jogo era, entretanto, algo sensacional. Ele gostaria de poder ter a liberdade de explicar para O Rato as coisas que sabia e juntos poderiam resolver tantos detalhes da viagem e da possível aventura que seria quase como se realmente comessem sua viagem.

De qualquer forma, o mero esboço da rota inspirou no Rato sua imaginação. Ele continuou a história de aventura enchendo-a com significado misterioso e numa maneira que fez o Pelotão algumas vezes ofegar. Na sua entusiasmada versão, os Dois

Secretos entravam em cidades de madrugada e cantavam e mendigavam em portões de palácios onde reis que saíam paravam para escutá-los e lhes era dado o Sinal.

— Nem sempre serão reis, — ele disse — às vezes serão as pessoas mais pobres. Talvez Os Secretos estejam disfarçados e pareçam com mendigos iguais a nós mesmos. Um grande nobre talvez esteja vestindo roupas pobres e fazendo de conta que é simplesmente um trabalhador e só poderemos reconhecê-lo pelos sinais que decoramos. Quando formos enviados para Samávia, seremos obrigados a rastejar por alguma parte escondida do país onde nenhuma luta estará acontecendo e onde ninguém começaria a atacar. Os generais deles não são espertos o suficiente para proteger as regiões que são ligadas a países amigáveis e não têm tropas o suficiente. Dois meninos poderiam achar seu caminho para dentro se pensassem bem.

Essa ideia tomou conta dele de tal forma que começou a pensar no caminho naquele instante. Ele desenhou um esboço do mapa de Samávia no pavimento com seu giz. — Olhe aqui. — disse para Marco, que enchia o Pelotão com felicidade e estava inclinado entre o círculo fechado de cabeças. — Beltrazo está aqui e Carnolitz aqui - e aqui está a Jiardásia. Beltrazo e Jiardásia são amigáveis, mas ainda não escolheram de que lado estão. Toda a briga que está acontecendo no país é perto de Melzarr. Não há razão alguma para esses países impedirem viajantes sozinhos de entrar pelas fronteiras de países amigáveis. Eles não estão lutando com países de fora, estão lutando entre si mesmos. — Ele parou por um momento e pensou.

— O artigo naquele jornal disse algo sobre uma grande floresta na fronteira oriental. Está localizada aqui. Poderíamos ir perambulando pela floresta e ficar lá até planejarmos tudo que queríamos fazer. Até as pessoas que nos vissem se esqueceriam de nós. Precisamos fazer com que as pessoas sintam como se nós não fossemos nada - absolutamente nada.

Todos estavam muito envolvidos, aglomerados todos juntos, inclinando-se para frente, esticando seus pescoços e respirando rapidamente com entusiasmo, quando de repente Marco levantou sua cabeça. Algum conhecimento no seu interior fez com que parasse. — Olhe lá meu pai! — ele disse.

O giz caiu, tudo caiu, até a própria Samávia. O Rato estava em pé nas suas muletas antes que soubesse o que estava fazendo. Como ele deu a ordem, ou se realmente deu, ninguém sabe. Mas o Pelotão fez continência.

Loristan estava de pé na entrada da arcada como Marco havia ficado naquele primeiro dia. Ele levantou sua mão direita e fez continência em reconhecimento e veio para frente.

— Estava passando no final dessa rua quando lembrei que o Quartel era aqui — ele explicou. — Pensei que gostaria de ver seus homens, Capitão.

Ele sorriu, mas não foi um sorriso que fez de suas palavras realmente uma brincadeira. Ele olhou para baixo para o mapa desenhado com giz no pavimento. — Você conhece bem esse mapa — disse. — Até eu posso ver que é de Samávia. — O que o Partido Secreto está fazendo?

— Os mensageiros estão tentando achar uma maneira de entrar — Marco respondeu.

— Nós podemos entrar por ali — disse O Rato apontando com suas muletas. — Existe uma floresta lá onde podemos nos esconder e descobrir coisas.

— Fazer reconhecimento da área — Loristan disse, olhando para baixo. — Sim. Dois meninos perambulantes estariam muito seguros numa floresta. É um bom jogo.

Quão incrível era que ele iria vê-los! Que iria, na sua própria maravilhosa maneira, dar a eles algo como isso. Que iria até se interessar em olhar o Quartel, era nessas coisas que O Rato estava pensando. Eles eram nada mais do que um lote de maltrapilhos e Loristan estava de pé olhando-os com um lindo sorriso. Era algo nele que o fazia parecer esplêndido. O coração do Rato batia fortemente com uma alegria surpreendente.

— Pai, — Marco disse — você pode olhar O Rato nos manobrar? Eu quero que você veja como é bem feito.

— Capitão, você me concederá essa honra? — Loristan disse isso para O Rato e até essas palavras falou na entonação certa, não era sarcástico nem muito sério. Foi por ser naquele tom tão certo que o pulso do Rato batia com exultação. Loristan olhara seus mapas e conversara sobre os planos do Rato e agora viera ver o trabalho dele: seus soldados! O Rato começou suas manobras como se estivesse passando em revista um exército.

O que Loristan viu foi maravilhoso na sua exatidão mecânica.

O Pelotão se movimentava como peças precisas de uma máquina perfeita. O fato de que conseguiam realizar isso com tanta precisão em um espaço tão pequeno era um extraordinário atestado para a eficiência militar e para as qualidades curiosas desse oficial corcunda e sem instrução.

— Isso é magnífico! — o espectador disse quando terminou. — Não poderia ser melhor. Permita-me parabenizá-los.

Ele apertou a mão do Rato como se ele fosse um homem e, depois de apertá-la, colocou suas mãos gentilmente no ombro do menino e deixou lá ao conversar um pouco com todos.

Ele manteve sua conversa dentro do tópico do jogo e sua clara compreensão do jogo o deixou com mais gosto e até o membro mais aborrecido se encheu de alegria. Algumas vezes você não entende as intenções dos "ricos" quando dão um golpe de ser

amigáveis, mas com certeza você conseguia entendê-lo e ele incendiava seu espírito. Ele também não fazia gracinhas com você como se um menino precisasse ficar sorrindo. Depois de alguns minutos, foi embora. Então eles se sentaram de novo no seu círculo e conversaram sobre ele porque não podiam conversar nem pensar em outra coisa. Eles fixaram seus olhares em Marco furtivamente como se fosse uma criatura de outro mundo por ter vivido com esse homem. Eles ficavam olhando para O Rato também numa maneira nova. Aquela maravilhosa mão havia descansado no seu ombro e foi lhe falado que fizera um trabalho magnífico.

— Quando você disse que gostaria que seu pai visse nossas manobras — O Rato disse — você tirou meu fôlego. Eu mesmo nunca tive a ousadia de pensar nisso - e nunca deixaria você perguntar-lhe mesmo se quisesse. E ele mesmo veio! Isso tudo me deixou sem palavras.

— Se ele veio — Marco disse — era porque ele queria ver.

Quando terminaram de conversar estava na hora de Marco e O Rato irem. Loristan havia dado ao Rato uma missão. A certa hora ele deveria se apresentar numa certa loja e receber um pacote.

— Deixe fazer sozinho — Loristan disse para Marco. — Ele ficará mais contente. Seu desejo é sentir que podemos confiar nele para fazer coisas sozinho.

Então eles se separaram numa esquina, Marco foi de volta para Philibert Place N°7, e o Rato para cumprir sua missão. Marco virou numa das melhores ruas, na qual costumava passar no seu caminho de volta para casa. Não era um quarteirão moderno, mas havia casas respeitáveis nas quais se podia ver aqui e acolá placas bonitas com a palavra "Apartamentos" nas janelas, o que significava que o dono da casa alugava a sala de estar ou de visita para inquilinos.

Ao andar na rua Marco viu alguém sair da porta de uma das casas e andar rapidamente na calçada. Era uma mulher idosa, bem vestida, com um chapéu que aparentava ser de Paris ou de Viena. Ela estava sorrindo com um ar de estrangeiro e foi isso, na verdade, que vez Marco percebê-la. Ele ficou imaginando qual era a nacionalidade dela. Ele pensou que talvez ela fosse Espanhola ou Italiana.

Ele estava tentando imaginar de qual dos dois países ela vinha enquanto ela se aproximava dele, mas de repente ela parou de sorrir quando seu pé pareceu se torcer numa brecha do pavimento e ela perdeu seu equilíbrio, e teria caído se Marco não pulasse para frente e a pegasse.

Ela era leve e frágil e ele era um menino forte e conseguiu segurá-la. Uma expressão de agonia dolorosa e momentânea atravessou a face dela.

— Espero que não esteja machucada — Marco disse.

Ela mordeu seus lábios e agarrou o ombro dele firmemente com suas mãos tremulas. — Torci meu tornozelo — ela disse. — Tenho receio que torci gravemente. Obrigado por me salvar. Eu teria caído feio.

Os olhos cinzas e penetrantes dela aparentavam serem dóceis e gratos. Ela tentou sorrir, mas estava com tanta angústia ao tentar que Marco temeu que ela se machucara muito. — Você consegue se apoiar no seu pé? — ele perguntou.

— Eu posso um pouco agora. — ela disse — Mas talvez não conseguirei em alguns minutos. Devo voltar para casa enquanto ainda posso pisar no chão. Desculpe-me. Acho que vou ter que pedir para você vir comigo. Ainda bem que é bem pertinho.

— Sim — Marco respondeu. — Vi você saindo da casa. Se você segurar no meu ombro, posso rapidamente levar você para casa. Estou contente em fazer isso. Podemos tentar agora? Fosse ela Espanhola ou Italiana era fácil imaginar que era uma pessoa que nem sempre morara em Londres, nem mesmo em casas ricas.

— Se quiser — ela respondeu. — É muito gentil da sua parte. Vejo que você é forte. Mas estou contente que só tenho alguns passos para andar.

Ela apoiou-se nos ombros dele como também no guarda-chuva em sua mão mas era óbvio que cada movimento dava-lhe uma dor tremenda. Ela mordeu os lábios com seus dentes e Marco pensou que ficara branca. Ele não aguentava ver o sofrimento na face dela.

— Sinto muito! — ele disse ao ajudá-la. A voz de menino havia um tom maravilhosamente simpático como o de Loristan. A mulher idosa também notou isso, e percebeu o quão diferente era da maioria das vozes de meninos.

— Eu tenho as chaves — ela disse, quando estavam nas escadas.

Ela achou as chaves na sua bolsa e abriu a porta. Marco ajudou-a a chegar à entrada da casa. Ela imediatamente sentou-se numa cadeira que estava ao lado de um cabide. Este lugar era bem simples e velho por dentro.

— Devo tocar a campainha para chamar alguém? Marco inquiriu.

— Pior é que as empregadas foram embora. — ela respondeu. — Hoje estão de folga. Você poderia fechar a porta? Serei obrigada a pedir sua ajuda para me ajudar a entrar dentro da sala de estar no final do corredor. Conseguirei achar tudo que precisar - se você gentilmente me der algumas coisas. Alguém deve voltar logo - talvez um dos inquilinos - e mesmo se estiver sozinha por uma hora ou mais, não terá problema.

— Talvez eu possa procurar a proprietária da casa — Marco sugeriu. A mulher idosa sorriu.

— Ela foi para o casamento de sua irmã. Por isso eu estava querendo gastar o dia fora também. Estava fazendo planos para sua volta. Como você é gente boa!

Realmente estarei confortável logo. Consigo ir para minha poltrona na sala de estar já que descansei um pouco.

Marco ajudou-a a se levantar, e sua agonia e involuntária exclamação de dor o fez estremecer por dentro. Talvez torcera o pé mais do que imaginava.

Era uma casa construída no estilo das casas do começo da Inglaterra Vitoriana. Um vestíbulo dava acesso a uma sala de jantar à direita e depois de passar por uma escada estava outro "vestíbulo traseiro" onde havia uma escadaria descendo para uma cozinha no porão e uma sala de estar que olhava para um pátio obscuro e pavimentado fechado por muros altos. A própria sala de estar era meio obscura, mas havia algumas coisas luxuosas entre os móveis comuns. Também havia uma poltrona com uma mesa pequena próximo dela e na mesa estavam uma lâmpada prateada e bugigangas elegantes. Marco ajudou-a a sentar-se na poltrona e pôs uma almofada do sofá debaixo de seus pés. Ele fez isso gentilmente e, quando terminou, levantou-se e viu que os olhos penetrantes e cinzas dela estavam olhando-o curiosamente.

— Devo ir agora — ele disse — mas não me sinto bem em deixá-la sozinha. Devo chamar um médico?

— Como você é amável! — ela disse. — Mas não preciso de um médico. Sei exatamente o que fazer com um tornozelo torcido. E talvez nem torci. Vou tirar meu sapato para ver.

— Não — ela disse quando levantou — Não torci meu tornozelo. Agora que tirei meu sapato e meu pé está descansando na almofada, está muito mais confortável, muito mais. Obrigada, obrigada. Se você não tivesse passando talvez fosse uma queda séria.

— Estou feliz que pude ajudar você — Marco respondeu com um ar de alívio. — Devo ir agora se você achar que vai ficar bem.

— Não vá tão cedo — ela disse esticando a mão. Gostaria de conhecê-lo melhor, se puder. Estou tão grata. Gostaria de conversar com você. Você tem tantos costumes gentis para um menino — ela terminou com uma risada amigável — e creio que sei onde os pegou.

— Isso é bem gentil da sua parte — Marco respondeu, imaginando se não se avermelhara um pouco. — Mas eu devo ir porque meu pai vai...

— Seu pai deixaria você ficar e conversar comigo — ela disse ainda mais carinhosamente do que a última vez. — E foi dele que você herdou seu modo cortês. Ele era um amigo meu. Espero que ainda seja, embora talvez tenha se esquecido de mim.

Tudo que Marco aprendera e tudo que treinara a si mesmo para lembrar-se rapidamente voltou para sua mente porque ele tinha uma mente rápida e clara, e não vivera como um menino comum. Aqui estava uma velha mulher de quem não

conhecia nada mais a não ser que torcera seu pé na rua e ele a ajudara a voltar para sua casa. Se silêncio ainda é a ordem, não era para ele saber coisas ou fazer perguntas e nem reponde-las. Mesmo se fosse verdade que a mulher idosa era a mais gentil do mundo e a melhor amiga do seu pai, a melhor maneira que ele poderia servir os dois era obedecendo as ordens do amigo dela com cortesia, não esquecendo nenhuma instrução dele.

— Eu acho que meu pai não se esquece de ninguém — ele respondeu.

— Não, disso tenho certeza — ela disse gentilmente. — Ele foi para a Samávia nos últimos três anos?

Marco parou por um momento. — Talvez eu não seja o menino que você pensa que sou — ele disse. — Meu pai nunca esteve em Samávia.

— É mesmo? Mas... você é Marco Loristan?

— Sim. Esse é meu nome.

De repente ela inclinou-se para frente e seus olhos cinzas encheram-se de fogo. — Então você é um samaviano, e você sabe dos desastres que nos oprimem. Você sabe de todas as coisas terríveis e cruéis que estão acontecendo. O filho de seu pai deve saber disso tudo!

— Todo mundo sabe — Marco disse.

— Mas é seu país – seu próprio país! Seu sangue deve queimar nas suas veias!

Marco não se mexeu e olhou para ela. Seus olhos disseram se seu sangue queimava ou não, mas não disse nada. Seu olhar era resposta suficiente, já que não queria falar nada.

— O que seu pai pensa? Eu sou uma samaviana, e penso noite e dia. O que ele pensa do boato sobre o descendente do Príncipe Perdido? Ele acredita nele?

Marco estava pensando rapidamente. A face idosa dela estava cheia de emoção e sua voz gentil tremia. Que ela fosse uma samaviana e amasse Samávia e derramasse seu sentimento até para um menino, era muito comovente para ele. Mas seja quanto for que alguém fosse comovido, deveria lembrar que silêncio ainda é a ordem. **Quando se é bem jovem, deve-se lembrar das ordens primeiro.**

— Talvez seja somente uma história de jornal — ele disse. — Ele diz que pessoas não podem confiar em coisas assim. Se você o conhece, saberá que é bem calmo.

— Ele tem lhe ensinado a ser calmo também? — ela disse pateticamente. — Você é somente um menino. Meninos não são calmos. Nem mulheres quando seus corações estão quebrados. Oh, minha Samávia! Oh, meu pobre pequeno país! Meu país corajoso e torturado! — e com um repentino soluço ela cobriu seu rosto com as mãos.

Marco sentiu um grande nó na garganta. Meninos não gostam de chorar, mas ele sabia o que ela queria dizer quando falou que seu coração estava quebrado.

Quando ela levantou sua cabeça de novo, as lágrimas nos olhos os faziam mais gentis. — Se eu fosse um milhão de samavianos em vez de uma única mulher, saberia o que fazer! — ela exclamou. — Se seu pai fosse um milhão de samavianos, ele saberia o que fazer também. Ele acharia o descendente de Ivor, se estiver na terra, e acabaria com todo esse terror!

— Quem não acabaria com isso se pudesse? — Marco exclamou quase furiosamente.

— Mas homens como seu pai, homens que são samavianos, devem pensar noite e dia sobre isso como eu e você — ela insistiu impetuosamente. — Você vê como nem consigo me controlar e falo meus pensamentos para um menino - porque ele é um samaviano. Só samavianos se importam. Samávia é muito pequena e insignificante para outras pessoas. Eles não parecem saber que o sangue que ela derrama é de veias e corações de humanos. Homens como seu pai devem pensar, planejar e sentir que eles devem - devem achar um meio. Até uma mulher sente. Até um menino deve. Stefan Loristan não pode estar sentado quieto na sua casa, sabendo que corações samavianos estão sendo baleados e sangue samaviano está sendo derramado. Ele não pode ficar pensando e não dizer NADA!

Marco foi surpreendido, mesmo sendo como era. Ele sentiu como se seu pai fosse batido no rosto. Como ela ousava falar essas palavras! Grande como ele era, de repente ficou maior, e a velha mulher viu isso.

— Ele é meu pai — ele falou pausadamente.

Ela era uma pessoa velha esperta e percebeu o grande erro que cometera. — Por favor, perdoe-me — ela exclamou. — Eu usei as palavras erradas porque estava agitada. Você deve ver que o que eu queria dizer era que sabia que seu pai estava dando o seu coração e força inteira, seu ser inteiro para Samávia mesmo que deva ficar em Londres.

Ela se surpreendeu e virou sua cabeça para ouvir o barulho de alguém usando as chaves para abrir a porta da frente. A pessoa entrou com um passo pesado de um homem. — É um dos inquilinos — ela disse. — Acho que é o que mora na sala de estar do terceiro andar.

— Então não estará só quando eu for. — disse Marco. — Estou feliz que alguém veio. Então direi bom dia. Posso falar para meu pai o seu nome?

— Diga-me que não está irado comigo por eu ter me expressado tão desajeitadamente — ela disse.

— Você não quis dizer aquilo. Eu sei disso. — Marco respondeu como menino. — Você não quis.

— Não, não quis — ela repetiu com a mesma ênfase nas palavras.

Ela retirou seu cartão de um estojo prateado na mesa e deu para ele. — Seu pai irá se lembrar do meu nome — ela disse. — Espero que ele deixe eu vê-lo e falar-lhe sobre como você cuidou de mim.

Ela apertou as mãos dele calorosamente e depois o deixou ir. Mas assim que ele chegou na porta ela falou de novo. — Ah, posso pedir para você fazer mais uma coisa antes de me deixar? — ela disse de repente. — Espero que não se importe. Você poderia subir rapidamente a escada para a sala de visitas e me trazer um livro roxo que está na mesa pequena? Não me sentirei só se tiver algo para ler.

— Um livro roxo? Numa mesa pequena? — disse Marco.

— Entre as duas janelas longas — ela sorriu de volta para ele.

A sala de visitas nesses tipos de casas sempre é alcançada depois de alguns degraus e Marco subiu levemente.

## CAPÍTULO XIV

### MARCO NÃO RESPONDE

---

**E**nquanto Marco começava a subir a escada, a mulher idosa levantou-se de seu assento na sala dos fundos e andou até a sala de jantar na frente. Um homem forte, de barba escura, estava em pé, como se esperasse por ela.

— Não pude fazer nada com ele — ela disse imediatamente, com sua voz suave, falando gentilmente, como se o que dissera fosse a coisa mais natural do mundo. — Eu fiz o truquezinho do pé torcido muito bem, e o trouxe para dentro da casa. Ele é um menino amável com modos perfeitos, e pensei que seria fácil surpreendê-lo em dizer mais do que ele sabia que estava dizendo. Você pode geralmente fazer isso com crianças. Mas ou ele não sabe de nada ou tem sido treinado para segurar sua língua. Ele não é estúpido, e tem um espírito nobre. Eu fiz uma pequena cena patética sobre Samávia, porque eu vi que aquilo poderia afetá-lo. E o afetou. Eu o tentei com o rumor do Príncipe Perdido; mas, se há verdade nisso, ele não sabe ou não quer saber. Tentei fazê-lo perder a calma e revelar alguma coisa para defender seu pai, o qual, pelo jeito, ele adora. Mas cometi um erro. Eu vi isso. É uma pena. Meninos podem algumas vezes serem levados a falar qualquer coisa. — Ela falou muito rapidamente em voz baixa. O homem falou rapidamente também.

— Onde ele está? — ele perguntou.

— Eu o mandei lá para cima, na sala de visitas, para procurar um livro. Ele vai procurar por alguns minutos. Ouça. Ele é um menino inocente. Ele me vê apenas como uma senhora gentil. Nada vai ABALÁ-lo tanto quanto me ouvir contar a verdade repentinamente. Será um choque tão grande que talvez você possa fazer alguma coisa com ele. Talvez ele perca o controle sobre si mesmo. Ele é somente um menino.

— Você está certa — disse o homem barbudo. — E, quando ele descobrir que não está livre para sair, pode ficar amedrontado e nós poderemos conseguir alguma coisa que valha a pena.

— Se pudéssemos descobrir o que é verdadeiro, ou o que Loristan pensa que é verdadeiro, teríamos uma pista para seguir.

— Não temos muito tempo — o homem murmurou. — Temos ordens para ir para Bósnia imediatamente. Antes da meia-noite nós devemos estar a caminho.

— Vamos para a outra sala. Ele está vindo.

Quando Marco entrou na sala, o homem forte com a barba escura e pontuda estava em pé ao lado da poltrona.

— Desculpe-me, não consegui achar o livro — ele desculpou-se. Olhei em todas as mesas.

— Eu mesma serei obrigada a ir procurar — disse a pequena senhora.

Ela levantou-se de sua cadeira e ficou de pé sorrindo. E no primeiro movimento Marco viu que ela não estava nem um pouco contundida. — Seu pé! — ele exclamou. — Está melhor?

Não estava machucado — ela respondeu, de modo surpreendentemente normal e com um sorriso retorcido. — Eu apenas fiz você pensar que estava. — Isso era parte de seu plano não poupá-lo do choque em sua transformação repentina. Marco sentiu-se sem respiração por um momento. — Fiz você acreditar que eu estava machucada porque queria que você viesse para dentro da casa comigo — ela acrescentou. — Eu desejava descobrir certas coisas que tenho certeza de que você sabe.

— São coisas sobre Samávia. — o homem interrompeu. — Seu pai sabe, e você deve saber pelo menos alguma coisa. É necessário para nós ouvir o que você pode nos dizer. Não deixaremos você sair da casa até que responda certas perguntas que eu vou fazer.

Então Marco começou a entender. Ele ouvira seu pai falar sobre espões políticos, homens e mulheres que eram pagos para investigar pessoas que certos governos ou partidos políticos desejavam que fossem seguidas e observadas. Ele sabia que era o trabalho deles descobrir segredos, disfarçar-se e viver entre pessoas inocentes como se fossem simplesmente vizinhos.

Eles deviam ser espões pagos para seguir seu pai porque ele era um samaviano e um patriota. Ele não sabia que eles estavam naquela casa havia dois meses, e tinham executado várias coisas durante sua aparentemente inocente estada. Eles descobriram Loristan e ficaram sabendo de suas idas e vindas, e também das idas e vindas de Lázaro, Marco e do Rato. Mas eles pretendiam, se possível, descobrir outras coisas. Se o menino pudesse ser surpreendido e assustado até revelar coisas inconscientemente, seria de boa utilidade o tempo que ficaram a encenar esse melodrama antes de trancarem a porta da frente atrás de si e apressadamente atravessar o Canal, deixando o proprietário descobrir por si mesmo que a casa fora evacuada.

Na mente de Marco estranhas coisas estavam acontecendo. Eles eram espões! Mas isso não era tudo. A mulher idosa estivera certa ao dizer que ele receberia um choque. Seu peito forte e jovem expandiu-se. Em toda sua vida, ele nunca estivera face a face com traição. Ele não podia compreender isso. Esse ser gentil e amigável com aquela voz grata e delicada e aqueles olhos gratos e delicados havia traído - TRAÍDO ele! Parecia impossível acreditar nisso, e ainda assim o sorriso curvado na boca dela lhe disse que era verdade. Quando ele saltara para ajudá-la, ela estava pregando uma peça nele! Quando ele se sentira triste pela sua dor e estremeceu com o som de sua exclamação baixa, ela estava deliberadamente colocando uma armadilha para prejudicá-lo. Por alguns segundos ele ficou atordoado - talvez, se não fosse o filho de quem era, ele tivesse ficado unicamente atordoado. Quando os primeiros segundos passaram, surgiu vagarosamente dentro dele um senso de alguma coisa como elevado e remoto desdém. Isso cresceu em seus profundos olhos de menino enquanto ele fitava diretamente as pupilas daqueles olhos cinzas e penetrantes. Ele sentiu-se como se estivesse ficando mais alto.

— Você é muito esperta — ele disse lentamente. Então, depois de uma pausa de alguns segundos, ele acrescentou — Eu fui muito imaturo para saber que existe alguém tão... espertalhona... no mundo.

A pequena senhora riu, mas não facilmente. Ela dirigiu-se ao seu companheiro.

— Um ilustre cavalheiro! — ela disse. — Ao se olhar para ele, quase se acredita que é verdade.

O homem de barba parecia muito zangado. Seus olhos estavam ferozes e sua pele escura avermelhou-se. Marco pensou que ele o olhava como se o odiasse, e ficava furioso apenas de vê-lo, por alguma razão misteriosa.

— Dois dias antes de vocês deixarem Moscou, — ele disse — três homens vieram ver seu pai. Eles pareciam camponeses. Conversaram com ele por mais de uma hora. Eles trouxeram consigo um rolo de pergaminho. Isso é verdade?

— Não sei de nada — disse Marco.

— Antes de vocês irem para Moscou, vocês estavam em Budapeste. Chegaram lá vindo de Viena. Vocês ficaram lá por três meses, e seu pai viu muitas pessoas. Algumas vieram no meio da noite.

— Não sei de nada. — disse Marco.

— Você passou sua vida viajando de um país para outro — persistiu o homem. — Você sabe as línguas Europeias como se fosse um guia de viajantes, ou um porteiro em um hotel vienense. Não sabe?

Marco não respondeu.

A mulher velha começou a falar com o homem rapidamente em russo.

— Ouça-me, meu filho. Um espião e um aventureiro Stefan Loristan sempre foi e sempre será — ela disse. — Nós sabemos o que ele é. A polícia em todas as capitais da Europa o conhece como um trapaceiro e um vagabundo, e também como um espião. E ainda assim, com toda a sua esperteza, ele não parece ter dinheiro. O que ele fez com o suborno que os Maranovitch lhe deram por revelar o que ele sabia da velha fortaleza? O menino nem mesmo suspeita dele. Talvez seja verdade que ele não sabe de nada. Ou talvez seja verdade que ele tem sido tão maltratado e açoitado desde bebê que não ousa falar. Há uma expressão amedrontada em seus olhos apesar de sua gabolice infantil. Ele tem sofrido de fome e sido espancado.

O truque foi bem feito. Ela não olhou para Marco ao despejar suas palavras. Ela falou com a aspereza e a impetuosidade de uma pessoa cujos sentimentos estivessem no auge. Se Marco fosse sensível com relação a seu pai, ela tinha certeza de que sua juventude faria com que sua face revelasse alguma coisa, se sua língua não o fizesse — se ele entendesse russo, o que era uma das coisas que seria útil descobrir, porque era um fato que comprovaria muitas outras coisas.

A face de Marco a desapontou. Nenhuma mudança ocorreu, e o sangue não subiu até a superfície de sua pele. Ele ouviu com um ar desinteressado, indefinido e frio e educado. Deixou-os dizer o que preferissem.

O homem torceu sua barba pontuda e encolheu os ombros. — Nós temos uma boa adega lá embaixo — ele disse. — Você vai para lá, e provavelmente ficará por algum tempo se não se decidir a responder minhas perguntas. Você acha que nada pode acontecer a você em uma casa numa rua de Londres onde policiais andam para cima e para baixo. Mas você está enganado. Se gritasse agora, mesmo que alguém pudesse ouvir, pensaria apenas que você é um menino levando uma surra merecida. Você pode gritar quanto quiser na escura e pequena adega, e ninguém nunca vai ouvir. Nós alugamos essa casa por três meses, e devemos deixá-la hoje à noite sem mencionar o fato a ninguém. Se resolvermos deixá-lo na adega, você vai esperar lá até alguém começar a perceber que ninguém entra nem sai, e tenha a oportunidade de mencionar isso ao proprietário — o que poucas pessoas se dariam ao trabalho de fazer. Vocês chegaram aqui vindo de Moscou?

— Não sei de nada. — disse Marco.

— Você pode permanecer na boa, pequena e escura adega por um tempo desagradavelmente longo antes de ser achado — o homem continuou, friamente. — Você se lembra dos camponeses que vieram visitar seu pai duas noites antes de vocês partirem?

— Não sei de nada. — disse Marco.

— Quando for descoberto que a casa está vazia e as pessoas entrarem para certificar-se, você pode estar fraco de mais para gritar e chamar a atenção delas.

— Vocês foram de Viena para Budapeste, e ficaram lá por três meses? — perguntou o inquiridor.

— Não sei de nada. — disse Marco.

— Você é muito jovem para a adega pequena e escura — interveio a mulher velha. — Não posso suportar ver você ir para lá!

— Não sei de nada. — Marco respondeu, mas os olhos, que eram como os de Loristan, mostraram-na a mesma expressão que Loristan mostraria, e ela sentiu isso. Isso a deixou desconfortável.

— Não acredito que você já foi mal tratado ou espancado. — ela disse. — Vou lhe dizer, a adega pequena e escura vai ser uma coisa horrível. Não vá para lá!

Desta vez Marco não disse nada, mas olhou para ela fitando-a como se fosse algum grande jovem nobre que estivesse muito orgulhoso. Ele sabia que cada palavra que o homem barbudo falara era verdade. Gritar não teria utilidade alguma. Se eles partissem e o deixassem para trás, não havia como saber quantos dias passariam antes de as pessoas da vizinhança começarem a suspeitar que a casa estivesse vazia, ou quanto tempo passaria antes que ocorresse a alguém avisar ao proprietário. E nesse meio tempo, nem seu pai, nem Lázaro nem O Rato teria a mais vaga ideia de onde ele estava. E ele estaria sentado sozinho no escuro na adega. Ele não tinha a menor ideia do que fazer. Ele apenas sabia que silêncio ainda era a ordem.

— É um pequeno buraco preto-azeviche — o homem disse. — Você pode quebrar seu pescoço lá dentro, e ninguém vai ouvir. Vieram alguns homens falar com seu pai no meio da noite quando vocês estavam em Viena?

— Não sei de nada — disse Marco.

— Ele não vai dizer — disse a senhora. — Tenho pena desse menino.

— Ele deve dizer depois de ter se sentado na boa, pequena e escura adega por algumas horas — disse o homem com a barba pontuda. — Venha comigo!

Ele colocou sua mão poderosa no ombro de Marco e o empurrou à sua frente. Marco não fez conflito. Ele se lembrou do que seu pai dissera sobre o jogo não ser um jogo. Não era um jogo agora, mas de algum modo ele teve uma sensação confiante de não ter medo.

Ele foi levado pelo corredor, em direção ao fundo da casa, e desceu os degraus comuns e pavimentados que levavam ao porão. Então foi obrigado a marchar através de uma passagem pavimentada, estreita e mal iluminada até uma porta na parede. A porta não estava trancada e ficava entreaberta. Seu companheiro a empurrou para abrir e mostrou parte da adega que era tão escura que Marco mal podia ver as prateleiras mais perto da porta. Seu captor o empurrou e fechou a porta. Era um

buraco tão escuro quanto ele descrevera. Marco ficou imóvel no meio da escuridão semelhante a um veludo preto. Seu acompanhante virou a chave.

— Os camponeses que vieram até seu pai em Moscou falavam samaviano e eram homens grandes. Você se lembra deles? — ele perguntou de fora.

— Não sei de nada — disse Marco.

— Você é um jovem tolo — a voz replicou — E eu creio que você sabe ainda mais do que pensamos. Seu pai vai ficar muito perturbado quando você não voltar para casa. Vou voltar para ver você em algumas horas, se for possível. Vou dizer, porém, que eu tive notícias importunas que podem fazer-nos deixar a casa com pressa. Posso não ter tempo para vir aqui embaixo de novo antes de partir.

Marco ficou com as costas contra uma parte da parede e permaneceu em silêncio. Houve silêncio por alguns minutos, e então houve o som de passos indo embora.

Quando o último e distante eco morreu tudo ficou silencioso, e Marco deu um longo suspiro. Inacreditável como pode parecer, era de certo modo quase um suspiro de alívio. Na agitação de estranhos sentimentos que voaram sobre ele quando foi enfrentado com a situação assombrosa lá em cima, não foi fácil perceber o que seus pensamentos realmente eram; havia tantos deles e vieram tão rápido. Como poderia ele crer na evidência de seus olhos e ouvidos? Alguns minutos, apenas alguns minutos, mudaram sua grata e amável pessoa que conheceu numa sutil e astuta criatura da qual o amor por Samávia fora apenas parte de um plano para prejudicá-la e a seu pai. O que ela e seu filho queriam fazer - o que eles poderiam fazer se soubessem das coisas que estavam tentando forçá-lo a falar? Marco manteve suas costas contra a parede fortemente

— Será melhor pensar sobre o que primeiro?

Ele esperou alguns minutos para que a coisa certa lhe ocorresse. Ele se lembrou que seu pai não gostaria que ele entrasse em pânico.

— Não estou com medo — Marco disse em voz alta. — Não ficarei com medo. De algum modo sairei.

Este era o pensamento que ele mais queria manter firmemente em sua mente - que nada poderia deixá-lo com medo e que de algum modo ele sairia da adega. Ele pensou nisso por alguns minutos, e então se sentiu melhor.

— Quando meus olhos estiverem acostumados com o escuro, eu devo ver se existe algum pequeno raio de luz em algum lugar.

Ele esperou com paciência, e pareceu por algum tempo que não viu luz alguma. Estendeu suas mãos de cada lado e descobriu que, no lado da parede contra a qual ele estava, parecia não haver prateleiras. Talvez a adega fora usada para outros propósitos e não para armazenar vinho, e, se isso fosse verdade, poderia haver em

algum lugar uma abertura para ventilação. O ar não era ruim, mas pensando bem a porta não estava completamente fechada quando o homem a abriu.

— Não estou com medo — Marco disse em voz alta. — Não ficarei com medo. De algum modo sairei. Ele não se permitiria parar e pensar em seu pai esperando por seu retorno. Sabia que isso apenas incitaria suas emoções e enfraqueceria sua coragem. Ele começou a apalpar o caminho cuidadosamente ao longo da parede. E foi mais longe do que pensou que iria.

A adega não era tão pequena. Ele moveu-se em volta dela pouco a pouco, e, quando já havia percorrido todo o caminho em volta, ele cruzou de lado a lado, mantendo suas mãos esticadas à frente e descendo cada pé cautelosamente. Então ele se sentou no chão de pedra e raciocinou de novo, e pensou que havia um jeito de sair daquele lugar, e de algum modo ele o acharia, e, antes de ter passado muito tempo, estaria andando na rua novamente.

Foi quando estava pensando nisso que sentiu uma coisa assustadora. Pareceu quase como se alguma coisa o tocara. Isso o fez pular, embora o toque fosse tão leve e suave que mal era um toque, de fato ele não tinha certeza se não imaginara isso. Ele ficou de pé e encostou-se na parede de novo. Talvez a brusquidão de seu movimento o colocara em algum ângulo que ele não atingira antes, ou talvez seus olhos tinham ficado mais acostumados com o escuro, porque, ao virar sua cabeça para ouvir, ele fez uma descoberta: acima da porta havia um lugar onde a negridão de veludo não era tão densa. Havia alguma coisa como uma fenda na parede, porém, como não abria para a luz do dia mas para a passagem escura, não era luz que entrava, mas uma parte menos escura da escuridão. Mas mesmo aquilo era melhor do que nada, e Marco deu outro longo suspiro.

— Isso é apenas o começo. Eu vou achar uma saída — ele disse. — Eu VOU.

Ele se lembrou de ter lido uma história de um homem que, sendo trancado por acidente em um cofre, passou por tais terrores antes de se libertar que acreditou que passara dois dias e duas noites no lugar quando esteve lá por apenas algumas horas.

— Os pensamentos desse homem fizeram aquilo. Preciso me lembrar disso. Vou me sentar de novo e começar a pensar em todas as pinturas das salas do Museu de Arte e História em Viena. Isso vai levar algum tempo, e também há aqueles outros. — ele disse.

Foi um bom plano. Enquanto ele pudesse manter sua mente no jogo o qual o ajudara a passar por tantas horas tediosas, ele não podia pensar em nada mais, já que exigia muita atenção - e talvez, ao avançar o dia, seus captores começariam a sentir que não era seguro correr o risco de fazer uma coisa desesperada como essa. Eles podiam pelo menos pensar duas vezes antes de deixar a casa. Em qualquer caso, ele aprendera o suficiente de Loristan para perceber que apenas mal poderia vir se deixasse sua mente agir sem controle.

— Uma mente ou é um motor com uma engrenagem quebrada saltando, ou um poder gigante sob controle — era o que eles sabiam.

Ele andara em imaginação por três das salas e estava virando mentalmente para uma quarta, quando se assustou de novo violentamente. Desta vez não fora um toque, mas um som. Com certeza fora um som. E estava na adega com ele. Mas fora o menor som possível, um minúsculo chio e um indício de um movimento. Viera do lado oposto da adega, o lado onde estavam as prateleiras. Ele olhou através da escuridão e viu uma luz sobre a qual não poderia haver engano. ERA uma luz, duas luzes na verdade, duas bolas redondas esverdeadas fosforescentes. Eram dois olhos fitando-o. E então ele ouviu outro som. Não um chio desta vez, mas alguma coisa tão simples e confortável que ele verdadeiramente explodiu em risadas. Era uma gata ronronando, uma amável e quente gata! E ela estava enrolada em uma das prateleiras mais baixas ronronando para alguns gatinhos recém-nascidos. Ele soube que havia gatinhos porque estava claro agora o que fora o chio, e ficou mais claro pelo fato de ele ter ouvido outro muito mais distinto e depois outro. Eles estavam todos dormindo quando ele entrara na adega. Se a mãe estivesse acordada, talvez tivesse ficada bem amedrontada. Depois disso ela talvez viera de sua prateleira para investigar, e passara perto dele.

O sentimento de alívio que veio sobre ele com essa inesperada e simples descoberta era maravilhoso. Era tão natural e confortável uma coisa do dia-a-dia que parecia fazer espões e criminosos serem irreais, e apenas as coisas naturais serem possíveis. Com uma mãe gata ronronando entre seus filhotes, até mesmo uma adega escura não é tão escura. Ele se levantou e se ajoelhou perto da prateleira. Os olhos esverdeados não brilharam de forma hostil. Ele pode ver que a dona deles era uma gata grande e amável, e ele contou quatro pequenas bolas redondas de filhotes. Foi um curioso prazer acariciar o pelo macio e falar com a mãe gata. Ela respondeu ronronando, como se gostasse do senso de proximidade com um humano amigável. Marco riu para si mesmo.

— É engraçado, que diferença que faz! — ele disse. — É quase como achar uma janela.

A mera presença destas inofensivas criaturas era uma companhia. Ele sentou-se perto da prateleira baixa e escutando para o ronronar materno e, de vez em quando, falava e estendia a mão para tocar o pelo quente. A luz fosforescente nos olhos verdes era um conforto em si mesma.

— Nós vamos sair daqui, nós dois — ele disse. — Nós não vamos ficar aqui por muito tempo, gatinho.

Ele não estava perturbado pelo medo de ficar com muita fome por algum tempo. Estava tão acostumado a comer escassamente por causa da necessidade, e a passar longas horas sem comida durante suas viagens, que provara a si mesmo que jejum

não é, afinal de contas, uma provação tão desesperadora quanto a maioria das pessoas imagina. Se você começa por esperar estar esfomeado e contar as horas entre as refeições, vai começar a ser voraz. Mas ele sabia melhor. O tempo passou lentamente; mas ele já sabia que passaria lentamente, e decidira-se não dar atenção e nem se perguntar sobre isso. Ele não era um menino impaciente, e, como seu pai, podia ficar de pé, ou sentado, ou deitado calmamente. De vez em quando podia ouvir ruídos distantes de carroças passando na rua. Havia um certo grau de companhia nisso também. Ele manteve-se em seu lugar perto da gata e sua mão onde podia ocasionalmente tocá-la. Ele podia levantar os olhos de vez em quando para o lugar onde o fraco vislumbre de algo como luz se mostrava.

Talvez o silêncio, talvez o escuro, talvez o ronronar da mãe gata, provavelmente os três juntos, fez seus pensamentos começarem a viajar por sua mente lentamente e mais lentamente. Finalmente eles cessaram e ele adormeceu. A mãe gata ronronou por algum tempo, e então adormeceu também.



## CAPÍTULO XV

### UM SOM EM UM SONHO

---

**M**arco dormiu tranquilamente por várias horas. Não houve nada para acordá-lo durante todo esse tempo. Mas no fim seu sono foi interrompido por um som definido. Ele sonhara que ouvira uma voz distante e, ao tentar ouvir o que estava dizendo, um som curto e metálico o acordou por completo. O barulho cessou quando estava completamente consciente e de repente ele percebeu que a voz no seu sonho fora real e ainda estava falando. Era a voz da pequena velha mulher e ela estava falando rapidamente como se estivesse na maior pressa. Ela estava falando pela a porta.

— Você deverá procurar — foi tudo o que ouviu. — Não tenho um momento a perder! E enquanto ouvia os pés dela partindo rapidamente, vieram a ele as seguintes palavras com seus ecos apressados — Você é muito novo para a adega. Não aguentei simplesmente abandoná-lo!

Ele pulou para a porta e tentou abrir, mas ainda estava trancada. Os pés subiram os degraus da adega e andaram pelo corredor, e a porta da frente fechou com um estrondo. A mãe e o filho haviam ido embora, como haviam ameaçado. A voz fora agitada assim como apressada. Algo acontecera para deixá-los amedrontados, e haviam deixado a casa com muita pressa.

Marco virou-se e ficou de pé com suas costas contra a porta. A gata acordara e o fitava com seus olhos verdes. Ela começou a ronronar animadoramente. Ela realmente ajudou Marco a pensar. Ele estava pensando com toda sua força e estava tentando lembrar.

"Por que ela veio? Ela veio por algum motivo." ele disse para si mesmo. "O que foi mesmo que ela disse? Eu só ouvi parte do que ela disse porque estava dormindo. A voz no sonho foi parte do que disse. A parte que ouvi foi 'Você deverá procurar. Não tenho um momento a perder!' E enquanto corria pelo corredor ela gritou de novo para ele, 'Você é muito novo para a adega. Não aguentei simplesmente abandoná-lo!' Ele disse as palavras de novo e de novo e tentou recordar exatamente como elas haviam soado e também recordar a voz que aparentara ser parte de um sonho mas

que realmente havia sido algo real. Então ele começou a pôr em prática sua experiência favorita. Assim como ele várias vezes pôs em prática a experiência de mandar sua mente dormir, também ele frequentemente experimentava mandá-la trabalhar para ele, tornando-a como um escravo – para ajudá-lo a lembrar e entender as coisas e argumentar sobre elas claramente.

"Explique isso para mim," ele disse para sua mente, bem natural e calmamente. "Mostre-me o que isso significa."

Por que ela viera? Era óbvio que ela estava com pressa demais para, sem nenhuma razão, gastar tempo para ir até lá. Qual fora a razão? A única coisa boa que ela podia fazer para ele seria algo que iria ajudá-lo a sair da adega. Ela dissera duas vezes que não aguentaria apenas deixá-lo lá. Se ele estivesse acordado, teria escutado tudo que ela disse e entendido o que ela queria que ele fizesse ou o que pretendia fazer por ele. Ele não devia nem mesmo parar de pensar nisso. As primeiras palavras que ouvira – quais foram mesmo? Elas foram menos claras para ele do que suas últimas por que ele só as ouvira enquanto acordava. Mas ele pensou que certamente elas foram: "Você deverá procurar." Procurar. Procurar o que? Ele pensou e pensou. O que ele deveria procurar? Ele sentou-se no chão da adega e segurou sua cabeça com as mãos, pressionando seus olhos tão forte que luzes curiosas flutuavam diante dele.

E em alguns minutos, ele lembrou de algo que parecia tanto fazer parte do seu sono que não tinha certeza se havia sonhado aquilo. O som metálico! Ele pulou e ficou de pé com um pequeno grito ofegante. O som metálico! Fora a argola de metal, batendo ao cair. Qualquer coisa de metal soaria como aquilo. Ela jogara algo feito de metal na adega. Ela jogara pela a brecha nos tijolos perto da porta. Ela jogara a ele a única coisa que poderia libertá-lo. Ela jogara para ele a CHAVE da adega!

Por alguns minutos os sentimentos que surgiram nele eram tão cheios de alegria que deixaram sua mente em rodopios. Ele sabia o que seu pai diria – que isso não levaria a nada. Se era para ele pensar, ele deveria se manter quieto e não deixar nem mesmo a alegria dominá-lo. A chave estava na pequena adega preta, e ele deveria achá-la no escuro. Até a mulher que se sentira culpada o suficiente para lhe dar uma chance de liberdade sabia que não deveria abrir a porta e deixá-lo sair. Deveria haver um atraso. Ele precisaria achar a chave por si mesmo e era óbvio que demoraria. A probabilidade de estarem a uma distância segura o suficiente antes de ele sair era bem grande.

— Eu irei me ajoelhar e engatinhar com minhas mãos e joelhos — ele disse. — Engatinharei para frente e para trás e ir sobre cada centímetro do chão com minhas mãos até achá-la. Se eu passar por cada centímetro, eu a acharei.

Então ele ajoelhou-se e começou a engatinhar, e a gata o observou e ronronou. — Nós sairemos, gatinha — ele disse para ela. — Eu disse que iríamos.

Ele engatinhou da porta até a parede do lado das prateleiras e depois engatinhou de volta. A chave podia ser bem pequena e seria necessário ele passar suas mãos sobre cada centímetro, como ele dissera. A dificuldade nessa escuridão era ter certeza de que ele não havia perdido um centímetro. Algumas vezes ele não tinha certeza então passava sobre o mesmo lugar de novo. Ele engatinhou para trás e para frente, e engatinhou para frente e para trás. Ele engatinhou transversalmente e longitudinalmente, ele engatinhou diagonalmente e engatinhou em círculos. Mas não achou a chave. Se ele tivesse só um pouquinho de luz, mas não tinha. Ele estava tão absorvido na sua procura que não sabia que se dedicara a ela por várias horas, e que estava no meio da noite. Mas finalmente ele percebeu que deveria parar para descansar porque seus joelhos estavam começando a ficar machucados e suas mãos estavam doloridas por ter ficado esfregando-as no piso. A gata e seus gatinhos haviam dormido e acordado de novo umas duas ou três vezes.

— Mas está em algum lugar! — ele disse confiantemente. — Está dentro da adega. Ouvi algo feito de metal cair. Foi esse o barulho metálico que me acordou.

Quando ficou de pé, percebeu que estava dolorido e bem cansado. Ele se esticou e exercitou os braços e pernas. "Gostaria de saber quanto tempo fiquei engatinhando por aqui", ele pensou. "Mas a chave está dentro da adega. Está dentro da adega."

Ele sentou-se perto da gata e sua família e, descansando seus braços na prateleira acima da gata, descansou sua cabeça na prateleira. Ele começou a pensar numa outra experiência.

— Estou tão cansado, e creio que dormirei de novo. Certamente acharei quando acordar. Então dormiu, num sono profundo.

Ele não sabia que havia dormido o resto da noite. Mas dormiu. Quando acordou, estava claro nas ruas e as carroças vendendo leite estavam começando a tinir ao passarem na rua e os carteiros estavam dando duas grandes batidas nas portas. Talvez a gata ouvira as carroças vendendo leite, mas o fato era que ela mesma estava com fome e queria sair à procura de comida. Assim que Marco levantou a cabeça do seu braço e sentou, ela pulou da sua prateleira e foi para a porta. Ela esperara achar a porta entreaberta como estava antes. Quando a achou fechada, ela arranhou a porta e ficou perturbada por ver que isso não adiantou. Por saber que Marco estava na adega, ela sentiu que tinha um amigo que iria ajudá-la e miou simpaticamente. Isso fez Marco lembrar a chave.

— Irei quando achar — ele disse. — Está dentro da adega. A gata miou de novo, dessa vez bem ansiosa. Os gatinhos ouviram-na e começaram a se mexer e guinchar de modo comovente. Ele colocou sua mão na direção dos gatinhos e tocou algo na prateleira não muito longe deles. Talvez houvesse ficado lá perto do seu cotovelo toda a noite enquanto dormia.

Era a chave! Havia caído na prateleira, e não no chão.

Marco a pegou e ficou de pé parado por um momento e sorriu gratamente. Então ele achou o caminho para a porta e tateou até achar o buraco da fechadura e colocar a chave dentro. Então virou-a e empurrou a porta - e a gata correu pela passagem diante dele.

## CAPÍTULO XVI

### O RATO PARA O RESGATE

---

**M**arco andou pela passagem e entrou na cozinha do porão. Todas as portas estavam trancadas e eram portas sólidas. Ele subiu correndo as escadas e viu que a porta de cima estava fechada e trancada e era uma porta sólida também. Seus carcereiros haviam tido certeza de que demoraria tempo suficiente para ele sair para o mundo, mesmo que saísse da adega.

A gata correria para algum lugar onde camundongos eram abundantes. Marco agora já estava sentindo muita fome. Se ele pudesse entrar na cozinha talvez achasse fragmentos de comida deixados nos armários mas não podia mover a porta trancada. Ele tentou sair pela porta da entrada do porão, mas ela estava imóvel. Então viu próximo a ela uma outra porta menor. Era evidentemente a entrada para o depósito de carvão localizado debaixo do piso. Isso era óbvio pelo fato de que várias pegadas de pó do carvão marcavam o piso e perto da porta havia um balde com carvão.

O balde de carvão era o que iria ajudá-lo! Acima da porta na entrada do porão havia uma pequena janela que servia para clarear a entrada. Ele não conseguia alcançá-la e mesmo se conseguisse alcançá-la não conseguiria abri-la. Ele poderia jogar pedaços de carvão na direção da janela e quebrá-la e então conseguiria gritar por ajuda quando as pessoas passassem. Talvez não notariam ou não entenderiam de onde os gritos estavam vindo no começo, mas se continuasse a gritar acabaria atraindo a atenção de alguém.

Ele pegou um grande pedaço de carvão da pilha no balde e a jogou com toda a sua força na direção do vidro sujo. O carvão passou pela janela e deixou um grande buraco. Ele jogou um outro e a vidraça inteira se estilhaçou e caiu para fora na área. Então ele percebeu que era pleno dia e supôs que estivera trancado por várias horas. Havia muito carvão no balde e ele tinha um braço forte e uma boa mira. Ele quebrou vidraça por vidraça até ficar só a armação. Quando gritasse, não haveria mais nada entre sua voz e a rua. Ninguém conseguiria vê-lo, mas se conseguisse fazer algo que fizesse as pessoas diminuírem seu passo para escutar, então poderia dizer que estava no porão da casa com a janela quebrada.

— Alô! — ele gritou. — Alô! Alô! Alô! Alô!

Mas veículos estavam passando nas ruas e as pessoas passando estavam absorvidas em seus próprios pensamentos. Se ouviram um barulho, não pararam para investigá-lo.

— Alô! Alô! Estou trancado! — Marco gritou o mais alto que seus pulmões permitiram. — Alô! Alô!

Depois de meia hora gritando, ele começou a pensar que estava desperdiçando sua força. — Eles só pensam que é um menino gritando. — ele disse. — Alguém perceberá em tempo. À noite, quando as ruas estão quietas, eu talvez faça um policial escutar. Mas meu pai não sabe onde estou. Ele estará me procurando - como também Lázaro - e também O Rato. Um deles talvez passe por essa mesma rua, como eu passei. O que posso fazer?!

Uma nova ideia brilhou sobre ele. "Eu vou começar a cantar uma música samaviana, e cantarei bem alto. As pessoas quase sempre param um pouco para escutar música e querem descobrir de onde vem. E se qualquer um do meu pessoal se aproximar, eles pararão imediatamente - e de vez em quando pararei e gritarei por ajuda.

Certa vez, quando eles haviam parado para descansar no Parque Hampstead, ele cantara uma canção samaviana heroica para O Rato. O Rato quis ouvir como ele cantaria quando eles fossem na sua jornada secreta. Ele queria que cantasse um dia para o Pelotão para fazer com que a coisa fosse real. O Rato estivera bem empolgado e implorara pela música muitas vezes. Era algo do tipo bélico e bem animador com um toque de trombetas no coro. Milhares de samavianos haviam cantado juntos no seu caminho para campo de batalha, centenas de anos atrás.

Ele deu alguns passos para trás, e, colocando suas mãos na cintura, começou a cantar, lançando sua voz para cima para que passasse pela janela quebrada. Ele tinha uma voz jovem, magnífica e vibrante, embora não soubesse nada da sua fina qualidade. Mas agora ele só queria deixá-la alta.

Na rua lá fora poucas pessoas estavam passando. Um senhor idoso irritável que estava fazendo uma caminhada inválida quase pulou de aborrecimento quando a música de repente trombeteou para fora. Meninos não têm direito de gritar dessa maneira. Ele apressou seu passo para escapar do som. Duas ou três outras pessoas deram uma olhada sobre seus ombros, mas não podiam perder tempo. Alguns outros ouviram com prazer ao se aproximarem mas continuaram andando.

— Aí está um menino com uma voz boa — disse um.

— O que está cantando? — disse seu companheiro. — Parece ser um estrangeiro.

— Não sei — foi a resposta ao andarem. Mas finalmente um jovem homem, o qual era um professor de música indo dar uma aula, hesitou e olhou em volta dele. A

música estava muito alta e vivaz nesse momento. O professor de música não conseguia entender de onde vinha, e parou para descobrir. O fato de ele ter parado atraiu a atenção do próximo que vinha chegando, que também parou.

— Quem está cantando? — ele perguntou. — Onde está cantando? —

— Não consigo entender — o professor de música riu. — Soa como se saísse do chão.

E por ser estranho que uma música saia do chão, um vendedor de frutas parou, depois um menininho, e depois um empregado e uma senhora.



*O Rato moveu-se para dentro do grupo. — Onde ele está! Onde ele está! — ele gritou.*

Havia um pequeno grupo considerável quando uma outra pessoa virou a esquina da rua. Ele era um menino esfarrapado em muletas e tinha um olhar frenético no seu rosto.

E Marco realmente ouviu, enquanto ele se aproximava do grupo, o tap-tap-tap das suas muletas. — Talvez seja ele — ele pensou. — Talvez seja ele! E ele cantou o toque de trombetas do coro como se fosse para alcançar os céus e cantou de novo e de novo. E no final ele gritou — Alô! Alô! Alô! Alô! Alô!

O Rato moveu-se para dentro do grupo e olhou como se estivesse louco. Ele lançou-se contra as pessoas.

— Onde ele está?! Onde ele está?! — ele gritou, e emitiu algumas palavras sem fôlego; quase como se estivesse soluçando-as. — Temos procurado por ele a noite inteira! — ele gritou. — Onde ele está?! Marco! Marco! Ninguém canta assim a não ser ele. Marco! Marco! — E vindo da área, como pareceu, houve um grito de resposta.

— Rato! Rato! Estou aqui na adega - trancado. Estou aqui! — e um grande pedaço de carvão veio voando pela janela quebrada e caiu chocando-se no chão da área. O Rato desceu as escadas para a área como se não estivesse com muletas mas com pernas, e bateu na porta gritando de volta:

— Marco! Marco! Estou aqui! Quem trancou você aí dentro? Como posso abrir a porta?

Marco estava bem próximo, contra o lado de dentro da porta. Era o Rato! Era o Rato! E ele estaria na rua de novo em alguns minutos. — Chame um policial! — ele gritou pelo buraco da fechadura. — Umas pessoas me trancaram de propósito e levaram as chaves embora.

Então o grupo de espectadores começou a ficar empolgado e pressionou-se contra a grade da área e fazer perguntas. Eles não conseguiam entender o que havia acontecido para fazer o menino de muletas olhar como se estivesse louco de terror e alívio ao mesmo tempo.

E o pequeno menino correu alegremente para trazer um policial, e achou um na próxima rua e, com um pouco de dificuldade, o persuadiu de que era a sua obrigação vir e abrir uma porta numa casa vazia onde um menino que era um cantor de rua havia sido trancado dentro de uma adega.

## CAPÍTULO XVII

### "É UM MAU SINAL"

---

O policial não estava tão agitado quanto zangado. Ele não sabia o que Marco ou O Rato sabia. Algum menino comum se prendera em uma casa, e alguém teria que ir ao proprietário e pegar as chaves. Ele não tinha a intenção de se expor a lei arrombando uma casa particular com seu cassetete, como O Rato esperava.

— Ele entrou porque estava brincando por aí, e vai ter que esperar até que possa sair sem destruição de fechaduras. — ele bradou — sacudindo a porta. — Como você entrou aí? — ele gritou.

Não foi fácil para Marco explicar através de um buraco de fechadura que entrara para ajudar uma mulher que encontrara por acidente. O policial pensou que isso era mera conversa de menino. Quanto ao resto da história, Marco sabia que não poderia ser contada de modo algum sem dizer coisas que não poderiam ser explicadas para ninguém a não ser seu pai. Ele rapidamente decidiu-se que devia fazer acreditarem que fora trancado por algum estranho acidente. Devia-se supor que as pessoas não se lembraram, em sua pressa, que ele ainda não tinha deixado a casa.

Então o jovem empregado da imobiliária veio com as chaves e ficou muito perturbado e espantado depois de entrar. — Eles partiram de repente. — ele disse. — Isso acontece de vez em quando, mas há alguma coisa estranha nisso. Para que eles trancaram essas portas do porão, e a da escada? O que eles lhe disseram? — ele perguntou para Marco, fitando-o desconfiadamente.

— Eles disseram que foram obrigados a ir repentinamente. — Marco respondeu.

— O que você estava fazendo no porão?

— O homem me levou para lá.

— E deixou você lá e disparou? Ele devia estar com pressa.

— A mulher disse que não tinham um momento a perder.

— O tornozelo dela deve ter sarado rapidamente. — disse o homem jovem.

— Eu não sabia nada sobre eles. — respondeu Marco. — Eu nunca os vira antes.

— A polícia estava atrás deles. — o homem jovem disse. — É o que eu digo. Eles pagaram o aluguel de três meses antecipado, e só ficaram dois. Alguns desses espões estrangeiros espreitando por Londres; isso é o que eles são.

O Rato não esperou até as chaves chegarem. Ele foi balançando em seu passo mais rápido pelas ruas de volta para Philibert Place nº 7. As pessoas viravam-se e fitavam sua face pálida e com frenesi enquanto ele passava quase como um tiro. Ele mal se permitia tomar o ar suficiente para falar quando atingiu a casa e bateu na porta com sua muleta para economizar tempo.

Loristan e Lázaro vieram atender. O Rato inclinou-se contra a porta ofegando. — Ele foi achado! Ele está bem! — ele arquejou. — Alguém o trancou em uma casa e o deixou. Mandaram buscar as chaves. Eu vou voltar. Brandon Terrace, nº10.

Loristan e Lázaro trocaram olhares. Ambos estavam no momento tão pálidos quanto O Rato. — Ajude-o a entrar na casa. — disse Loristan para Lázaro. — Ele deve ficar aqui e descansar. Nós vamos. — O Rato sabia que isso era uma ordem. Ele não gostou, mas obedeceu.

— Isso é um mau sinal, Mestre. — disse Lázaro, ao saírem juntos.

— Um sinal muito mau. — respondeu Loristan.

O grupo se tornara uma pequena multidão quando eles atingiram a rua Brandon Terrace. Marco não conseguira deixar o local porque estava sendo questionado. Nem o policial nem o empregado da imobiliária parecia disposto a abandonar a ideia de que ele poderia dar-lhes alguma informação sobre o par fugitivo.

A entrada de Loristan produziu o efeito usual. O empregado levantou o chapéu, e o policial ficou ereto e fez continência. Nem um deles percebeu que as roupas do homem alto eram bem usadas e esfarrapadas. Eles sentiram apenas que uma pessoa importante estava diante deles, e que não era possível questionar seu absoluto ar de autoridade serena. Ele colocou sua mão no ombro de Marco e deixou lá ao falar. Quando Marco levantou os olhos até ele e sentiu a proximidade de seu toque, foi como um abraço - como se ele o puxasse para perto de seu coração.

— Meu filho não sabia nada sobre essas pessoas. — ele disse. — Isso eu posso garantir. Ele nunca vira nem um dos dois. Sua entrada na casa não foi resultado de travessuras infantis. Ele foi trancado nesse lugar por quase vinte e quatro horas e não comeu nada. Eu devo levá-lo para casa. Esse é meu endereço. — ele entregou um cartão ao homem jovem.

Então eles foram para casa juntos, e durante todo o caminho para Philibert Place a mão firme de Loristan segurou bem perto o ombro do menino como se ele não suportasse deixá-lo ir. Mas no caminho eles disseram muito pouco.

— Pai, — Marco disse, um tanto roucamente, assim que saíram da casa localizada no planalto. — não sinto muito confortável em conversar na rua. Mas em primeiro lugar, estou tão feliz de estar com você de novo. Foi como se... isso pudesse terminar mal.

— Amado filho, — Loristan disse em seu próprio samaviano. — até que você esteja alimentado e descansado, não deve falar nada.

Mais tarde, quando voltou a si e foi permitido contar sua estranha história, Marco descobriu que seu pai e Lázaro haviam imediatamente suspeitado quando ele não voltara. Eles sabiam que nenhum acontecimento usual o teria mantido. Tinham certeza de que ele fora detido contra sua vontade, e também tinham certeza de que, se ele fora detido, seria por razões que já adivinhavam.

— Esse é o cartão que ela me deu. — Marco disse, e entregou-o a Loristan. — Ela disse que você se lembraria do nome.

Loristan olhou a inscrição com um meio-sorriso irônico. — Nunca ouvi antes. — ele respondeu. — Ela não me mandaria um nome que eu conhecesse. Provavelmente nunca vi nenhum dos dois. Mas eu sei o trabalho que fazem. Eles são espões dos Maranovitch, e suspeitam que eu sei alguma coisa sobre o Príncipe Perdido. Eles acreditavam que poderiam amedrontar você para que dissesse coisas que poderia ser uma dica. Homens e mulheres da classe deles usarão meios desesperados para alcançar um propósito.

— Poderiam eles... ter me deixado como ameaçaram? Marco perguntou-lhe.

— Eles dificilmente ousariam, eu acho. Um tumulto muito grande surgiria com a descoberta de tal crime. Muitos detetives seriam postos a trabalho para localizá-los. — Mas a expressão nos olhos de seu pai enquanto falava, e a pressão da mão que ele estendia para tocá-lo, fizeram o coração de Marco vibrar. Ele ganhara um novo amor e uma nova confiança de seu pai. Quando se sentaram juntos e conversaram naquela noite, suas almas estavam mais perto uma da outra do que estiveram antes.

Eles se sentaram à luz do fogo, Marco no tapete gasto, e conversaram sobre Samávia - sobre a guerra e suas lutas sangrentas, e sobre como elas poderiam acabar.

— Você acha que algum dia poderemos não ser mais exilados? — o menino disse ansiosamente. — Você acha que poderemos ir para lá juntos - e vê-la - você e eu, Pai?

Houve um silêncio por algum tempo. Loristan olhou para as brasas que iam se apagando. — Por anos - por anos meu coração tem almejado pelo dia. — ele disse vagarosamente.



## CAPÍTULO XVIII

### "CIDADES E FACES"

---

**A**s horas inexplicáveis nas quais Marco ficara ausente foram terríveis para Loristan e para Lázaro. Eles tinham razões para ter medo que não eram possíveis de expressar. Enquanto a noite se aproximava, os medos aumentaram. Eles esqueceram da existência do Rato, que se sentou roendo as unhas no quarto, com medo de sair porque não queria perder a chance de ser encarregado de alguma missão, mas também com medo de se apresentar porque poderia parecer que estava se intrometendo. — Vou ficar lá em cima. — ele dissera para Lázaro. — Se você apenas der um assovio, eu virei.

A angústia que ele sentia com o passar do dia e com o passar de Lázaro para dentro e para fora, ele próprio sem receber nenhuma ordem, não poderia ser expressa em palavras comuns. Ele contorcia-se em sua cadeira, roía as unhas até o sabugo, ele entrara em um frenesi de miséria e terror recordando um por um todos os crimes que havia no tribunal de polícia de Londres que sua mente lhe fornecia. Ele não estava fazendo nada, porém não ousava deixar seu posto. Era seu posto afinal de contas, embora eles não lhe tivessem dado. Ele devia fazer alguma coisa.

No meio da noite Loristan abriu a porta da sala dos fundos, porque sabia que devia de qualquer forma subir e jogar-se na cama, mesmo que não conseguisse dormir.

Ele foi surpreendido pelo que viu ao abrir a porta. O Rato estava sentado aninhado no chão perto da porta, encostado na parede. Ele tinha um pedaço de papel em sua mão e sua face torcida era uma coisa estranha de se ver.

— Por que você está aqui? Loristan perguntou.

— Faz três horas que estou aqui, senhor. Eu sabia que qualquer hora você sairia e pensei que me deixaria falar com você. Você vai deixar - vai deixar?

— Entre no quarto. — disse Loristan. — Vou ouvir qualquer coisa que tenha a dizer. O que você esteve desenhando nesse papel? — ele falou, enquanto O Rato

levantava do modo maravilhoso que ele havia treinado. O papel estava coberto de linhas, o que mostrava que era mais um de seus planos.

— Por favor dê uma olhada nele. — ele implorou. — Eu não ousou sair, porque você pode querer me mandar para algum lugar. E não ousou ficar sentado sem fazer nada. Comecei a me lembrar de coisas e a estudá-las. Eu anotei todas as ruas e quadras onde ele PODERIA ter andado no caminho para casa. Não deixei escapar nenhuma. Se você me deixar partir e andar por todas elas e falar com os policiais de ronda e olhar nas casas - e estudar as coisas e examiná-las - não vou deixar escapar nem um centímetro, nem um tijolo, nem uma pedra da calçada... vou... — sua voz tinha um som firme, mas tremeu, e ele mesmo também tremeu.

Loristan tocou seu braço levemente. — Você é um bom camarada. — ele disse. — É bom para nós que você esteja aqui. Você pensou em uma boa coisa.

— Posso ir agora? — disse O Rato.

— Neste momento, se estiver pronto. — foi a resposta. O Rato disparou até a porta.

Loristan disse a ele uma coisa que foi como um repentino clarão de uma grande luz no centro de seu ser. — Você é um de nós. Agora que sei que você está fazendo isso, posso até dormir. Você é um de nós. E foi por estar seguindo esse plano que O Rato virara na Rua Brandon Terrace e ouvira a música samaviana vindo do porão trancado do Número 10.

— Sim, ele é um de nós. — Loristan disse, quando contou essa parte da história para Marco, enquanto estavam sentados perto do fogo. — Eu não tinha certeza antes. Queria ter certeza absoluta. Na noite passada eu olhei para a parte mais íntima dele e TIVE CERTEZA. Podemos confiar nele.

A partir daquele dia O Rato ocupou um novo lugar. O próprio Lázaro, estranhamente, não se ressentiu com a nova posição. Foi permitido ao menino ficar perto de Loristan como ele nunca ousara ter esperança de ficar. Não que foi meramente permitido servi-lo de muitas maneiras, mas foi também levado para dentro da intimidade que antes incluía apenas os três. Loristan falava com ele do mesmo modo que falava com Marco, puxando-o para dentro do círculo que retinha tanto que era compreendido sem palavras. O Rato sabia que estava sendo treinado e observado e percebera isso com entusiasmo. Aquele homem, que estava se tornando mais e mais como um pai para ele, dissera que ele era "um deles". Ele o estava observando e colocando-o em teste, para poder descobrir o *quanto* O Rato era um deles. E estava fazendo isso por alguma razão própria muito importante. Esse pensamento apoderou-se de toda a mente do Rato. Talvez estivesse querendo saber se ele descobriria que poderia confiar nele, como se pode confiar em uma rocha. Até mesmo pensar que ele poderia talvez constatar que O Rato era como uma rocha, era uma boa inspiração.

— Senhor, — ele disse numa noite quando estavam juntos sozinhos, porque O Rato ficara copiando um mapa de ruas. Sua voz estava muito baixa — você acha que... algum dia... poderá confiar em mim como confia em Marco? Será que vai ser assim... algum dia?

— A hora chegou, — e a voz de Loristan estava quase tão baixa quanto do próprio Rato, embora forte e profundo sentimento revestisse sua calma — a hora em que posso confiar em você para ficar com Marco chegou — para ser o companheiro dele — para cuidar dele, para ficar ao lado dele em todos os momentos. E Marco — Marco é meu filho. — Isso fora o suficiente para elevar O Rato aos céus. Mas havia mais em seguida.

— Pode não demorar muito o tempo que será sua parte de fazer trabalho em que precisará de um camarada em quem possa confiar — como uma rocha pode ser confiado. — Ele dissera as mesmas palavras que ocorreram na própria mente do Rato.

— Uma Rocha! Uma Rocha! — o menino explodiu. — Vou mostrar para você, senhor. Me mande com ele como um servo. As muletas não são nada. Você viu que elas são tão boas quanto pernas, não viu? Eu me treinei.

— Eu sei, eu sei, querido camarada. — Marco contara a ele tudo sobre isso. Ele deu-lhe um gracioso sorriso que deu a impressão de possuir algum tipo de segredo distinto — Você irá como o ajudante-de-campo<sup>7</sup> dele. Isso será parte do jogo.

Ele sempre encorajara "o jogo", e durante as últimas semanas ele até mesmo achara tempo para ajudá-los em seus planos para a misteriosa viagem dos Dois Secretos. Ele ficara tão interessado que algumas vezes recorria a Lázaro como um velho soldado e samaviano para que desse suas opiniões sobre certas rotas — e sobre os costumes e hábitos das pessoas nas cidades e vilarejos que ficavam no caminho. Aqui eles achariam simples povos pastores que dançavam e cantavam depois do dia de trabalho, e que contariam tudo o que sabiam; ali eles achariam aqueles que serviam ou que temiam os Maranovitch e que não conversariam de forma alguma. Em um lugar eles se encontrariam com hospitalidade, em outro com suspeita hostil de todos os desconhecidos. Através de conversas e de histórias, O Rato começou a conhecer o país quase como Marco o conhecia. Isso era parte do jogo também — porque era sempre de "o jogo" que chamavam. Outra parte era o treinamento da memória do Rato, e trazendo para casa suas provas de progresso à noite quando retornava de sua caminhada, podia descrever, ou recitar, ou rudimentarmente esboçar tudo o que vira em sua passagem de um lugar para outro. A parte de Marco era recordar as faces e

---

<sup>7</sup> Palavra originária do francês "aide-de-camp" é um assistente a um oficial militar de alto poder. Outra palavra comumente usado no português é um ajudante-de-ordens.

esboçá-las. Uma noite Loristan deu-lhe diversas fotografias de pessoas para pôr na memória. Abaixo de cada face estava escrito o nome de um lugar.

— Estude essas faces. — ele disse. — Até que você possa reconhecer cada uma delas imediatamente onde quer que a encontre. Fixe-as em sua mente, para que seja impossível esquecê-las. Você deve ser capaz de esboçar qualquer uma delas e recordar a metrópole ou a cidade ou a vizinhança relacionada a ela.

Até mesmo isso ainda era chamado de "o jogo", mas Marco começou a saber lá dentro do seu coração que isso era muito mais, e sua mão algumas vezes tremia de excitação ao fazer seus esboços vez após vez. Fazer cada um muitas vezes era a melhor maneira de fixá-lo em sua memória. O Rato sabia, também, embora não tivesse razão para saber, mas apenas instinto. Ele costumava deitar-se à noite pensando sobre isso e relembrando o que Loristan dissera sobre o tempo próximo quando Marco poderia precisar de um camarada em seu trabalho. O que seria o trabalho dele? Deveria ser alguma coisa como "o jogo". E eles estavam sendo preparados para isso. E embora Marco muitas vezes ficasse deitado acordado em sua cama enquanto O Rato ficava deitado acordado em seu sofá, nem um dos dois falava com o outro sobre as coisas que sua mente ponderava. E Marco trabalhava como nunca trabalhara antes. O jogo era muito empolgante quando ele podia provar sua destreza. Os quatro se juntavam à noite na sala dos fundos. Lázaro era obrigado a ficar com eles porque um segundo juiz era necessário. Loristan mencionava o nome de um lugar, talvez uma rua em Paris ou um hotel em Viena, e Marco fazia imediatamente um rápido esboço da face cuja fotografia possuía o nome da localidade escrito embaixo. Não demorou muito para que começasse o esboço sem mais do que um momento de hesitação. E mesmo quando isso se tornara o caso, eles ainda faziam o jogo noite após noite. Havia um grande hotel perto do Place de la Concorde em Paris, do qual Marco sentiu que nunca ouviria o nome durante toda a sua vida sem levantar-se em sua visão mental uma mulher alta com olhos pretos, penetrantes, e com a parte superior do nariz saliente sobre o qual as fortes sobrancelhas quase se encontravam. Em Viena havia um palácio que sempre traria de volta imediatamente um homem pálido de face fria com uma cabeleira loira que caía sobre sua testa. Uma certa rua em Munique era relacionada a um velho nobre robusto com um sorriso astuto; em uma aldeia em Baviera, um camponês com um semblante vago e simples. Um homem com cabelos macios e ondulados que parecia um cabeleireiro trazia à mente um lugar em uma cidade montanhosa austríaca. Ele conhecia-os todos como conhecia sua própria face e Philibert Place nº7.

Mas ainda noite após noite o jogo continuava.

Então veio uma noite quando, de um sono profundo, ele foi acordado por Lázaro o tocando. **Ele estivera por tanto tempo secretamente pronto para responder a qualquer chamado que se sentou ereto na cama com o primeiro toque.**

— Vista-se rapidamente e vá lá para baixo. — Lázaro disse. — O Príncipe está aqui e deseja falar com você. — Marco não deu resposta mas saiu da cama e começou a se vestir.

Lázaro tocou O Rato. O Rato estava tão pronto quanto Marco e sentou-se apumado como ele fizera.

— Venha com o jovem Mestre. — ele comandou. — É necessário que você seja visto e que falem com você. — E tendo dado a ordem ele saiu.

Ninguém ouviu os pés descalços dos dois meninos ao descerem as escadas nas pontas dos pés.

Um homem de idade vestido com roupas comuns, mas com uma face inconfundivelmente familiar, estava sentado, silenciosamente conversando com Loristan, que com um gesto chamou os dois à frente.

— O Príncipe esteve muito interessado no que lhe contei sobre o jogo. — ele disse em sua voz mais baixa. — Ele deseja vê-lo fazer seus esboços, Marco.

Marco olhou diretamente nos olhos do Príncipe a quem ele antes dera o sinal, e que mantinha os olhos fixos atentamente em Marco enquanto ele fazia sua reverência. — Vossa Alteza me dá a honra. — ele disse, assim como seu pai teria falado. Ele foi para a mesa imediatamente e pegou de uma gaveta seus lápis e pedaços de papelão.

— Eu deveria saber que ele era seu filho e um samaviano. — o Príncipe comentou.

Então seus olhos penetrantes, profundos e firmes viraram-se para o menino com muletas.— Esse, — disse Loristan. — é o que se chama de O Rato. Ele é um de nós.

O Rato fez continência. — Por favor diga a ele, senhor, — ele falou em voz baixa. — que as muletas não têm importância.

— Ele treinou-se para conseguir fazer atividade extraordinária . — Loristan disse. — Ele pode fazer qualquer coisa. Os olhos penetrantes ainda estavam observando O Rato.

— Elas são uma vantagem. — disse o Príncipe finalmente.

Lázaro construía um cavalete leve e rústico que Marco usava para fazer seus esboços quando faziam o jogo. Lázaro estava de pé cerimoniosamente perto da porta, e veio à frente, trouxe o cavalete do canto em que ficava, e organizou o material de desenho sobre ele. **Marco ficou perto do cavalete e aguardou o consentimento de seu pai e seu visitante.** Eles estavam falando juntos em voz baixa e ele esperou vários minutos. O que O Rato percebeu foi o que ele já tinha percebido antes: que o grande menino podia ficar de pé imóvel em perfeita naturalidade e silêncio **Não era necessário para ele falar coisas ou fazer perguntas, não olhava para as pessoas como**

se sentisse impaciente se elas não falassem com ele ou não o notassem. Ele não parecia exigir atenção, e O Rato sentiu vagamente que, jovem como era, essa verdadeira liberdade de qualquer ansiedade para ser visto ou para que se dirigissem a ele de algum modo o fazia um grande cavalheiro.

Loristan e o Príncipe avançaram para onde ele estava. — L'Hotel de Marigny. — Loristan disse.

Marco começou a esboçar rapidamente. Ele começou o retrato da mulher com a parte superior do nariz saliente e com as sobrancelhas que quase se encontravam. Enquanto ele fazia isso, o Príncipe se aproximou e observou o trabalho por cima dos ombros dele. Não demorou muito e, quando estava pronto, o inspetor virou-se, e depois de dar a Loristan um longo e estranho olhar, acenou com a cabeça duas vezes.

— É uma coisa extraordinária. — ele disse. — Nesse esboço rústico ela não seria confundida.

Loristan inclinou sua cabeça. Então mencionou o nome de mais outra rua em outro lugar - e Marco esboçou de novo. Dessa vez era o camponês com a face simples. O Príncipe curvou-se novamente. Então Loristan deu mais outro nome, e depois outro e outro, e Marco fez seu trabalho até que chegou ao fim, e Lázaro ficou perto com a mão cheia de esboços dos quais ele silenciosamente se encarregou enquanto cada um era posto de lado.

— Você reconheceria essas faces onde quer que as visse? — disse o Príncipe. — Se você passasse por uma na rua Bond ou na estrada Marylebone, reconheceria imediatamente?

— Do mesmo modo que reconheço a sua, senhor. — Marco respondeu.

Então seguiu-se um número de perguntas. Loristan fez as perguntas como sempre fizera antes. Eram questões sobre a altura e forma das pessoas originais das figuras, sobre a cor dos cabelos e olhos, e suas aparências faciais. Marco respondeu todas. Ele sabia tudo, exceto os nomes dessas pessoas, e claramente não era necessário para ele saber isso, já que seu pai nunca os mencionara.

Depois de acabado o interrogatório o Príncipe apontou para O Rato, que inclinara-se sobre suas muletas contra a parede, seus olhos ferozmente ansiosos como os de um furão.

— E ele? — o Príncipe disse. — O que ele sabe fazer?

— Deixe-me tentar. — disse O Rato. — Marco sabe.

Marco olhou para seu pai. — Posso ajudá-lo a mostrá-los? — ele perguntou.

— Sim. — Loristan respondeu, e então, ao virar-se para o Príncipe, ele disse de novo em sua voz baixa: — ELE É UM DE NÓS.

Então Marco começou uma nova forma do jogo. Ele segurou uma das faces retratadas diante do Rato, e O Rato dava o nome imediatamente da cidade e local relacionado com ela, ele detalhava a cor dos olhos e do cabelo, a altura, a estrutura física, todos os detalhes pessoais como o próprio Marco detalhara. A isso ele adicionava descrições das cidades, e locais relativos ao sistema policial, aos palácios, às pessoas. Sua face se contorcia, seus olhos queimavam, sua voz tremia, mas ele era surpreendente em sua prontidão de resposta e sua exatidão de memória.

— Não sei desenhar. — ele disse no fim. — Mas posso recordar. Não queria que ninguém se incomodasse em pensar que eu estava tentando aprender isso. Até então apenas Marco sabia. — Isso ele disse a Loristan com apelo em sua voz.

— Foi ele quem inventou "o jogo", — disse Loristan. — Eu mostrei a você os estranhos mapas e planos dele.

— É um bom jogo. — o Príncipe respondeu do modo de um homem extraordinariamente interessado e impressionado. — Eles conhecem tudo muito bem. Eles podem ser confiados.

— Nunca se fez uma coisa assim. — Loristan disse. — É tão novo quanto arriscado e simples.

— Torna-se mais seguro por causa disso. — o Príncipe respondeu.

— Talvez apenas meninos — disse Loristan — ousariam imaginar isso.

— O Príncipe agradece-lhes. — ele disse depois de mais algumas palavras ditas de lado com seu visitante. — Nós dois agradecemos. Podem voltar para suas camas. — E os meninos foram imediatamente.



## CAPÍTULO XIX

### "UM JÁ FOI!"

---

**N**ão passara nem uma semana antes de Marco trazer ao Rato no seu quarto um envelope contendo várias tiras de papel e cada uma com algo escrito.

— Isto é outra parte do jogo. — ele disse gravemente. — Vamos sentar juntos à mesa e estudá-lo.

Eles sentaram-se e examinaram o que estava escrito nas tiras. No topo de cada uma estava o nome de um dos lugares a que Marco havia conectado a face que esboçara. Mais em baixo havia direções sucintas e claras de como alcançá-la e as palavras para serem ditas quando cada indivíduo fosse encontrado.

"Essa pessoa é para ser achada em sua barraca na feira" estava escrito para um camponês com uma face inexpressiva. "Você primeiro atrairá sua atenção perguntando o preço de algo. Quando ele estiver olhando para você, toque seu dedão da mão esquerda levemente com o dedo indicador da sua mão direita. Então pronuncie em um tom baixo e distinto as palavras 'A Lâmpada está acesa.' Isso é tudo o que você deve fazer."

Às vezes as instruções não eram tão simples assim, mas todas eram similares. Os originais dos esboços eram para serem procurados - sempre com cuidado para manter em segredo que eles estavam sendo procurados e sempre de modo que o encontro aparentasse como mero acaso. Então certas palavras eram para ser ditas mas sempre sem atrair a atenção de qualquer espectador curioso ou transeunte.

Os meninos trabalharam nas suas tarefas pelo resto do dia. Eles concentraram toda a sua energia nela. Eles escreveram e reescreveram - repetiram um para ao outro o que decoraram como se fosse uma lição. Marco trabalhava com mais facilidade e rapidez porque esse tipo de treinamento havia sido sua prática e entretenimento desde sua infância. O Rato, entretanto, quase conseguia alcançá-lo, pois ele nascera com uma memória fenomenal e sua avidez e desejo eram um furor.

Mas pelo resto do dia nenhum deles se referiu ao que estavam fazendo nada mais além de "o jogo". À noite, é verdade, os dois se viram deitados acordados e pensando. Foi O Rato que, do seu sofá, quebrou o silêncio.

— Era o que os mensageiros do Partido Secreto seriam ordenados a fazer quando fossem mandados para dar o Sinal para a Ação. — ele disse. — Eu inventei isso no primeiro dia que inventei o partido, não é?

— Sim. — Marco respondeu.

Depois do terceiro dia de concentração eles decoraram tudo o que havia sido dado para eles aprender. Naquela noite Loristan os submeteu a um teste. — Vocês podem escrever estas coisas? — ele perguntou, depois que cada um as repetiu e emergiu com sucesso de todos os interrogatórios cruzados.

Cada menino as escreveu corretamente da memória. — Escreva o seu em Francês - em Alemão - em Russo - em samaviano. — Loristan disse para Marco.

— Tudo o que você tem me falado para fazer e aprender é parte de mim, Pai. — Marco disse no final. — É parte de mim, como se fosse minha mão ou meus olhos - ou meu coração.

— Creio que isso é verdade. — respondeu Loristan.

Ele estava pálido naquela noite e havia uma sombra na sua face. Seus olhos seguravam uma grande ânsia ao olharem para Marco. Era um anseio que continha um certo receio.

Lázaro também não estava parecendo consigo mesmo. Ele estava vermelho em vez de pálido e seus movimentos eram incertos e agitados. Ele pigarreava nervosamente em intervalos e mais de uma vez levantava da sua cadeira como se estivesse procurando por algo.

Era quase meia noite quando Loristan, de pé perto de Marco, colocou seu braço envolta dos ombros dele. — O Jogo, — ele começou, e então ficou silencioso por alguns minutos enquanto Marco sentia o braço dele apertar. Marco e O Rato sentiram uma batida rápida e forte nos seus peitos e por causa disso e a pausa parecer ser longa, Marco falou.

— O Jogo - sim, Pai? — ele disse.

— O Jogo logo lhe dará trabalho para fazer - para vocês dois. — Loristan respondeu.

Lázaro pigarreou e andou para o cavalete no canto do quarto. Mas ele só mudou a posição de uma folha de papel de desenho que lá estava e voltou.

— Em dois dias vocês devem ir para Paris - como você — agora falando com O Rato — planejou no jogo.

— Como eu planejei? — O Rato quase não conseguiu proferir as palavras.

— Sim. — Loristan respondeu. — As instruções que têm aprendido vocês irão executar. Não há nada mais para fazer a não ser manejar para se aproximar de certas pessoas perto o suficiente para poder dizer a eles algumas palavras.

— Somente dois andarilhos jovens de quem nenhum homem poderia suspeitar — Lázaro acrescentou numa voz surpreendentemente grossa e trêmula. — poderiam passar perto do próprio Imperador sem perigo. O jovem Mestre — sua voz tornou-se tão rouca que foi obrigado a pigarrear altamente — o jovem Mestre deve se conduzir com menos elegância. Seria bom você arrastar os pés um pouco e inclinar sua cabeça como se fosse parte do povo.

— Sim, — O Rato disse rapidamente. — ele deve fazer isto. Eu posso ensiná-lo. Ele segura sua cabeça e ombros como um cavalheiro. Ele deve se parecer com um menino de rua.

— Eu vou parecer com um. — Marco disse com determinação.

— Eu confiarei que você irá lembrá-lo. — Loristan disse para O Rato, e disse com seriedade. — Esse será seu encargo.

Ao deitar-se no seu travesseiro naquela noite, pareceu para Marco como se um fardo houvesse levantado do seu coração. Era o fardo de incerteza e almejo. Por tanto tempo ele carregara a angústia do sentimento de que era muito jovem para ser permitido a servir de qualquer maneira. Seus sonhos nunca foram extraordinários. Mas agora nenhum sonho que pudesse passar por sua cabeça teria parecido tão maravilhoso quanto esse - a hora chegara - a hora chegara - e ele próprio, Marco, deveria ser seu mensageiro. Não era para ele fazer nenhuma façanha nem ser proclamado por nenhum brado de arauto. Ninguém saberia o que ele fez. O que ele realizou somente poderia ser alcançado se mantivesse oculto e desconhecido e se parecesse a todos um menino ordinário e comum que não sabia absolutamente nada de coisas importantes. Mas seu pai dera a ele um presente tão esplendido que ele tremia de admiração e alegria ao pensar. O Jogo tornara-se real. Ele e O Rato deveriam levar consigo O Sinal, e seria como se levassem uma pequena lamparina para pôr em chamas luzes que resplandeceriam de um pico de montanha para o próximo até que metade do mundo parecesse estar em chamas.

Do mesmo modo que acordara de seu sono quando Lázaro o tocou, ele acordou de madrugada de novo. Mas ele não foi acordado por um toque. Quando abriu seus olhos ele sabia que era um olhar que havia penetrado em seu sono - um olhar do seu pai que estava de pé ao lado dele. Na rua lá fora estava um silêncio completo que ele havia notado na noite que o Príncipe os visitou pela primeira vez - a lâmpada de rua era a única luz mas conseguia ver a face de Loristan claro o suficiente para saber que a mera intensidade de seu olhar o havia acordado. O Rato estava dormindo profundamente. Loristan falou em samaviano aos sussurros.

— Filho amado, — ele disse. — você é muito jovem. Por ser seu pai - nessa exata hora não posso sentir nada mais. Tenho o treinado para isso por sua vida inteira. Estou orgulhoso de sua maturidade e força mas - Filho amado - você é uma criança! Posso fazer isso?!

Neste momento sua face e sua voz mal se pareciam com ele. Ele ajoelhou-se ao lado da cama, e, ao fazer isso, Marco, levantando um pouquinho, agarrou a mão dele e segurou firmemente contra seu coração.

— Pai, eu sei! — ele exclamou em sussurros também. — É verdade. Eu sou uma criança mas não sou também um homem? Você mesmo disse isso. Eu sempre soube que você estava me ensinando para ser um homem - por alguma razão. Era meu segredo que eu sabia. Eu aprendi bem porque nunca esqueci disso. E eu aprendi. Não é?

Ele estava tão ansioso que parecia mais com um menino do que nunca. Mas esta força e coragem jovem eram esplêndidas de ver. Loristan o conhecia por completo e lia todo pensamento de menino seu.

— Sim. — ele respondeu vagorosamente. — Você fez sua parte - e agora se eu - recuasse - você sentiria que eu havia o falhado.

— Você? — Marco sussurrou orgulhosamente. — Você não falharia nem mesmo com a coisa mais fraca no mundo!

Houve um momento de silêncio em que os dois pares de olhos fitavam-se um no outro com um significado muito profundo, então Loristan levantou-se.

— O final será o que os nossos corações mais anseiam — ele disse. — Amanhã você deve começar a parte nova do "Jogo". Você deverá ir para Paris.

Quando o trem que se encontra com o barco que atravessava de Dover para Calais começou a soltar fumaça e a sair da barulhenta Estação Charing Cross, carregava na terceira classe dois meninos com roupas esfarrapadas.<sup>8</sup> Um deles seria um jovem majestoso se não se carregasse tão relaxadamente e andasse como um menino de rua desleixado arrastando os pés. O outro era um aleijado que andava vagorosamente e aparentemente com dificuldades nas suas muletas. Não havia nada notável ou pitoresco o suficiente neles para atrair atenção. Eles sentavam no canto do vagão e não conversavam muito e nem aparentavam estarem particularmente interessados na jornada ou um no outro. Quando subiram no navio eles rapidamente se misturaram entre os passageiros mais comuns e de fato acharam um lugar que não era vantajoso o suficiente para ser um lugar que qualquer outra pessoa iria querer.

---

<sup>8</sup> Dover na Inglaterra e Calais na França são separadas por somente 20 milhas (32 quilômetros) de água. Esta é a mais curta distância entre Inglaterra e Europa continental. Balsas até hoje atravessam de uma cidade para outra levando pessoas e seus veículos. Charing Cross é uma estação de trem no centro de Londres que está em operação até hoje.

— Para que um par de meninos pobres está indo para Paris? — alguém perguntou a seu acompanhante.

— Certamente não por divertimento... talvez para achar um emprego — foi a vaga resposta.

À noite eles chegaram em Paris e Marco conduziu para um pequeno restaurante numa ruela onde compraram uma comida barata. Na mesma ruela eles acharam uma cama que poderiam dividir para a noite num quarto acima de uma padaria.

O Rato estava muito empolgado para poder dormir cedo. Ele implorou para Marco guiá-lo pelas ruas brilhantes. Eles foram vagorosamente pela larga avenida des Champs Elysees (Campos Elísios) debaixo das luzes brilhantes entre as árvores de castanha-da-Índia. Os olhos perspicazes do Rato captaram tudo - as folhagens das árvores que tampavam as luzes dos restaurantes, todas as carroças e carruagens passando, as pessoas conversando ou rindo nas ruas ou sentadas envolta de mesas bebendo vinho e ouvindo música, a larga correnteza de vidas que corriam até o Arco do Triunfo<sup>9</sup> e de volta.

— Aqui é mais iluminado e claro do que em Londres. — ele disse para Marco. — Parece que as pessoas estão se divertindo mais do que na Inglaterra.

Place de la Concorde espalhando seu majestoso espaço - um mundo de iluminação, movimento e beleza grandiosa - o segurava como um encanto. Ele queria ficar pasmado olhando para a estrutura primeiro de um ponto de vista e depois de outro. Era maior e mais poderosa do que ele podia imaginar quando Marco descrevera para ele e lhe dissera sobre o que aquele lugar significou nos dias da Revolução Francesa quando a guilhotina lá havia permanecido e as carroças de pessoas havia se esvaziado aos seus pés.

Ele ficou em pé perto do Obelisco um longo tempo sem falar nada. — Posso ver tudo acontecendo — ele disse finalmente empurrando Marco.

Antes de eles voltarem para casa, acharam o caminho para uma casa grande que ficava no meio de um pátio. No ferro ornamental das grades majestosas que cercavam o pátio havia pequenas coroas douradas. As grades estavam fechadas e a casa não era muito iluminada.

Eles passaram por ela e andaram em volta sem falar nada, mas quando se aproximaram da entrada pela segunda vez O Rato disse em voz baixa:

---

<sup>9</sup> O Arco de Trinfo (francês: Arc de Triomphe) é um monumento famoso em Paris em honra aos soldados franceses da era de Napoleão Bonaparte. O "Place de la Concorde" que significa Praça da Concórdia é a maior praça em Paris e onde o Obelisco está localizado. Este Obelisco de 3,300 anos de idade é um monumento egípcio dada pelo vice-rei do Egito em 1833 e possui aproximadamente 23 metros de altura e 230 toneladas. Ele é decorado com centenas de hieróglifos referentes ao Faraó Ramsés II.

— Ela tem um metro e setenta, tem cabelo preto, com a parte superior do nariz saliente, suas sobrancelhas são pretas e quase se encontram, ela tem pele oliva pálido e ergue sua cabeça orgulhosamente.

— Esta é a pessoa. — Marco respondeu.

Eles ficaram em Paris por uma semana e todos os dias passavam perto dessa casa grande. Havia certas horas em que era mais provável que senhoras nobres saíssem e entrassem do que outras. Marco sabia disto e eles procuravam deixar a casa à vista ou passar por ela nessas horas. Por dois dias eles não viram nenhum sinal da pessoa que eles esperavam de ver, mas numa manhã os portões foram abertos e eles viram flores e palmeiras serem levadas para dentro.

— Ela estava fora e está voltando. — Marco disse. No próximo dia eles passaram pela casa três vezes - uma vez quando era hora de mulheres elegantes saírem para fazerem suas compras, uma vez quando as visitas da tarde eram mais prováveis de começarem, e uma vez quando as ruas estavam brilhantes de luzes e carroças e carruagens começavam ir para festas, restaurantes e teatros.

Então, enquanto estavam de pé a certa distância das grades de ferro, uma carruagem passou por eles e parou na frente do portão que foi aberto por dois criados altos de librés esplendidos.

— Ela está saindo. — O Rato disse.

Eles poderiam vê-la claramente quando ela viesse porque as luzes sobre a entrada estavam bem claras. Marco tirou da parte de baixo da manga de sua jaqueta um esboço feito cuidadosamente. Ele e O Rato o olharam.

Um criado ficou de guarda em cada lado do portão aberto. O criado que sentava com o cocheiro havia descido e estava esperando ao lado da carruagem. Marco e O Rato deram uma olhada novamente com rapidez furtiva para o esboço. Uma mulher apareceu na porta. Ela parou e deu algumas ordens para o criado que estava na direita. Então saiu para a luz e entrou na carruagem a qual saiu do pátio e passou bem próximo de onde os dois meninos esperavam.

Quando havia desaparecido, Marco respirou fundo e rasgou o esboço em vários pedaços bem pequenos. Ele não jogou os pedaços fora mas colocou-os dentro do seu bolso. O Rato respirou fundo também. — Sim. — ele disse positivamente.

— Sim. — disse Marco.

Quando eles estavam seguros no quarto acima da padaria, discutiram as possibilidades de passarem por ela de maneira que pareceria por acaso. Dois meninos comuns não poderiam entrar no pátio. Havia uma entrada por traz para homens de negócio e mensageiros. Quando ela saía sempre entrava na carruagem no mesmo lugar. A não ser que ela às vezes andasse, não poderiam aproximar-se dela. O que

deveria ser feito? Era algo difícil. Depois de eles conversarem por algum tempo O Rato sentou e começou a roer as unhas.

— Amanhã à tarde, — ele finalmente falou. — nós olharemos e veremos se a carruagem entra para ela – aí, quando ela vier para a porta, começarei mendigar. O servo irá pensar que sou um estrangeiro e não sei o que estou fazendo. Você pode vim depois para me falar para sair, porque você sabe melhor do que eu que devo sair. Ela talvez seja uma mulher bondosa e nos escute – e você talvez possa chegar perto dela.

— Podemos tentar. — Marco respondeu. — Talvez funcione. Vamos tentar.

O Rato nunca deixou de tratá-lo como seu líder. Ele havia implorado a Loristan para deixá-lo ir com Marco como seu servo, e o servo dele ele era mais do que disposto a ser. Quando Loristan havia dito que ele seria o seu ajudante-de-campo, ele sentira que sua confiança havia sido elevada para uma dignidade militar que também o elevou. Como o seu ajudante-de-campo ele deve servi-lo, observá-lo, obedecer a seu menor desejo, e deixar tudo fácil para ele. Às vezes Marco ficava perturbado pela maneira em que esse estranho, antes um moço ditatorial e briguento que no começo havia jogado pedras nele insistia em servi-lo.

— Você não precisa ficar me servindo, — Marco lhe disse. — eu consigo me servir.

O Rato corou. — Ele disse para mim que me deixaria vir com você como seu ajudante-de-campo. — ele disse. — É...é parte do jogo. As coisas ficam mais fáceis se continuarmos o jogo.

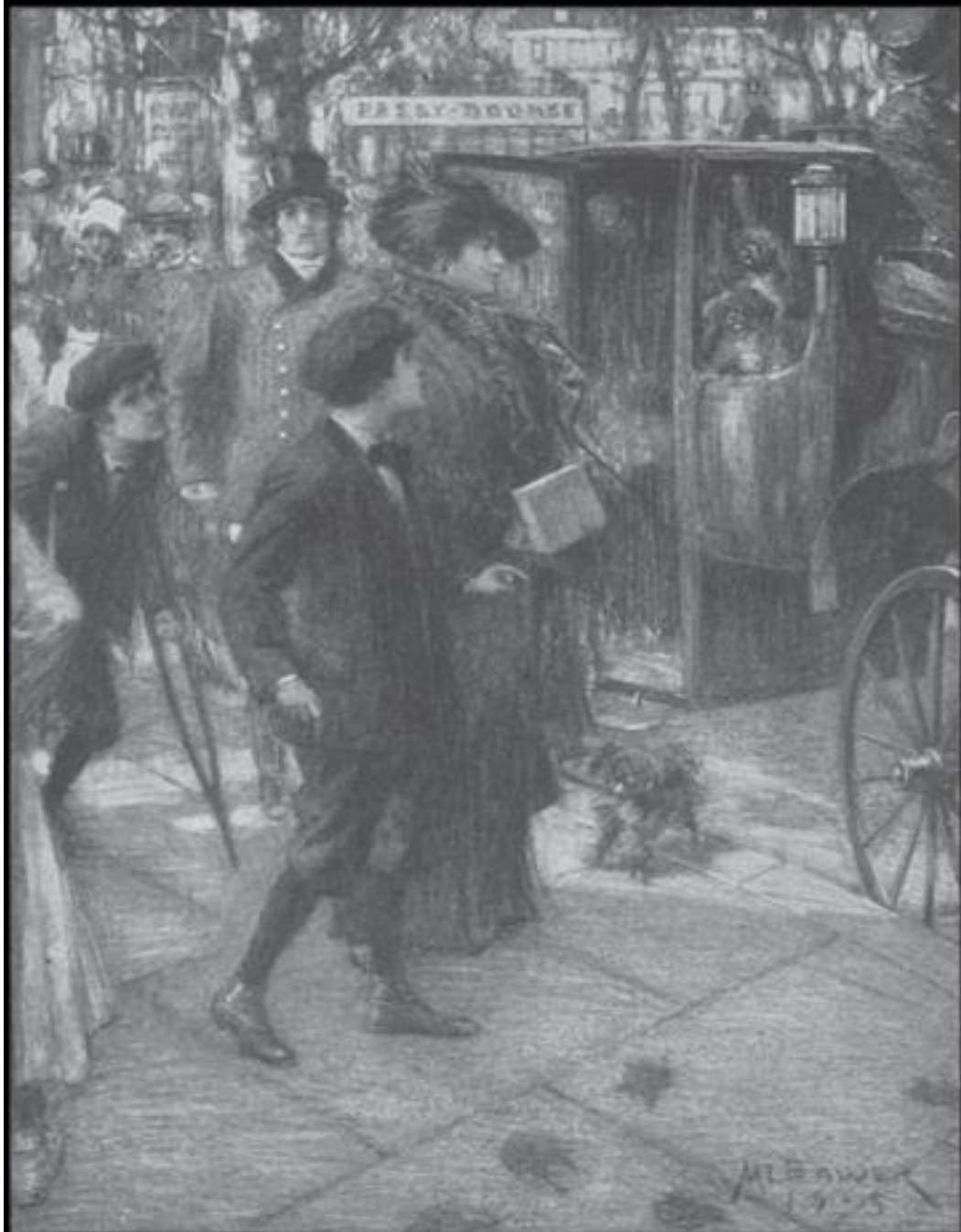
Atrairia muita atenção se eles passassem muito tempo ao redor da casa grande. Então aconteceu que na próxima tarde a senhora rica evidentemente saiu numa hora quando eles não estavam procurando por ela. Eles estavam em seu caminho para tentarem executar seu plano quando, ao andarem juntos pela Rue Royale, O Rato de repente tocou o cotovelo de Marco.

— A carruagem está na frente da loja com laços na janela. — ele sussurro rapidamente.

Marco olhou e logo a reconheceu. A dona tinha evidentemente entrando na loja para comprar algo. Essa era uma oportunidade melhor do que eles haviam esperado e, quando se aproximaram da carruagem, viram que havia ainda mais outro ponto a favor deles. Dentro da carruagem estavam três pequineses que pareciam idênticos. Os três estavam tentando olhar para fora da janela e estavam empurrando um ao outro. Eles eram tão perfeitos e tão lindos que poucas pessoas passavam sem olhar para eles. Que desculpa melhor dois meninos podiam ter por ficarem olhando?

Eles pararam e, ficando de pé a pouca distância, começaram a olhar e conversar entre si, rindo da maneira engraçada e agitada que se comportavam. Pela janela da

loja Marco viu de relance a senhora rica. — Ela não parece muito interessada. Ela não ficará por muito mais tempo. — ele sussurrou, e adicionou em voz alta — Aquele menor é o líder. Veja como ele empurra os outros pro lado! Ele é mais forte do que os outros dois, mesmo sendo tão pequeno.



*Ao ela se aproximar da carruagem com ele, ele disse algumas palavras em russo.*

— Ele consegue morder também, — O Rato disse.

— Ela está vindo agora. — Marco avisou, e depois deu uma gargalhada quando os pequineses viram sua dona na porta da loja e começaram a pular e latir de alegria.

A própria dona começou a sorrir, e estava sorrindo enquanto Marco se aproximava dela.

— Podemos olhá-los, Madame? — ele disse em Francês e enquanto ela fez um gesto bondoso de aquiescência e andou em direção à carruagem com ele, ele disse em poucas palavras, bem baixo mas bem distinto, em russo.

— A Lâmpada Está acesa. — ele disse.

O Rato olhou-a com olhos perspicazes, mas ele não viu sua face mudar nem um pouquinho. O que ele notou mais do que tudo na sua jornada era que cada pessoa a quem eles davam o Sinal tinha controle completo sobre seu semblante se houvesse pessoas próximas e nunca revelavam nada por qualquer mudança na expressão, como se as palavras não significassem nada de importante.

A senhora rica simplesmente continuou sorrindo, e falou somente sobre os cachorros, permitindo que ele e Marco os olhassem pela janela da carruagem enquanto o criado abria a porta para ela entrar.

— Eles são pequenos animais lindos. — Marco disse, levantando seu chapéu e, depois de o criado se virar ele disse suas poucas palavras em Russo de novo e saiu sem olhar de novo para a mulher.

— UM já foi! —Marco disse para O Rato naquela noite antes de eles dormirem e com um fósforo queimou os pedaços do esboço que havia rasgado e colocado no bolso.



## CAPÍTULO XX

### MARCO VAI PARA A ÓPERA

---

**A** próxima jornada deles era para Munique, mas à noite, antes de deixarem Paris uma coisa inesperada aconteceu.

Para chegar à estreita escadaria que levava ao quarto era necessário passar por dentro da padaria. A esposa do padeiro era uma mulher afetuosa que gostava dos dois meninos inquilinos que eram muito quietos e não davam problemas. Mais de uma vez ela lhes dera um ou dois pães quentes ou uma pequena torta com frutas no centro recém assada. Quando Marco entrou naquela tarde, ela o recebeu com um aceno de cabeça e entregou-lhe um pequeno pacote quando ele passou.

— Deixaram isto para você esta tarde. — ela disse. — Vejo que está fazendo compras para sua viagem. Meu marido e eu sentimos muito por você partir.

— Obrigado, Madame. Também sentimos muito. — Marco respondeu, pegando o embrulho. — Não são grandes compras, como vê.

Mas nem ele nem O Rato comprara absolutamente nada, embora o pequeno pacote fosse comum e era claramente endereçado para ele e tinha o nome de uma das grandes lojas de preços baixos. Tocando, sentia-se que continha alguma coisa macia. Quando ele chegou ao quarto, O Rato estava olhando fixamente para fora da janela observando todas as coisas vivas que passavam na rua abaixo. Ele, que nunca vira nada além de Londres estava absorvido pela vista de Paris e estava pondo tudo na memória.

— Mandaram alguma coisa para nós. Veja isso. — Marco disse.

O Rato foi para perto dele imediatamente. — O que é? De onde veio?

Eles abriram o pacote e a princípio apenas viram vários pares de meias de lã comuns. Ao pegar a meia no meio do embrulho, Marco sentiu que havia alguma coisa dentro - alguma coisa colocada nivelada e com cuidado. Ele colocou a mão

dentro e tirou várias notas de cinco francos<sup>10</sup> – não notas novas, porque notas novas poderiam revelar-se pelo barulho que fazem. Essas eram velhas o suficiente para serem macias. Mas havia o suficiente delas para uma soma substancial.

— É em notas pequenas porque meninos pobres têm apenas isso. Ninguém vai ficar surpreso quando trocarmos essas notas. — O Rato disse.

Os dois acreditavam que o pacote fora enviado pela senhora rica, mas fora feito tão cuidadosamente que nem o menor indício fora deixado.

Para O Rato, parte do profundo entusiasmo do "Jogo" era a elaboração dos planos e métodos de cada pessoa envolvida. Ele não teria dormido sem planejar algum esquema que teria sido usado nesse caso. Ele vibrou ao contemplar as dificuldades que a senhora rica teria se visto sendo obrigada a superar.

— Talvez, — ele disse, depois de pensar bem no assunto por algum tempo. — ela foi a uma loja grande e popular vestida como se fosse uma mulher comum e comprou as meias e fingiu que ela própria carregaria para casa. Ela faria isso para que pudesse levá-las para alguma esquina e colocar o dinheiro dentro. Então, como ela queria que fossem mandadas da loja, talvez comprou outras coisas e pediu para que entregassem os pacotes em lugares diferentes. As meias foram mandadas para nós e as outras coisas para alguma outra pessoa. Ela iria para uma loja onde ninguém a conhecesse e onde ninguém esperasse vê-la e usaria roupas que não parecessem nem ricas nem muito pobres.

Ele criou o episódio completo com todos os detalhes e explicou-os para Marco. Isso o fascinou por um bom tempo até que ele se sentiu aliviado e dormiu bem.

Mesmo antes de terem deixado Londres, certos jornais já tinham deixado pessoas não acreditarem na realidade da história do descendente do Príncipe Perdido. Isso fora feito por menosprezo e leve manipulação, tratando-a como uma lenda. A princípio, O Rato ressentira-se amargamente, mas um dia durante uma refeição, quando estivera apresentando argumentos para provar que a história era verdadeira, Loristan de algum modo freou seus pensamentos por seu próprio silêncio. — Se existe tal homem, — ele disse depois de uma pausa. — é bom para ele que não acreditem em sua existência – pelo menos por algum tempo.

O Rato teve uma parada total. Ele sentiu-se quente por um momento e depois sentiu-se frio. Ele compreendeu uma nova ideia toda de uma vez. Ele vinha cometendo um erro nas táticas. Nada mais foi dito mas, quando eles estavam sozinhos mais tarde, ele se abriu para Marco. — Eu fui um tolo! — ele exclamou. — Porque não consegui perceber isso?! Posso contar para você o que acredito que foi feito? Há alguém que tem influência na Inglaterra e que é um amigo de Samávia. Eles

---

<sup>10</sup> O franco era a moeda nacional da França de 1360 até 1641 e de novo de 1795 até 1999 que foi quando o Euro foi introduzida à França.

conseguiram que os jornais ridicularizassem a história para que ninguém acredite. Se acreditassem, tanto os Iarovitch quanto os Maranovitch estariam de vigia, e o Partido Secreto perderia suas chances. Como fui tolo por não pensar nisso! Há alguém observando e trabalhando aqui e que é amigo de Samávia.

— Mas há alguns em Samávia que começaram a suspeitar de que pode ser verdade. — Marco respondeu. — Se não houvesse, eu não teria sido trancado na adega. Alguém pensou que meu pai sabe de alguma coisa. Os espiões tinham ordens para descobrir o que era.

— Sim. Sim Isso é verdade, também! — O Rato respondeu ansiosamente. — Nós devemos ter muito cuidado.

No forro da manga do casaco de Marco havia uma abertura na qual ele podia colocar facilmente qualquer coisa pequena que desejasse esconder e que também desejasse alcançar sem problema. Dentro dela ele carregara o esboço da senhora que ele rasgara em Paris. Quando eles andavam nas ruas de Munique, na manhã depois de terem chegado, ele carregava ainda um outro esboço. Era o que ilustrava o velho aristocrata de aparência alegre com o sorriso astuto.

Uma das coisas que eles aprenderam sobre esse homem era que sua principal característica era a sua paixão por música. Ele era um patrono de músicas e passava muito tempo em Munique porque amava sua atmosfera musical e a dedicação de seus frequentadores de ópera.

— A banda militar toca no Feldherrn-halle<sup>11</sup> ao meio dia. Quando é tocada alguma coisa muito boa, às vezes as pessoas param suas carruagens para ouvir. Nós vamos para lá. — disse Marco.

— É uma chance. — disse O Rato. — Não devemos perder nada que possa ser uma chance.

O dia estava brilhante e ensolarado, as pessoas passando pelas ruas pareciam à vontade e simples; a mistura de ruas velhas e modernas, de esquinas antigas e lojas e casas novas era pitoresca e agradável. O Rato, balançando-se pela multidão em suas muletas, estava cheio de interesse e alegria. Ele começara a crescer, e a mudança em sua face e em sua expressão, que começara em Londres se tornara mais perceptível. Ele recebera seu "lugar", e um trabalho para fazer, o que o dava o direito de mantê-lo.

Ninguém poderia suspeitar que eles carregavam um segredo estranho e vital com eles ao perambularem juntos. Eles pareciam apenas dois meninos comuns que olhavam para dentro das lojas pelas janelas e conversavam sobre o que havia dentro,

---

<sup>11</sup> Feldherrn-halle é um monumento em Munique que honra os soldados da Bavária e contem estátuas de seus principais líderes.

e que andavam parando com os rostos para cima na Marien-Platz<sup>12</sup> diante do adornado Gothic Rathaus (o palácio da câmara municipal) para ouvir o toque das onze horas soar e ver as figuras pintadas do Rei e da Rainha assistirem de sua sacada o passar diante deles do cortejo do torneio automático com seus trombeteiros e cavaleiros de justa. Quando o espetáculo terminou e o galo automático irrompeu em sua vigorosa despedida, eles riram exatamente como qualquer outro menino faria. Às vezes seria fácil para O Rato esquecer que havia algo mais importante no mundo do que os novos lugares e as novas maravilhas que estava vendo, como se fosse um menestrel ambulante em uma história.

Mas em Samávia batalhas sangrentas eram travadas, e planos sangrentos feitos, e em ansiedade angustiada o Partido Secreto e os Forjadores da Espada esperavam sem fôlego pelo Sinal o qual esperaram por tanto tempo. E dentro do forro do casaco de Marco estava escondida a face esboçada, enquanto os dois meninos despercebidos iam em seu caminho para o Feldherrnhalle para ouvir a banda tocar e ver quem poderia estar entre os espectadores. Como o dia estava ensolarado, e também porque a banda estava tocando um programa particularmente bom, a multidão na área era maior do que o normal. Vários veículos tinham parado, e entre eles estava um ou dois que não eram meramente cabriolés alugados, mas as carruagens particulares de pessoas.

Uma delas evidentemente chegara cedo, já que estava parada em uma boa posição quando os meninos chegaram à esquina. Era uma grande carruagem aberta e imponente, luxuosamente estofada em verde. O criado e o cocheiro usavam librés verdes e prateados e pareciam saber que as pessoas estavam olhando para eles e para seu amo. Ele era um velho aristocrata robusto, de aparência alegre com um sorriso astuto, embora, enquanto ouvia a música, o sorriso quase esquecera de ser astuto. Na carruagem com ele estavam um jovem oficial e um menino pequeno, e eles também escutavam atentamente. Em pé perto da carruagem estavam várias pessoas que eram obviamente amigos ou conhecidos, pois ocasionalmente falavam com ele. Marco tocou a manga do casaco do Rato ao se aproximarem.

— Não será fácil chegar perto dele. — ele disse. — Vamos ficar o mais perto da carruagem que pudermos sem empurrar. Podemos talvez ouvir alguém dizer algo sobre onde ele vai depois que a música acabar.

Sim, não havia erro. Ele era o homem certo. Os dois sabiam de cor as rugas em sua face vigorosa e a curva de seu bigode cinza. Mas não havia nada de notável em um menino olhando por um momento para um pedaço de papel, e Marco andou

---

<sup>12</sup> A Marienplatz, ou Praça da Maria em português, é uma praça no centro de Munique, Alemanha. Esta praça é desde 1158 e fica localizada diante do palácio da câmara municipal. Durante a era Medieval, torneios e feiras eram realizados nessa praça. O relógio mecânico que Marco e O Rato estão admirando é uma parte de uma sena de um torneio. Hoje, ainda milhões de turistas vão todo ano para parar e olhar o relógio.

calmamente alguns passos para um pequeno espaço deixado pela multidão e deu uma última olhada em seu esboço. Sua regra era ter certeza no momento final. A música estava muito boa e o grupo perto da carruagem estava evidentemente entusiasmado. Havia conversas e elogios e comentários, e o velho aristocrata acenava com a cabeça em aplauso.

— O Chanceler é um amante da música. — um espectador perto dos meninos disse para outro. — Vai para a ópera toda noite a menos que obrigações graves o afastem! Lá você pode vê-lo acenando a velha cabeça e quase estourando suas luvas de tanto aplaudir quando fazem uma coisa boa. Ele deveria reger uma orquestra ou tocar um violoncelo. Ele é grande demais para o primeiro violino.

Um grupo ficou perto da carruagem até o fim, quando acabou a música, ela foi embora. Não houvera oportunidade possível de passar perto, mesmo que a presença do jovem oficial e do menino não representassem um obstáculo intransponível.

Marco e O Rato saíram e passaram pelo Teatro Hof e leram os cartazes. "Tristan und Isolde" (Tristão e Isolda) seria apresentado à noite e uma grande cantora faria o papel de Isolda<sup>13</sup>. — Ele virá para ouvir isso. — os dois meninos disseram imediatamente. — Com certeza ele virá.

Foi decidido entre eles que Marco deveria ir sozinho em sua busca quando a noite chegasse. Um menino que ficasse na entrada da Ópera seria menos observado que dois.

— As pessoas reparam mais em muletas do que em pernas. — O Rato disse. — É melhor eu ficar fora do caminho a menos que você precise de mim. Minha hora ainda não chegou. Mesmo que não chegue nunca eu estive – eu estive em serviço. Eu vim com você e estive pronto. É isso o que um ajudante-de-campo faz.

Ele ficou em casa e leu tantos jornais Ingleses quanto pode pegar e fez planos e relutou batalhas no papel.

Marco foi para a Ópera. Mesmo que não soubesse o caminho para o quarteirão perto de onde era o Teatro Hof, ele poderia facilmente tê-lo achado seguindo os grupos de pessoas nas ruas que pareciam todas estar andando na mesma direção. Havia estudantes com seus chapéus diferentes andando em três ou quatro, e havia casais jovens e mais velhos, e aqui e ali famílias inteiras; havia soldados de todas as idades, oficiais e rasos; e, quando se ouvia a conversa ao passar, era sempre sobre música.

Por algum tempo Marco esperou na quadra e observou as carruagens chegarem e passarem em baixo do pórtico enorme sustentado por pilares para depositar seus

---

<sup>13</sup> "Tristan und Isolde" é uma ópera por Richard Wagner. A estreia desta obra foi em Munique em 1865 e ainda é realizada nas principais óperas no mundo inteiro.

conteúdos na entrada e imediatamente partirem em sequência ordenada. Ele deveria ter certeza de que a grande carruagem com os uniformes verdes e prateados chegava com as outras. Se viesse, ele compraria uma entrada barata e entraria.

Era um tanto tarde quando chegou. As pessoas em Munique não se atrasam para a ópera se puderem, e o cocheiro dirigiu apressadamente. O criado em verde e prateado pulou para o chão e abriu a porta da carruagem quase antes que ela parasse. O Chanceler saiu com uma aparência menos alegre do que o normal porque estava receoso de perder parte da abertura. Uma mulher mais nova em vestido branco estava com ele e estava evidentemente tentando acalmá-lo.

— Eu não acho que estejamos realmente atrasados, pai. — ela disse. — Não fique frustrado, pai. Isso vai estragar a música para você.

Esse não era um momento em que a atenção de um homem poderia ser atraída discretamente. Marco correu para comprar seu bilhete, que lhe daria um lugar entre as fileiras de soldados jovens, artistas, homens e mulheres estudantes, e músicos que estavam dispostos a ficar quatro ou cinco fileiras atrás mesmo durante a execução da mais longa ópera. Ele sabia que, a menos que estivessem em uma dos poucos camarotes que pertenciam apenas às pessoas da corte, o Chanceler e sua filha estariam nos melhores assentos na curva da frente do balcão, que era o lugar mais desejável da plateia. Ele logo os viu. Eles haviam garantido os lugares centrais logo abaixo do grande camarote real onde duas princesas quietas e sua comitiva já estavam sentadas.

Quando o Chanceler descobriu que não estava muito atrasado para a abertura, sua face se tornou mais alegre do que nunca. Ele acomodou-se para uma noite de divertimento e evidentemente esqueceu de todas as outras coisas do mundo. Marco não o perdeu de vista. Quando os ouvintes saíssem no intervalo entre os atos para passear nos corredores, ele poderia ir também e lá poderia haver uma chance de passar perto do Chanceler na multidão. Ele o observou de perto. Algumas vezes sua face velha e elegante entristecia-se com a linda angústia da música, outras vezes parecia extasiada, e era sempre evidente que cada nota atingia sua alma.

Depois do segundo ato o Chanceler ficou sentado por alguns minutos como se estivesse em um sonho. As pessoas nos assentos perto dele começaram a se levantar e a formar uma fila nos corredores. A filha do Chanceler se inclinou para frente e tocou o braço do pai gentilmente.

"Ela quer que ele a leve para fora." Marco pensou. "Ele vai levá-la porque é bondoso."

Ele o viu sair de seu sonho com um sorriso e então levantou-se e deu a ela o braço exatamente enquanto Marco pulava de sua posição na quarta fileira. Era uma noite quente e os corredores estavam cheios. Quando Marco chegou ao piso do balcão, o

par havia saído pela pequena porta e se perdeu temporariamente entre os que se moviam.

Marco calmamente andou entre a multidão tentando parecer que pertencia a alguém. Uma ou duas vezes sua estrutura forte e seus olhos e cílios densos e pretos faziam as pessoas olharem-no, mas ele não era o único menino que fora trazido à ópera então ele se sentia seguro o suficiente para parar ao pé da escada e observar aqueles que subiam e os que passavam por ela. Era uma multidão bem variada – amantes da música bons e fora de moda misturados aqui e ali com grandes pessoas da corte.

Repentinamente ele ouviu uma risada baixa e um momento depois uma mão o tocou levemente.

— Você REALMENTE escapou, então? — uma voz suave disse.

Quando ele se virou, sentiu os músculos endurecerem. Ele não ficou mais relaxado e não sorriu ao olhar para quem falava. O que sentiu foi uma onda de ardente e desdenhosa raiva. Passou por ele antes que tivesse tempo para controlá-la.

Uma senhora pequena e idosa que parecia envolta em várias sombras de roupagem violeta claro estava sorrindo para ele com olhos cinzas e penetrantes. Era a mulher que o enganara em Brandon Terrace nº 10.



## CAPÍTULO XXI

### "SOCORRO!"

---

Você demorou muito para achar? — perguntou a pequena senhora com o sorriso torcido. — Claro que eu sabia que você acabaria achando. Mas precisávamos de tempo. Quanto tempo demorou? — Marco mudou de posição para sair debaixo do toque da mão dela. Isso foi feito calmamente, mas havia um desdém em sua face jovem que a fez estremecer embora ela fingiu encolhendo os ombros divertidamente.

— Você se recusa a responder? — ela ridicularizou.

— Eu me recuso.

E naquele exato momento ele viu na curva do corredor o Chanceler e sua filha aproximando-se lentamente. Eles estavam voltando para o camarote. Será que iria perdê-los? Será? A velha mão fora colocada em seu ombro de novo, mas desta vez ele sentiu que agarrava firmemente.

— Menino malcriado! — a voz estridente disse. — Eu vou levá-lo para casa comigo. Se você se debater eu vou dizer a essas pessoas que você é meu neto mau que está aqui sem permissão. O que você vai responder? Meu filho está descendo a escadaria e vai me ajudar. Está vendo? E de fato apareceu na multidão no alto da escadaria a figura do homem que ele se lembrava.

Ele viu. Uma umidade surgiu nas palmas de suas mãos. Se ela tivesse essa audácia, o que ele poderia dizer àqueles a quem ela contasse a mentira? Como poderia ele provar ou explicar quem era - e quanto da verdade ousaria contar? Seu protesto e sua luta iriam meramente entreter os espectadores, que veriam neles apenas o temperamento imprestável de um menino rebelde.

Ele não fez nenhum som, e a mulher que o segurava viu apenas uma chama saltar debaixo de suas sobrancelhas pretas e densas.

O Chanceler se aproximava. Talvez! Deveria ele...? — Você é muito orgulhoso para chutar e gritar. — a voz continuou. — E as pessoas iriam apenas rir. Está vendo?

As escadas estavam cheias e o homem que estava lá em cima podia somente se mover devagar. Mas ele vira o menino.

Marco virou-se para que pudesse ver quem o capturava de frente como se estivesse para dizer algo para respondê-la. Mas não estava.

Mesmo ao fazer o movimento de se virar, ele sabia o que deveria fazer. E podia fazer duas coisas de uma vez: salvar-se e dar o Sinal. Porque, uma vez dado o Sinal, o Chanceler entenderia.

— Ele estará aqui em um instante. Ele reconheceu você. — a mulher disse.

Enquanto ele olhava para as escadas, o aperto delicado da mão dela inconscientemente afrouxou-se. Marco se livrou dela com um giro rápido. O sino tocou, o que avisava aos espectadores que deveriam retornar aos assentos, e ele viu o Chanceler apressar o passo.

Um momento depois, o velho aristocrata encontrou-se olhando surpreendido para a face pálida de um menino sem fôlego que falava com ele em alemão de tal modo que não pode fazer nada a não ser parar e ouvir.

— Senhor, — ele estava dizendo. — a mulher de violeta ao pé da escada é uma espia. Ela me pôs em uma armadilha uma vez e ameaça fazer de novo. Senhor, posso implorar que me proteja?

Ele disse em voz baixa e rapidamente. Ninguém mais podia ouvir suas palavras.

— O quê! O quê! — o Chanceler exclamou.

E então, aproximando-se um passo e tão baixo e rapidamente quanto antes mas com perfeita clareza, Marco pronunciou quatro palavras: — A Lâmpada está acesa.

Seu apelo por ajuda foi atendido imediatamente. Marco viu isso instantaneamente nos olhos do velho, apesar do fato de ele ter se virado para olhar a mulher ao pé da escadaria, como se ela era seu único interesse.

— O quê! O quê! — ele disse novamente, e fez um movimento na direção dela, puxando seu grande bigode com uma mão feroz.

Então Marco percebeu que uma coisa interessante aconteceu. A senhora idosa viu o movimento e o bigode cinza, e naquele instante seu sorriso sumiu e ela ficou branca, tão branca que, debaixo da luz elétrica brilhante ela estava quase verde e mal parecia viva. Ela fez um sinal para seu filho na escadaria e deslizou para dentro da multidão como uma enguia. Ela era uma mulher magra mas resistente e flexível e nunca houve um desaparecimento mais notável por sua rapidez. Entre esposas corpulentas e maridos altos ou robustos e famílias ela encontrou seu caminho e se perdeu – mas sempre indo na direção da saída. Em dois minutos não havia sinal de suas roupagens violetas. Ela se fora e também, evidentemente, se fora seu filho.

Estava claro para Marco que seguir a profissão de espião não era de modo algum uma coisa segura. O Chanceler a reconhecera e ela reconhecera o Chanceler, que se virou com aparência ferozmente zangada e falou para um de seus jovens oficiais.

— Ela e seu filho são Russos - dois dos espiões mais perigosos da Europa. O que eles queriam deste rapaz inocente eu não pretendo saber. Ela ameaçou fazer o quê? — disse para Marco.

Marco estava se sentindo um tanto frio e doente e perdera sua cor saudável no momento.

— Ela disse que ia me levar para a casa dela e que fingiria que eu era seu neto que viera aqui sem permissão. — ele respondeu. — Ela acha que eu sei alguma coisa que não sei. — Ele fez uma reverência hesitante porém agradável. — O terceiro ato, senhor - não devo detê-lo. Obrigado! Obrigado!

O Chanceler dirigiu-se à porta de entrada dos assentos do balcão, mas fez isso com sua mão no ombro de Marco.

— Cuide para que ele chegue em casa seguramente. — ele disse para o jovem oficial que frequentemente o acompanhava. — Envie um mensageiro com ele. Ele é muito jovem para ser atacado por criaturas daquele tipo.

O oficial era um camponês Bávaro jovem e quieto, e parecia não ter curiosidade, nem mesmo qualquer interesse na razão da ordem dada a ele. Ele mal olhou para o menino que deveria escoltar. Ele nem sabia nem se perguntou o porquê.

O Rato adormecera sobre seus papéis e sua cabeça estava deitada nos seus braços dobrados na mesa. Mas foi acordado pela entrada de Marco no quarto e sentou-se piscando os olhos no esforço para abri-los.

— Você o viu? Chegou perto o suficiente? — ele falou sonolento.

— Sim. — Marco respondeu. — Cheguei perto o suficiente.

O Rato sentou-se ereto repentinamente.

— Não foi fácil. — ele exclamou. — Tenho certeza de que alguma coisa aconteceu - alguma coisa deu errado.

— Alguma coisa por pouco deu errado - por MUITO pouco. — respondeu Marco. Mas enquanto falava tirou o esboço do Chanceler da abertura em sua manga e rasgou e queimou-o com um fósforo. — Mas eu consegui chegar perto o suficiente. E já foram DOIS.

Eles conversaram por muito tempo, antes de irem dormir naquela noite. O Rato ficou pálido enquanto ouvia a história da mulher de violeta.

— Eu deveria ter ido com você! — ele disse. — Agora eu entendo. Um ajudante-de-campo deve sempre estar em serviço. Seria mais difícil para ela lidar com dois do

que com um. Eu devo sempre estar por perto para observar, mesmo que não esteja junto com você. Se você não tivesse voltado - se você não tivesse voltado! — Ele bateu suas mãos fechadas uma na outra ferozmente. — O que eu faria!?

Quando Marco virou-se para ele da mesa perto da qual estava, pareceu-se com seu pai.

— Você continuaria com o Jogo enquanto pudesse. — ele disse. — Não poderia deixá-lo. Você se lembra dos lugares, e das faces, e do Sinal. Temos algum dinheiro; e quando acabasse, você poderia pedir esmola, como costumávamos fazer de conta que faríamos. Ainda não precisamos fazer isso; e é melhor guardarmos isso para lugares no interior e vilas. Mas você poderia fazer se fosse obrigado. O Jogo deveria continuar.

O Rato agarrou seu peito magro como se tivesse perdido a respiração.

— Sem você? — ele ofegou. — Sem você?

— Sim. — disse Marco. — E devemos pensar nisso, e planejar no caso de qualquer coisa como essa que possa acontecer.

Eles ouviram o som de passos fortes na escadaria, e, quando alcançou o patamar, parou à porta deles. Então ouve uma firme batida na porta.

Quando Marco abriu a porta, o jovem soldado que o escoltara do Teatro Hof estava de pé do lado de fora. Ele parecia tão desinteressado e impassível quanto antes, ao entregar um pequeno embrulho.

— Você deve ter deixado isso cair perto do seu assento na Ópera. — ele disse. — Fui encarregado de deixar isso nas suas próprias mãos. É sua mochila.

Depois que ele voltou ruidosamente com seus passos fortes pela escada, Marco e O Rato tomaram fôlego rapidamente ao mesmo tempo.

— Eu não tinha assento e não tinha mochila. — Marco disse. — Vamos abrir.

Dentro havia uma carteira de couro lisa e maleável. E dentro da carteira havia um papel, em cujo cabeçalho estavam as fotografias da senhora idosa e seu filho. Abaixo estavam algumas linhas que afirmavam que eles eram os velhos espões, Paul e Eugenia Karovna, e que o portador deveria ser protegido contra eles. Estava assinado pelo Chefe da Polícia. Em uma folha separada estava escrita a seguinte instrução: "Carregue isso com você como uma proteção."

— Isso é uma ajuda. — O Rato disse. — Vai nos proteger, mesmo em outro país!

Não havia lâmpada de rua para brilhar em suas janelas quando finalmente foram para a cama. Quando a cortina foi aberta, eles estavam mais perto do céu do que quando estiveram em Marylebone Road. A última coisa que cada um viu, quando foi dormir, foram as estrelas.

## CAPÍTULO XXII

### UMA VIGÍLIA NOTURNA

---

**E**m uma colina no meio da grande planície austríaca, em volta da qual os altos Alpes esperam assistindo através das nuvens, fica uma velha fortaleza, quase mais bonita que todas as coisas que Marco e O Rato tinham visto. Ao se aproximar da cidade – e ao se sair dela – e ao andar por suas ruas, ou sair na sacada à noite para olhar as montanhas e a lua – sempre parece que de algum ponto você a vê olhando fixamente lá de cima para você – a cidadela de Hohensalzburg<sup>14</sup>.

Salzburgo foi seu próximo destino, porque lá deveria ser encontrado o homem que parecia-se com um cabeleireiro e que trabalhava em uma barbearia. Estranho como pode parecer, o Sinal também deveria ser levado a ele.

— Pode ser que pessoas venham para fazer a barba – soldados, ou homens que sabem de coisas. — O Rato desenvolvia seus planos. — E ele pode falar com eles quando está em pé perto deles. Vai ser fácil chegar perto dele. Você pode ir cortar o cabelo.

A viagem de Munique não era longa, e durante a última parte eles tiveram na terceira classe os assentos de madeira para si. Até mesmo o velho camponês sonolento que oscilava a cabeça em um canto finalmente saiu com seus fardos. Para Marco as montanhas eram maravilhas há muito conhecidas, e por isso ele não quis falar muito, mas apenas sentar-se e fitá-las pela janela do vagão.

Como chegaram cedo, tiveram bastante tempo para andar pela maravilhosa, pequena e velha cidade. Mas através das ruas largas e estreitas, em baixo das arcadas que davam para as feiras de frutas e verduras, cruzando a ponte e entrando na praça onde o "glockenspiel"<sup>15</sup> tocava seu som velho e tinidor, em toda parte a Cidadela olhava.

---

<sup>14</sup> Festung Hohensalzburg (alemão para "Fortaleza Alta de Salzburgo") foi construída no ano 1077. Esta fortaleza está localizada e cima da Montanha Mönchsberg em Salzburgo e é considerado o castelo medieval na Europa mais preservado. O "Residenz" é um palácio próximo.

<sup>15</sup> Glockenspiel: do alemão "toque de sinos": metalofone: um instrumento semelhante ao xilofone.

Eles acharam a barbearia em uma das ruas estreitas. Não havia grandes estabelecimentos lá, e esse em particular era simples. Eles passaram pelo lugar uma vez, e então voltaram. Era uma barbearia tão simples que não havia nada de notável em dois meninos comuns entrarem para cortar o cabelo. Um homem velho veio à frente para recebê-los. Ele estava evidentemente feliz em tê-los como clientes mesmo sabendo que não tinham muito dinheiro. Ele encarregou-se de atender O Rato, mas, tendo o colocado em uma cadeira, virou-se e chamou alguém na sala de trás.

— Heinrich! — ele disse.

Na abertura da manga do casaco de Marco estava o esboço do homem com cabelo macio e ondulado, que parecia um cabeleireiro. Eles acharam um canto para dar a olhada final nele antes de se virarem e entrar. Heinrich, que saiu da pequena sala de trás, tinha cabelo macio e ondulado. Parecia-se muito com um cabeleireiro. Ele tinha os traços do esboço – seu nariz, boca, queixo e aparência eram como os que Marco desenhara e guardara na memória. Mas...

Ele deu a Marco uma cadeira e prendeu a capa branca profissional em seu pescoço. Marco se inclinou para trás e fechou seus olhos por um momento.

— Esse NÃO é o homem! — ele estava dizendo para si mesmo. — Ele NÃO é o homem.

Como ele sabia que não era, não poderia ter explicado, mas teve certeza. Era uma convicção forte. Não fosse pelo sentimento repentino, nada teria sido mais fácil do que dar o Sinal. E se não pudesse dar agora, onde estava o homem para o qual devia ser falado, e qual seria o resultado se ele não pudesse ser achado? E se havia dois que se pareciam tanto, como poderiam ter certeza?

Era perturbador, também, descobrir que O Rato estava de repente muito agitado. Ele se movia na cadeira, para grande desconforto do velho cabeleireiro. Ele ficava virando a cabeça para falar. Pediu para Marco traduzir muitas perguntas que desejava que ele fizesse para os dois homens. Eram perguntas sobre a Cidadela, sobre o Monchsberg, sobre Residenz, sobre o Glockenspiel, sobre as montanhas. E acrescentava uma pergunta a outra e não conseguia se sentar quieto.

— O jovem cavalheiro vai acabar tendo um corte na orelha. — disse o velho para Marco. — E não vai ser minha culpa.

O que devo fazer? Marco estava pensando. — Ele não é o homem.

Ele não deu o Sinal. Ele devia sair e pensar, embora aonde seus pensamentos o levariam ele não sabia. Esse era um problema mais difícil do que jamais sonhara ter de encarar. Não havia a quem pedir conselho. Apenas ele e O Rato, que estava nervosamente se mexendo e se torcendo em sua cadeira. O que seu pai faria?

Cada dono de cada face desenhada era um elo em uma poderosa e secreta corrente; e se um elo faltasse, a corrente se quebraria. Cada vez que Heinrich

aparecia em seu campo de visão, ele recordava cada traço novamente e comparava com o esboço guardado na memória. Cada vez a semelhança se tornava maior, mas cada vez ele podia quase ouvir a voz de Loristan dizendo: "Não; o Sinal não é para ele!"

— Você deve se sentar quieto. — ele disse para O Rato. — O cabeleireiro está com medo de que você o faça cortá-lo por acidente.

— Mas eu quero saber, quem mora no Residenz? — disse O Rato. — Esses homens podem nos contar algumas coisas se você perguntar a eles.

— Pronto. — disse o velho cabeleireiro com ar aliviado. — Talvez cortar o cabelo deixa o jovem cavalheiro nervoso. Isso acontece às vezes.

O Rato ficou de pé perto da cadeira de Marco e fez perguntas até que Heinrich também terminasse seu trabalho. Marco não pode entender a mudança de ânimo de seu amigo. Ele percebeu que, se desejasse dar o Sinal, não teria oportunidade. Não poderia ter dado. O questionamento incessante tinha dirigido a atenção do homem mais velho para seu filho e para Marco tanto que nada poderia ser dito a Heinrich sem que ele observasse.

"Eu não poderia ter falado se ele fosse o homem." Marco disse para si mesmo.

A própria saída do local pareceu um pouco apressada. Quando eles estavam já totalmente na rua, O Rato deu um aperto no braço de Marco.

— Você não deu o Sinal, deu? — ele cochichou ansiosamente. — Eu fiquei falando e falando para impedir.

Marco tentou não se sentir sem fôlego, e tentou falar em tom baixo sem sinal de exclamação. — Por que você diz isso? — ele perguntou.

O Rato se aproximou mais dele. — Aquele não era o homem! — ele cochichou. — Não importa quanto pareça, ele não é o homem certo. Eu estive planejando, e, quando o vi, sabia que ele não era o homem, apesar da aparência. E não podia ter certeza de que você sabia, e pensei, se eu ficasse falando e interrompendo você com perguntas bobas, você poderia ser impedido de falar.

Ele estava pálido e se movimentando adiante velozmente como se estivesse com pressa.

— Eu sabia que ele não era o homem certo também. — Marco respondeu.

— Há algum lugar calmo aonde podemos ir para pensar? — O Rato perguntou.

— Gostei dessa ideia. Meu pai me treinou para eu me acalmar quando as coisas não fazem sentido e eu não sei o que fazer. Há um lugar que não fica longe onde podemos dar uma olhada nas montanhas. Vamos para lá nos sentar. — disse Marco.

Eles saíram das ruas e do meio das pessoas e alcançaram o lugar calmo de onde podiam ver as montanhas. Ali eles se sentaram à margem da estrada.

— Era a expressão da face dele que era diferente. — Marco disse. — E os olhos. Eles são um tanto menores que os do homem certo. A luz na barbearia era fraca, e não foi antes da última vez que ele se curvou sobre mim que descobri o que não percebera antes. Os olhos dele são cinzas – os do outro são marrons.

— Você viu isso! O Rato exclamou. — Então temos certeza! Estamos salvos!

— Não estaremos salvos até acharmos o homem certo. — Marco disse. — Onde ele está? — Ele olhou para os picos longínquos acima.

— Deve ter alguma borda de rochedo lá em cima em algum lugar. — O Rato disse finalmente. — Vamos subir e procurar e nos sentar e nos acalmar... como seu pai treinou você.

Isso parecia ser uma boa ideia para Marco. Ir a um lugar quieto e se sentar e pensar sobre a coisa que queria lembrar ou achar era seu velho costume. Ficar quieto era sempre a melhor coisa, seu pai o ensinara. **Algumas vezes era como escutar o próprio Loristan.**

— Há um pequeno trem que sobe o Gaisberg<sup>16</sup>. — Ele disse. — Quando você está no topo, um mundo de montanhas se espalha em volta de você. Lázaro foi uma vez e me disse. Podemos deitar ao ar livre na grama a noite toda. Vamos, Ajudante-de-Campo.

E então foram, os dois pensando a mesma coisa. **Marco era o mais calmo dos dois, por causa da paz que sentia em fazer qualquer coisa que pensava que agradaria seu pai.** Eles subiram o Gaisberg num pequeno trem, que se impulsionava e se arrastava e pulsava vagarosamente para cima com eles. O trem os levou obstinada e gradualmente mais e mais alto até deixar Salzburgo e a Cidadela em baixo e chegar ao mundo de montanhas.

Haviam poucos turistas nos pequenos vagões e eles viam a paisagem do cume. Eles não estavam procurando uma borda de rochedo.

O Rato e Marco estavam. Quando o pequeno trem parou no topo, eles saíram com o resto. Os dois perambularam com eles pela grama curta no cume sem árvores e olharam de vários pontos de vista. Finalmente deixaram os turistas para trás e perambularam sozinhos. Eles acharam um borda onde podiam sentar-se e deitar-se e onde até mesmo o mundo de montanhas parecia estar debaixo deles. Eles haviam trazido um pouco de comida com eles e deixaram-na atrás de uma pedra saliente.

---

<sup>16</sup> Gaisberg é uma montanha que faz parte dos Alpes e está localizada ao leste de Salzburgo. Hoje um ônibus público transporta esquiadores, montanhistas e turistas para o topo dessa montanha. Mas de 1887 até 1928, um trem rodando numa trilha especial com "dentes" para tração levava passageiros ao topo. Esse é o trem em que Marco e O Rato pegaram.

Quando os turistas subissem de volta no trem trabalhador e fossem arrastados de volta para baixo da montanha, a vigília noturna deles começaria.

Assim deveria ser. Uma noite de tranquilidade nas alturas, onde podiam esperar e olhar e se manterem prontos. O resto das pessoas voltou para o trem que começou a sua jornada para baixo na descida íngreme. Marco e O Rato o ouviram trabalhando no seu caminho, como se fosse forçado a fazer tanto esforço para se segurar na descida quanto para se arrastar para cima.

Então eles estavam sozinhos, e era uma solidão tal como uma águia talvez sinta enquanto se equilibra no alto da curva de azul. E eles sentaram e olharam o sol se pôr. Ao anoitecer, o cheiro em volta deles da floresta abaixo era doce e silêncio os cercava. As estrelas começaram se mostrar e agora os dois que esperavam se encontraram olhando para cima aos céus e ambos estavam conversando em cochichos.

— As estrelas parecem grandes aqui. — O Rato disse. — Olhe! Há uma luz no lado da montanha ali que não é uma estrela.

— É uma luz numa cabana onde os guias levam os alpinistas para descansarem e passarem a noite. — respondeu Marco.

— É tão calmo. — O Rato cochichou depois de um tempo de silêncio e Marco cochichou de volta:

— É BEM calmo.

Eles haviam comido sua refeição de pão preto e queijo depois do pôr do sol e agora estavam deitados de costas e olhavam para cima até que as poucas primeiras estrelas haviam se multiplicado em miríades. Lá eles estavam, somente dois meninos que haviam começado sua jornada no primeiro trem e haviam andado o dia inteiro e pensado sobre coisas grandiosas e ansiosas.

— É bem calmo. — O Rato bocejou de novo finalmente.

— É BEM calmo. — Marco mal cochichou em resposta. E dormiram.

— Estou escutando um assobio — Marco se viu falando para si mesmo num sonho. Depois do qual ele acordou e percebeu que o assobio não era parte de sonho nenhum. Vinha de um homem jovem que tinha um cajado de madeira e que parecia como se tivesse escalado para ver o sol raiar. Ele usava as vestimentas de um alpinista e um chapéu verde com um penacho atrás. Ele olhou para baixo, para os dois meninos, surpreso.

— Bom dia. — ele disse. — Vocês dormiram aqui para ver o raiar do sol?

— Sim. — Marco respondeu.

— Vocês não ficaram com frio?

— Dormimos muito pesado para saber. E trouxemos nossos casacos grossos.

— Eu dormi na metade do caminho que desce da montanha — disse o homem jovem. — Eu sou um guia esses dias, mas não tenho sido há tempo suficiente para perder um nascer do sol que não é trabalhoso para alcançar. Meu pai e meu irmão pensam que eu sou louco sobre tais coisas. Eles prefeririam ficar nas suas camas. Ah! Ele está acordado, né? — disse ele virando-se para O Rato, que havia se levantado em um ombro e o olhava fixamente. — Qual é o problema? Você parece que está com medo de mim.

Marco não esperou que O Rato recuperasse sua respiração e falasse.

— Eu sei porque ele olha para você assim — respondeu por ele. — Ele está surpreso. Ontem fomos para uma barbearia lá em baixo e vimos um homem que era quase exatamente como você... só que — ele adicionou, olhando para cima — seus olhos eram cinzas e os seus são marrons.

— Ele é meu irmão gêmeo, — disse o guia, sorrindo alegremente. — Meu pai pensou que ele poderia fazer de nós dois barbeadores e eu tentei fazer isso por quatro anos. Mas eu sempre queria estar escalando montanhas e não sobrava tempo suficiente. Então cortei meu cabelo, lavei para tirar a brilhantina, e sai correndo. Não pareço um barbeador agora, pareço?

Ele não parecia. Nem um pouquinho Mas Marco o reconheceu. Ele era o homem. Não havia ninguém no topo das montanhas além deles, e o sol estava somente mostrando uma borda de ouro em cima do cume mais longe e alto. Não era preciso ficar com medo de fazer algo, já que não tinha ninguém para ver ou escutar. Marco tirou o esboço da abertura na sua manga. Ele olhou para o esboço e depois para o guia, e então mostrou para ele.

— Esse não é seu irmão. É você! — ele disse.

O rosto do homem mudou um pouco - mais do que qualquer outra face havia mudado quando ouvira Marco falar. Num topo de montanha ao raiar do sol não se fica com medo.

— A Lâmpada Está Acesa! — Marco disse. — A Lâmpada Está Acesa!

— Deus seja louvado! — o homem estourou. E ele tirou seu chapéu e descobriu sua cabeça. Então a borda atrás dos ombros das montanhas saltou para frente em uma esplêndida torrente de ouro.

E O Rato ficou em pé, descansando seu peso nas suas muletas em silêncio total, olhando e olhando fixamente.

— Já foram três! — disse Marco.

## CAPÍTULO XXIII

### A TROMPA DE PRATA

---

**D**urante a próxima semana, a qual gastaram viajando para Viena, eles deram o Sinal para três pessoas diferentes em lugares que estavam no caminho. Numa aldeia perto da fronteira em Baviera, acharam um enorme senhor de idade sentado num banco debaixo de uma árvore em frente a sua "Gasthaus" ou hospedaria; e quando as quatro palavras foram ditas, ele ficou em pé e tirou seu chapéu como o guia fizera. Quando Marco dava o Sinal em um lugar quieto e afastado para um homem que estava sozinho, percebia que todos faziam isso e diziam: "Deus seja louvado".

Numa pequena cidade há algumas milhas ele teve que procurar por algumas horas antes de achar um jovem e robusto sapateiro com cabelo vermelho vivo e uma cicatriz em forma de ferradura em sua testa. Ele não estava em sua oficina quando os meninos passaram pela primeira vez porque, como descobriram mais tarde, ele estivera escalando uma montanha no dia anterior, e a descida fora retardada porque seu companheiro se machucara. Quando Marco entrou e pediu-lhe que tirasse sua medida para comprar um par de sapatos, ele foi amigável e contou-lhes tudo sobre o que ocorrera.

— Há alguns bons sujeitos que não deviam escalar. — ele disse. — Quando se veem em pé em um pedaço de rocha saliente por cima do vazio, suas cabeças começam a rodopiar - e então, se não caem de pernas para o ar de algumas centenas de metros, é porque algum camarada está perto o suficiente para puxá-los de volta. Então não pode haver cerimônias e eles algumas vezes se machucam - como aconteceu com meu amigo ontem.

— Você nunca se machucou? — O Rato perguntou.

— Quando eu tinha oito anos isso aconteceu. — disse o jovem sapateiro, tocando a cicatriz em sua testa. — Mas não foi muito. Meu pai era um guia e me levou consigo. Ele queria que eu comesse cedo. Não há nada como escalar. Eu voltarei a fazê-lo. Isso não dá para mim. Tentei ser um sapateiro, mas não deu certo. Estou feliz

por isso. Uma vez um guia, sempre um guia. Ele se ajoelhou para medir o pé de Marco, e este se inclinou um pouco à frente.

— A Lâmpada Está Acesa. — ele disse.

Não havia ninguém na sapataria, mas a porta estava aberta e as pessoas estavam passando na rua estreita; então o sapateiro não levantou sua cabeça ruiva. Ele continuou medindo.

— Deus seja louvado! — ele disse, em voz baixa. — Você quer realmente esses sapatos, ou só queria que eu tirasse sua medida?

— Não posso esperar até que estejam prontos. — Marco respondeu. — Devo partir.

— Sim, você deve partir. — respondeu o sapateiro. — Mas vou lhe dizer o que vou fazer - vou fazê-los e guardá-los. Algum grande dia pode chegar quando mostrarei para as pessoas e os ostentarei. Ele deu uma olhada ao redor cautelosamente, e então finalizou, ainda curvado pela medição. — Eles serão chamados de os sapatos do Portador do Sinal. E eu direi "Ele era apenas um rapaz. Esse era o tamanho de seu pé." — então ele ficou de pé com um grande sorriso. — Agora haverá escaladas suficientes para serem feitas, — ele disse — e eu espero ver vocês dois novamente em algum lugar.

Quando os meninos partiram, conversaram sobre o assunto.

— O cabeleireiro não queria ser cabeleireiro, e o sapateiro não queria fazer sapatos. — disse O Rato. — Os dois queriam ser alpinistas. Há montanhas em Samávia e montanhas no caminho para lá. Você me mostrou no mapa.

— Sim; e mensageiros secretos que podem escalar em qualquer lugar, e atravessar lugares perigosos, e explorar lugares que ninguém mais pode alcançar, podem descobrir coisas e dar os sinais que outros homens não podem. — disse Marco.

— Isso foi o que eu pensei. — O Rato respondeu. — Era isso que ele queria dizer quando disse "Agora haverá escaladas suficientes para serem feitas".

Estranhos eram os lugares para os quais eles foram e curiosamente diferentes umas das outras eram as pessoas para quem levavam a mensagem. A mais singular de todas era uma senhora de idade que vivia num lugar tão remoto que a estrada, a qual dava voltas e voltas na montanha, dava suas voltas por milhas e milhas. Não era uma estrada ruim e era maravilhoso viajar nela, puxado numa pequena carroça por uma mula, quando se podia ser puxado, e subir lentamente com descansos quando não se podia: os três precipícios encobertos se viam abaixo, a brancura agitada das cachoeiras, ou o verde espumante de rios impetuosos, e a imensidão de planícies de fazendas e aldeias espalhadas até o pé de outras montanhas que os cercavam, eram belezas empolgantes de se olhar lá de cima, enquanto a estrada subia e dava voltas e voltas, para mais alto e mais alto.

— Como alguém pode morar num lugar mais alto que esse? — disse O Rato enquanto se sentavam no grosso musgo à margem da estrada depois que a mula e a carroça os deixara. — Veja os rochedos descobertos aparecendo lá em cima. Vamos olhar para ela de novo. No desenho dela parecia que ela tinha cem anos.

Marco pegou seu esboço escondido. Parecia de fato uma das coisas mais estranhas no mundo que uma criatura tão velha como essa conseguisse alcançar tal lugar, ou, tendo alcançado, nunca pudesse descer para o mundo novamente para socorrer qualquer pessoa ou coisa.

Sua velha face era atravessada e re-atravessada por mil rugas. Porém seu perfil era esplêndido. Seus olhos eram como os de uma águia - e não os de uma águia velha. E tinha um longo pescoço que segurava sua velha cabeça de forma ilustre.

— Como ela conseguiu chegar lá? — exclamou O Rato.

— Aqueles que nos enviaram sabem, embora nós não. — disse Marco. — Você vai se sentar aí e descansar enquanto eu continuo?

— Não! — O Rato respondeu resolutamente. — Não me treinei para ficar para trás. Mas logo chegará onde a trilha é somente rochas e então serei obrigado a parar. — e ele disse esse final amargamente. Ele sabia que, se Marco tivesse vindo sozinho, não teria pegado carroça, iria em marcha penosa para cima e adiante firmemente até o fim de sua jornada.

Mas eles não chegaram aos rochedos, o que haviam pensado ser inevitável. De repente a meio caminho do céu, assim parecia, eles chegaram a uma curva na estrada e se viram entrando em um novo mundo verde - uma extraordinária maravilha do mundo, com declives verde-aveludados e suaves campinas e floresta rústica, e vacas se alimentando em pastos de veludo, e - como se tivesse caído como neve das grandes rochas da montanha, que ainda se elevavam acima, nos céus - uma misteriosa, antiga e amontoada aldeia que, tendo daquela maneira caído das rochas, deve ter sido capturada entre as rochas e lá descansava para sempre.

Lá ela ficava. Lá ela se aninhava. E as montanhas no azul acima a olhavam de lá como se ela fosse uma coisa incrível - aquele agrupamento de ninhos humanos antigos com tetos inclinados como os de chalés e sacadas salientes, que pareciam ser há mil milhas de distância do resto do mundo. Marco e O Rato pararam e a observaram com olhos fixos. Então se sentaram e continuaram olhando fixamente.

— Como isso chegou aqui? O Rato exclamou.

Marco balançou a cabeça. Ele claramente não conseguia ver explicação para a existência daquele povoado ali. Talvez algumas das aldeias mais velhas podiam contar histórias de como os primeiros chalés haviam se juntado.

Um velho camponês veio descendo um caminho íngreme guiando uma vaca. Ele olhou com pouca curiosidade para O Rato e suas muletas; quando Marco avançou e

falou com ele em alemão, ele não parecia entender, mas balançou sua cabeça dizendo algo em algum tipo de dialeto que Marco não conhecia.

— Se todos falam assim, vamos ter que fazer sinais para perguntar as coisas. — O Rato disse. — Qual língua ela fala?

— Ela vai saber alemão para o Sinal ou não seríamos enviados para cá. — respondeu Marco. — Vamos!

Eles puseram-se a caminho para a aldeia, que se amontoava evidentemente com o objetivo de se manter aquecida quando através dos meses de inverno as neves esforçavam-se para enterrá-la e os ventos rugiam dos enormes rochedos acima e tentavam arrancá-la de entre suas rochas. As portas e janelas eram poucas e pequenas, e os interiores das casas vistos de relance mostravam pisos de terra e cômodos escuros. Claramente era considerado mais confortável viver sem luz do que deixar o frio entrar.

Era fácil fazer um reconhecimento do local. As poucas pessoas que eles viram evidentemente não se surpreendiam que os forasteiros que descobriam sua inesperada existência ficassem curiosos e quisessem observar eles e suas casas.

Os meninos vagueavam como se fossem exploradores fortuitos, que, tendo alcançado o lugar por acaso, estavam interessados em tudo que viam. Eles entraram na pequena Gasthaus (hospedaria) e compraram pão preto, linguiça e leite. O dono montanhês eram um sujeito musculoso que entendia um pouco de alemão. Ele lhes contou que poucos forasteiros conheciam a aldeia, mas caçadores e alpinistas corajosos vinham por esporte. Nas florestas à beira das montanhas havia ursos, e nos lugares altos, camurças<sup>17</sup>. De vez em quando, alguns cavalheiros importantes vinham em um grupo do tipo audacioso - cavalheiros muito importantes de fato, ele disse, balançando a cabeça com orgulho. Havia um que tinha castelos em outras montanhas, mas gostava mais de vir a essa. Marco começou a se perguntar se várias coisas estranhas não seriam verdadeiras já que cavalheiros importantes algumas vezes escalavam o lugar misterioso. Mas ele não fora enviado para dar o Sinal a um grande cavalheiro. Fora enviado para dá-lo a uma velha mulher com olhos de águia, os quais eram jovens.

Ele tinha um esboço em sua manga, no qual estavam desenhadas sua face e sua casa com telhado muito inclinado, com vigas pretas e com uma sacada. Se andassem um pouco, eles certamente chegariam à casa naquele lugar minúsculo. Então ele poderia entrar e pedir-lhe um copo de água.

---

<sup>17</sup> Camurça (*Rupicapra rupicaprae*) é um tipo de caprino-alce da montanha que é nativo dos Alpes.

Eles perambularam por uma hora depois que saíram do Gasthaus. Eles vagaram para lá e para cá e andaram através dos agrupamentos amontoados de casas, examinando cada uma enquanto se aproximavam e passavam.

— Eu achei! O Rato exclamou finalmente. — É aquela casa de aparência velha que fica um pouco afastada das outras. Não está tão dilapidada quanto a maioria. E há algumas flores na sacada.

— Sim! É essa mesmo! — Marco disse.

Eles se aproximaram da porta preta e baixa e, ao parar na soleira, Marco tirou seu chapéu. Ele fez isso porque, na entrada, numa cadeira baixa, a mulher muito idosa com os olhos de águia estava sentada fazendo tricô.

Não havia ninguém mais no cômodo e ninguém à vista. Quando a mulher muito idosa olhou para ele com seus jovens olhos de águia, mantendo sua cabeça elevada em seu longo pescoço, Marco soube que não havia necessidade de pedir nem água nem coisa alguma.

— A Lâmpada está acesa. — ele disse, baixa porém claramente com sua voz jovem.

Ela deixou cair o tricô em seus joelhos e fitou-o por um momento em silêncio. Evidentemente ela sabia alemão, pois foi em alemão que ela respondeu.

"Deus seja louvado!" — ela disse. — Entre, jovem Portador do Sinal, e traga seu amigo com você. Eu moro sozinha e nem uma alma está ao alcance da voz.

Ela era uma mulher maravilhosa. Nem Marco nem O Rato viveriam o suficiente para esquecer as horas que passaram em sua casa estranha e escura. Ela cuidou deles e os convidou para passarem a noite lá.

— Aqui é seguro. — ela disse. — Eu moro sozinha desde que meu marido caiu no desfiladeiro e morreu porque sua corda se partiu quando ele tentava salvar seu camarada. Então eu tenho dois quartos a mais e às vezes alpinistas ficam felizes em dormir neles. Minha casa é boa e quente e eu tenho renome na aldeia. Você é muito jovem. — ela acrescentou balançando sua cabeça. — Você é muito jovem. Você deve ter bom sangue em suas veias para ser confiado com isso.

— Eu tenho o sangue do meu pai — Marco respondeu.

— Você parece com alguém que eu já vi antes — a mulher idosa disse e seus olhos de águia fixaram-se firmemente nele. — Diga-me o seu nome.

Não havia razão para que ele não devesse contar-lhe.

— É Marco Loristan — ele disse.

— O quê! É isso! — ela exclamou, não em voz alta, mas baixa.

Para a surpresa de Marco ela se levantou da cadeira e ficou de pé na frente dele. Foi neste momento que ele percebeu quão alta e velha a mulher realmente era. Havia

um olhar surpreso, e até agitado, na sua face. E de repente ela de fato fez um tipo de reverência para ele – dobrando seus joelhos como camponeses fazem quando passam por alguém da realeza.

— É isso! — ela disse de novo. — E ainda assim eles ousaram deixar você sair numa jornada como essa! Isso demonstra a sua coragem... e a deles.

Mas Marco não sabia a que ela estava se referindo. Sua estranha reverência o fez sentir desajeitado. Ele ficou em pé porque seu treinamento o dissera que quando uma mulher fica em pé um homem também se levanta.

— O nome mostra coragem, — ele disse — porque é do meu pai.

Ela observou-o quase aflita.

— Você nem sabe! — ela suspirou – e isso era uma exclamação, não uma pergunta.

— Sei o que foi-me dado a fazer — ele respondeu. — **Eu não pergunto mais nada.**

— Quem é ele? — ela perguntou, apontando para O Rato.

— Ele é o amigo que meu pai mandou comigo — Marco disse sorrindo. — Meu pai o chamou de ajudante-de-campo. Era um tipo de brincadeira porque brincávamos de soldados juntos.

Era como se ela fosse obrigada a juntar seus pensamentos. Ela ficou em pé com sua mão na boca, olhando para o chão de terra.

— Deus o proteja! — ela disse finalmente. — Você é muito, muito jovem! Depois de alguns momentos ela adicionou. — Você não vai se sentar até que eu me sente?

— Não. — Marco respondeu. — Eu não me sentaria enquanto minha mãe ou minha avó estivesse em pé.

— Então eu devo me sentar – e esquecer. — ela disse.

Ela passou a mão sobre sua face como se estivesse removendo sua repentina e confusa preocupação em sua expressão. E então sentou-se como se estivesse obrigando a si mesma a tornar-se de novo a velha camponesa que era quando eles entraram.

— Todo o caminho subindo a montanha vocês se perguntaram por que o Sinal deveria ser dado a uma mulher idosa. — ela disse. — Vocês perguntaram um ao outro como ela poderia ajudar.

Nem Marco nem O Rato falou.

— Quando eu era jovem e bem-disposta — ela continuou. — Fui a um castelo no outro lado da fronteira para ser a mãe de criação de uma criança nascida um grande

nobre – uma criança que estava perto do trono. Ele me amou como sua própria mãe. Era uma criança forte e se tornou um grande caçador e escalador. Ele nem tinha dez anos de idade quando meu marido o ensinou a escalar. Ele sempre amou essas montanhas mais do que as do seu país. Ele vem me ver como se fosse somente um jovem alpinista. Ele dorme naquele quarto lá. — e ela fez um gesto por cima dos seus ombros para a escuridão. — Ele tem grande força e, se decidir fazer algo, não há nada que o pare – ele atacaria o maior urso ou escalaria o pico mais perigoso. Ele é quem pode realizar as coisas. É muito seguro conversar neste quarto.

Então tudo ficou bem claro. Marco e O Rato entenderam.

Nada mais foi dito sobre o Sinal. Foi dado e isto era o suficiente. A mulher idosa disse que deveriam dormir em um de seus quartos. Na manhã seguinte um de seus vizinhos desceria para o vale com uma carroça e os ajudaria em seu caminho. Depois de Marco traduzir isso, O Rato soube que ela estava pensando sobre suas muletas e ficou impaciente.

— Diga para ela. — ele disse para Marco. — Como me treinei até conseguir fazer o que qualquer pessoa consegue fazer. E diga também que eu estou ficando mais e mais forte a cada dia. Diga para ela que posso mostrar-lhe o que posso fazer. Seu pai não deixaria eu vir com você como seu ajudante se eu não provasse à ele que eu não era um aleijado. Diga para ela. Ela pensa que não sirvo para nada.

Marco explicou e a mulher idosa escutou atentamente. Quando O Rato levantou-se e moveu-se para cima e para baixo no caminho íngreme perto da sua casa ela pareceu aliviada. Sua extraordinária agilidade e movimentos rápidos e firmes evidentemente surpreenderam-na e deu-lhe uma confiança que ela não havia sentido no começo.

— **Se ele se ensinou para ser assim só por causa do amor a seu pai, ele irá até o fim** — ela disse. — É mais do que alguém pode acreditar, que um par de muletas poderia fazer tantas coisas.

O Rato sossegou-se e depois poderia se entregar a vigiá-la tanto quanto desejava. Ele logo estava "processando" certas coisas na sua mente. O que ele observava era a maneira dela de olhar para Marco. Era como se ela estivesse fascinada e não conseguisse tirar os olhos dele. Ela contou histórias sobre as montanhas e os estrangeiros que vinham escalar com guias ou para caçar. Contou a eles sobre as tempestades, as quais às vezes pareciam que acabariam com o pequeno mundo entre os rochedos. Descreveu o inverno quando a neve os enterrava e como os fortes ficavam contentes em desenterrar os fracos e alguns viviam por dias debaixo da grande massa de brancura macia, contentes de ter suas vacas ou cabras nos seus quartos para que pudessem compartilhar o calor. Os vilarejos ficavam contentes em serem bons vizinhos um para o outro, pois o homem que desenterrou uma chaminé escondida ou uma porta enterrada podia precisar de ajuda na próxima semana.

Portanto, a pior parte do inverno era que nenhuma criatura dos vales abaixo conseguia chegar a eles para ver se estava tudo bem.

Enquanto falava, ela olhava para Marco como se sempre estivesse se perguntando algo sobre ele. O Rato percebeu que ela fazia-o lembrar de Lázaro mais de uma vez. Quando serviu o jantar da tarde, ela insistiu em servi-lo com uma certa cerimônia respeitosa. Ela não se sentaria à mesa com ele, e O Rato começou a perceber que ela sentia que ele também deveria estar em pé para servi-lo.

— Ela pensa que eu deveria ficar em pé atrás de sua cadeira como Lázaro fica atrás do seu pai. — ele disse para Marco. — Talvez um ajudante devesse fazer isto. Devo fazer? Creio que agradaria ela.

— Um Portador do Sinal não é uma pessoa da realeza. — respondeu Marco. — **Meu pai não gostaria – então eu não devo.** Somos simplesmente meninos.

Foi muito maravilhoso quando, depois que o jantar deles acabou, os três sentaram juntos em frente ao fogo.

A brasa vermelha incandescente da madeira-carvão e a chama laranja-amarela dos grandes toros encheu o quarto com uma luz calorosa que criou um fundo alegre para a figura da mulher idosa sentada na sua cadeira contando-lhes mais e mais histórias cativantes.

Seus olhos como os de águias brilhavam e seu pescoço longo segurava sua cabeça esplendidamente alta ao descrever grandes façanhas de coragem e persistência em ajudar aqueles em terrível perigo e, quando brilhava o máximo ao contar a história, eles sempre sabiam que o herói da aventura fora seu filho de criação, que era um nenê nascido um grande nobre e próximo ao trono. Para ela, ele era o mais esplêndido e admirável ser humano. Quase um imperador, mas tão amoroso e compassivo que nunca esqueceu dos longos dias passados quando ela o segurava em seus joelhos e contava histórias de caça de camurças e ursos nos picos de montanhas no meio do inverno.

— Sim! Sim! — ela disse. — Ele me chama de mãe. E eu asso para ele um bolo na lareira como eu fazia quando ele tinha dez anos de idade e meu marido estava ensinando-o a escalar. E quando escolhe que deve fazer algo – feito está! Ele é um grande nobre.

As chamas estavam se apagando e uma grande camada de brasas vermelhas fez o quarto brilhar e eles estavam pensando em ir para cama quando a mulher idosa de repente alertou-se, virando sua cabeça como se estivesse tentando ouvir.

Marco e O Rato não ouviram nada, mas perceberam que ela ouvira e sentaram-se tão quietos que seguraram a respiração. Então houve silêncio total por alguns minutos. Silêncio total.

Então ouviram algo - um som claro e prateado, penetrando o ar puro das montanhas.

A mulher idosa pulou para os pés com um fogo de gozo nos seus olhos.

— É a trompa de prata! — Ela gritou batendo as mãos juntas. — É o próprio chamar dele para mim quando está vindo. Ele esteve caçando em algum lugar e quer dormir na sua cama boa aqui. Ajude-me a colocar mais madeira no fogo para que ele veja as chamas pela porta aberta ao entrar.

— Devemos permanecer aqui? — Marco disse. — Nós podemos ir agora.

Ela estava indo na direção da porta para abri-la, mas parou um momento e virou.

— Não, não! — ela disse. — Ele deve ver sua face. Ele vai querer ver sua face. Eu quero que veja - quão jovem você é. — Ela abriu a porta totalmente e eles ouviram a trompa de prata emitir sua chamada claramente de novo. Os gravetos que O Rato havia jogado na brasa estalaram e cintilaram e rugiram em chamas grandes que jorraram sua luz para a rua e realçou a velha figura que estava de pé na porta e parecia tão alta.

Em apenas alguns minutos seu grande nobre veio até ela. E com o seu traje de caça ele era tão esplendido como ela havia falado. Ele era grande e tinha a aparência de um nobre, e rindo ajoelhou-se e beijou ela como se fosse seu próprio filho.

— Sim, mãe. — Marco ouviu-o dizer. — Eu quero minha cama confortável e uma de suas comidas deliciosas. Mande os outros para o "Gasthaus".

Ele entrou no quarto que estava refletindo as brasas vermelhas incandescentes e sua cabeça quase tocava as vigas de madeira. Então viu os dois meninos. — Quem são estes, mãe? — ele perguntou.

Ela levantou a mão dele e a beijou. — Eles são os Portadores do Sinal. — ela disse ternamente. — A Lâmpada Está Acesa!

Então a face dele inteira mudou. Sua face sorridente tornou-se bastante séria e por um momento pareceu até preocupado. Marco sabia que isso era por ele estar surpreso de serem somente meninos. Ele deu um passo à frente para olhá-los mais de perto.

— A Lâmpada Está Acesa! E vocês dois levam o Sinal! — ele exclamou. Marco ficou em pé perto da luz do fogo para que pudesse vê-lo bem. Ele fez continência com respeito.

— Meu nome é Marco Loristan, Alteza. — ele disse. — E meu pai me enviou.

A mudança que veio sobre a face dele era ainda maior do que no começo. Por somente alguns segundos Marco chegou a sentir que ele tinha um olhar de alarme. Mas quase de repente passou.

— Loristan é um grande homem e um grande patriota. — ele disse. — Se ele o enviou, é porque sabe que você é o único mensageiro seguro. Ele tem trabalhado muito tempo para Samávia para não saber o que faz.

Marco fez continência de novo. Ele sabia o que seria certo falar depois. — Se tivermos a permissão da sua Alteza para nos retirarmos, — ele disse — o deixaremos e iremos para cama. Desceremos a montanha ao raiar do sol.

— Para onde agora? — perguntou o caçador, olhando para ele com profunda curiosidade.

— Para Viena, Alteza. — Marco respondeu.

O questionador estendeu a mão ainda com profundo interesse nos seus olhos.

— Boa noite, bom rapaz — ele disse. — Samávia precisa gloriar-se no seu Portador do Sinal. Que Deus vá com você.

Ele ficou em pé olhando para Marco enquanto este ia para o quarto no qual ele e seu ajudante-de-campo dormiriam. O Rato o seguiu de perto. Na pequena porta de trás, a mulher muito idosa estava em pé, tendo aberto a porta para eles. Ao passar e dizer boa noite, Marco notou que ela fez de novo a estranha reverência de dobrar o joelho enquanto ele passava.

## CAPÍTULO XXIV

### "COMO VAMOS ACHA-LO?"

---

**E**m Viena eles se viram no meio de um desfile. O Imperador dirigia-se em magnificência e cerimônia para celebrar a vitória de um século atrás e honrar as antigas bandeiras e a estátua coroada com louro de um príncipe-soldado de tempos antigos. Os pavimentos largos das grandes estradas principais estavam abarrotados com o povo observando o esplendor bélico ao passar marchando, cavalos pomposos, e o brilho de bainhas e correntes, e parecia que tudo, de algum modo, era parte de uma música em estouros triunfantes.

O Rato estava enormemente excitado pela magnificência do palácio imperial. Os imensos espaços, áreas e jardins, dominados por estatuas de imperadores, guerreiros e rainhas o fez sentir que qualquer coisa no mundo era possível. Os palácios e as colunas de arquitetura imponente, onde estatuas de bronze de cavaleiros montados em cavalos empinados cortavam o ar com sua beleza contra o céu, pareciam arrastar do seu mundo tudo a não ser cidades esplêndidas onde os imperadores passavam nas avenidas largas com bandeiras, soldados marchando e tinindo na frente e atrás, e trombetas douradas sendo tocadas. Parecia que deveria sempre ser assim - que as lanças e a cavalaria e os imperadores nunca parariam de passar. — Eu gostaria de ficar aqui por bastante tempo — ele disse quase como se estivesse num sonho. — Eu gostaria de ver tudo.

Ele apoiou-se em suas muletas no meio da multidão e viu o brilho do desfile. De vez em quando ele olhava de relance para Marco, que também olhava com um olhar fixo do qual, O Rato notou, nada escaparia: Quão absorvido ele sempre estava no Jogo! Era impossível esquecê-lo ou lembrar dele somente como um menino faria! Muitas vezes parecia que ele nem era um menino. E o Jogo, O Rato teve certeza naqueles últimos dias, não era mais um jogo, mas algo de profunda e extrema determinação - algo que alcançava reis e tronos, e estava relacionado a governar e influenciar grandes países. E eles - dois meninos empurrados para lá e para cá pela multidão ao fixarem seus olhos nos soldados - carregavam com eles aquilo que até agora estava iluminando a Lâmpada.

O sangue nas veias do Rato corria rapidamente e o fez se sentir quente ao lembrar certas coisas que haviam se forçado na sua mente durante as últimas semanas. Tendo sua mente o hábito de querer "matutar as coisas", durante as últimas duas semanas, pelo menos, havia seguido uma maravilhosa e até fantástica e agitada fantasia. Fora apenas uma insignificância que o fez a começar a trabalhar sua mente, mas, uma vez que começado, coisas que antes pareciam ser insignificantes não pareciam mais. Quando Marco dormia, O Rato ficava acordado de madrugada incitado e algumas vezes quase sem fôlego olhando para o passado e relembando cada detalhe de suas vidas desde que se conheceram. Algumas vezes parecia que quase tudo que lembrava – o Jogo em primeiro lugar e acima de tudo – havia sido direcionado a somente uma coisa. E mais uma vez ele de repente sentiria que era um tolo e que deveria manter sua cabeça no lugar. Ele sabia que Marco não tinha imaginações fantásticas. Ele havia aprendido muito e sua mente era muito balanceada. Não tentava "matutar". Somente pensava nas coisas sobre as quais tinha ordens para fazer.

"Mas," O Rato disse mais do que uma vez nessas horas de madrugada, "se em algum tempo chegar a hora quando ele deve ser salvo ou eu, ele é quem não deve ser machucado. A morte não deve demorar muito – e seu pai me mandou com ele."

Este pensamento passou pela sua mente ao os pés passarem marchando. Ao um repentino e esplêndido som de música que se aproximava irromper em seu ouvido, um estranho olhar contorceu sua face. Ele percebeu o contraste entre este dia e aquela primeira manhã atrás do cemitério, quando sentara na sua plataforma entre o Pelotão e olhou para cima e viu Marco na arcada no final da passagem. E por ele ter se mantido tão bem, havia jogado uma pedra nele. Sim, – um moleque tolo e cego ele havia sido: – seu primeiro cumprimento para Marco fora uma pedra, só porque ele era quem ele era. Ao ficarem em pé no meio da multidão nessa cidade longínqua e estrangeira, não parecia ser verdade que fora ele quem fizera aquilo.

Ele dirigiu-se para mais próximo do lado de Marco. — Não é esplêndido? — ele disse — Gostaria de ser um imperador. Eu teria estes caras fazendo isto todos os dias. — Ele disse isso só porque queria dizer algo, queria falar algo, como razão de se aproximar dele. Queria estar próximo dele o suficiente para tocá-lo e sentir que realmente estavam juntos e que tudo não era um tipo de sonho magnífico em que talvez acordaria e se acharia deitado na sua pilha de panos velhos no seu canto do quarto em Bone Court.

A multidão inclinou-se para frente na ansiedade de ver o ponto principal do desfile – o Imperador na sua carruagem. O Rato inclinou-se para frente com o resto para vê-la passar.

Uma pessoa majestosa com cabelo branco e um bigode vestida em um esplêndido uniforme decorado com joias e muitas plumas verdes-esmeraldas balançando no seu chapéu militar gravemente saudava as pessoas que estavam gritando dos dois lados.

Ao lado dele sentava-se um homem uniformizado, decorado e também com plumas verdes-esmeraldas, porém era muito mais jovem.

O braço de Marco tocou o do Rato quase no mesmo momento que o do Rato tocou o dele. Entre as plumas balançando os dois viram a face cansada, cínica e pálida, um esboço da qual estava escondido na abertura da manga de Marco.

— O que senta próximo ao Imperador é um Arquiduque? — Marco perguntou ao homem mais próximo a ele na multidão. O homem respondeu cordialmente. Não, ele não era, mas era um certo Príncipe, um descendente do homem que era o herói do dia. Ele era um grande favorito do Imperador e também era uma pessoa muito importante, possuindo um palácio que continha pinturas celebradas por toda a Europa.

— Ele faz de conta que só se importa com pinturas, — Ele continuou, encolhendo seus ombros e conversando com sua esposa, que começou a escutar, — mas é um cara esperto que se diverte com coisas que declara que nem se importa - coisas importantes. É o jeito dele parecer enfadado e sem interesse em nada, mas dizem que tem o jeito de saber segredos perigosos.

— Ele mora no Hofburg<sup>18</sup> com o Imperador? — perguntou a mulher, esticando seu pescoço para ver a carruagem imperial.

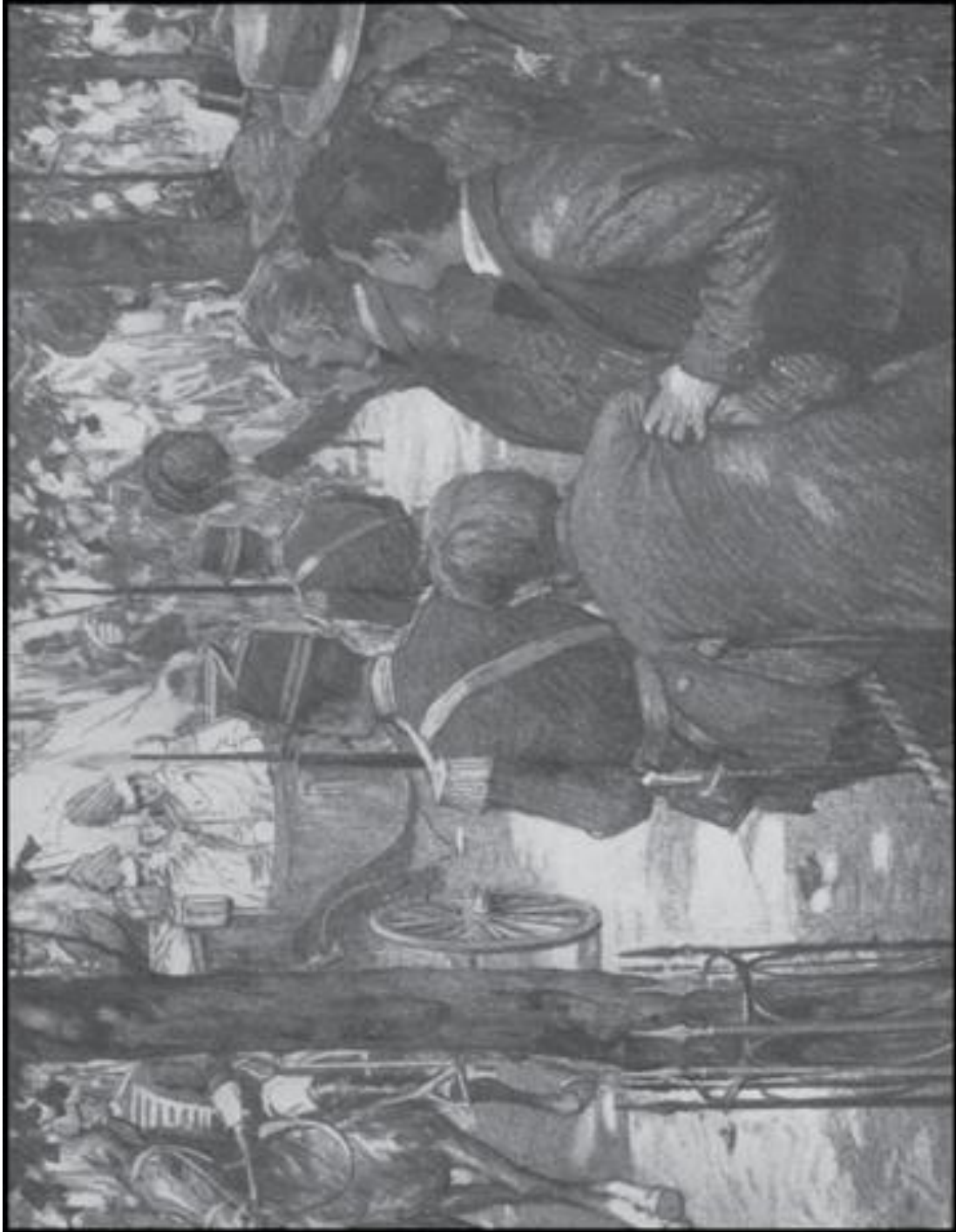
— Não, mas ele frequentemente está lá. O Imperador é solitário e enfadado também, sem dúvida, e esse cara tem seus jeitos de fazê-lo esquecer de seus problemas. Ouvi falar que de vez em quando os dois vestem-se como homens comuns e saem para a cidade para ver como é conviver com o resto do mundo. Eu suponho que é verdade. Eu gostaria de tentar isso de vez em quando, se precisasse sentar num trono e usar uma coroa.

Os dois meninos seguiram a celebração até o final. Eles viram o homem com a face pálida várias vezes, mas ele sempre estava tão rodeado que era impossível chegar próximo o suficiente dele. Aconteceu uma vez, entretanto, que ele olhou por uma brecha temporária no aglomerado de pessoas e notou repentinamente uma face bastante atenta de um menino forte e moreno que parecia estar pesquisando minuciosamente. Foi algo no olhar fixo de atenção que fez olhar para ele curiosamente por alguns segundos, e Marco encontrou seu olhar diretamente.

"Olhe para mim! Olhe para mim!" o menino dizia a ele mentalmente. "Eu tenho uma mensagem para você. Uma mensagem!"

---

<sup>18</sup> Hofburg é um palácio em Viena, Áustria. Até 1918 era onde o Imperador do Império Austro-Húngaro reinava. Hoje, este palácio é a residência oficial do Presidente da Áustria e também tem um museu, um opera, estábulos e contém as Joias da Coroa.



*Entre as plumas balançando os dois viram a face, um esboço da qual estava escondido na abertura da manga de Marco.*

Os olhos cansados da face pálida fixaram-se nele com uma certa luz crescente de interesse e curiosidade, mas o aglomerado de pessoas moveu-se e a brecha temporária fechou-se, de modo que os dois não conseguiram mais se ver. Marco e O Rato foram empurrados para trás pelos mais altos e fortes do que eles até que estavam na borda da multidão.

— Vamos para o Hofburg. — disse Marco. — Eles voltarão para lá e devemos vê-lo de novo mesmo que não consigamos nos aproximar.

Eles caminharam para o Hofburg pelas ruas menos abarrotadas, e depois esperaram o mais perto do grande palácio que podiam. Eles estavam lá quando, encerradas as cerimônias, a carruagem voltou, mas, embora tenham visto o homem de novo, estavam a certa distância dele e ele não os viu.

Passaram-se quatro dias singulares. Foram dias singulares por terem sido cheios de incidentes tantalizantes. Nada parecia mais fácil do que ouvir falar do favorito do Imperador e vê-lo, mas nada era mais impossível do que aproximar-se perto o suficiente dele. Ele parecia ser um favorito entre o populacho, e as pessoas comuns da classe de lojistas e trabalhadores falavam livremente dele – sobre aonde estava indo e sobre o que estava fazendo. Hoje à noite era certeza de que ele estaria nessa grande casa ou naquela, nessa festa ou naquele banquete. Não havia dificuldade em descobrir que com certeza ele iria para a ópera, ou teatro, ou o Palácio de Schönbrunn<sup>19</sup> com seu mestre imperial. Marco e O Rato ouviam conversas normais sobre ele vez após vez e de uma parte da cidade até a outra o seguiram e esperaram. Mas era como correr atrás do vento. Evidentemente era uma pessoa muito inteligente e importante para ser permitido a andar sozinho. Sempre havia pessoas com ele que pareciam estar absorvidas na sua conversa cínica e lânguida. Marco pensou que ele nunca parecia se importar muito com seus companheiros, embora seus companheiros sempre pareciam estar entretidos com o que ele falava. Podia-se notar que riam bastante, embora ele raramente desse um sorriso.

— Ele é um daqueles sujeitos com o truque de falar gracinhas como se não conseguisse ver humor nelas. — O Rato o resumiu. — Pessoas assim sempre são mais espertas do que o outro tipo.

— Ele é uma pessoa muito fina e rica para não ser seguido para todo lado. — eles ouviram um homem numa loja dizer um dia — mas fica cansado disso. Às vezes, quando está muito enfadado para suportar isso, ele diz para as pessoas que foi para algum lugar nas montanhas, mas, na verdade, está todo o tempo trancado sozinho com suas pinturas no seu próprio palácio.

Naquela mesma noite O Rato entrou no sótão deles com a face pálida e desapontada. Ele esteve fora comprando algo para comer depois de um dia longo e árduo onde percorreram muito chão, viram o homem três vezes, e cada vez em circunstâncias que o tornava mais inacessível do que nunca. Eles haviam voltado para o pobre quarto deles cansados e com muita fome.

---

<sup>19</sup> O Palácio de Schönbrunn (alemão para "bela nascente"), também conhecido como o Palácio de Versalhes é localizado também em Viena. Na época este palácio era usado pelos imperadores da Áustria durante as férias do verão. Neste castelo viveu até 1817, data de seu casamento com D. Pedro I, a arquiduquesa D. Leopoldina de Habsburgo, que teve tão grande papel na independência do Brasil. Hoje este palácio é preservada como um museu com vários monumentos históricos e culturais da Áustria.

O Rato jogou suas compras na mesa e jogou-se numa cadeira. — Ele foi para Budapeste. — ele disse. — E AGORA, como o acharemos?

Marco estava meio pálido também, e por alguns segundos pareceu-se ainda mais pálido. Foi um dia difícil, e, na pressa de alcançarem lugares que ficavam a longa distância um do outro, **eles haviam esquecido da necessidade de comerem.**

Eles ficaram sentados por alguns minutos quietos porque parecia que não havia nada a dizer. — Estamos muito cansados e com fome para podermos pensar bem. — Marco disse finalmente. — Vamos comer nosso jantar e depois irmos dormir. Até termos descansado, devemos tentar não pensar sobre isso.

— Sim. Não adianta conversar quando está cansado. — O Rato respondeu um pouco triste. — Você não consegue raciocinar direito.

O jantar foi simples, mas comeram bem e sem palavras. Mesmo depois de terminarem de se preparar para dormir, falaram muito pouco. O sono veio para eles - um sono profundo, tranquilo, e saudável. Se tivessem ficado mais ressentidos do trabalho perdido, o sono teria vindo com menos facilidade e teria sido menos natural. Nas suas conversas com Loristan, haviam aprendido que um grande segredo de força e coragem inabalável é confiar naquele que os enviou e recusar a ficar ansioso; em vez disso devem esperar pelo o momento certo.

Quando Marco abriu seus olhos de manhã, viu O Rato deitado olhando-o. Os dois sentaram-se na cama no mesmo momento.

— Creio que estamos pensando a mesma coisa. — disse Marco. Eles frequentemente descobriam que estavam pensando as mesmas coisas, ao se tornarem mais e mais como Loristan.

— Eu também. — respondeu O Rato. — Isso mostra que estávamos tão cansados que nem pensamos sobre isso ontem à noite.

— Sim, estamos pensando a mesma coisa. — Marco disse. — Nós dois lembramos o que ouvimos sobre ele se trancar sozinho com suas pinturas, fazendo com que as pessoas cressem que havia ido embora.

— Ele está no palácio agora. — O Rato anunciou.

— Você tem certeza disso também? — perguntou Marco. — Você sentiu certeza disso assim que acordou?

— Sim — respondeu O Rato. — Como se ele mesmo tivesse falado.

— Eu também. — disse Marco.

Era um dia ensolarado e, mesmo havendo somente uma janela no sótão deles, o sol emitia sua luz para dentro ao comerem o café da manhã. Depois, inclinaram-se na janela e conversaram sobre o jardim do Príncipe. Eles conversaram sobre o jardim porque era um lugar aberto ao público e haviam andado envolta dele mais de uma

vez. O palácio, que não era muito grande, situava-se no meio. O Príncipe era bondoso o suficiente para deixar pessoas calmas e bem comportadas passearem pelo jardim. Não era um parque elegante mas um retiro agradável para pessoas que às vezes levam seu trabalho ou livros e sentavam-se nos bancos espalhados aqui e acolá entre os arbustos e flores.

— Quando fomos lá pela primeira vez, notei duas coisas. — Marco disse. — Há uma sacada ao lado do palácio que forma uma saliência e olha para o Jardim da Fonte. Naquele dia havia cadeiras em cima dela como se O Príncipe e seus visitantes às vezes se sentassem lá. Perto de lá havia um arbusto grande de sempre-viva e eu vi que tinha um espaço vazio dentro dela. Se alguém quisesse ficar dentro do jardim toda noite para olhar as janelas quando ficassem acesas e ver se alguém saísse na sacada, podia se esconder no buraco e ficar lá até a manhã.

— Há lugar para dois dentro do arbusto? — O Rato perguntou.

— Não. — Eu devo ir sozinho. — disse Marco.



## CAPÍTULO XXV

### UMA VOZ NA NOITE

---

A tarde naquele dia perambulavam pelo jardim dois meninos, quietos e inconspícuos, vestidos pobremente. Eles olhavam para o palácio, para os arbustos, e para os canteiros de flores, o que os visitantes habitualmente faziam, sentaram-se nos bancos e conversaram, da mesma maneira que as pessoas estão acostumadas a ver meninos conversando juntos. Era um dia ensolarado e excepcionalmente quente, e havia mais pessoas passeando e sentadas do que o normal, o que talvez fosse a razão de o porteiro que estava na entrada ter dado tão pouca importância ao par que não observou que, embora dois meninos tenham entrado, apenas um saiu. Ele, de fato, não se lembrava, quando viu O Rato passar com suas muletas na hora do fechamento dos portões, que ele entrara na companhia de um rapaz de cabelo escuro que andava sem auxílio algum. Aconteceu que, quando O Rato saiu, o porteiro à entrada estava muito interessado no aspecto do céu, que estava curiosamente ameaçador. Houvera nuvens pesadas por todo o dia que de vez em quando barravam o brilho do sol totalmente, mas o sol se recusava a retirar-se inteiramente. Nesse momento, contudo, as nuvens formaram montanhas trovejantes e apurpuradas, e o sol fora forçado a se pôr por trás delas.

— Tem sido uma espécie de batalha desde a manhã. — o porteiro disse. — Haverá alguns estrondos e uma tempestade hoje à noite. — Foi isso que O Rato pensara quando eles se sentaram em um acento no Jardim da Fonte que lhes dava uma boa visão da sacada e dos grandes arbustos de sempre-verde, no meio dos quais eles sabiam que existia um espaço, embora sua circunferência enganasse.

— Se houver uma tempestade grande, a sempre-verde não vai proteger você muito, mas pode barrar o pior. — O Rato disse. — Gostaria que houvesse espaço para dois.

Ele desejava que houvesse espaço para dois ainda que tivesse visto Marco marchando para ser queimado vivo. Enquanto os jardins se esvaziavam, os meninos se levantaram e andaram em volta mais uma vez, como se estivessem a caminho da saída. Quando eles passeavam na direção da grande sempre-verde, ninguém mais

estava no Jardim da Fonte, e os últimos ociosos estavam se deslocando na direção da abertura de pedra arqueada, para as ruas.

Quando se aproximaram de um lado da sempre-verde, os dois estavam juntos. Quando O Rato se moveu para o outro lado, estava sozinho! Ninguém percebeu que algo havia acontecido; ninguém olhou para trás. Então O Rato desceu pelos caminhos, em volta dos canteiros de flores e passou para a rua. E o porteiro olhava para o céu e fazia sua observação sobre "estrondos" e "tempestade".

Enquanto a escuridão chegava, o espaço no arbusto pareceu um lugar muito seguro. Não havia chance alguma de alguém entrar nos jardins fechados; e se por ventura um empregado passasse, não estaria procurando pessoas que desejavam ficar de vigília toda a noite no meio de uma sempre-verde em vez de ir para a cama e dormir. O buraco estava bem fechado pelas folhagens, e havia espaço para se sentar quando estivesse cansado de ficar em pé.

Marco ficou de pé por um longo tempo porque, assim, poderia ver plenamente as janelas que abriam para a sacada somente empurrando levemente para o lado alguns galhos novos e flexíveis. Ele conseguira descobrir em sua primeira visita aos jardins que as janelas que davam para o Jardim da Fonte eram as que pertenciam ao conjunto de quartos próprios do Príncipe. Aquelas que se abriam para a sacada iluminavam seu apartamento favorito, o qual continha seus melhores livros e pinturas e onde passava a maior parte de suas horas livres e isoladas.

Marco observava essas janelas ansiosamente. Se o Príncipe não tivesse ido para Budapeste – se realmente estivesse apenas em retiro e se escondendo entre seus tesouros de seu mundo atarefado – ele estaria em seus aposentos favoritos e as luzes mostrariam. E se houvesse luzes, ele poderia passar pelas janelas porque, estando fechado seu jardim, não precisaria temer ser visto. O crepúsculo se tornou escuridão por causa das grossas nuvens que estavam muito densas. Fracos vislumbres eram vistos na parte mais baixa do palácio, mas nada acendia nas janelas que Marco observava. Ele esperou tanto que ficou evidente que nenhuma se acenderia. Finalmente ele soltou os galhos novos e, depois de ficar em pé algum tempo pensando, sentou-se na terra, no meio de sua tenda coberta com folhagens. O Príncipe não estava em seu retiro; provavelmente não estava em Viena, e o rumor de sua viagem para Budapeste sem dúvida era verdadeiro. Tanto tempo gasto por causa de um erro – mas fora melhor correr o risco. Não ter corrido tal risco poderia ter sido uma chance perdida.

A entrada estaria fechada toda a noite e não havia como sair dos jardins até que fosse aberta no dia seguinte. Ele deveria ficar em seu esconderijo até quando as pessoas comesçassem a entrar e trazer seus livros e seus tricôs e se sentarem nos bancos. Então ele poderia sair andando à toa sem atrair atenção. Mas tinha a noite toda diante dele para passar da melhor forma que pudesse. Isso não seria problema.

Ele podia enrolar o chapéu em baixo da cabeça e dormir no chão. Podia ordenar a si mesmo a acordar a cada meia hora para observar as luzes. Ele não dormiria até que passasse muito da meia-noite – até que se passasse tanto que não haveria nem mesmo uma chance de um para cem de qualquer coisa acontecer.

Mas as nuvens que deixaram a noite escura estavam dando baixas troadas retumbantes. De tempo em tempo um clarão ameaçador as cortava e um repentino silvo de vento passava violentamente pelas árvores do jardim. Isso aconteceu várias vezes, e então Marco começou a ouvir o ruído de pingos de chuva. Eram gotas grandes e pesadas, poucas no início, e então veio uma nova e forte rajada de vento, um dardo denteado de luz no céu, e um tremendo estrondo. Depois disso as nuvens se rasgaram e despejaram seu conteúdo em torrentes. Depois do prolongado conflito do dia tudo isso pareceu acontecer de uma só vez, como se uma horda de leões enormes fosse solta em um momento: relâmpago atrás de relâmpago, rugidos, estrondos, altos estampidos de trovão, sons agudos de vento como um furacão, e torrentes de chuva como se alguma onda da maré dos céus houvesse se formado e se lançado violentamente contra a terra. Era uma tempestade tal que as pessoas se lembram por uma vida inteira, e que em poucas vidas é vista.

Marco permaneceu quieto no meio do furor e da inundação, e do seu ofuscante rugido. Depois dos primeiros poucos minutos ele percebeu que não podia fazer nada para se proteger. Ele ouviu as torrentes impetuosas descerem pelos caminhos do jardim. Segurava seu chapéu contra os olhos porque parecia estar no meio de chamas arremessadas. Os estrondos, estampidos de canhão e trovões, e os raios denteados vieram tão perto um do outro que parecia que iria deixá-lo surdo e também cego. Ele ficou imaginando se seria capaz de ouvir a voz humana novamente quando aquilo acabasse. O fato de ele estar molhado até os ossos e com a água fluindo de suas roupas como se ele mesmo fosse uma catarata era um detalhe tão pequeno para ele que mal se atentava a isso. Ele permaneceu imóvel, abraçando a si mesmo, e esperou. Se ele fosse um soldado samaviano nas trincheiras e tal tempestade irrompesse em cima dele e de seus camaradas, eles poderiam apenas se manterem firmes e esperar. **Foi nisso que ele se viu pensando quando o tumulto e o aguaceiro estavam no pior momento – que havia, entre seu povo, aqueles que estavam esperando do mesmo jeito no meio de uma chuva de balas.**

Não foi muito depois que esse pensamento veio a ele que ocorreu a primeira calmaria temporária na tempestade. Sua fúria talvez chegara ao máximo e abrandava naquele momento. Um brilho amarelo rasgara os céus com seu caminho denteado, e um estrondo de rachar a terra ressoara em ruídos surdos e prolongados, que na realidade enfraqueceram antes de irromper novamente. Marco tirou o chapéu de seus olhos e deu um longo suspiro. Deu dois longos suspiros. Foi quando começava um terceiro e percebia a estranha sensação do quase silêncio à sua volta que ouviu um novo tipo de som do lado do jardim perto de seu esconderijo. Soou como o

rangido de uma porta se abrindo em algum lugar na parede atrás da cerca viva de louros. Alguém estava vindo ao jardim por uma entrada privada. Ele empurrou para o lado os ramos novos mais uma vez e tentou ver, mas a escuridão era demasiado densa. Mas ainda poderia ouvir se o trovão não irrompesse novamente. Havia o som de pés no pedregulho molhado, os passos de mais de uma pessoa vindo na direção dele, mas não como se tivessem medo de serem ouvidos; era meramente como se tivessem a liberdade de entrar pela entrada que escolhessem. Marco permaneceu imóvel. Uma esperança repentina deu-lhe um choque de alegria. Se o homem com a face triste escolhesse se esconder de seus conhecidos, ele escolheria entrar e sair por uma entrada privada. Os passos se aproximaram, prensando o pedregulho molhado, passaram por ele, e pareceram parar em algum lugar perto da sacada; e então uma luz acendeu no céu novamente e o trovão irrompeu mais uma vez.

Mas esse fora o último grande estampido. A tempestade chegara ao fim. Apenas seguiram-se ribombos e murmúrios cada vez mais fracos e os clarões eram cada vez mais pálidos. Mesmo esses logo findaram, e as torrentes nos caminhos passaram e silenciaram-se. Mas a escuridão ainda era profunda.

Estava uma escuridão profunda no espaço da sempre-viva. Marco permaneceu lá, encharcado da chuva, mas sem sentir, pois estava cheio de pensamentos. Ele empurrou para o lado a folhagem e manteve seu olhar no local da escuridão onde deveriam estar as janelas, embora não pudesse vê-las. Pareceu-lhe ter esperado um longo tempo, mas sabia que isso fora na verdade impressão. Ele começou a respirar rapidamente porque estava esperando por algo.

Repentinamente ele viu exatamente onde as janelas estavam – porque estavam todas acesas! Seu sentimento de alívio foi grande, mas não durou muito. Era certo que algo fora ganho em ter a certeza de que o homem não deixara Viena. Mas e então? Não seria tão fácil segui-lo se ele escolhesse sair apenas secretamente à noite. E então? De repente ele viu a figura de um homem atravessar o cômodo, mas não pode ter certeza de quem era. Os últimos ribombos de trovão haviam desfalecido e as nuvens estavam se abrindo. Não muito depois que as escuras massas montanhosas se abriram, uma brilhante lua cheia apareceu, navegando na abertura, repentinamente enchendo tudo com luz. Partes do jardim se tornaram branco prateado, e as sombras das árvores eram como veludo preto. Uma lança prateada entrou até mesmo no espaço da sempre-viva de Marco e atingiu sua face.

Talvez fora a súbita mudança que atraíra a atenção daqueles que estavam dentro do cômodo com a sacada. A figura de um homem apareceu nas janelas longas. Marco viu então que era o Príncipe. Ele abriu as janelas e saiu para a sacada.

— Acabou. — ele disse baixo. E ficou com a cabeça levantada, olhando para a lua que navegava, grande e branca.



— *É o filho de Stefan Loristan. A Lâmpada está acesa.*

Ele ficou parado e pareceu no momento ter esquecido do mundo e de si mesmo. Era uma maravilhosa, triunfante rainha lua. Mas alguma coisa o trouxe de volta à terra. Uma voz baixa, mas forte e clara, voz de menino, surgiu do caminho do jardim abaixo.

— A Lâmpada está acesa. A Lâmpada está acesa. — a voz disse. As palavras pareceram chamá-lo, prendê-lo, puxá-lo.

Ele permaneceu parado por alguns segundos em um silêncio morto. Então se dobrou sobre a balaustrada. O luar desfizera a escuridão abaixo.

— Essa é uma voz de menino, — ele disse em voz baixa — mas não consigo ver quem está falando.

— Sim, é uma voz de menino. — a voz respondeu, de uma forma que de algum modo o comoveu, por ser muito ardente. — É o filho de Stefan Loristan. A Lâmpada está acesa.

— Espere. Estou indo até você. — o Príncipe disse.

Em poucos minutos Marco ouviu a porta se abrir gentilmente, não longe de onde ele estava. Então o homem que ele estivera seguindo há tantos dias apareceu ao seu lado.

— Por quanto tempo você ficou aqui? — ele perguntou.

— Desde que os portões fecharam. Eu me escondi no espaço que tinha naquele arbusto grande ali, Alteza. — Marco respondeu.

— Então você estava no meio da tempestade?

— Sim, Alteza.

O Príncipe colocou sua mão nos ombros do menino. — Eu não consigo ver você muito bem, mas é melhor ficarmos na sombra. Você está completamente molhado.

— Eu consegui dar a vossa Alteza - o Sinal — Marco sussurrou. — Uma tempestade não é nada.

Então houve silêncio por algum tempo. Marco sabia que seu companheiro estava em silêncio para repensar algo na sua mente.

— Entãããooo... — ele disse devagar finalmente. — A Lâmpada está acesa e VOCÊ é o enviado para levar o Sinal. — Algo na sua voz fez Marco sentir que estava sorrindo.

— Que raça vocês são! Que raça - vocês Loristans Samavianos! — Ele pausou novamente como se estivesse repensando tudo outra vez. — Quero ver seu rosto — ele disse. — Vamos pisar aqui do lado e ficar debaixo desse feixe de luar que está passando entre os ramos desta árvore.

Marco fez como foi ordenado. O feixe de luar caiu sobre o seu rosto levantado e revelou sua força jovem e seu semblante moreno que, na verdade, neste momento estava bastante esplêndido com um brilho triunfante de alegria por causa dos obstáculos que superou. As gotas de chuva penduravam-se no seu cabelo, mas ele não aparentava desanimado, só muito molhado e pitoresco. Ele tinha alcançado este homem. Tinha dado o Sinal.

O Príncipe o examinou com bastante curiosidade e interesse. — Sim — o Príncipe disse na sua voz calma e até atraente. — Você é o filho de Stefan Loristan e também deve ser bem cuidado. Venha comigo. Tenho treinado as pessoas de minha

casa a permanecer nos seus próprios aposentos até que eu exija seu serviço. Anexei ao meu próprio quarto um outro quartinho bom e seguro onde às vezes convidados passam a noite. Você pode secar suas roupas e dormir lá. Quando os jardins abrirem novamente o resto será fácil.

Mas embora tenha saído de debaixo das árvores e começado a andar em direção ao palácio na sombra, Marco notou que andava hesitantemente como se não tivesse decidido totalmente o que deveria fazer. Parou repentinamente e virou outra vez para Marco, que o estava seguindo.

— Tem alguém no quarto que acabei de sair — ele disse. — Um homem idoso... que talvez tenha interesse em vê-lo. Também talvez seja uma coisa boa para ele ter interesse em você. Quero que ele o veja... do jeito que está.

— Estou sob seu comando, Alteza — Marco respondeu. Ele sabia que seu companheiro estava sorrindo outra vez.

— Você esteve em treinamento por mais séculos do que sabe — ele disse. — E seu pai o preparou para encontrar-se com o inesperado sem surpresa.

Eles passaram por baixo da sacada e pararam numa entrada de pedra baixa e escondida atrás de arbustos. Quando a porta abriu, Marco viu que era uma porta muito bela, como também o corredor para o qual a porta se abria, embora tivesse um ar de tranquilidade e indiferença que dava o sentimento de não tanto um lugar secreto mas um lugar privado. Escadas perfeitas porém estreitas subiam para o próximo andar e, depois de subi-las, o Príncipe o guiou por um pequeno corredor e parou na última porta. — Entraremos aqui — ele disse.

Era um quarto maravilhoso e era o quarto que tinha acesso para a sacada. Cada móvel dentro do quarto, como também todos os lustres, tapeçarias, e quadros nas paredes eram como os que se via enfeitando um museu. Marco lembrou da fama que esse Príncipe que estava o guiando tinha em colecionar maravilhas e decorar sua casa com coisas que outros exibiam somente como maravilhas de arte e artesanato. O lugar era rico e alegre com belezas perfeitamente selecionadas.

Numa cadeira imensa no centro sentava uma pessoa com sua cabeça para baixo. Era um homem idoso e alto com cabelo branco e um bigode. Os seus cotovelos descansavam sobre o braço da sua cadeira e sua testa estava descansando nas suas mãos como se estivesse cansado.

O companheiro de Marco atravessou o quarto, ficou de pé ao lado dele e conversou com ele em voz baixa. Marco não conseguiu ouvir a princípio o que estava dizendo. Ele só ficou quieto, esperando. O homem de cabelo branco levantou sua cabeça e escutou. Pareceu como se de repente ele ficasse singularmente interessado. A voz baixa foi aumentada um pouquinho finalmente e Marco conseguiu ouvir as últimas duas orações: — O único filho de Stefan Loristan. Olhe para ele!

O homem idoso na cadeira virou-se lentamente e olhou com um olhar fixo de curiosidade duvidosa com um tom de surpresa séria. Ele tinha olhos azuis claros.

Então Marco, ainda alto e silencioso, esperou mais uma vez. O Príncipe meramente tinha dito a ele, "um homem idoso que talvez teria interesse em vê-lo". Marco tinha claramente planejado que, o que quer que acontecesse, ele não deveria fazer nenhum sinal aparente de ver mais do que havia sido dito que veria: um homem idoso. Não era para ele mostrar admiração nem reconhecimento. Ele fora trazido não para ver mas para ser visto. O controle que tinha de permanecer quieto e calmo enquanto estava sendo examinado minuciosamente, o que O Rato frequentemente desejava ter, o serviu muito bem neste momento porque tinha visto esta cabeça branca e essa figura alta não muitos dias antes, com plumas brilhantes da cor verde-esmeralda penduradas com decorações de joias numa carruagem real escoltada por bandeiras, elmos e soldados marchando em tempo com os estouros da música militar enquanto a multidão tiravam seus chapéus e aplaudia.

— Ele é como seu pai — essa pessoa disse ao Príncipe. — Mas se qualquer outro não ser Loristan o tivesse enviado... seu comportamento me agrada — E então disse repentinamente a Marco — Estava esperando lá fora durante a tempestade?

— Sim, senhor — Marco respondeu.

Os dois trocaram mais algumas palavras ainda na voz baixa. — Você leu as notícias enquanto viajava? — perguntou a Marco. — Você sabe como Samávia está?

— Não está bem — disse Marco. — Os Iarovitch e Maranovitch têm lutado entre si como hienas lutam, até que um tenha rasgado o outro em pedaços, e nenhum dos dois tem sangue nem força para continuar.

O dois olharam um para o outro.

— Uma boa comparação — disse a pessoa mais idosa. — Você tem razão. Se um partido forte emergisse - e uma força maior não interferisse - o país talvez veja melhores dias. — Ele olhou para Marco por mais alguns momentos e então acenou sua mão cordialmente. — Você é um bom Samaviano — disse. — Estou feliz por isso. Pode ir. Boa noite.

Marco fez reverência respeitosamente e o homem com a face cansada o guiou para fora do quarto.

Foi quando ele o deixou naquele quartinho quieto onde era para Marco dormir que o Príncipe deu-lhe um último relance curioso. — Estou lembrado agora — disse. — Lá no quarto quando respondeu a pergunta sobre como a Samávia estava, eu tinha certeza de que tinha visto você antes. Foi naquele dia da celebração. Houve uma brecha na multidão e vi um rapaz olhando para mim. Era você.

— Sim — disse Marco. — Eu tenho seguido você cada vez que você saiu desde aquele dia, mas nunca conseguia me aproximar o suficiente para falar. Esta noite parecia ser uma única chance em mil.

— Você está fazendo o seu trabalho mais como um homem do que um menino — foi o que disse pensativamente. — Nenhum homem poderia ter se comportado melhor do que você fez agorinha quando discrição e postura eram necessários. — E depois de uma pausa, disse: — Ele estava muito interessado e bastante satisfeito. Boa noite.

Quando os jardins foram abertos na manhã seguinte e as pessoas estavam entrando e saindo de novo, Marco saiu também. Ele foi obrigado a dizer a si mesmo duas ou três vezes que não tinha acordado de algum sonho maravilhoso. Ele apressou os passos depois que atravessou a rua porque estava querendo chegar na casa onde estavam e conversar com O Rato. Havia uma rua pequena e estreita que precisaria pegar se quisesse cortar o caminho. Ao virar nessa rua, viu uma figura curiosa encostada na parede inclinando-se nas suas muletas. Ele pensou que talvez fosse um mendigo, pois estava molhado e abandonado. Mas não era. Era O Rato, que de repente, quando viu que ele estava se aproximando deu um pulo para a frente. Sua face estava pálida e fatigada e ele parecia cansado e aterrorizado. Ele arrancou o seu chapéu da cabeça e disse numa voz que estava rouca como a de um corvo.

— Deus seja louvado! — ele disse. — Deus seja louvado! — como as pessoas sempre diziam quando recebiam o Sinal e estavam sós. Mas tinha uma certa angústia no seu tom de voz, como também alívio.

— Ajudante-de-campo! — Marco exclamou (O Rato tinha implorado a ele para chamá-lo assim). — O que você fez? Por quanto tempo você ficou aqui?

— Desde quando eu deixei você ontem à noite — disse O Rato agarrando tremulamente os braços de Marco para ver se ele realmente era real. — Se não tem lugar para dois no espaço vazio entre as árvores, tem espaço para mais um na rua. Será que era certo simplesmente abandonar meu serviço e deixar você sozinho? Será?!

— Então você estava fora no meio da tempestade?

— Você também não ficou? — perguntou O Rato ardentemente. — Eu me aconcheguei na parede o melhor que pude. O que me importa? Muletas não previnem um companheiro de esperar. Eu não teria deixado você mesmo se me desse ordens. E isso teria sido motim. Quando você não saiu assim que os portões abriram, senti como se minha cabeça tivesse pego fogo. Como que eu poderia saber o que tinha acontecido? Eu não tenho a ousadia e a estabilidade que você tem. Eu fico louco.

Por alguns segundos Marco não respondeu. Mas quando pôs sua mão na manga úmida, O Rato até se assustou um pouco porque pareceu como se estivesse olhando nos próprios olhos de Stefan Loristan.

— Você parece com seu pai! — ele exclamou. — Como está alto!

— Quando você está perto de mim — Marco disse na própria voz de Loristan, — quando você está perto de mim, eu me sinto... me sinto como se eu fosse um príncipe real atendido por um exército. Você **É** o meu exército. — E tirou seu chapéu como um menino faria e adicionou — Deus seja louvado!

O sol estava entrando calorosamente na janela do sótão quando chegaram no quarto deles e os dois apoiaram-se no peitoril áspero da janela e Marco contou sua história. Demorou algum tempo para relatar e quando terminou tirou um envelope do seu bolso e mostrou para O Rato. Dentro do envelope tinha um pequeno embrulho plano com dinheiro.

— Ele me deu isso assim que abriu a porta privada — Marco explicou. — E disse para mim: "Não vai demorar muito mais. Depois de Samávia, volte para Londres o mais rápido que puder - O MAIS RÁPIDO QUE PUDER!"

— O que será que ele quis dizer? — O Rato disse lentamente. Um pensamento tremendo passou rapidamente pela sua mente. Mas não era um pensamento que podia falar para Marco.

— Também não entendi. Tive a impressão que era por alguma razão que ele não esperava que eu soubesse — Marco disse. — Faremos como ele nos ordenou. O mais rápido que pudermos.

Eles olharam os jornais como faziam todos os dias. Tudo que poderia ser captado dos jornais eram sobre como os dois exércitos opostos de Samávia pareciam ter alcançado o auge de desastre e esgotamento. Era impossível dizer qual partido tinha a força sobrando para dar qualquer passo final que poderia ser considerado uma vitória. Nunca tinha um país estado em uma situação mais desesperadora.

— É a hora! — disse O Rato, olhando fixamente para o seu mapa. — Se o Partido Secreto se levantasse rapidamente agora, poderia conquistar Melzarr quase sem nenhum golpe. Poderia tomar o país inteiro e desarmar ambos os exércitos. Eles estão fracos - estão morrendo de fome - estão sangrando... eles QUEREM ser desarmados. Só os Iarovitch e os Maranovitch continuam com a luta porque os dois estão lutando para ter o poder de cobrar impostos das pessoas e fazer escravos deles. Se o Partido Secreto não se mostrar, as pessoas vão, e correrão pelos palácios e matarão cada Maranovitch e Iarovitch que encontrarem. E isso é o que merecem!

— Vamos gastar o resto do dia estudando o mapa das ruas de novo — disse Marco. — Hoje à noite devemos estar a caminho para Samávia!

## CAPÍTULO XXVI

### DO OUTRO LADO DA FRONTEIRA

---

**N**aquele dia, uma semana depois, dois meninos esgotados da viagem se arrastavam com pés lentos e exaustos atravessando a fronteira entre Jiardásia e Samávia sem nenhuma ocorrência que levantasse suspeitas ou mesmo atraísse atenção. Guerra, fome e angústia deixaram o país atordado e arruinado. Visto que o pior já tinha acontecido, ninguém tinha a curiosidade de saber o que lhes sobreviria. Se a própria Jiardásia se tornasse um inimigo em vez de um vizinho amigável, e enviasse pela fronteira uma multidão de tropas a galope, haveria apenas mais berros e gritos, e casas incendiadas, e matanças às quais ninguém ousaria resistir. Mas, pelo menos até agora, Jiardásia se mantivera pacífica.

Os dois meninos – sendo um dos dois em muletas – haviam evidentemente viajado muito a pé. Suas roupas pobres estavam empoeiradas e manchadas, e eles pararam e pediram água na primeira cabana depois da fronteira. O que andava sem muletas tinha um pedaço de pão comum numa bolsa atirada atrás dos ombros, e ambos se sentaram à margem da estrada e comeram como se estivessem com fome.

A velha senhora que vivia sozinha na cabana sentou-se e ficou observando os dois sem curiosidade. Ela talvez vagamente tenha se perguntado por que alguém entraria em Samávia em tais dias. Mas não se preocupou em saber a razão. Seu filho vivia em uma aldeia pertencente aos Maranovitch e fora chamado para lutar por seus senhores. Ele não queria, e não sabia o motivo da disputa, mas foi forçado a obedecer. Então beijou sua esposa e suas quatro fortes crianças em despedida, deixando para trás sua aldeia e suas plantações. Depois, os Iarovitch devastaram o pequeno e belo agrupamento de propriedades pertencentes ao inimigo. Estavam furiosos por terem sofrido grandes perdas numa batalha não muito distante, e, enquanto passavam, queimavam e matavam, e pisoteavam campos e vinhas. O filho dessa mulher idosa nunca retornou para ver as paredes queimadas de sua casa, por que ele mesmo fora morto na batalha pela qual os Iarovitch se vingavam. Apenas a idosa que vivia numa cabana perto da fronteira e observava inexpressivamente os que passavam permaneceu viva. Ela observava exaustamente as pessoas e se perguntava por que não ouvia notícias sobre seu filho e sobre seus netos. Mas isso era tudo.

Quando os meninos passaram pela fronteira e já estavam em seu caminho pelas estradas, não era difícil se manter fora de vista se necessário. O país era montanhoso e havia florestas densas no caminho – florestas tão extensas e com vegetação rasteira tão densa que homens adultos poderiam facilmente se esconder. Por causa disso, talvez, essa parte do país vira tão poucos combates. Havia muitas boas oportunidades de emboscadas seguras para o inimigo. E enquanto os dois viajantes seguiam caminho, ouviram sobre aldeias queimadas e cidades destruídas, mas eram cidades e vilas mais próximas a Melzarr e outras cidades defendidas por fortalezas, ou localizadas no campo circundando castelos e propriedades de nobres e líderes poderosos. Era verdade, como Marco dissera para a pessoa importante de cabelos brancos, que os Maranovitch e os Iarovitch lutaram entre si com a selvageria de hienas até que por fim o poder dos dois havia se rasgado e estava em sangue, e suas forças, seus recursos e seus suprimentos esgotados.

Cada dia os deixava mais fracos e mais desesperados. A Europa olhava com pouco interesse em qualquer um dos partidos, mas com grande desejo de que a desordem acabasse e cessasse de interferir no comércio. Tudo isso e muito mais Marco e O Rato sabiam, mas, ao caminharem cautelosamente por caminhos pouco visitados do pequeno país mutilado e torturado, descobriram outras coisas. Descobriram que as histórias de sua beleza e de sua prosperidade não eram somente lendas. Suas montanhas altas, suas planícies imensas e ricas onde milhares de rebanhos podiam se alimentar, suas florestas esplendorosas e profundas e seus largos e claros rios eram tão reais quanto as sujas e abarrotadas ruas de Londres.

Os dois meninos viajavam pelas florestas e bosques quando era possível deixar a estrada. Era seguro abrir caminho entre as enormes árvores, altas samambaias e rebentos. Nem sempre era fácil, mas era seguro. Algumas vezes viam uma cabana de algum fabricante de carvão ou o abrigo de um pastor que se escondia com as poucas ovelhas que lhe restaram. Cada homem que encontravam tinha o mesmo olhar sem vida, de sofrimento em sua face; mas, quando os dois pediam por pão e água, o que era o hábito deles, ninguém se recusava a compartilhar o pouco que tinha. Logo ficou claro para eles que os outros pensavam que eram dois fugitivos cujos lares fora provavelmente destruídos e que vagavam sem plano a não ser o de achar segurança até que o pior passasse. O fato de um deles andar de muletas adicionava desamparo à aparência deles, e o fato de ele não saber falar a língua do país o fazia ainda mais objeto de pena. Os camponeses não sabiam que língua ele falava. Algumas vezes um estrangeiro vinha procurar trabalho nessa ou naquela pequena cidade. O pobre menino devia ter vindo ao país com seus pais e eles devem ter sido pegos no meio da guerra e assim ele fora jogado órfão no mundo. Mas ninguém fazia perguntas. Mesmo em sua desolação eram um povo silencioso e nobre, muito cortês para ser curioso.

— Nos velhos tempos eles eram simples e imponentes e gentis. Todas as portas eram abertas aos viajantes. O senhor da cabana mais pobre dava boas-vindas quando um estrangeiro passava por sua soleira. Era o costume do país — Marco disse. — Li sobre isso num livro do meu pai. Próximo de quase todas as portas as boas-vindas estavam gravadas em pedra.

— Eles são grandes e fortes — disse O Rato. — E têm boas faces. Eles se portam como se fossem treinados, tanto os homens quanto as mulheres.

Não foi pela parte banhada de sangue daquela triste terra que seu caminho os levou, mas viram fome e temor nos povoados que passaram. Safras que poderiam ter sido usadas para alimentar o povo foram pegadas para uso do exército; rebanhos foram levados, e as faces estavam magras e cinzentas. Aqueles que até o momento perderam somente suas safras e seus rebanhos sabiam que seus lares e suas vidas poderiam ser arrancados deles a qualquer momento. Somente homens e mulheres mais idosos e as crianças eram deixados para esperar por algum destino que eventualmente a guerra poderia lhes dar.

Quando recebiam alimento de alguma loja pobre, Marco oferecia algum dinheiro em troca. Ele não ousava levantar suspeitas oferecendo muito. Era obrigado a deixar que imaginassem que na fuga de seu lar arruinado fora possível pegar alguma reserva escondida de dinheiro que poderia salvá-lo de morrer de fome. Muitas vezes a mulher não aceitava o dinheiro que ele oferecia. A jornada era difícil e os deixava com muita fome. Eles deveriam fazer o caminho sempre a pé e havia poucos lugares onde poderiam achar comida. Mas os dois sabiam como viver com alimentação escassa. Eles viajavam mais à noite e dormiam entre as samambaias e a vegetação rasteira durante o dia. Bebiam e se banhavam em riachos. Musgos e samambaias faziam camas macias e perfumadas, e as árvores serviam de teto. Algumas vezes eles se deitavam e conversavam enquanto descansavam. E finalmente chegou o dia no qual sabiam que sua jornada estava chegando ao fim.

— Estamos quase no fim agora — Marco disse, depois de se jogarem sobre o musgo e samambaias na floresta nas primeiras horas de uma manhã úmida. — Ele disse "depois de Samávia, volte para Londres o mais rápido que puder... O MAIS RÁPIDO QUE PUDER". Ele disse duas vezes. Como se... algo fosse acontecer.

— Talvez aconteça mais de repente do que imaginamos - essa coisa que ele quis dizer — respondeu O Rato. De repente ele se levantou com o cotovelo e se inclinou na direção de Marco. — Estamos em Samávia! — ele disse. — Nós dois estamos em Samávia! E estamos próximos do fim!

Marco também se levantou com o cotovelo. Estava muito magro por causa da dura viagem e da má alimentação. Sua magreza fazia os olhos dele parecerem imensos e muito escuros. Mas eles queimavam e incandesciam com seu próprio fogo.

— Sim — ele disse, respirando rapidamente. — E como a gente não sabe como será o final, obedecemos às ordens. O Príncipe foi o penúltimo. Falta somente mais um. O velho pastor.

— Quero ver este pastor mais do que quis ver qualquer um dos outros — O Rato disse.

— Eu também — Marco respondeu. — A cabana dele está localizada no lado desta montanha. Fico imaginando o que ele vai nos dizer.

Os dois tinham a mesma razão para querer vê-lo. Em sua juventude este pastor tinha vivido entre os descendentes daqueles pastores que, 500 anos atrás, haviam contrabandeado o Príncipe Perdido para fora do país. Ele guardara como um tesouro no seu coração a história de quinhentos anos atrás sobre o jovem nobre trazido para ser escondido entre os aldeões, pelos antigos pastores. Fora dito que um dos primeiros pastores, antes de morrer, fizera uma pintura do Príncipe. O jovem pastor aprendiz que crescera entre esses homens devia ter ouvido lendas maravilhosas. Agora somente os Forjadores da Espada sabiam sobre a pintura secreta escondida em cavernas escuras abaixo da terra, onde as armas estavam empilhadas até o alto e onde homens com faces escuras e fortes sentavam-se juntos à luz fraca e faziam planos e esquemas.

— Ele pode decidir não nos falar nada — disse Marco. — Quando tivermos dado o Sinal, ele pode se virar e não dizer nada como alguns fizeram. Ele pode não ter nada a dizer a nós. Silêncio pode ser a ordem para ele também.

Não seria longa nem perigosa a escalada para a pequena cabana na rocha. Eles poderiam dormir ou descansar todo o dia e começar no crepúsculo. Então depois de conversarem sobre o velho pastor e comerem seu pão preto, eles se acomodaram para dormir abaixo da cobertura de grossas e altas samambaias.

Dormiram profundamente por bastante tempo e nada os incomodou. Tão poucos seres humanos subiam o monte, exceto pelo estreito e rústico caminho que levava à cabana, que as pequenas criaturas selvagens não haviam aprendido a ter medo deles. Uma vez, durante a tarde, uma lebre saltando pelas samambaias para fazer uma visita parou perto da cabeça de Marco, e, depois de olhar para ele por alguns segundos com seus olhos brilhantes, começou a morder as pontas de seu cabelo. Ela fez por mera curiosidade e porque imaginou que talvez fosse um novo tipo de grama, mas ela não gostou e parou quase imediatamente, e ficou olhando para o cabelo de novo, movendo a ponta sensível e macia de seu nariz rapidamente por um momento, e então partiu saltando para cuidar de seus próprios afazeres. Um escaravelho grande e verde andou de uma ponta a outra das muletas do Rato, e, tendo feito isso, também foi embora. Duas ou três vezes um pássaro, procurando por comida embaixo das samambaias, se surpreendeu por encontrar as duas figuras dormindo, mas, como ficavam quietos, não pareciam algo a se temer. Uma bonita ratinha do campo que

passava descobriu que havia migalhas por perto e comeu tudo que pode achar por cima do musgo. Depois rastejou até o bolso de Marco e achou algumas excelentes migalhas e teve um bom banquete. Mas não incomodou ninguém e os meninos continuaram dormindo.

Foi o canto da tarde de um pássaro que acordou os dois. Ela pousou no galho de uma árvore perto deles e seu canto ondulava claro e doce. O ar da tarde estava fresco e estava perfumado com os aromas da colina. Quando Marco se virou e abriu os olhos, pareceu-lhe agradavelmente real o fato de estar em Samávia: de a Lâmpada estar acesa e seu trabalho quase terminado. O Rato acordou com ele, e por alguns minutos ambos ficaram deitados de costas sem falar. Por fim Marco disse: — As estrelas estão aparecendo. Podemos começar a subir, ajudante-de-campo.

Então os dois se levantaram e olharam um para o outro. — O último! — O Rato disse. — Amanhã estaremos a caminho de Londres: Philibert Place, número 7. Depois de todos esses lugares que já fomos, como vai parecer?

— Será como acordar de um sonho — disse Marco. — Philibert Place não é um lugar bonito. **Mas ELE estará lá.** — E foi como se uma luz se acendesse em sua face e brilhasse através da própria escuridão do rosto.

A face do Rato se acendeu quase exatamente do mesmo jeito. E ele tirou seu chapéu e ficou sem. — Nós obedecemos às ordens — ele disse. — Não esquecemos nem uma. Ninguém nos percebeu, ninguém pensou em nós. Fomos soprados pelos países como grãos de poeira.

Marco também estava sem chapéu, e sua face ainda brilhava. — Deus seja louvado! — ele disse. — Vamos começar a subir.

Eles abriram caminho pelas samambaias e andaram através das árvores até que encontraram o pequeno caminho. O monte era densamente revestido por floresta e o pequeno caminho era algumas vezes escuro e íngreme; mas eles sabiam que, se o seguissem, chegariam por fim a um lugar onde não havia árvore alguma, e a um rochedo onde encontrariam a pequena cabana esperando por eles. O pastor poderia não estar lá. Eles poderiam ter de esperar por ele, mas era certo que voltaria para pastorear seu rebanho.

Havia muitas estrelas no céu quando por fim uma curva no caminho mostrou a eles a cabana logo acima. Era pequena e feita de barro seco e pedra. Os dois meninos pararam no caminho e olharam para ela.

— Há uma vela acesa em uma das janelinhas — disse Marco.

— Há um poço perto da porta... e alguém está começando a tirar água — disse O Rato depois dele. — Está muito escuro para saber quem é. Escute!

Eles escutaram e ouviram o balde descer preso pelas correntes, e bater contra a água. Depois foi puxado, e pareceu que a pessoa bebeu longamente. Então eles viram

a figura indistinta se mover para frente e ficar parada. Ouviram uma voz começar a orar alto, como se a pessoa, acostumada à solidão total, não pensasse em ouvintes terrestres.

— Venha — disse Marco. E foram adiante.

Havendo muitas estrelas e estando o ar tão limpo, o pastor ouviu os passos deles no caminho e os viu assim que os ouviu se aproximando. Ele terminou sua oração e ficou observando-os se aproximarem. Um menino de muletas que se movimentava tão ligeiramente e facilmente como um pássaro e outro menino que, mesmo de longe, era notável por carregar a si mesmo de tal maneira que não era arrogante nem orgulhoso, mas o colocava de alguma maneira acima de todos os outros meninos que já se tinha visto antes. Um menino magnífico - porém, ao se aproximar, a luz das estrelas mostrou seu rosto magro e os seus olhos fundos como se ele estivesse cansado e com fome.

"Quem será esse?" o velho pastor murmurou para si mesmo. "QUEM?"

Marco chegou na frente dele e fez uma continência respeitosa. Depois levantou sua cabeça morena, endireitou seus ombros e disse a seguinte mensagem pela última vez.

— A Lâmpada está acesa, senhor — ele disse. — A Lâmpada está acesa.

O velho pastor ficou em pé sem se mexer e fixou seus olhos nele. Depois abaixou sua cabeça um pouco para que pudesse olhá-lo mais de perto. Foi quase como se algo o tivesse deixado assustado, e queria verificar algo. Neste momento passou rapidamente pela cabeça do Rato que a mulher velha no topo da montanha tinha olhado do mesmo modo, com um olhar assustado com algo.

— Sou um homem idoso — disse — Meus olhos não são tão bons. Se eu tivesse um pouco de luz — e então virou-se e olhou para a casa.

Foi O Rato que, com um giro, pulou pela porta e pegou a vela. Ele adivinhou o que estava querendo. Ele mesmo segurou a vela de modo que a luz se refletia na face de Marco.

O velho pastor se aproximou mais e mais. Ele ofegou e exclamou: — Você é o filho de Stefan Loristan! É O FILHO DELE quem traz o Sinal.

Foi neste ponto que caiu sobre os seus joelhos e escondeu seu rosto nas mãos. Os dois meninos o ouviram chorando e orando, orando e chorando ao mesmo tempo. Os dois olharam um para o outro. O Rato estava muito entusiasmado, mas sentiu-se um pouco estranho também e não sabia o que Marco iria fazer. Um velho sujeito nos seus joelhos chorando fez com que um garoto não soubesse o que dizer. Deveria consolá-lo ou deveria deixar ele continuar?

Macro simplesmente não se mexeu e olhou para ele com entendimento e seriedade. — Sim, senhor — ele disse. — Sou o filho de Stefan Loristan e dei o Sinal para todos. Você é o último. A Lâmpada está acesa. Eu também poderia chorar de alegria.

As lágrimas e a oração do pastor pararam. Ele ficou em pé - um homem idoso com uma face áspera e cabelo cheio, branco e longo que caía sobre seus ombros - e sorriu para Marco com seus olhos ainda molhados.

— Você tem atravessado de um país para o outro com a mensagem? — ele perguntou. — Você esteve sob ordens de falar essas quatro palavras?

— Sim, senhor — Marco respondeu.

— Só isso? Não era para falar nada mais?

— Não sei de nada mais. Silêncio tem sido a ordem desde que eu fiz meu juramento de fidelidade quando era criança. Eu não era velho o suficiente para lutar, servir no exército ou pensar sobre grandes coisas. A única coisa que poderia fazer era ficar silencioso e me treinar a lembrar de coisas e ficar pronto para quando eu fosse chamado. Quando meu pai viu que eu estava pronto, confiou em mim para sair e dar o Sinal. Ele me disse estas quatro palavras. Nada mais.

O homem idoso olhou para ele com um olhar curioso. — Se Stefan Loristan não sabe o que é melhor — ele disse — quem saberia?

— Ele sempre sabe — respondeu Marco orgulhosamente. — Sempre. — Ele acenou com a mão como um jovem rei na direção do Rato. Ele queria que cada homem que encontrassem entendesse a importância do Rato. — Ele escolheu para mim este companheiro — ele adicionou. — Não fiz nada sozinho.

— Ele permitiu que eu me chamasse de seu ajudante-de-campo! — estourou O Rato. — Eu estaria disposto a ser cortado em mil pedaços por ele. — Marco traduziu.

O pastor olhou para O Rato e acenou sua cabeça vagarosamente. — Sim — ele disse. — Ele sabia o melhor. Ele sempre sabe o melhor. Isto estou vendo.

— Como que você soube que eu era o filho do meu pai? — perguntou Marco. — Você viu ele?

— Não — foi a resposta. — Mas vi uma pintura que dizem que é a imagem dele e você é idêntico a ela. Realmente, é uma coisa estranha que duas das criações de Deus seriam tão idênticas. Existe um propósito para isso. — Ele os guiou para dentro de sua pequena casa e os acomodou e deu para eles leite de cabra e algo para comer. Ao se movimentar dentro daquela cabana, ele tinha um olhar misterioso e exaltado na sua face.

— Vocês precisam estar descansados antes de sairmos daqui — ele disse finalmente. — Vou levar vocês para um lugar escondido nas montanhas onde estão homens que vão pular de alegria quando vê-lo. Só vê-lo irá dar a eles novas forças e coragem e uma nova determinação. Hoje à noite eles se encontram como eles ou seus antepassados têm se encontrado por séculos, mas agora o término de suas esperas está bem próximo. E eu levarei até eles o filho de Stefan Loristan, o Portador do Sinal!

Eles comeram o pão com queijo e beberam o leite de cabra que ele serviu, mas Marco explicou que não precisavam de descanso pois tinham dormido o dia inteiro. Estavam prontos para segui-lo quando ele estivesse pronto.

O último indício do crepúsculo da tarde havia se tornado noite e as estrelas estavam no ponto mais abundante quando começaram a jornada juntos. O homem idoso de cabelo branco levou em sua mão uma vara de pastor grossa e nodosa e guiou o caminho. Embora o caminho fosse bem irregular, íngreme, e sem nenhuma trilha para marcá-lo, ele o conhecia muito bem. Às vezes parecia que estavam andando ao redor da montanha, às vezes estavam subindo e outras vezes estavam atravessando rochas ou árvores caídas ou se esforçando por matagais que eram quase intransponíveis. Mais de uma vez descenderam desfiladeiros e, quase correndo o risco de suas próprias vidas, escalavam e se esforçavam com a ajuda da vegetação rasteira para o outro lado. O Rato teve que usar toda sua destreza e às vezes Marco e o pastor o ajudaram atravessar obstáculos usando suas muletas.

— Não mostrei hoje à noite se sou um aleijado ou não? — O Rato disse uma vez para Marco. — Você pode contar para ELE isto, não pode? E que as muletas ajudaram em vez de atrapalhar.

Eles tinham estado fora por quase duas horas quando chegaram a um lugar coberto por vegetação rasteira onde uma árvore enorme havia caído durante alguma tempestade. Não muito mais adiante da árvore caída tinha uma rocha emergente. Só o topo dela podia ser visto acima do entrelaçamento.

Eles empurraram seu caminho pela mata de arbustos e árvores novas guiados pelo seu companheiro. Eles não sabiam o próximo lugar aonde seriam guiados nem onde deveriam se esforçar para seguir adiante quando o pastor parou próximo da rocha emergente. Ele ficou em pé silenciosamente por alguns segundos - totalmente imóvel - como se estivesse ouvindo a floresta e a noite. Mas não havia nem se quer um barulhinho. Nem mesmo um ventinho para mexer uma folha ou um pio de um pássaro meio acordado.

Ele bateu a rocha com sua vara duas vezes, e então duas vezes novamente.

Marco e O Rato seguraram sua respiração com grande expectativa.

Eles não esperaram por muito tempo. Logo, os dois se acharam inclinando-se para frente olhando fixamente quase sem acreditar, não para o pastor ou sua vara, mas para a ROCHA EM SI! Ela estava se mexendo! Sim, ela se mexeu. O pastor pisou para o lado e ela vagarosamente se mexia como se trabalhada por uma alavanca. Ao se mexer, gradualmente foi revelando uma brecha de escuridão ofuscamente iluminada e o pastor disse para Marco: — Tem esconderijos como este espalhados por toda Samávia. Paciência e miséria têm esperado por bastante tempo dentro deles. São as cavernas dos Forjadores da Espada. Venham!



## CAPÍTULO XXVII

### É O PRÍNCIPE PERDIDO! É IVOR!

---

Muitas vezes desde o início da viagem os corações dos meninos bateram com a vibração e a excitação das coisas. A história da qual suas vidas fazia parte era uma experiência cheia de emoções. Mas enquanto cuidadosamente percorriam seu caminho descendo os degraus íngremes aparentemente para as profundezas da terra, tanto Marco quanto O Rato sentiram que o velho pastor devia ouvir cada batida de seus jovens corações. — Os Forjadores da Espada. Não se esqueça de nenhuma palavra que eles disserem, — O Rato cochichou — para você poder me contar depois. Não esqueça nada! Ah... Se eu soubesse samaviano...

No fim dos degraus estava um homem que era evidentemente a sentinela que havia movido a rocha usando a alavanca. Ele era um grande e robusto camponês com uma face vigilante e gentil, e o pastor o cumprimentou ao pegar dele a lanterna que estava oferecendo.

Eles passaram por uma passagem estreita e escura, desceram mais alguns degraus e viraram uma esquina para um outro corredor cortado na rocha e na terra. Era um corredor mais largo, mas ainda escuro, tão escuro que Marco e O Rato tinham andado alguns metros antes de seus olhos se acostumarem suficientemente à luz opaca para ver que as próprias paredes pareciam feitas de armas empilhadas.

— Os Forjadores da Espada! — O Rato estava inconscientemente murmurando para si — Os Forjadores da Espada!

Devia ter levado anos para cortar a passagem redonda na qual caminhavam, e ainda mais anos para forjar as paredes sólidas e ásperas. Mas O Rato se lembrou da história que um estrangeiro contara a seu pai, dos poucos cuidadores de rebanhos que, em sua grande tristeza e fúria pela perda de seu príncipe, se reuniram com um juramento solene que fora passado de geração a geração. Os samavianos eram um povo de memória longa, e o fato de que sua paixão deveria ser extinguida a fizera queimar ainda mais ferozmente. Quinhentos anos atrás eles fizeram seu juramento pela primeira vez; e os reis vieram e se foram, morreram ou foram assassinados, e as

dinastias mudavam, mas os Forjadores da Espada não mudaram nem esqueceram seu juramento nem vacilaram em sua crença de que algum dia – algum dia, mesmo após os longos anos escuros – seu Príncipe Perdido estaria entre eles novamente, e de que eles se submeteriam ansiosamente a seu governo legítimo. E nos últimos cem anos seu número e sua força nos esconderijos aumentara tanto que Samávia estava finalmente repleta deles. E somente esperavam, ansiosos: pelo Acendimento da Lâmpada. O velho pastor sabia quão ansiosamente, e sabia o que estava trazendo a eles. Marco e O Rato, apesar de suas imaginações extremas de meninos, não tinham idade suficiente para saber quão feroz e cheia de avidez flamejante a espera ansiosa de homens camponeses crescidos podia ser. Mas havia uma vibração tensa em saber que eles, que estavam sendo levados aos Forjadores, eram os Portadores do Sinal. O Rato ficou quente e frio; ele roía suas unhas enquanto seguiam. Poderia quase ter gritado alto, pela intensidade de sua excitação, quando o velho pastor parou na frente de uma porta escura! Marco não fez som algum. Perigo ou emoção sempre o fizeram parecer alto e pálido. Ele parecia os dois nesse momento.

O pastor tocou na porta, e ela se abriu.

Eles olharam para uma caverna imensa. Suas paredes e seu teto estavam forrados com armas – espingardas, espadas, baionetas, lanças, punhais, pistolas, todas as armas que um homem desesperado usaria. O lugar estava cheio de homens, que se viraram para a porta quando ela se abriu. Todos cumprimentaram o pastor, mas Marco percebeu quase no mesmo instante que ficaram surpresos por ele não estar sozinho.

Eles formavam um bando estranho e variado em seu abrigo de armas à luz brilhante de tochas. Marco viu imediatamente que eram homens de todas as classes, embora todos estivessem vestidos do mesmo modo rústico. Eram grandes montanheses, e habitantes de planícies jovens e maduros em anos. Alguns dos maiores eram homens com cabelos brancos mas feições fortes, e com determinação em suas fortes frentes. Havia muitos desses, Marco viu, e nos olhos de cada homem, fosse jovem ou velho, ardia uma chama firme indomável. Eles foram espancados tantas vezes, foram oprimidos e roubados, mas nos olhos de cada um estava essa chama indomável que, através de toda a longa tragédia dos anos, fora passada de pai para filho. Isso era o que se seguira através dos séculos, mantendo o juramento e forjando suas espadas nas cavernas da terra, e que até esse dia estava... esperando.

O velho pastor colocou sua mão no ombro de Marco, e gentilmente o empurrou para sua frente diante da multidão, que se dividiu para abrir caminho. Ele não parou até que os dois estivessem no centro do círculo, que se afastava com o olhar fixo e curioso. Marco olhou para o velho homem porque por algum tempo ele não falou nada. Era evidente que ele não falou porque também estava muito entusiasmado, e não poderia falar. Ele abriu seus lábios mas sua voz não saiu. Então tentou

novamente e falou de modo que todos pudessem ouvir, até mesmo os homens que estavam na parte de trás do círculo formado pelos que observavam atentamente.

— Companheiros patriotas, — ele disse — esse é o filho de Stefan Loristan, e vem portando o Sinal. Meu filho, — ele disse para Marco — fale!

Então Marco entendeu o que ele queria, e também o que ele sentia. Ele também sentiu, aquela alegria exaltante e magnífica, enquanto falava, segurando sua cabeça escura altamente e levantando sua mão direita.

— A Lâmpada está Acesa, irmãos! — ele exclamou. — A Lâmpada está Acesa!

Então O Rato, que estava ao lado, assistindo, pensou que o estranho mundo dentro da caverna tinha ficado louco! Brados abafados e extravagantes irromperam, homens se agarraram uns aos outros em abraços veementes, caíram de joelhos, seguraram-se uns aos outros com lágrimas nos olhos, apertaram as mãos do seu próximo e pularam para o ar. Era como se não pudessem suportar a alegria de ouvir que o fim de sua espera finalmente chegara. Eles correram para cima de Marco, e caíram aos seus pés. O Rato viu grandes camponeses beijando seus sapatos, suas mãos, cada pedaço de sua roupa que podiam pegar. O círculo frenético inclinava-se e fechava-se em cima de Marco até que O Rato ficou assustado. Ele não sabia que, dominado por esse frenesi de emoção, seu próprio entusiasmo estava fazendo-o tremer da cabeça aos pés como uma folha, e que lágrimas estavam escorrendo por suas bochechas. A multidão em movimento escondeu Marco, e ele começou a lutar para abrir caminho na direção dele porque seu entusiasmo aumentara juntamente com medo. A multidão êxtase-frenética de homens parecia neste momento quase ter perdido seu próprio juízo. Marco era apenas um menino. Eles não estavam cientes de quão ferozmente estavam se pressionando contra ele e afastando o próprio ar.

— Não matem ele! Não matem ele! — gritou O Rato, se esforçando para frente. — Saiam da minha frente! Eu sou o ajudante-de-campo dele! Me deixe passar! — Embora ninguém entendesse seu inglês, um ou dois de repente lembraram de que o tinham visto entrar com o pastor e então deram espaço para ele. Mas foi justo neste momento que o velho pastor levantou sua mão acima da multidão e falou numa voz firme de comando.

— Para trás, meus irmãos! — ele bradou. — Loucura não é o respeito que você deve trazer ao filho de Stefan Loristan. Comportem-se! — Sua voz teve um poder que penetrou até mesmo nos pastores mais inspirados. A massa frenética moveu-se para trás e deixou espaço ao redor de Marco, cujo rosto O Rato conseguiu finalmente ver. Estava branco com emoção e seus olhos estavam com um olhar como de admiração. O Rato se forçou para frente até que ficou ao lado dele. Ele não estava ciente de que estava quase chorando ao falar.

— Sou seu ajudante-de-campo — ele disse. — Vou ficar em pé bem aqui! Seu pai me enviou! Estou sob ordens! Pensei que eles iriam esmagar você até a morte. — Ele

encarou o círculo envolta deles como se fossem inimigos ao invés de veneráveis seguidores.

O velho pastor, vendo como estava, tocou o braço de Marco. — Diga para ele que não precisa temer — o pastor disse. — Foi só pelos primeiros momentos. A paixão nas suas almas os deixou frenéticos. Eles são seus servos.

— Os que estavam atrás poderiam ter empurrado os que estavam na frente até que pisassem em cima de você apesar de si mesmos! — O Rato insistiu.

— Não — disse Marco. — Eles teriam parado se eu tivesse falado.

— Então por que você não falou para eles pararem? — perguntou O Rato bruscamente.

— Tudo que eles sentiram foi para Samávia e para meu pai — Marco disse — e para o Sinal. Eu também me senti como eles.

O Rato começou a se acalmar um pouco. Afinal de contas, era verdade. Como que ele poderia ter tentado suprimir as explosões de respeito que tinham por Loristan — pelo país que estava libertando para eles — pelo Sinal que os chamou à liberdade? Ele não poderia.

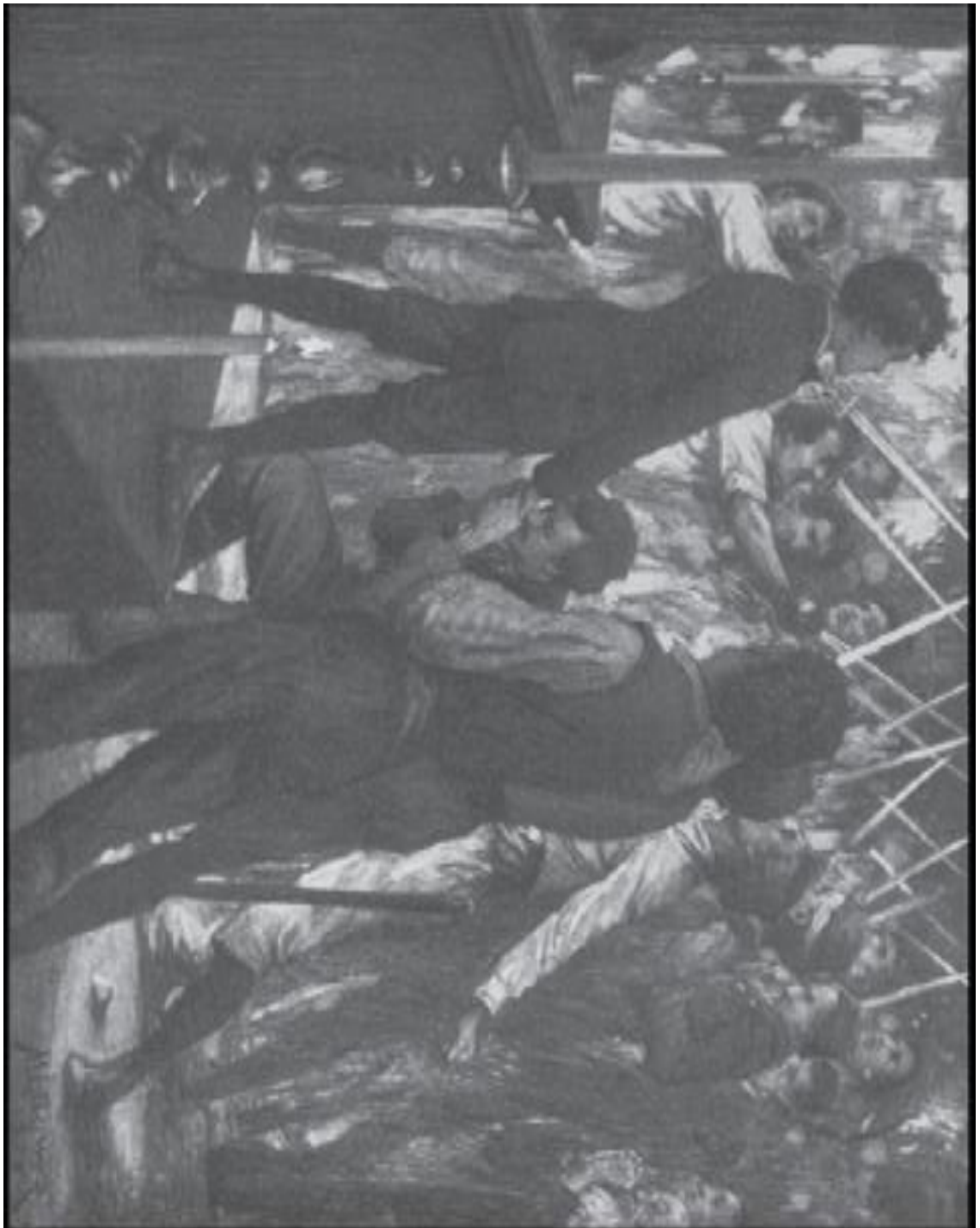
Em seguida começou uma cerimônia política, estranha e rústica. O pastor foi andando entre a multidão ao seu redor e conversou com os homens um após o outro — as vezes com um grupo de homens. Um círculo maior foi se formando. Enquanto o homem velho com a face pálida se movia de um lado para outro, O Rato sentiu como se algum tipo de coroação fosse acontecer. Observando desde o começo, ele estava muito entusiasmado.

Na parede no fundo da caverna havia uma enorme pintura coberta por uma cortina. Do teto pendurava-se uma lâmpada antiga de metal suspensa por correntes. O pastor pediu para Marco ficar debaixo dela com seu ajudante-de-campo perto em serviço. Um grupo formado pelos maiores pastores saiu e depois retornou: cada um carregando uma enorme espada que talvez fossem as primeiras a serem feitas nos dias escuros do passado. Os portadores dessas espadas formaram-se numa linha dos dois lados de Marco. Eles levantaram suas espadas e formaram um arco pontudo acima da sua cabeça e uma passagem de doze homens de comprimento. Quando as pontas se encontraram com um som metálico acima de suas cabeças, O Rato sentiu que seu próprio coração deixou de dar uma batida. Sua alegria estava muito grande para poder resistir. Ele fixou seus olhos em Marco, que estava em pé daquela maneira curiosa e esplêndida que tanto ele como o seu pai CONSEGUIAM ficar, e ficou imaginado como ele conseguia ficar assim. Parecia que estava preparado para qualquer coisa estranha que poderia acontecer para ele, porque estava "sob ordens". O Rato sabia que ele estava fazendo o que quer que fosse simplesmente por causa do seu pai. Era como se ele sentisse que estava representando seu pai, embora fosse

meramente um menino; e por causa disto, menino como era, devia carregar-se nobremente e permanecer externamente tranquilo.

O pastor moveu-se para o lado de Marco, e trouxe-o para perto da pintura velada. Inclinando-se para frente, pegou uma corda que pendurava da pintura velada. Ele a puxou e a cortina caiu. Diante deles apareceu olhando-os uma pintura de um jovem alto com a aparência de um rei e olhos profundos em que estrelas brilhavam radiantemente com um sorriso maravilhoso de se ver. Em volta de suas cabeleiras pretas e grossas o pintor, que havia falecido há muito tempo atrás, havia posto uma coroa dourada.

*Em seguida começou uma cerimônia política, estranha e rústica.*



— Filho de Stefan Loristan — o idoso pastor disse numa voz trêmula, — o Príncipe Perdido! É Ivor!

— Ivor! Ivor! — as vozes interromperam em um grande murmúrio. — Ivor! Ivor!

Marco cambaleou para frente com seus olhos fixos na pintura, sua respiração presa na garganta, e de boca aberta. — Mas...mas... — ele gaguejou, — mas se meu pai fosse tão jovem quanto ele é... ele seria COMO ele!

— Quando você for da idade dele, VOCÊ será como ele... VOCÊ! — disse o pastor. E deixou a cortina descer inteiramente.

O Rato ficou com olhos arregalados olhando para Marco e depois para a pintura e da pintura para Marco. E respirou mais e mais rápido e roeu as pontas de suas unhas. Mas não disse uma palavra. Ele não conseguiria se tentasse.

Então Marco andou para longe da pintura como se estivesse num sonho, e o homem idoso o seguiu. Ele e o menino passaram por baixo da arcada de espadas juntos. Agora os olhos de todos os homens estavam fixos em Marco. Marco parou na porta pesada pela qual tinha entrado e virou para olhar os homens. Ele estava com uma aparência jovem, magro e pálido, mas de repente o sorriso de seu pai se acendeu no seu rosto. Ele disse algumas palavras em Samaviano clara e gravemente, fez continência e saiu.

— O que você disse para eles? — ofegou O Rato, tropeçando atrás dele enquanto a porta se fechava atrás deles e tampava o murmúrio de sons apaixonados.

— Havia somente uma coisa a dizer — foi a resposta. — Eles são homens; eu sou somente um menino. Eu agradei eles por meu pai e disse a eles que ele nunca... nunca irá esquecer.

## CAPÍTULO XXVIII

### "EXTRA! EXTRA! EXTRA!"

---

**E**stava chovendo em Londres, aliás, estava caindo um temporal. Já chovia por duas semanas, às vezes mais forte e às vezes apenas um chuvisco, mas geralmente mais forte. Quando o trem vindo de Dover entrou na estação Charing Cross, o tempo pareceu repentinamente considerar que até agora fora muito suave e deveria se expressar de forma muito mais vigorosa. Então juntou todos os seus recursos e despejou-os num dilúvio que surpreendeu até mesmo os londrinos.

A chuva batia e escorria tão forte nas janelas do vagão de terceira classe que Marco e O Rato estavam, que não podiam ver através delas.

Eles fizeram sua viagem de volta para casa muito mais rapidamente do que a viagem de ida. Obviamente eles levaram algum tempo para caminhar de volta para a fronteira, mas não houvera razão para parar em lugar algum depois de terem alcançado a ferrovia. Eles ficaram cansados algumas vezes, mas dormiram pesadamente nos assentos de madeira do vagão. O único desejo deles era chegar em casa. A casa em Philibert Place nº 7 erguia-se diante deles em sua ruidosa esqualidez como o lugar mais desejado na terra. Para Marco, lá estava seu pai. E foi somente Loristan que O Rato viu quando pensou nela e o olhar que Loristan teria quando o visse entrar no quarto com Marco e ficar em pé, fazer continência e dizer: "**Eu trouxe ele de volta, senhor. Ele tem seguido cada ordem que você deu a ele, cada uma. E eu também.**" E era verdade. Ele fora enviado como seu companheiro e servo, e **fora fiel em cada pensamento.** Se Marco tivesse permitido, ele o teria servido como um servo, e ficaria orgulhoso do serviço. Mas Marco nunca o deixaria esquecer de que eram somente dois meninos e que um não era mais importante que o outro. Ele tinha secretamente até mesmo sentido que essa atitude seria um tipo de injustiça. Teria sido mais como um jogo se um dos dois fosse o mero criado do outro, e se esse outro bazofiasse um pouco, e desse comandos, e exigisse sacrifícios. Se o vassalo fiel pudesse ser ferido ou lançado num calabouço por causa de seu jovem comandante, a aventura estaria mais completa.

Mas embora sua jornada tivesse sido cheia de maravilhas e rica em belezas, embora a memória dela estivesse na mente do Rato como o plano de fundo de uma tapeçaria bordada com todos os matizes da terra e com todo o seu esplendor, não houve nenhum calabouço e nem ferimentos. Depois da aventura em Munique a criancice sem importância deles não fora nem mesmo observada por tais perigos que poderiam tê-los ameaçado. Como disse O Rato, eles "foram soprados como grãos de pó" pela Europa e não foram nem percebidos. E isso fora o que Loristan planejara, isso era o que seu profundo pensamento tinha elaborado. Se fossem homens, não estariam tão seguros.

Desde quando deixaram o velho pastor no monte para começar a viagem de volta à fronteira, os dois permaneciam em longos silêncios enquanto andavam lado a lado ou se deitavam no musgo nas florestas. Agora que seu trabalho estava feito, um tipo de reação se iniciara. Não havia mais planos para serem feitos e nem incertezas para considerar. Estavam em seu caminho de volta para Philibert Place nº 7: Marco para seu pai, O Rato para o homem que respeitava. Os dois estavam pensando em muitas coisas. Marco estava preenchido com o anseio de ver a face de seu pai e ouvir sua voz novamente. Ele queria sentir a pressão da mão dele em seu ombro e ter certeza de que ele era real e não um sonho. Isso era porque, durante sua viagem para casa, tudo o que acontecera muitas vezes parecia ser um sonho. Tudo fora tão maravilhoso: o alpinista em pé olhando para eles na manhã que acordaram no Gaisberg; o sapateiro montanhês medindo seu pé na pequena loja; a senhora muito idosa e seu nobre; o Príncipe com sua face virada para cima enquanto estava na sacada olhando para a lua; o velho pastor chorando de alegria; a grande caverna com a luz amarela sobre a multidão de faces ardentes; a cortina que se abriu e mostrou os olhos calmos e o cabelo escuro com a coroa! Agora que foram deixados para trás, todos pareciam como coisas que ele tinha sonhado. Mas não tinha; ele estava voltando e contaria a seu pai sobre elas. **E como seria BOM sentir a mão dele em seu ombro!**

O Rato roía muito as unhas. Seus pensamentos eram mais bravios e febris que os de Marco. Eles lançavam-se para frente apesar de si mesmo. Não adiantava se levantar e falar para si que era um tolo. Agora que estava tudo acabado, ele tinha o tempo de ser tão grandemente tolo quanto era inclinado a ser. Mas como ansiava chegar a Londres e ficar face a face com Loristan! O sinal estava dado. A Lâmpada estava acesa. O que aconteceria depois? Suas muletas estavam debaixo de seus braços antes de o trem parar.

— Chegamos! Chegamos! — ele gritou impaciente para Marco. Eles não tinham bagagem para atrasá-los. Pegaram suas sacolas e seguiram a multidão ao longo da plataforma. A chuva estava batendo como granizo contra o alto teto de vidro. As pessoas, vendo o brilho de ansiedade exultante em sua face, se viravam para olhar para Marco. Quando chegaram à entrada, a chuva estava dançando nos pavimentos.

— Um taxi não vai custar muito, — Marco disse — e vai nos levar rápido.

Eles chamaram um e entraram. Os dois tinham as bochechas vermelhas, e os olhos de Marco pareciam que olhavam fixamente para algo muito longe - fitando-o, e pensando.

— Estamos de volta! — disse O Rato, numa voz trêmula. — Estivemos... e estamos de volta! — Então de repente virou-se para Marco e disse: — Não parece para você como se, talvez, não... não fosse verdade?

— Sim, — Marco respondeu — mas foi verdadeiro. E está feito. — Depois adicionou após um momento de silêncio, exatamente o que O Rato dissera para si: — O que virá depois? — Ele disse em voz muito baixa.



*De volta em Londres*

Não era muito longe até Philibert Place. Quando eles viraram na rua barulhenta e desordenada, onde ônibus, carretões e carroças passavam uns pelos outros com suas cargas, e as pessoas de faces cansadas se apressavam em multidões ao longo do pavimento, eles olharam tudo isso sentindo que tinham realmente deixado seu sonho bem para trás. Mas estavam em casa.

Foi bom ver Lázaro abrir a porta e esperar antes que eles saíssem do taxi. Taxis paravam tão raramente na frente das casas em Philibert Place que era sempre esperado que os próprios passageiros abrissem a porta. Quando Lázaro viu esse parar à frente do portão quebrado de ferro, soube quem trazia. Ele mantivera um olho nas janelas fielmente por muitos dias, mesmo quando sabia que era cedo demais, mesmo que tudo ocorresse bem, para qualquer viajante retornar.

Ele se manteve com um ar mais militar do que o normal e sua continência quando Marco passou pela soleira foi uma magnificência formal. Mas sua saudação irrompeu de seu coração.

— Deus seja louvado! — ele disse em seu profundo rugido de alegria. — Deus seja louvado! — Quando Marco colocou sua mão para frente, ele inclinou sua cabeça grisalha e a beijou devotamente.— Deus seja louvado! — ele disse novamente.

— Meu pai? — Marco começou — Meu pai está fora? — Se estivesse na casa, Marco sabia que ele não teria ficado na sala dos fundos.

— Senhor, — disse Lázaro — você pode vir comigo até o quarto dele? Você também, senhor — disse para O Rato. Ele nunca dissera "senhor" para ele antes.

Ele abriu a porta do quarto familiar, e os meninos entraram. Não havia ninguém no quarto.

Marco nada falou; nem O Rato. Os dois ficaram imóveis no meio do tapete gasto e olharam para o velho soldado. Ambos tiveram o mesmo sentimento repentino de que a terra tinha saído de debaixo de seus pés. Lázaro viu isso e falou rapidamente e com tremor. Estava quase tão agitado quanto eles.

— Ele me deixou ao seu serviço, a seus comandos — ele começou.

— Deixou você? — disse Marco.

— Deixou nós, nós três, sob ordens: para ESPERAR — disse Lázaro. — O Mestre partiu.

O Rato sentiu algo quente vir aos seus olhos. Ele limpou para que pudesse olhar para o rosto de Marco. O choque o mudara muito. O brilho da alegria ansiosa tinha se apagado, tinha se tornado mais pálida e suas sobrancelhas estavam contraídas juntas. Por um momento ele não falou nada, e, quando falou, O Rato sabia que sua voz estava firme somente porque ele queria que estivesse.

— Se ele se foi, — ele disse — é porque teve um motivo importante. Foi porque ele também estava sob ordens.

— Ele disse que você saberia disso — Lázaro respondeu. — Ele foi chamado em tal pressa que não teve tempo para fazer nada mais que escrever algumas palavras. Deixou-as para você em sua escrivaninha ali.

Marco andou até a escrivaninha e abriu o envelope que estava lá. Dentro dele havia apenas algumas linhas escritas numa folha de papel, que foram evidentemente escritas na maior pressa. Era isso: — A Vida da minha vida: para Samávia.

— Ele foi chamado: para Samávia — Marco disse, e esse pensamento fez seu sangue correr com ímpeto por suas veias. — Ele foi para Samávia!

Lázaro passou sua mão asperamente pelos olhos e sua voz tremeu e pareceu rouca.

— Tem havido muita deslealdade nos campos dos Maranovitch — ele disse. — O restante do exército tem ficado louco. Senhor, silêncio ainda é a ordem, mas quem sabe, quem sabe? Somente Deus.

Ele não tinha terminado de falar antes de virar sua cabeça como se ouvisse sons na rua. Eram o tipo de sons que dispersara O Pelotão, e o mandara correndo pela passagem até a rua para conseguir um jornal. Podia-se ouvir uma agitação de meninos jornaleiros gritando tumultuosamente alguma parte surpreendente de notícia que havia se tornado um "Extra".

O Rato ouviu primeiro e lançou-se para a porta da frente. Ao abri-la um jornaleiro correndo gritou com a maior força de seus pulmões as notícias que tinha para vender: — Assassinato do Rei Michael Maranovitch por seus próprios soldados! Assassinato dos Maranovitch! Extra! Extra! Extra!

Quando O Rato retornou com um jornal, Lázaro colocou-se entre ele e Marco com grande e respeitosa cerimônia. — Senhor, — ele disse para Marco — estou sob seus comandos, mas o Mestre me deixou uma ordem para eu repetir para você. Ele pediu para que você NÃO lesse os jornais até que ele próprio possa vê-lo novamente.

Ambos os meninos recuaram. — Não ler os jornais! — exclamaram juntos.

Lázaro nunca fora tão reverente e cerimonioso. — Com seu perdão, senhor — ele disse. — Eu posso ler sob suas ordens, e relatar somente as coisas que seriam bom para você saber. Já foram contadas histórias perversas, e poderão vir outras piores. Ele pediu que você mesmo não lesse. Se vocês se encontrarem novamente... quando vocês se encontrarem novamente — ele se corrigiu apressadamente — quando vocês se encontrarem, ele disse que você entenderá. Sou seu servo. Vou ler e responder todas as perguntas que puder. O Rato entregou a ele o jornal e eles retornaram para a sala dos fundos juntos.

— Você deve nos dizer o que ele desejaria que ouvíssemos — Marco disse.

As notícias foram logo contadas. A história não era longa e os detalhes exatos ainda não tinham chegado a Londres. Era resumidamente que o líder do partido Maranovitch fora morto por soldados enfurecidos de seu próprio exército. Era um exército retirado principalmente da classe camponesa, que não amava seus líderes, nem desejava lutar, e que, sofrendo tratamento brutal, tinha finalmente sido incitado a uma revolta furiosa.

— E agora? — perguntou Marco.

— Se eu fosse um samaviano... — começou O Rato e então parou. Lázaro mordida os lábios, mas com o olhar fixo como uma pedra no tapete. Não somente O Rato, mas também Marco notou uma rígida mudança nele. Era rígida porque sugeria que ele estava se contendo sob um controle de ferro. Era como se enquanto torturado por ansiedade ele tivesse jurado não se permitir parecer ansioso, e a decisão fixara sua mandíbula fortemente e talhara novas linhas em sua face enrugada. Os dois meninos pensaram isso em silêncio, mas nenhum desejou colocar isso em palavras. Se ele estivesse ansioso, poderia ser somente por uma razão, e os dois perceberam qual deveria ser a razão. Loristan fora para Samávia: para o país rasgado e em sangue cheio de desordem e perigo. Se tinha ido, poderia somente ser porque seu perigo o chamara e ele fora para encará-lo no pior. Lázaro fora deixado para cuidar deles. Silêncio ainda era a ordem, e o que ele sabia não podia contar a eles, e talvez não soubesse muito mais do que simplesmente que uma grande vida poderia ser perdida.

Por seu mestre estar ausente, o velho soldado parecia sentir que deveria se consolar com uma reverência cerimonial maior do que já mostrara antes. Ele ficava esperando para ser chamado, às ordens de Marco, como sempre fora seu costume fazer com Loristan. O serviço cerimonioso se estendeu até mesmo ao Rato, que parecia ter tomado um novo lugar em sua mente. Ele agora também parecia ser uma pessoa a ser servida e respondida com dignidade e respeito formal.

Quando a refeição da noite foi servida, Lázaro puxou a cadeira de Loristan à cabeceira da mesa e ficou atrás dela com ar majestoso. — Senhor, — ele disse para Marco, — o Mestre pediu para que você tomasse o assento dele até... enquanto ele não está com você. — Marco tomou o assento em silêncio.

Às duas horas da manhã, quando a rua barulhenta estava quieta, a luz da lâmpada da rua, brilhando no pequeno quarto, caía nas faces pálidas de dois meninos. O Rato se sentou em sua cama-sofá do modo costumeiro, abraçando os joelhos. Marco estava deitado em seu travesseiro duro. Nem um dos dois dormira e mesmo assim não conversaram muito. Cada um estivera secretamente tentando muito adivinhar sobre por que o outro não falava.

— Há uma coisa que precisamos lembrar — Marco dissera, mais cedo naquela noite. — Não devemos ter medo.

— Não, — respondeu O Rato, quase ferozmente, — não devemos ter medo.

— Estamos cansados; viemos esperando poder contar tudo para ele. Sempre esperamos por isso. Nem uma vez pensamos que ele poderia ter partido. E ele PARTIU. Você sentiu como se... — ele se virou para o sofá — como se algo tivesse golpeado você no peito?

— Sim — O Rato respondeu pesadamente. — Sim.

— Não estávamos prontos — disse Marco. — Ele nunca tinha saído antes; mas deveríamos ter lembrado de que algum dia ele poderia ser... chamado. Ele partiu porque foi chamado. Disse para esperarmos. Não sabemos o que estamos esperando, mas sabemos que não devemos ter medo. **Permitir a nós mesmos ficar com MEDO seria desobedecer ele.**

— Claro! — gemeu O Rato, deixando sua cabeça cair nas mãos. — Não tinha pensado nisso.

— Vamos lembrar das palavras dele — disse Marco. — Essa é a hora: "Não odeiem. Nem tenham MEDO!"

O Rato levantou sua cabeça, e olhou para a cama de lado.

— Você acha — ele disse vagarosamente — você JÁ pensou que talvez ELE soubesse onde o descendente do Príncipe Perdido estava?

Marco respondeu ainda mais devagar. — Se existia alguém que sabia... certamente ele seria a pessoa. Ele sabe muitas coisas — ele disse.

— Então ouça isso! — irrompeu O Rato. — Acredito que ele foi para CONTAR para as pessoas. Se ele fizer isso - se puder mostrar para eles - o país inteiro ficaria louco de alegria. Não seria somente o Partido Secreto. Toda a Samávia se levantaria e seguiria qualquer bandeira que ele escolhesse levantar. Eles têm orado pelo Príncipe Perdido por quinhentos anos, e se acreditassem que ele está no meio deles mais uma vez, lutariam como loucos por ele. Mas não haveria com quem lutar. TODOS irão querer a mesma coisa! Se pudessem ver o homem com o sangue de Ivor em suas veias, sentiriam que ele voltou para eles - voltou dos mortos. Eles acreditariam nisso!

Ele bateu seus punhos um no outro em sua animação frenética. — É a hora! É a hora! — ele exclamou. — Nenhum homem poderia perder essa chance! Ele DEVE contar para eles - ele DEVE. Esse DEVE ser o motivo de ele ter ido. Ele sabe - ele sabe - ele sempre soube! — e se jogou de volta ao sofá lançando os braços para cobrir a face, e ficou deitado respirando rapidamente.

— Se for a hora, — disse Marco numa voz baixa e forçada — se for a hora, e ele souber - vai contar a eles. E lançou os braços à própria face e se deitou imóvel.

Nenhum dos dois disse outra palavra, e a lâmpada da rua brilhou neles como se estivesse esperando que algo acontecesse. Mas nada aconteceu. Em algum tempo adormeceram.



## CAPÍTULO XXIX

### ENTRE A NOITE E A MANHÃ

---

**D**epois disso, eles esperaram. Não sabiam pelo que esperavam, nem podiam sequer imaginar como a espera acabaria. Tudo que Lázaro pode contar-lhes ele contou. Ele estaria disposto a ficar em pé respeitosamente por horas relatando a Marco a história de como o tempo passara para seu Mestre e para ele o período em que eles estavam ausentes. Ele contou como Loristan falara todos os dias de seu filho, como ele ficara frequentemente pálido de ansiedade, como às tardes ele andara de um lado para o outro em seu quarto, em profundo pensamento, com sua cabeça para baixo olhando o tapete.

— Ele me permitiu falar de você, senhor — Lázaro falou. — Vi que ele desejava ouvir seu nome frequentemente. Lembrei-o de quando você era tão novo que a maioria das crianças da sua idade estaria nas mãos de amas, e mesmo assim era forte e silencioso e firme, e viajava conosco como se não fosse uma criança: nunca chorando quando estava cansado nem quando não fora propriamente alimentado. Como se você entendesse... como se você entendesse — ele adicionou, orgulhosamente. — Se pelo poder de Deus uma criatura pode ser um homem aos seis anos de idade, você era essa criatura. Em muitos dias obscuros e difíceis sempre tenho olhado para seus olhos solenes e observadores e ficado um tanto com medo, porque uma criança respondendo tão poderosamente a um olhar parecia quase uma coisa sobrenatural.

— O que mais me lembro daqueles dias, — disse Marco — é que **ele estava comigo, e que sempre que eu estava com fome ou cansado, sabia que ele estava também.**

O sentimento de que estavam "esperando" era tão intenso que encheu aqueles dias com estranheza. Quando a batida do carteiro era ouvido na porta, todos os três se seguravam para não serem o primeiro a ir atender o portão. Uma carta poderia chegar algum dia e dizer-lhes: eles não sabiam o que. Mas não chegou carta alguma. Quando saíam de casa, eles se viam voltando depressa apesar de si mesmos. Talvez alguma coisa acontecera. Lázaro lia os jornais fielmente, e à tarde contava para Marco

e para O Rato todas as notícias que eram "apropriadas para ouvirem". Mas as desordens de Samávia tinham cessado de ocupar muito espaço. Tinham se tornado uma história velha, e, depois que a empolgação do assassinato de Michael Maranovitch tinha se apagado, parecia haver uma calma de eventos. O filho de Michael não ousara tentar tomar o lugar de seu pai, e havia rumores de que ele também fora morto. O líder dos Iarovitch se declarara rei, mas não fora coroado por causa de confusões dentro de seu próprio partido. O país parecia existir num pesadelo de sofrimento, fome e suspense.

— Samávia está "esperando" também — O Rato irrompeu numa noite quando conversavam juntos — mas não vai esperar por muito tempo - ela não pode. Se eu fosse um samaviano e em Samávia...

— Meu pai é um samaviano e ele está em Samávia — a voz jovem e séria de Marco interrompeu.

O Rato ficou vermelho quando percebeu o que dissera. — Que tolo eu sou! — ele gemeu. — Eu... eu rogo pelo seu perdão... senhor. — Ele ficou de pé quando disse as últimas palavras e adicionou "senhor" como se repentinamente tivesse percebido que havia uma distância entre eles que era algo parecido com a distância entre a juventude e a maturidade - mas ainda assim não era a mesma coisa.

— Você é um bom samaviano, mas... você se esquece — foi a resposta de Marco.

A intensa seriedade de Lázaro aumentava a cada dia que passava. O respeito cerimonioso de suas maneiras com relação a Marco também aumentou. Parecia que quanto mais ansioso ele se sentia, mais formal e imponente seu comportamento se tornava. Era como se ele mantivesse sua própria coragem fazendo as menores coisas necessárias da vida na sala dos fundos como se fossem da mesma dignidade de serviços realizados em um lugar muito maior e sob circunstâncias muito mais grandiosas. O Rato sentiu quase como se fosse um nobre numa corte, e que dignidade e cerimônia eram necessários de sua parte também. Ele começou a experimentar um sentimento de ser de algum modo uma pessoa de posição, para a qual as portas eram abertas e que tinha vassalos sob seu comando. A obediência cautelosa de cinquenta vassalos se personificava nas maneiras de Lázaro.

— Fico contente — O Rato disse certa vez, refletidamente — que, afinal de contas meu pai era... diferente. Isso deixa as coisas mais fáceis de entender, talvez. Se ele não tivesse falado para mim sobre pessoas que... bem, que nunca viram lugares como Bone Court... isso poderia ser mais difícil para eu entender.

Quando finalmente eles conseguiram juntar o Pelotão, e foram passar uma manhã nos Quartéis atrás do cemitério, aquele corpo de homens armados olhou fixamente para seu comandante com grande e maravilhada incerteza. Eles sentiram que algo tinha acontecido com ele. Não sabiam o que, mas fora alguma experiência que o deixara misteriosamente diferente. Ele não se parecia com Marco, mas de alguma

maneira extraordinária ele estava mais similar a ele. Eles somente sabiam que alguma necessidade dos negócios de Loristan tinha levado os dois para longe de Londres e do Jogo. Agora eles estavam de volta, e pareciam mais velhos.

Inicialmente, o Pelotão se sentiu desajeitado e eles arrastavam os pés desconfortavelmente. Depois dos primeiros cumprimentos eles não sabiam exatamente o que dizer. Foi Marco que mudou a situação. — Faça as manobras conosco primeiro, — ele disse para O Rato — então podemos falar sobre o Jogo.

— Atenção! — gritou O Rato, magnificamente. E então eles esqueceram de todo o resto e entraram em linha. Depois que as manobras terminaram, eles se sentaram em um círculo no pavimento quebrado, e o Jogo se tornou mais resplandecente do que jamais fora.

— Tive tempo de ler e planejar coisas novas — O Rato disse. — Ler é como viajar.

O próprio Marco se sentou e ouviu, encantado pela habilidade da imaginação que O Rato mostrava. Sem revelar um único fato perigoso ele construiu, de suas viagens e experiências, uma estrutura de aventuras totalmente nova, que teria inflamado todo o ser de qualquer grupo de meninos. Era seguro descrever lugares e pessoas, e então ele os descreveu de forma que o Pelotão torcia em sua alegria de se sentir marchando num desfile a serviço do imperador em Viena; ficando em linha diante de palácios; escalando, com mochilas firmes nas costas, estradas íngremes nas montanhas; defendendo fortalezas em montanhas; e atacando castelos samavianos.

O Pelotão enrubesceu e exultou. O próprio Rato enrubesceu e exultou. Marco observava as feições pronunciadas e os olhos flamejantes em sua face com surpresa e admiração. Esse poder extraordinário de tornar as coisas vivas era, ele sabia, o que seu pai chamaria de "dom".

— *Vamo' fazê'* o juramento de fidelidade *di-novo* — gritou Cad, quando o Jogo tinha encerrado naquela manhã.

— Os jornal nunca mais falou nada sobre o Príncipe Perdido, mas ainda somos todos por ele! Vamos! — Então formaram uma linha novamente, Marco à frente, e renovaram seu juramento.

— A espada na minha mão - para Samávia!

— O coração no meu peito - para Samávia!

— A rapidez dos meus olhos, os pensamentos na minha cabeça, a vida da minha vida - para Samávia.

— Aqui crescem doze homens - para Samávia.

— Deus seja louvado!

Foi mais solene do que fora na primeira vez. O Pelotão sentiu isso tremendamente. Tanto Cad quanto Ben estavam conscientes de que vibrações corriam de suas espinhas até os sapatos. Quando Marco e O Rato os deixaram, eles primeiro permaneceram em continência, e depois deram gritos ressoantes.

Em seu caminho para casa, O Rato fez uma pergunta para Marco. — Você viu a sra. Beedle lá no topo da escada do porão olhando para nós quando saímos hoje de manhã?

A sra. Beedle era a proprietária das pensões em Philibert Place nº 7. Era uma mulher misteriosa e chata, que vivia no "porão-cozinha" e era raramente vista pelos pensionistas.

— Sim — respondeu Marco. — Eu vi ela duas ou três vezes recentemente, e creio que nunca tinha visto antes. Meu pai nunca viu ela, embora Lázaro fale que ela costumava observá-lo pelas esquinas. Por que será que ela ficou de repente tão curiosa sobre nós?

— Gostaria de saber — disse O Rato. — Estive tentando descobrir isso na minha mente. Desde que voltamos, ela fica espiando pela porta da escada da cozinha, ou pelos balaústres, ou pelas janelas do porão-cozinha. Acho que ela quer falar com você, e sabe que Lázaro não permitiria se a pegasse fazendo isso. Quando Lázaro está por perto, ela sempre desaparece.

— O que ela quer me falar? — disse Marco.

— Gostaria de saber — disse O Rato novamente.

Quando chegaram ao nº 7 em Philibert Place, eles descobriram, porque quando a porta se abriu eles viram no fim da passagem, no topo da escada do porão-cozinha, a misteriosa sra. Beedle, com seu vestido preto empoeirado e com um chapéu também preto e empoeirado, evidentemente tendo subido naquele minuto de seu esconderijo subterrâneo. Ela tinha subido os degraus tão rapidamente que Lázaro ainda não a tinha visto.

— Jovem Mestre Loristan! — ela chamou autoritariamente. Lázaro virou-se protetoramente.

— Minha senhora! — Lázaro disse firmemente. — Este assunto é comigo, não com o jovem Mestre.

Ignorando totalmente as palavras firmes de Lázaro, ela marchou adiante com seus braços dobrados apertadamente. — É com o jovem Mestre Loristan que estou falando, não com o seu servo — ela disse. — Está na hora de ele ficar sabendo sobre isso.

— Deixe ela falar — disse Marco. — Eu quero ouvir. O que você deseja dizer, senhora? Meu pai não está no momento.

— É justo isto que quero saber — colocou a mulher. — Quando ele vai voltar?

— Não sei — disse Marco.

— Então, é isso aí — disse a sra. Beedle. — Você é velho o suficientemente para saber que dois garotos grandes e um companheiro grande como ele não podem ter alimento e uma pensão por nada. Se seu pai está voltando e você pode me dizer quando, talvez não seja obrigada a alugar os quartos para outros e tirar vocês; mas sei muito bem sobre estrangeiros para deixar as contas correrem enquanto estão fora. Seu pai está fora. Ele — ela acenou com a cabeça na direção de Lázaro — me pagou pela semana passada, mas como vou saber que me pagará por esta semana?

— Eu tenho o dinheiro — insistiu Lázaro.

O Rato estava pronto para estourar. Ele não ousava se PERMITIR estourar, mas ficou em pé com olhos flamejantes e um rosto vermelho, e mordeu seus lábios até sangrarem. O filho de Stefan Loristan! O Portador do Sinal! Foi então que surgiu diante de seus olhos furiosos a imagem da caverna iluminada com a multidão frenética de homens o adorando, enquanto acima dele estava aquele rosto jovem de um rei olhando daquela pintura antiga. Se ele ousasse falar sobre que estava na sua mente naquele momento, sentiu que poderia ter suportado melhor. Mas como ele era seu ajudante-de-campo ele não podia.

— Você quer o dinheiro agora? — perguntou Marco. — É só o começo da semana e não devemos até o fim dessa semana. Você está querendo o dinheiro agora? É isso? Se você está com o dinheiro agora Lázaro, você pode me dar, por favor?

Lázaro literalmente rangeu seus dentes. Mas ele se endireitou e fez continência com cerimônia. Ele pôs a mão dentro do bolso da camisa e tirou sua carteira velha de couro. Havia apenas algumas moedas dentro dela e ele apontou para uma dourada.

— Eu o obedeço, senhor... porque eu devo... — ele disse, respirando fundo. — Esta aqui irá pagar a ela por esta semana.

Marco tirou a moeda e a estendeu à mulher. — Você tem minha palavra — ele disse. — No fim desta semana, se não houver o suficiente para pagar pela próxima, nós sairemos.

— Se você me prometer que não vai gastá-lo, esperarei até que esta semana termine — ela disse. — Você não é nada mais do que um moço, mas você é como seu pai. Você tem o jeito de uma pessoa em quem se pode confiar. Se ele estivesse aqui e dissesse que não tinha o dinheiro mas que teria assim que pudesse, esperaria mesmo que por um mês. Ele pagaria algum dia se dissesse que iria. Mas ele não está; e dois rapazes e um companheiro como esse não parecem muito como pessoas em quem se pode confiar. Mas confiarei em VOCÊ.

— Por favor, leve o dinheiro — disse Marco. E ele colocou a moeda na mão dela, virou as costas e entrou na sala de estar nos fundos como se nem a tivesse visto. O Rato e Lázaro o seguiram.

— Temos tão pouco dinheiro sobrando? — perguntou Marco. — Sempre temos tido pouco. Quando tínhamos menos do que o normal, vivíamos em lugares mais pobres e passávamos fome se necessário. Sabemos como passar fome. Pessoas não morrem disso.

Os olhos grandes debaixo das sobranceiras salientes de Lázaro encheram-se de lágrimas. — Não, senhor — ele disse — uma pessoa não morre de fome, mas o insulto... o insulto! Isso não tem como suportar.

— Ela não teria dito nada se meu pai estivesse aqui — disse Marco. — E é verdade que meninos como nós não tem dinheiro. Temos o suficiente para pagar por mais uma semana?

— Sim, senhor — respondeu Lázaro, engolindo seco como se tivesse um nó na garganta — talvez o suficiente para duas semanas se comermos bem pouco. Se... se o Mestre aceitasse dinheiro daqueles que dariam, ele sempre teria o suficiente. Mas como alguém como ele poderia fazer isso? Como? Quando ele foi embora, pensou... ele pensou que... — mas de repente ele parou sua fala.

— Tudo bem — disse Marco. — Não se preocupe. Sairemos no dia que não podermos pagar mais.

— Posso sair e vender jornais — disse a voz aguda do Rato. — Já fiz isso antes. Minhas muletas ajudam vender mais. Pensando bem, a plataforma iria ajudar vender mais rápido ainda. Posso sair na minha plataforma.

— Eu posso vender jornais também — disse Marco.

Lázaro proferiu uma exclamação como um gemido.

— Senhor — ele exclamou — não, não! Não estou aqui para sair e procurar trabalho? Eu posso levar cargas e trabalhar.

— Nós três iremos começar a ver o que podemos fazer — Marco disse.

Então surgiu-se da rua lá fora sons de jornaleiros gritando, exatamente como tinha acontecido naquele primeiro dia que voltaram de sua jornada. Desta vez o clamor parecia ser ainda mais empolgante do que antes. Rapazes estavam correndo e gritando e parecia que haviam mais do que o normal. E acima de todas as outras palavras podia-se ouvir o seguinte: "Samávia! Samávia!" Desta vez O Rato não correu à porta no primeiro grito. Ele ficou em pé sem se mexer. Por vários segundo todos os três ficaram em pé parados... escutando.

Foi Lázaro que saiu do quarto primeiro e O Rato e Marco o seguiram.

Um dos pensionistas do andar de cima correu para baixo apressado e abriu a porta para comprar jornais e fazer perguntas. Os jornaleiros estavam loucos de empolgação e dançavam ao gritarem. A notícia que gritavam tinha evidentemente um caráter popular.

O pensionista comprou dois jornais e estava dando algumas moedas para um rapaz que estava conversando alto e rapidamente.

— Notícia espetacular! — ele estava dizendo. — Um Partido Secreto surgiu e tomou Samávia! Entre a noite e a manhã eles conseguiram! Aquele descendente do Príncipe Perdido apareceu e COROARAM ele. Entre a noite e amanhã, eles fizeram! Colocaram uma coroa na sua cabeça pra não perderem tempo. — Depois disparou, gritando, — Descendente do Príncipe Perdido! Descendente do Príncipe Perdido é coroado Rei de Samávia! — Foi nesta hora que Lázaro, esquecendo completamente até de cerimônia, disparou também. Ele disparou para a sala de estar dos fundos, entrou no quarto, e a bateu a porta atrás dele.

Marco e O Rato acharam a porta fechada quando, tendo conseguido um jornal, desceram a passagem. Marco parou em frente à porta fechada. Ele não girou a maçaneta. De dentro do quarto vieram sons de grandes soluços convulsivos e palavras samavianas de oração e gratidão.

— Vamos esperar — Marco disse, tremendo um pouco. — Ele não vai querer que ninguém veja ele assim. Vamos esperar.

Seus olhos escuros pareciam imensos e ele ficou em pé reto, mas estava tremendo um pouco da cabeça ao pé. O Rato tinha começado a tremer também, como se de febre. Seu rosto mal parecia humano com sua emoção feroz nem um pouco de menino.

— Marco! Marco! — seu cochicho era mais como um grito. — Foi para isso que ele foi, PORQUE ELE SABIA!

— Sim — respondeu Marco com sua voz meio trêmula — foi para isso que ele foi.

Em pouco tempo os soluços de dentro do quarto se controlaram e pararam de repente. Lázaro tinha se lembrado. Eles tinham adivinhado que ele estava se inclinando na parede durante sua explosão. Agora estava evidente que ele estava em pé reto, provavelmente chocado por ter esquecido de sua frenesi.

Então Marco girou a maçaneta da porta e entrou no quarto. Ele fechou a porta atrás de si e todos os três ficaram em pé juntos.

Quando um Samaviano da espaço para suas emoções, ele é emocional de fato. Parecia que uma tempestade havia passado por Lázaro. Ele reprimia seus soluços, mas lágrimas ainda escorriam na suas bochechas.

— Senhor, — ele disse roucamente — perdoe-me! Foi como se uma convulsão tomasse conta de mim. Eu me esqueci de tudo, até mesmo meu dever. Perdão, perdoe-me! — E então no tapete gasto daquela sala de estar dos fundos ele de fato ajoelhou-se em um joelho e beijou a mão do menino com adoração.

— Não deve pedir perdão — disse Marco. — Você tem esperado por tanto tempo, meu bom amigo. Você tem dado sua vida como meu pai tem dado. Você tem experimentado tanto sofrimento que um menino não viveu tempo o suficiente para entender. Seu grande coração... seu coração fiel — aí sua voz parou e ficou em pé olhando para ele com um apelo que parecia pedi-lo que lembrasse da sua juventude e entendesse o resto. — Não ajoelhe-se — ele disse depois. — Você não deve ajoelhar-se. — E Lázaro, beijando sua mão novamente, levantou-se.

— Agora podemos OUVIR! — disse Marco. — A espera logo acabará.

— Sim, senhor. Agora, receberemos ordens! — Lázaro respondeu.

O Rato mostrou os jornais e perguntou: — Podemos ler agora?

— Até segunda ordem, senhor — disse Lázaro apressadamente e apologeticamente — até segunda ordem, é ainda melhor que eu leia primeiro.

## CAPÍTULO XXX

### O JOGO ESTÁ NO FIM

---

**S**empre que a história da Europa for escrita e contada, o incomparável acontecimento da Ascensão do Partido Secreto em Samávia irá se sobressair como um de seus registros mais surpreendentes e empolgantes. Cada detalhe associado ao episódio surpreendente, do começo ao fim, foi empolgante mesmo quando vinha de puros fatos realistas. Quando ela é contada, sempre começa com a história do jovem samaviano alto e majestoso que saiu do palácio cedo, aos primeiros raios de sol da manhã, cantando uma canção dos pastores sobre os dias passados. Então vem a explosão da população arruinada e revoltada; depois a lenda da manhã na montanha, e o velho pastor saindo de sua caverna e encontrando o corpo aparentemente morto do jovem e forte caçador. Seguida do período em que recebeu cuidados secretamente na caverna; depois a carroça balançando cheia de peles de ovelha atravessando a fronteira. E então a amargura da raiva e das lutas das dinastias, e o punhado de pastores e cuidadores de rebanhos se reunindo em sua caverna e juntando a si mesmos e seus futuros filhos e filhos dos seus filhos por um juramento que nunca seria quebrado. Depois a passagem das gerações e o massacre de pessoas e as mudanças de reis – e o juramento sempre lembrado, e os Forjadores da Espada, em seu trabalho secreto, escondidos em florestas e cavernas. Então a estranha história dos reis sem coroa que, perambulando em outros países, viveram e morreram em silêncio e reclusão, frequentemente trabalhando duro com as próprias mãos para conseguir o pão do dia-a-dia, mas nunca se esquecendo de que deveriam ser reis, e deveriam estar prontos – mesmo que Samávia nunca chamasse. Talvez a história inteira enchesse volumes demais para alguém poder admitir que foi contada integralmente.

Mas a história torna claro o crescimento do Partido Secreto – embora ela pareça quase não ser mais história, apesar de seus esforços de ser breve e falar somente de fatos enfadonhos, quando é forçada a lidar com o fato de que os Portadores do Sinal eram dois simples meninos, que, sendo soprados sem serem notados como dois grãos de pó pela Europa, acenderam a Lâmpada cuja chama fulgurou até o céu como se da própria terra saltassem samavianos aos milhares prontos para alimentá-la – os

Iarovitch e os Maranovitch eliminados para sempre e somente samavianos restaram para proclamar alto em glorificação ardente e adorar a Deus por trazer de volta seu Príncipe Perdido. O grito de guerra de seu nome tinha dado fim a cada batalha. Espadas caíram das mãos por não serem mais necessárias. Os Iarovitch fugiram em terror e desânimo; os Maranovitch simplesmente desapareceram. Entre a noite e a manhã, como os jornaleiros disseram, o estandarte de Ivor foi levantado e tremulou do palácio e também da cidadela. Vindos de montanhas, florestas e planícies, vindos da capital, dos vilarejos e de outras cidades, seus seguidores formaram um bando para dar sua submissão; legiões destruídas e feridas cambaleavam ao longo das estradas para se juntarem; mulheres e crianças seguiram, chorando de alegria e entoando canções de louvor.

Os países mais poderosos estenderam seus cetros para o país ultimamente ignorado e desamparado. Trens carregados de alimentos e suprimento necessários de todos os tipos começaram a atravessar a fronteira; o auxílio das nações estava sendo concedido. Samávia, em paz para cultivar sua terra, para criar seus rebanhos, para extrair seus minérios, logo seria capaz de pagar por tudo. A Samávia dos séculos passados fora rica o suficiente para fornecer grandes empréstimos, e estocara grandes colheitas à qual países em guerra ficavam gratos em recorrer. A história da coroação do Rei foi a mais extravagante - a multidão de pessoas extáticas, famintas, esfarrapadas, muitas delas fracas e feridas, pedindo que ele fosse servido por eles para seu castelo bombardeado e quebrado e que na antiga sala do trono fosse colocada a coroa em sua cabeça, para que assim mesmo os que talvez morressem por seus sofrimentos passados tivessem ao menos prestado suas pobres honras ao Rei Ivor que governaria seus filhos e traria de volta a Samávia sua honra e sua paz.

— Ivor! Ivor! — eles gritavam alegremente. — Ivor! Ivor! — em suas casas, nas estradas, nas ruas.

"A história da Coroação no castelo antigo com seu teto destruído por bombas", dizia um jornal importante de Londres, "parece como se fosse uma lenda da Idade Média. Mas, como um todo, ainda existe no caráter nacional de Samávia algo das grandes lendas."

Lázaro, tendo comprado e lido no seu quarto de cima cada jornal que possuísse os detalhes que chegaram a Londres, retornou para reportar quase literalmente, de pé na frente de Marco, com os olhos sob suas grossas sobrancelhas algumas vezes flamejantes de exultação, outras vezes cheios de lágrimas. Ninguém conseguiria fazê-lo sentar-se. Todo o seu ser parecia ter se tornado forte em magnificência. Encontrando a sra. Beedle na passagem, ele passou a passos largos por ela com um ar tão trovejante que ela se virou e correu de volta para sua cozinha no porão, quase caindo nos degraus de pedra em suas imaginações nervosas. Em tal estado de humor, ele não era uma pessoa a ser encarada sem ter algo como reverência.

No meio da noite, O Rato de repente falou com Marco como se soubesse que ele estava acordado e o ouviria.

— Ele deu toda a sua vida para Samávia! — ele disse. — Quando você viajou de país a país, e viveu em buracos e esquinas, era porque dessa maneira ele podia escapar de espiões, e ver as pessoas que deviam ser levadas a entender. Ninguém mais poderia fazê-las ouvir. Um imperador começaria a ouvir quando visse sua face e escutasse sua voz. E ele podia ser silencioso, e esperar pelo momento certo para falar. Ele podia ficar quieto quando outros homens não conseguiam. Podia manter sua face calma - e suas mãos - e seus olhos. Agora toda a Samávia sabe o que ele fez, e que ele tem sido o maior patriota do mundo. Nós dois vimos como os samavianos eram naquela noite na caverna. Eles vão ficar loucos de alegria quando virem a face dele!

— Eles agora já viram — disse Marco de sua cama em voz baixa. Então houve um longo silêncio, embora não tão silêncio porque a respiração do Rato era muito rápida e forte.

— Ele... deve ter estado naquela coroação! — ele disse finalmente. — O Rei... o que o Rei fará para... recompensar ele?

Marco não respondeu. Sua respiração podia ser ouvida também. Sua mente estava imaginando a mesma coroação: o castelo despedaçado e sem teto, as ruínas da antiga e magnífica sala do trono, a multidão de pessoas ajoelhadas e famintas, os soldados extenuados pela batalha, feridos e enfaixados! E o Rei! E seu pai! Onde será que seu pai ficou quando o Rei foi coroado? Com certeza, ficara do lado direito do Rei, e o povo adorara e aclamara os dois igualmente!

— Rei Ivor! — ele murmurou como se estivesse num sonho. — Rei Ivor!

O Rato se sentou de repente, se inclinando sobre o cotovelo.

— Você irá vê-lo — ele exclamou. — Ele não é mais um sonho. O Jogo não é um jogo agora - e está terminado - foi ganho! Era real - ELE era real! Marco, não acredito que você está me ouvindo.

— Sim, estou — respondeu Marco, — mas agora é quase mais um sonho do que quando era um sonho.

— O maior patriota do mundo é como um rei! — O Rato falou entusiasmado. — Se não há nenhuma outra honra maior para dá-lo, ele será feito um príncipe e Comandante Supremo e Primeiro Ministro! Você não consegue ouvir aqueles samavianos gritando e cantando? Você verá tudo! Lembra do alpinista que disse que iria guardar os sapatos que fez para o Portador do Sinal? Ele disse que um grande dia talvez viesse quando poderia mostrá-los às pessoas. E este dia veio! Ele vai mostrá-los! Consigo imaginar como eles reagirão! — Sua voz de repente parou como se tivesse caído num buraco. — Você verá tudo! Mas eu não.

Marco acordou do seu sonho e levantou a cabeça. — Por que não? — ele demandou. Soou mais como uma exigência.

— Porque sei que nem devo esperar por isso! — O Rato gemeu. — Você tem me levado por bastante tempo, mas você não pode me levar para um palácio de um rei. Não sou tão tolo assim para pensar que, mesmo de seu pai... — ele parou de falar porque Marco fez mais do que simplesmente levantar a cabeça. Ele sentou-se reto.

— Você levou o Sinal o tanto quanto eu — ele disse. — Nós portamos o Sinal juntos.

— Quem iria ME escutar? — exclamou O Rato. — VOCÊ é o filho de Stefan Loristan.

— E você é o amigo do seu filho — respondeu Marco. — Você foi sob ordens de Stefan Loristan. Você era o EXÉRCITO do filho de Stefan Loristan. Tenho falado isso para você. Aonde eu for, você também irá. Não diremos mais nada sobre isso. E ponto final.

E deitou-se de novo no silêncio de um príncipe de sangue. O Rato sabia que ele quis dizer o que disse e que Stefan Loristan também diria o mesmo. E por ele ser um menino, começou a imaginar o que a sra. Beedle faria quando ouvisse o que havia acontecido. O que acontecera o tempo inteiro era que um alto "estrangeiro" com roupas esfarrapadas havia morado na sua sala de estar dos fundos, sendo observado bem de perto a fim de que não saísse sem pagar seu aluguel como estrangeiros esfarrapados às vezes faziam. O Rato se viu tentando ficar em pé o mais alto que podia nas suas muletas enquanto falava para ela que esse estrangeiro era... bem, era pelo menos o amigo de um Rei e tinha dado a ele sua coroa e seria feito um príncipe e Comandante Supremo e Primeiro Ministro porque não teria uma posição mais alto para dar-lhe. E seu filho, a quem ela havia insultado, era amado por Samávia porque ele tinha levado o Sinal. E também se ela estivesse em Samávia e Marco quisesse fazer isso ele poderia demolir a pensãozinha desgraçada dela em pedaços e pôr ela numa prisão; e isso seria bem feito para ela.

O próximo dia passou, e depois o próximo... e então veio uma carta. Era de Loristan, e Marco ficou pálido quando Lázaro deu a carta para ele. Lázaro e O Rato saíram imediatamente do quarto e o deixaram ler a carta a sós. Evidentemente não era uma carta longa porque não foi depois de muitos minutos que Marco os chamou de novo para entrarem no quarto.

— Em alguns dias, amigos mensageiros do meu pai virão para nos levar para Samávia. Você, Lázaro e eu iremos — ele disse para O Rato.

— Deus seja louvado! — Lázaro disse. — Deus seja louvado!

Antes de os mensageiros chegarem, era o fim da semana. Lázaro havia arrumado as malas com os poucos pertences que tinham e no sábado a sra. Beedle podia ser vista

vigiando de cima das escadas do porão quando Marco e O Rato saíram da sala de estar dos fundos.

— Você não precisa ficar olhando para mim com seus olhos penetrantes assim — ela disse para Lázaro que estava olhando fixamente para ela da porta que havia aberto para eles. — Jovem Mestre Loristan, quero saber se você ficou sabendo quando seu pai vai voltar?

— Ele não voltará — disse Marco.

— Ele não vai, hein? Bem, então como que fica o aluguel da próxima semana? — disse a sra. Beedle. — Tenho notado que seu servo está arrumando as malas. Ele não tem muito para levar mas não sairá daquela porta da frente até que eu receba o que está me devendo. Pessoas que conseguem arrumar as malas facilmente pensam que podem sair de fininho, mas serão observados bem de pertinho. A semana termina hoje.

Lázaro virou-se e a encarou com um gesto firme. — Você julga pela aparência de fora das coisas, senhora — ele declarou. — Você só vê com seus olhos. Mas veja agora e admire a coisa magnífica que está parando bem na frente das suas grades desprezíveis.

Uma carruagem estava parando, aliás uma bela carruagem marrom escuro. O cocheiro e o criado vestiam librés douradas e marrom escuro e o criado pulou de onde estava sentado e abriu a porta com entusiasmo respeitoso.

— Eles são amigos do Mestre vindo para apresentar seus cumprimentos a seu filho — disse Lázaro.

— Seu dinheiro está seguro — disse Marco. — Podemos continuar nossa conversa depois.

A sra. Beedle olhou de relance para os dois cavalheiros que entraram pelas grades quebradas. Eles não eram da classe que pertencia a Philibert Place. Para eles parecia que a carruagem e as librés douradas e marrom escuros eram coisas do dia-a-dia.

— Em todo caso, eles são homens e não dois meninos sem uma moeda — ela disse. — Se eles são amigos de seu pai, eles me dirão se meu aluguel está seguro ou não.

Os dois visitantes estavam na soleira da porta. Os dois eram homens do tipo com dignidade auto-controlada e quando Lázaro abriu totalmente a porta, eles entraram dentro do pobre corredor como se nem o tivessem visto. Eles olharam além da sua esqualidez, além de Lázaro e do Rato e da sra. Beedle - ATRAVÉS deles, como eram, para Marco. Marco foi na direção deles imediatamente.

— Vocês foram mandados por meu pai! — ele disse, e deu sua mão primeiro para o mais velho e depois para o mais jovem.

— Sim, viemos sob ordens de seu pai. Eu sou o Barão Rastka e esse é o Conde Vorversk — disse o homem mais idoso, e curvou a cabeça em reverência.

— Se eles são barões e condes e amigos de seu pai eles são homens prósperos o suficientes para serem responsável por você — disse a sra. Beedle quase furiosamente porque ela estava um pouco intimidada e ressentia este fato. — É a questão do aluguel da próxima semana, senhores. Quero saber de onde virá.

O homem mais idoso olhou para ela com um relance rápido e sem expressão. Ele não falou com ela mas com o Lázaro. — O que ela está fazendo aqui? — ele demandou.

Foi Marco que respondeu. — Ela está com receio que não pagaremos o nosso aluguel — ele disse. — É de muita importância para ela que ela tenha certeza disso.

— Mandê ela ir — disse o senhor para Lázaro. Ele nem ao menos deu um relance para ela. Pegou algo de seu bolso do libré e deu para o velho soldado. — Mandê ela ir — ele repetiu. — Amanhã estaremos em nosso caminho para Samávia.

E por parecer que ela não era mais nem mesmo uma pessoa, a sra. Beedle de fato arrastou seus pés pelo corredor para as escadas da cozinha no porão. — Não sei onde Samávia fica — ela disse enraivecida ao tentar colocar seu chapéu preto reto novamente. — Eu lhe asseguro que é um daqueles pequenos países estrangeiros que você mal consegue ver no mapa, e onde nem mesmo tem uma cidade Inglesa decente! Ele pode ir assim que quiser, contanto que pague seu aluguel antes de ir. Samávia, de fato! Você fala como se fosse o Palácio de Buckingham!

## CAPÍTULO XXXI

### SUA MAJESTADE O ESPERA!

---

Quando um grupo composto de dois rapazes assistidos por um grande soldado servo e acompanhado por dois homens idosos notáveis, com aparência marcante de estrangeiros, apareceu na plataforma da Estação de Charing Cross, atraiu muita atenção. Na verdade, o jovem forte com postura ereta e cabelos grossos escuros teria feito vários olhos se virarem para olhá-lo, se não parecesse ser respeitado tão especialmente por aqueles que estavam com ele. Mas em um país onde pessoas estão acostumadas a ver certos costumes e certos modos nas pessoas - não importando quão jovens fossem - que eram separadas em categorias pela eventualidade da posição e da distinção que tinham, e onde o povo comum aprecia ver tal conduta, era inevitável que mais de um observador comentasse sobre o fato de que isso não era um grupo ordinário de indivíduos.

— Olhe lá aquele jovem grande e todo bonito! — disse um trabalhador cuja cabeça estava erguida para cima na janela do vagão de terceira classe. — Aposto que é algum tipo de grã-fino! Olhe para ele! — disse para seu amigo dentro do vagão. O companheiro deu uma olhada para ele. Os dois amigos eram do tipo decente, educado, e eram astutos na observação.

— Sim, ele é algum tipo de jovem grã-fino — ele resumiu. — Mas certamente nem um pouco inglês. Ele deve ser um jovem turco, ou russo, enviado pra cá pra ser educado. Sua libré parece ser. Tudo menos aquele indivíduo com cara de furão e em muletas. Quem será que é ele?!

Um guarda de aparência cortês estava passando e o primeiro homem o saudou dizendo: — Hei! Temos alguns grã-finos viajando com nós hoje de manhã? — ele perguntou apontando com sua cabeça em direção ao grupo. — Estes parecem ser. Alguém está deixando Windsor ou Sandringham para cruzar de Dover hoje?

O homem olhou para o grupo curiosamente por um momento e depois balançou sua cabeça. — Eles parecem ser alguma coisa — ele respondeu mas ninguém sabe

nada sobre eles. Todos estão seguros no Palácio de Buckingham e em Marlborough House esta semana<sup>20</sup>. Ninguém está indo ou vindo.

Era obvio que qualquer observador pensaria que Lázaro era um servente comum escoltando uma carga costumeira. Se silêncio ainda não fosse estritamente a ordem, ele não conseguiria se conter. Mesmo assim ele se portava como um soldado e ficou ao lado de Marco como se somente por cima do seu corpo morto pudesse qualquer um aproximar-se do menino.

— Até chegarmos em Melzarr — ele havia dito com paixão aos dois cavalheiros até que eu possa ficar diante de meu Mestre e o vê-lo abraçar seu filho...VÊ-LO de verdade... imploro que vocês me deixem não perdê-lo da minha vista noite ou dia. Imploro que me deixem viajar, armado, ao lado dele. Não sou nada mais do que o servo dele e nem tenho o direito de ocupar um lugar na mesma carruagem. Mas me ponha em qualquer lugar. Serei surdo, mudo, cego para todas as outras coisas a não ser ele. Só me deixe ficar próximo o suficiente para dar a minha vida se for necessário. Deixe-me dizer a meu Mestre E nunca o deixei.

— Acharemos um lugar para você — o homem mais idoso disse — e se você está tão ansioso assim pode dormir na soleira da porta quando passarmos a noite num hotel.

— Não vou dormir! — disse Lázaro. — Ficarei atento. Como você sabe que não há mais seguidores renegados dos Maranovitch soltos e enfurecidos na Europa? Quem sabe?!

— Os Maranovitch e Iarovitch que não já juraram sua sujeição ao Rei Ivor estão mortos em campos de batalhas. Os que sobraram são Fedorovitch agora e estão louvando a Deus por seu Rei — foi a resposta que o Barão Rastka deu-lhe.

Mas Lázaro não deixou sua posição de guarda. Quando ocupou um compartimento ao lado do de Marco, ficou em pé no corredor durante toda a viagem. Quando desciam em qualquer ponto para trocar de trens, ele seguia logo atrás do rapaz, seus olhos ferozes olhando de um lado para o outro rapidamente e sua mão na arma escondida no seu cinto largo de couro. Quando paravam para descansar em alguma cidade, ele se plantava numa cadeira ao lado da porta do quarto de Marco e se dormia era por não estar ciente que a natureza o havia traído em fazer isso.

Se a viagem feita pelos jovens Portadores do Sinal fora estranha, essa era estranha por seu contraste total. Durante aquela peregrinação, dois meninos abandonados e

---

<sup>20</sup> O Castelo de Windsor, o qual é desde Guilherme I, o Conquistador, e o Palácio de Buckingham em Londres são as residências oficiais da monarca inglesa. Sandringham House é um palácio rural que pertence privativamente à Família Real Britânica. Durante os século 19 e no começo do século 20, Marlborough House é uma mansão que foi usada por vários membros da Família Real Britânica e foi o centro da sociedade alta de Londres.

desamparados em roupas esfiapadas tinham viajado de um lugar para outro, às vezes em vagões ferroviários continentais na terceira ou quarta classe, às vezes balançando em diligências, às vezes em carretas de camponeses, às vezes a pé por ruas pequenas, trilhas de montanha e caminhos de floresta. Agora, dois rapazes bem vestidos sob responsabilidade de dois homens da classe cujas ordens são obedecidas, viajavam em compartimentos reservados para eles, seus auxiliares viajantes fornecendo cada conforto que o luxo poderia oferecê-los.

O Rato não sabia que havia pessoas que viajavam de tal maneira; onde os desejos e as necessidades poderiam ser tão perfeitamente encaminhados; onde funcionários de ferrovia, carregadores em estações, e o pessoal de restaurantes, poderiam de alguma maneira ser transformados em serventes ativos e ávidos. Descansar-se contra as costas estofadas de um vagão e em comodidade luxuosa olhar pela janela para a paisagem, e então achar livros disponíveis no seu cotovelo e refeições excelentes aparecendo em horas regulares, estas perfeições desconhecidas fizeram com que ele às vezes precisasse controlar-se e colocar todas suas energias em acreditar que estava bastante acordado. Acordado ele estava e com muito na sua mente para "matutar". Na verdade, tinha tanto para matutar que no primeiro dia da viagem ele decidiu abandonar essa luta e esperar até que tempo tornasse claro para ele tais coisas do que era permitido entender do mistério de Stefan Loristan.

O que ele percebeu mais claramente e o que não tinha esquecido nem por um momento foi o fato de que o filho de Stefan Loristan estava sendo escoltado de maneira privada para o país para o qual seu pai tinha dado sua vida inteira de trabalho. O Barão Rastka e o Conde Vorversk eram da dignidade e reserva cortês que marcam homens de distinção. Marco não era um mero rapaz para eles, ele era o filho de Stefan Loristan; e todos eram samavianos. Eles o olhavam não como Lázaro fazia, mas com uma seriedade e prevenção que de algum modo pareciam cercá-lo com uma parede fortificada. Sem qualquer ar de subserviência, eles se constituíram como seus atendentes. Seu conforto, seu prazer, e até mesmo seu divertimento, eram o interesse pessoal deles. O Rato sentiu-se certo de que pretendiam que, se possível, ele apreciasse ao máximo sua viagem, e que ele não ficasse exausto por causa dela. Eles conversavam com ele numa maneira que O Rato nunca tinha visto homens conversando com meninos antes, até ter encontrado Loristan. Era óbvio que sabiam em que ele estaria mais interessado, e que estavam cientes de que ele era tão familiarizado com a história de Samávia quanto eles. Quando ele mostrou uma disposição para ouvir os acontecimentos que tinham ocorrido, eles estavam prontos para seguir sua liderança como seguiriam a liderança de um homem. Isso, O Rato argumentou consigo mesmo, era porque Marco tinha vivido tão intimamente com seu pai que sua vida tinha sido mais como a de um homem do que de um rapaz e tinha o treinamento em pensamentos maduros. Ele ficou muito quieto durante a viagem, e O Rato sabia que estava pensando todo o tempo.

A noite antes de alcançarem Melzarr, eles dormiram num vilarejo algumas horas fora da capital. Eles chegaram nesse vilarejo à meia-noite e foram para um hotel calmo.

— Amanhã — disse Marco, quando O Rato o tinha deixado para a noite — amanhã, a gente vai ver ele! Deus seja louvado!

— Deus seja louvado! — O Rato disse também. E os dois fizeram continência para o outro antes de partirem.

De manhã, Lázaro entrou no quarto com um ar tão solene que parecia que as peças de roupa que carregava nas suas mãos eram parte de alguma cerimônia real.

— Estou sob seu comando, senhor — ele disse. — E eu trago seu uniforme.

Ele estava carregando, de fato, um uniforme samaviano ricamente decorado, e a primeira coisa que Marco tinha visto quando entrou era que o próprio Lázaro também estava uniformizado. Seu uniforme era de um oficial da Guarda de Corpo do Rei.

— O Mestre — ele disse — pede para que você use isto na sua entrada a Melzarr. Eu tenho um uniforme para seu ajudante-de-campo também.

Quando Rastka e Vorversk apareceram, estavam em uniformes também. Era um uniforme que tinha o toque do Oriente no seu esplendor pitoresco. Um manto curto com as beiradas de pelo pendurado por uma corrente de joias dos ombros e com muito bordado magnífico de cores e ouro.

— Senhor, precisamos ir rapidamente para a estação — Barão Rastka disse a Marco. — Estas pessoas são excitáveis e patriotas e Sua Majestade quer que permanecemos incógnitos, e evitemos toda possibilidade de demonstração pública até que nós alcancemos a capital. Eles passaram apressadamente pelo hotel para a carruagem que os esperava. O Rato notou que algo estranho estava acontecendo no lugar. Servos pareciam apressados e estavam correndo em volta cantos e hóspedes estavam saindo dos seus quartos e até se inclinando sobre os balaústres.

Ao entrar na carruagem, Marco viu um rapaz mais ou menos da sua idade espiando de trás de um arbusto. De repente ele saiu do seu esconderijo e todos o viram saindo correndo pela rua na direção da estação o mais rápido que suas pernas o podiam carregar.

Mas os cavalos foram mais rápidos do que ele. O grupo alcançou a estação, e foi escoltado rapidamente a seu lugar num vagão especial que o esperava. Enquanto o trem saía da estação, Marco viu o rapaz que tinha corrido diante deles entrar correndo na plataforma, acenando suas mãos e gritando algo loco de alegria. As pessoas que estavam lá viraram para olhá-lo, e no próximo instante todos tinham tirado seus chapéus e jogado para o alto gritando também. Mas não era possível ouvir o que estavam dizendo.

— Conseguimos por pouco — disse Vorversk, e Barão Rastka acenou com a cabeça.

O trem foi rapidamente, e parou somente uma vez antes de chegarem a Melzarr. Foi numa pequena estação e na plataforma camponeses estavam em pé com seus cestos grandes de flores grinaldas e sempre-verdes. Eles os colocaram no trem e logo tanto Marco quanto O Rato perceberam que algo diferente estava acontecendo. Uma vez, um homem em pé na plataforma estreita do lado de fora do vagão do trem podia ser visto claramente fixando grinaldas e dando bandeiras para homens em cima do trem.

— Eles estão fazendo algo com bandeiras samavianas e muitas flores e coisas verdes! — gritou O Rato, cheio de animação.

— Senhor, eles estão decorando o lado de fora do vagão — Vorversk disse. — Os camponeses que moram ao lado da linha do trem obtiveram permissão de Sua Majestade. Não permitiriam que o filho de Stefan Loristan passasse pelas suas casas sem demonstrarem suas honras.

— Entendo — disse Marco, seu coração batendo fortemente contra seu uniforme. — É por causa do meu pai.

Por fim, coberto por folhas, coroado com flores e cheio de bandeiras, o trem entrou na estação principal em Melzarr.

— Senhor — disse Rastka ao entrarem — você pode ficar em pé para que as pessoas possam vê-lo? Aqueles na periferia da multidão terão apenas um mero vislumbre de você, mas eles nunca se esquecerão.

Marco levantou-se. Os outros se agruparam atrás dele. Então surgiu um estrondo de vozes que acabou quase num grito de alegria que era como o rugir de uma tempestade. Depois estourou adiante o clangor de instrumentos metálicos tocando o Hino Nacional de Samávia, e vozes frenéticas tomaram parte.

Se Marco não fosse um rapaz forte e bem treinado em auto-controle, o que ele viu e ouviu seria talvez demais para ele suportar. Quando o trem parou completamente e a porta se abriu, até mesmo a voz dignificada de Rastka estava trêmula ao dizer, — Senhor, vá adiante. É para nós o seguirmos.

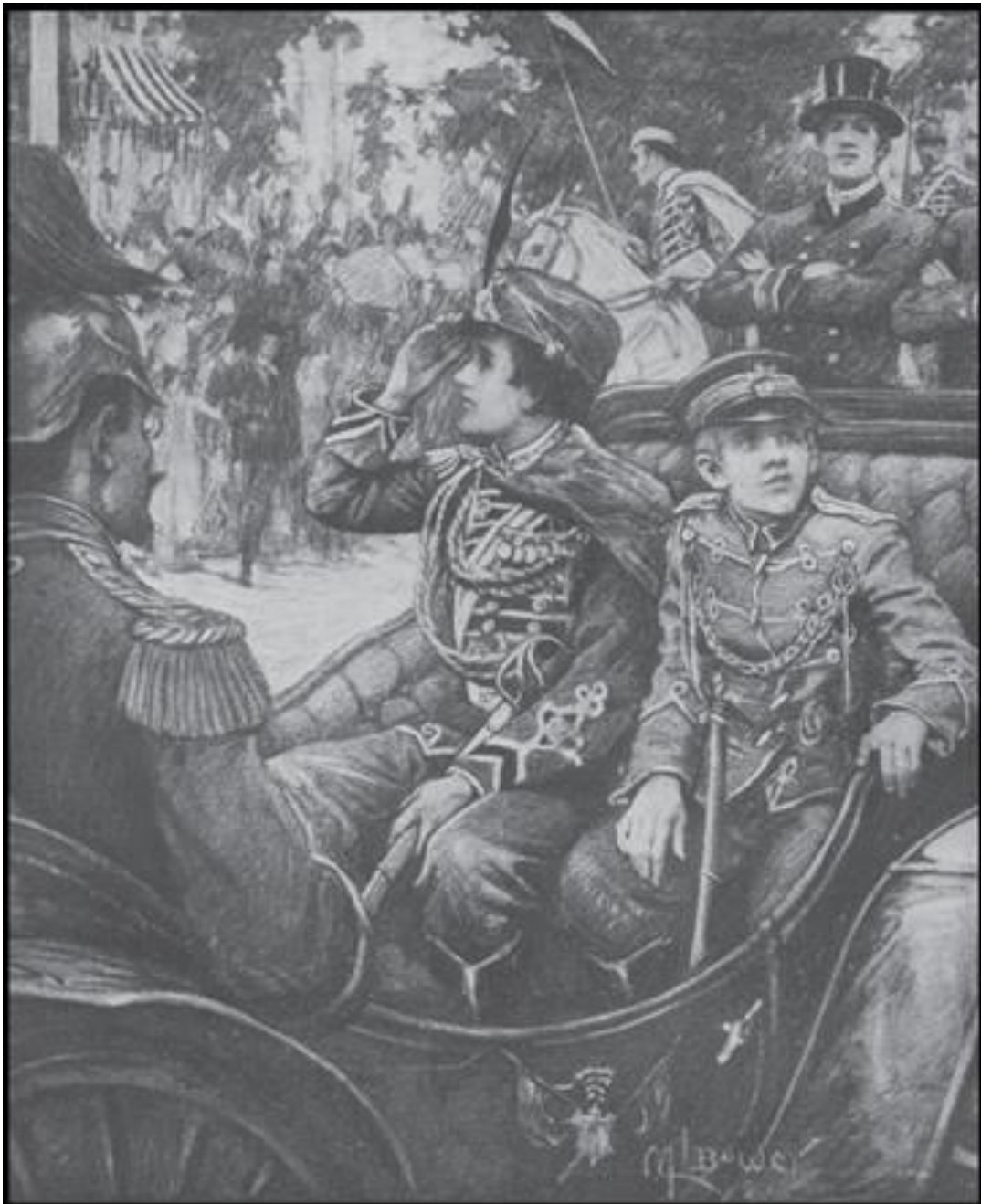
E Marco ficou em pé retamente parado por um momento olhando para a multidão gritando, aplaudindo, chorando, cantando e mexendo - então ele fez continência como tinha cumprimentado o Pelotão, parecendo tanto um homem quanto um menino.

Quando o viram em pé desse jeito, parecia que a multidão ficara fora de controle como os Forjadores da Espada ficaram fora de controle na noite da caverna. A agitação cresceu mais e mais, a multidão balançou, pulou, e na sua frenesi de

emoção, ameaçou de até a se esmagar até a morte. Se não fosse pelas linhas de soldados, pareceria impossível alguém passar vivo.

— Sou o filho de Stefan Loristan — Marco disse para si mesmo para poder se manter firme. — Estou indo para meu pai.

Depois ele estava atravessando pela linha de soldados protetores para a entrada, onde duas grandes carruagens estavam esperando e lá, no lado de fora, esperava uma multidão ainda maior e mais frenética do que a que ele deixara para trás. Ele fez continência de novo, de novo e de novo para todos os lados. Era o que ele tinha visto o Imperador em Viena fazer. Ele não era um Imperador, mas era o filho de Stefan Loristan, que trouxera de volta o Rei.



— *Você deve fazer continência também* — *ele disse para O Rato*

— Você deve fazer continência também — ele disse para O Rato quando entraram na carruagem. — Acho que meu pai avisou para eles sobre você. Parece que conhecem você.

— O Rato tinha sido colocado ao seu lado no banco da carruagem. Ele estava internamente tremendo com uma êxtase de exultação que era quase uma angústia. As pessoas estavam olhando para ele e gritando para ele. Pelo menos era isso que parecia nos rostos mais próximos na multidão. Será que Loristan...

— Escute! — disse Marco de repente enquanto a carruagem prosseguia no seu caminho. — Eles estão gritando para nós em samaviano: "Os Portadores do Sinal!" É isso que estão dizendo agora. "Os Portadores do Sinal."

Eles estavam sendo levados para o Palácio. Isso o Barão Rastka e o Conde Vorversk tinham explicado para eles no trem. Sua Majestade desejava recebê-los. E Stefan Loristan estava lá.

A cidade no passado fora nobre e majestosa. Era um pouco parecida com o Oriente, como seus uniformes e trajes nacionais eram. Havia estruturas com pilares e abobadados feitos de pedra branca e mármore, mas muitas delas estavam meio em ruínas por causa da guerra, negligência, e deterioração. Agora eles estavam aproximando do castelo recentemente reformado, brilhando na luz do sol na sua grande praça que, depois de todo seu desastre, era uma das estruturas mais belas na Europa. Na multidão exultante ainda podia ser vistos rostos fatigados, homens com braços, pernas, ou cabeça enfaixados ou manquejando em pedaços de madeira e muletas. Os trajes nativos ricamente coloridos estavam usados até se tornarem trapos. Mas as pessoas que os usavam tinham os rostos de criaturas arrancadas de desespero para serem levantados em alegria.

— Ivor! Ivor! — eles gritavam — Ivor! Ivor! — e choravam em êxtase.

O Palácio era tão maravilhoso quanto nos dias do passado. As escadas largas de mármore estavam sendo vigiadas por soldados. A enorme praça onde ficava estava cheia de pessoas com soldados tentando controlá-las.

— Eu sou seu filho — Marco disse a si mesmo ao descer da carruagem real e começar a subir os degraus que eram tão largos que pareciam quase uma rua. Subindo ele foi, degrau por degrau, O Rato o seguindo. E ao se virar para cada lado para fazer continência para aqueles que curvavam-se profundamente com sua passagem, começou a perceber que ele tinha visto seus rostos antes.

— Estes que estão vigiando as escadas — ele disse rapidamente em voz baixa para O Rato — são os Forjadores da Espada!

Havia uniformes ricos por toda parte quando entrou no palácio e pessoas que curvaram-se quase até o chão ao passar. Ele era muito jovem para ser enfrentado com tanto respeito adorador e cerimônia real, mas esperava que não duraria muito mais, e

que, depois que ele tivesse se ajoelhado diante do Rei e beijado sua mão, veria seu pai e ouviria sua voz. Só ouvir a voz dele de novo e sentir a mão dele em seu ombro!

Pelos corredores arqueados para as portas largas e abertas de um quarto magnífico ele foi guiado finalmente. Ao entrar, o fim do quarto lhe pareceu estar muito longe. Havia muitas pessoas vestidas ricamente e de pé em linha enquanto aproximou-se das escadas cobertas por tapetes. Ele sentiu que tinha ficado pálido com a tensão da excitação, e ele tinha começado a sentir-se que deveria estar andando num sonho, porque em cada lado pessoas estavam curvando-se bem baixo e fazendo reverência até o chão.

Ele percebeu vagamente que o próprio Rei estava em pé, esperando que ele se aproximasse. Mas ao avançar, cada passo o trazendo para mais perto do trono, a luz e cor em volta dele, a estranheza e magnificência, a aclamação extravagante de alegria do povo no lado de fora do palácio, o fez sentir-se completamente fascinado e ele não conseguiu ver claramente nenhum rosto ou coisa em específico.

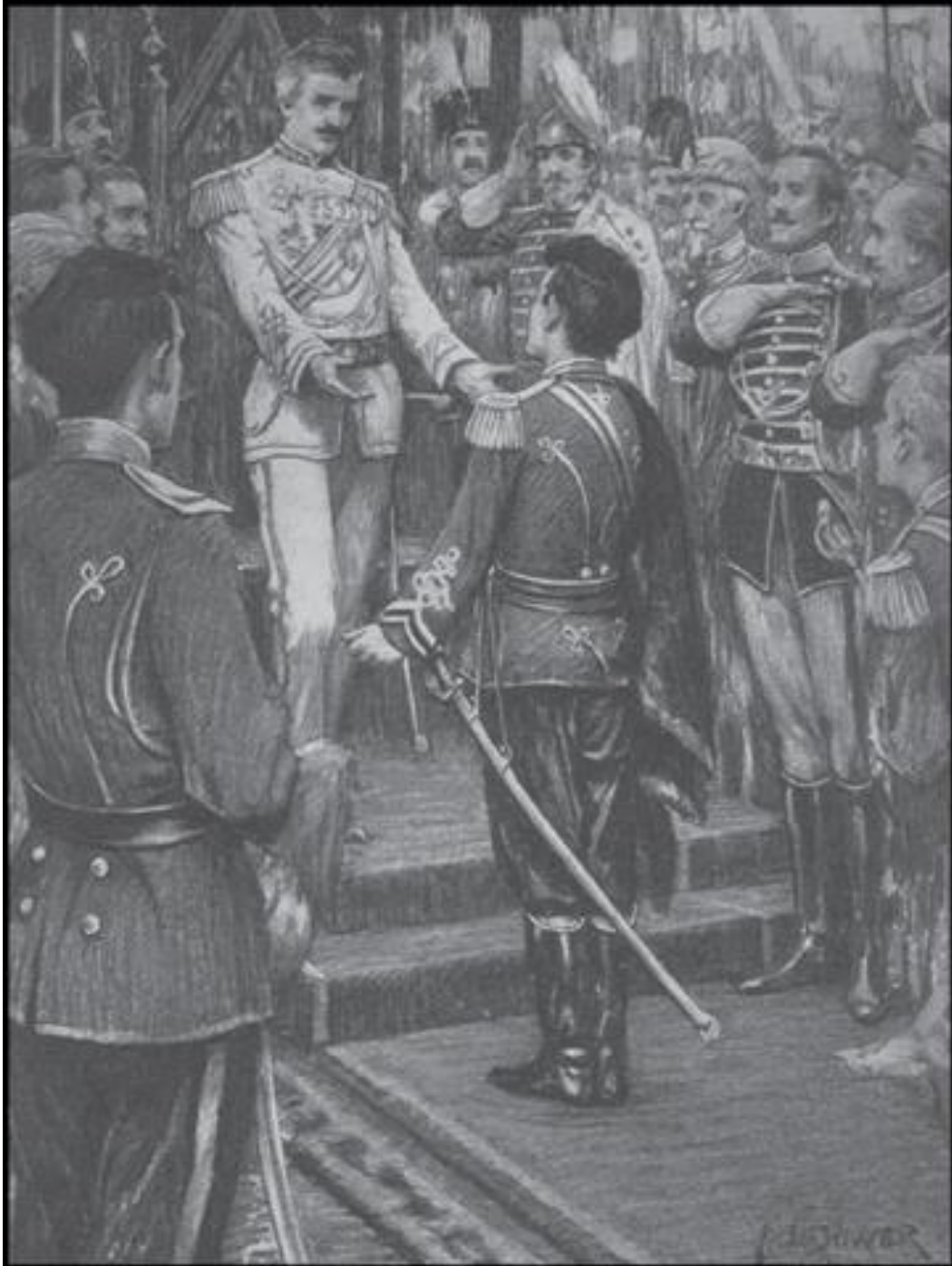
— Sua Majestade está esperando você — disse uma voz atrás dele que pareceu ser a de Barão Rastka. — Você vai desmaiar, senhor? Você está muito pálido. — Marco controlou-se e levantou seus olhos. Por um momento inteiro, depois de levantar seus olhos ele ficou em pé parado e reto, olhando para aquele magnífico rosto majestoso. Então ajoelhou-se e beijou as mãos estendidas para ele - beijou as duas com paixão.

O Rei tinha os olhos que ele ansiava ver - as mãos do Rei eram aquelas que ansiava sentir nos seus ombros de novo - O Rei era seu pai! O "Stefan Loristan" que tinha sido o último daqueles que tinham esperado e trabalhado por Samávia pelos quinhentos anos, e que tinham vivido e morrido reis, embora nenhum deles até agora tivesse usado uma coroa!

Seu pai era o Rei!

Não foi naquela noite, nem na próxima, nem por muitas noites que a narração da história foi completada. As pessoas sabiam que seu Rei e o seu filho estavam raramente separados um do outro e que a suíte de quartos do Príncipe era interligada por uma passagem secreta com a de seu pai. Os dois estavam ligados por uma amizade de força e significado singular e o amor deles para seu povo adicionava-se aos seus sentimentos um pelo outro. Na história de como o passado deles tinha sido, havia uma história que enchia o coração emocionante samaviano para quase estourar. Perto de fogueiras em montanhas, em cabanas, de baixo de estrelas, em pastos e florestas, tudo que podia ser aprendido de sua história foi contada e recontada mil vezes com lágrimas de alegria e orações espontâneas durante o conto.

Mas ninguém sabia essa história como era contada num certo quarto tranquilo mas majestoso onde o homem, que fora uma vez conhecido como simplesmente "Stefan Loristan", mas a quem história chamaria de o primeiro Rei Ivor de Samávia, contava a sua parte da história para o menino por quem os samavianos tinham um



*O Rei tinha os olhos que ele ansiava ver.*

profundo amor, porque ele era tão parecido com o Príncipe Perdido deles restaurado em caráter e disposição – quase o próprio rapazinho rei no retrato antigo.

Era uma história maravilhosa e intensa, aquela das perambulações longas e o esconderijo próximo do segredo perigoso. Entre todos aqueles que sabiam que um homem patriota apaixonado estava trabalhando por Samávia e usando todo o poder de uma excelente mente e o talento delicado de um grande gênio para ganhar amigos e favor para seu país infeliz, havia somente um que sabia que esse Stefan Loristan tinha o direito ao trono samaviano. Ele não tinha feito nenhuma reivindicação, ele

procurava não uma coroa, mas a liberdade total da nação para a qual seu amor tinha sido um fogo consumidor.

— Não a coroa! — ele disse aos dois jovens Portadores do Sinal ao sentarem-se aos seus pés — não um trono. "A Vida da minha vida: para Samávia." Foi para isso que eu trabalhei, pelo o que nós todos temos trabalhado. Se tivesse se levantado um homem mais sábio quando Samávia precisava, eu não iria lembrá-los sobre seu Príncipe Perdido. Eu poderia ter ficado de lado. Mas nenhum homem se manifestou. O momento crucial chegou e o único homem que sabia o segredo, o revelou. E então Samávia chamou, e eu respondi, porque ela tinha finalmente se preparado.

Ele colocou sua mão no cabelo preto e grosso da cabeça de seu menino. — Tem uma coisa que nós nunca conversamos juntos — ele disse. — Eu sempre cri que sua mãe morreu de seus temores amargos para mim e a tensão interminável deles. Ela era muito jovem e amorosa e sabia que não haveria nenhum dia, quando nos separamos, que estaríamos seguros de nos vermos vivos outra vez. Quando ela morreu, implorou para eu prometer que sua juventude e adolescência não seriam carregadas pelo conhecimento que ela tinha achado tão terrível de suportar. Eu teria mantido o segredo de você, mesmo se ela não tivesse me implorado tanto. Eu nunca queria que você soubesse a verdade até que se tornasse um homem. Se eu tivesse morrido, um certo documento seria enviado a você que deixaria minha tarefa nas suas mãos e teria explicado todos os meus planos. Você então saberia que também era um Príncipe Ivor que deveria dedicar-se à responsabilidade de seu país e estar pronto quando a Samávia chamasse. Eu tentei ajudar você a treinar-se para qualquer tarefa. Você nunca me deixou na mão.

— Vossa Majestade — disse O Rato, — comecei a imaginar, e pensar que fosse verdade naquela noite quando estávamos com a mulher idosa no topo da montanha. Era a maneira que ela olhou para... para Sua Alteza.

— Fale "Marco" — interrompeu o Príncipe Ivor. — É mais fácil. Ele era meu exército, Pai.

Os olhos sérios de Stefan Loristan derreteram. — Fale "Marco" — ele disse para o ajudante-de-campo. — Você era o exército dele - e mais - quando nós dois precisávamos de um. Foi você que inventou o Jogo!

— Obrigado Vossa Majestade — O Rato disse ficando bem vermelho. — Você me traz grande honra! Mas ele nunca me deixava servi-lo quando estávamos viajando. Disse que não éramos nada mais do que meros dois meninos. Eu suponho que é por isso que é difícil lembrar, de princípio. Mas minha mente foi trabalhando até que às vezes tinha medo soltar algo na hora errada. Quando nós descemos dentro da caverna, e vi que os Forjadores da Espada ficaram loucos por ele... EU SABIA que deveria ser verdade. Mas estava com medo de falar algo. Sabia que queria que esperássemos, então eu esperei.

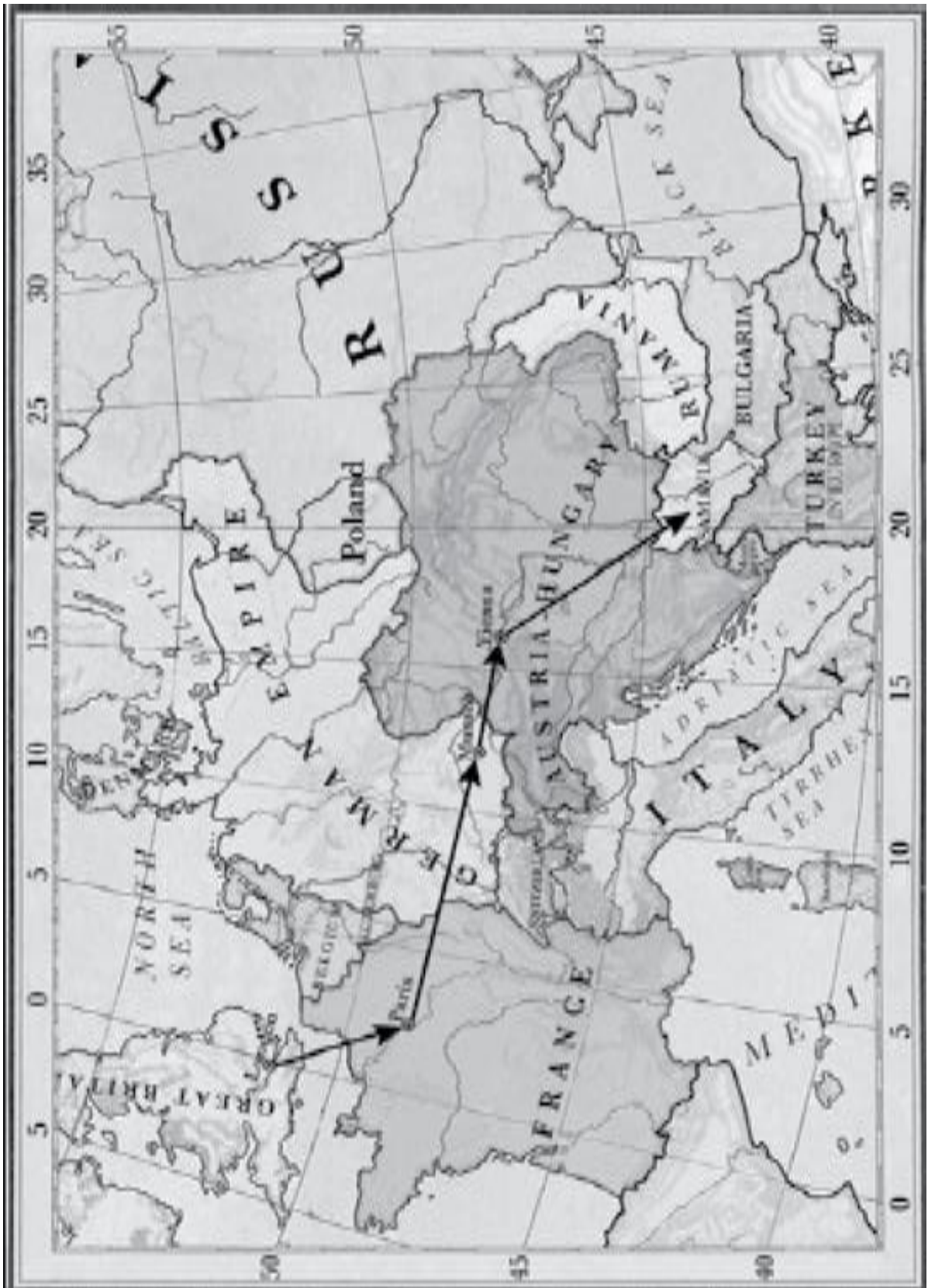
— Você é um amigo fiel — disse o Rei — e você sempre tem obedecido ordens!

Uma enorme lua estava atravessando o céu naquela noite. Uma lua tal como aquela que atravessara o céu entre as brechas de nuvens escuras quando o Príncipe de Viena tinha saído na sua sacada e a voz de menino vindo da escuridão do jardim abaixo havia o alertado. A luz mais clara do esplendor dessa noite atraiu-os para a sacada também: uma larga sacada de mármore branco que parecia com neve. O brilho puro caía sobre tudo que viam diante deles: a cidade maravilhosa, mas quase em ruínas, a grande praça do palácio com suas estátuas quebradas e arqueadas.

Eles ficaram olhando para tudo isso. Havia um grande silêncio em que o mundo inteiro parecia ter parado de respirar.

— E agora? — disse finalmente o Príncipe Ivor calmamente e baixo. — E agora, Pai?

— Grandes coisas virão, uma por uma — disse o Rei, — se nos mantermos prontos.



## EXPLORE: O MUNDO DE *O PRÍNCIPE PERDIDO*

---

A Europa que Marco e O Rato "foram soprados de um lugar para outro como grãos de pó" tem mudado radicalmente no século desde quando *O Príncipe Perdido* foi primeiro publicado. A tecnologia muda. A cultura muda. As linhas e nomes no mapa do mundo estão constantemente mudando. Natureza humana, entretanto - a parte boa como a ruim e feia - permanece basicamente o mesmo de geração para geração. Por isso que os personagens do livro são ainda fáceis de entender e de se relacionar. Mas o leitor de hoje, seja uma criança ou um adulto, talvez tenha um pouco de dificuldade em imaginando o mundo onde esses personagens viveram. Então aqui está uma breve descrição do cenário desse livro. Esperamos que aumente seu entendimento e apreciação do livro *O Príncipe Perdido*!

**Cenário.** A primeira edição de *O Príncipe Perdido* foi impressa em 1915, alguns meses depois que a Grande Guerra começara, agora conhecida como a Primeira Guerra Mundial. Porém, o livro foi escrito nos anos logo antes da guerra e em um cenário de uma Europa cheia de culturas e em paz governada por aristocratas e nobres. A maioria das nações da Europa, desde a Inglaterra no oeste até a Rússia no leste, eram unidas por uma herança comum. Seus líderes liam os mesmos livros, praticavam os mesmos esportes, assistiam as mesmas óperas, e aprendiam as mesmas línguas (principalmente inglês e francês). A maioria deles eram parentes ou por casamento ou por sangue. Eles governavam sobre um povo que ainda incluía uma classe de camponeses agricultores, mas mais e mais se tornando urbano e industrial. A luz elétrica, o automóvel, e o avião tinham sido recentemente inventados. Havia um sentimento em general que a sociedade estava fazendo grande progresso e que o vigésimo século seria uma era de paz e prosperidade. O sentimento geral não poderia estar mais equivocado. A guerra, que começou em agosto de 1914 e acabou em 1918, matou 20 milhões de europeus e feriu outros 20 milhões. A guerra também completamente refez o mapa europeu, introduziu uma era de ditadores totalitários como Stalin e Hitler, e diretamente causou a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria e indiretamente a militância Islâmica e o interminável conflito no Oriente Médio. O continente precisaria quase que um século para se recuperar da Primeira

Guerra Mundial. O planeta até hoje não tem se recuperado. Mas *O Príncipe Perdido* pertence a uma era antes disso, uma era dos últimos anos da "Antiga Europa", quando a vida parecia ser mais pacífica e dois rapazes realmente podiam viajar atravessando um continente.

**Homens pobres e "grã-finos".** Quando primeiro encontramos Marco, ele e Loristan e Lázaro acabaram de se mudar para Londres. Eles acomodaram em alguns quartos alugados em uma pensão numa rua chamada Philibert Place, que a autora descreve como uma "fileira de casas feias e obscuras" com tijolos acinzentados, janelas empoeiradas, e cortinas sujas. A rua movimentada no lado de fora está entupida com trânsito e pedestres vestidos pobremente. Philibert Place é "triste nos dias mais claros e nos dias nebulosos ou chuvosos era o lugar mais infeliz que tinha em Londres". Marco vive num bairro bem pobre em Londres cheio de pessoas que chamaríamos hoje de "os trabalhadores pobres". O Rato vive num lugar com condições até piores com um pai abusivo e alcoólico. A família de Loristan quase não tem comida o suficiente. O Rato frequentemente passa fome.

No outro lado do espectro econômico estão os aristocratas de classe mais rica, conhecidos na gíria popular como os "grã-finos". Eles gozam de uma vida de luxo e privilégio, moda e divertimento. Eles têm governado a Grã-Bretanha por gerações. Ao o vigésimo século começar, o primeiro-ministro da Grã-Bretanha e seu gabinete são compostos de Marqueses, Condes, Duques, Viscondes, e Barões. A maioria deles são descendentes dos homens que tinham governado a Grã-Bretanha desde a Idade Média. Suas riquezas vem de posses vastas de terra que são arrendadas a fazendeiros. A maioria deles tem uma mansão em Londres, uma ou duas chácaras no campo e talvez um castelo na Escócia ou Irlanda.

Na Inglaterra dos dias de Marco, o contraste entre os ricos e os pobres era drástico. A população da nação era em torno de 44 milhões de pessoas. Destes, a mais pequena fração, somente 2.500 pessoas, abrangeriam a classe rica. Cada um deles possuíam pelo menos 3.000 hectares e rendas anuais de pelo menos £3.000 de seus bens. Aproximadamente 3 milhões de pessoas eram o que nós chamaríamos dos trabalhadores do "colarinho branco" ou seja balconistas, professores, e lojistas. Eles tinham uma renda anual de aproximadamente £75. As outras 15 milhões de pessoas eram os trabalhadores do "colarinho azul" que incluía soldados, policia e pedreiros que ganhavam menos do que £50 ao ano. Quase um terço da população inteira da Grã-Bretanha naquela época vivia abaixo da linha de pobreza oficial do governo de £55 ao ano para uma família de cinco! Talvez este fato explique (mas não desculpa) porque O Rato jogou uma pedra no Marco quando confundiu ele como um "grã-fino". Também ajuda a explicar como dois pobres meninos poderiam viajar pela Europa sem ser notado. Mendigos pobres estavam literalmente todo lugar. E por fim, pode ajudar também nós apreciarmos como era especial como Lázaro tinha bastante

cuidado para manter limpeza, ordem e dignidade nas condições sujas onde Loristan e Marco tinham que viver.

**Mapa da Europa.** Sendo que *O Príncipe Perdido* descreve Marco e O Rato viajando pela a Europa para dar o Sinal para o Partido Secreto, geografia é uma parte importante da história. No começo desta seção nós reproduzimos um mapa da Europa da data de 1911, três anos antes do começo da Primeira Guerra Mundial. Essa é a Europa que Marco e O Rato teriam visto e experimentado. As setas no mapa traçam mais ou menos a trajetória das suas viagens. Aqui estão as nações que se encaixam na história:

- A Grã-Bretanha – Como temos mencionado, a Grã-Bretanha era uma casa para 44 milhões de pessoas na época de Marco. Mas depois de um século de colonização infatigável, ela governava um império com um território de 10 milhões de milhas quadradas e uma população de 400 milhões de pessoas incluindo a Índia, Irlanda, Hong Kong, Egito, e a maioria da África Ocidental e Oriental. A Grã-Bretanha era uma monarquia constitucional governada por um Parlamento escolhido por eleições gerais.
- França – Durante o começo do vigésimo século, a França estava no meio do que chamamos a Terceira República, que durou de 1870 até a invasão nazista em 1940. Era um período de grande instabilidade política, fraqueza, e escândalo. A França controlava várias colônias, incluindo o Vietnã, algumas ilhas Pacíficas e muito da África do Norte e Central. Mas a França faltava a influência política ou econômica de Grã-Bretanha, Alemanha, ou os EUA.
- Império Alemão – Antes da guerra, Alemanha incluía todo seu território atual como também a maioria de Polônia. A Alemanha era uma casa de força industrial e uma moradia para 68 milhões de pessoas em 1913. Na época a Alemanha era governada por um rei chamado Guilherme II. A Alemanha possuía colônias no Sudoeste da África e nas ilhas Pacíficas.
- Império Austro-Húngaro – Esta união de dois reinados governava a maior parte da Europa Central de 1867 a 1918. Viena era sua capital. Era a segunda maior nação da Europa (depois da Rússia) e o terceiro mais populoso (depois da Rússia e o Império Alemão). O Império Austro-Húngaro dissolveu depois da Primeira Guerra Mundial. Hoje, partes desse Império compõem treze nações diferentes na Europa!
- Rússia – O enorme Império Russo estendia da Europa Oriental pela Ásia e até 1866 para a Alasca. A Rússia foi governada por um dos últimos monarcas absolutos na Europa, o czar (russo para "César"). A Rússia era uma das nações menos industrializados no continente com uma economia fraca e muita inquietação social. Já nos dias de Marco era um berço para

políticos radicais e intriga revolucionária. As dificuldades da Primeira Guerra Mundial levariam à revolução Bolchevique em 1917, transformando o Império Russo na União Soviética.

**Onde está a Samávia?** A história de *O Príncipe Perdido* nos dá dicas o suficiente que podemos ter uma boa ideia de onde Samávia estaria localizada, especialmente sendo que é um país imaginário! Para chegar na Samávia, Marco e O Rato viajam em direção sudeste pela Europa, atravessando França, Alemanha, e Áustria. Eles cruzam a fronteira para dentro da Samávia só uma semana depois de sair de Viena na Áustria, viajando principalmente a pé. Mais cedo na história a autora descreve Marco parecendo "ser de alguma região da Turquia" e com pele mais escura do que o normal para londrinos. Colocando toda essa informação junto, fica claro que Samávia foi imaginada para estar na parte do sul da Europa Oriental, provavelmente nos Bálcãs. No mapa temos desenhado a Samávia no local onde atualmente a Sérvia está localizada, porém seria mais comparável a uma das nações pequeninas que rodeiam ela como a Eslovênia ou Montenegro. Embora a Samávia nunca existiu, é fácil de imaginá-la nessa narrativa empolgante de *O Príncipe Perdido*.

## EXPLORE:

# ACHANDO AS MANEIRAS DE DEUS

---

### Capítulo 1. Fidelidade

Releia as últimas linhas desse capítulo onde Loristan faz Marco tomar o "juramento de fidelidade" a Samávia. Aqui estão algumas perguntas para considerar:

- O que você pode achar de admirável nas atitudes para a pátria deles?
- O que é mais importante: uma cidadania num reino da terra ou uma cidadania no Reino dos Céus? Por quê?
- Suponha que alguém fosse fazer publicamente esse mesmo juramento de fidelidade, mas colocasse o nome de Jesus no lugar de "Samávia" em cada linha. Como que a maioria das pessoas iria reagir? Você acha que a maioria das pessoas aprovaria de alguém expressar esse amor e lealdade a Jesus?
- Quanta lealdade que você pessoalmente tem no seu coração e mostra na sua vida para Jesus? Você honestamente poderia dizer que este "juramento de fidelidade" descreve seus sentimentos para com Ele? Você quer que seja?

### Capítulo 2. Educação

Muito deste capítulo discute a educação de Marco. A autora usa a história para oferecer algumas observações interessantes e dá um pouco de luz neste tópico.

- Marco sabe pelo menos seis línguas diferentes (na idade de doze anos)! Como que aprendeu a falar essas línguas?
- Loristan diz para Marco, "Se você fosse um jovem príncipe ou um jovem em treinamento para uma carreira diplomática, seria ensinado a notar e lembrar pessoas e coisas... Tal observação seria sua realização mais prática e seu maior poder. É tão prático para um homem quanto para outro, para um rapaz pobre de casaco com remendos como para alguém que tem um lugar nas cortes reais." Porque "notando e lembrando de pessoas e coisas" é importante? O que deixaria

de uma pessoa ser boa nessa habilidade? É uma qualidade que você deveria desenvolver mais?

- Que papel que o pai do Marco tem na sua educação?
- Qual que é a principal maneira que o Marco aprende? Contraste a educação do Marco com o que ele receberia num cenário de escola.
- Qual é a atitude do Marco em aprender? Os "estudos" parecem como uma tarefa para ele? Ele divide sua vida entre "estudos" e "tempo livre"?

### Capítulo 3. Treinamento

Ao perambular pelas ruas de Londres pensando na história do Príncipe Perdido, Marco cruza caminhos com um homem que fala com ele em samaviano. O homem chama Marco de "bem treinado". A princípio, Marco fica pensando porque o homem diria que ele era "bem educado". Ai ele lembra que o homem na verdade tinha dito que era "bem treinado".

- Qual é a distinção entre "bem educado" e "bem treinado"? Qual deles é mais importante? Por quê?
- Há situações em que uma pessoa "bem educada" cometeria um erro sério mas uma pessoa "bem treinada" não iria?
- Porque treinamento era uma alegria para Marco e não um peso? Como que isso pode ajudar você a entender o caráter de treinamento que precisa acontecer na sua própria vida?
- Como que Marco foi treinado para agir em situações confusas e desafiadoras? Há outros traços de caráter que você sabe que deveriam ser uma ênfase no seu próprio "treinamento"?

### Capítulo 4. O Coração

Ainda perambulando por Londres, Marco encontra um menino aleijado que se chama "O Rato". Esta pessoa é muito diferente comparado com as pessoas que tinha acabado de encontrar: o nobre misterioso que falava samaviano e o próprio Rei da Inglaterra. As suposições e reações de tanto o Marco quanto O Rato durante esse eventual encontro dão vislumbres interessantes de seus caracteres.

- "O SENHOR não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração" (1 Samuel 16:7). Releia a descrição da autora sobre O Rato quando Marco primeiro vê ele. Liste todas as maneiras que O Rato causa uma impressão negativa em você. Quantas delas realmente têm haver com a "aparência de fora" ao invés do coração?

- Por que O Rato joga uma pedra no Marco? O que isso diz sobre seu caráter e motivos neste ponto da história? Em que maneiras que ele é culpado de julgar Marco pela "aparência de fora"?
- Como que Marco reage pela pedra jogada nele? Por que ele reage dessa maneira? Como que esta reação diz para você sobre o caráter e treinamento dele? Como que você acha que você teria reagido se estava no lugar de Marco? Isso dá para você algumas ideias sobre quais atitudes de caráter você precisa focar no seu "treinamento"?
- Por que o menino estranho se chama de "O Rato"? Como que você acha que ele se sente sobre si mesmo? Qual que você acha que tem mais haver com seus sentimentos: sua deficiência ou sua vida em casa? Por quê?
- Marco conclui que mesmo que O Rato é uma "criatura estranha" tem "algo atrativo nele". O que era no Rato que Marco achou atrativo?

## **Capítulo 5. Fidelidade nas Coisas Pequenas**

Um aspecto interessante durante este livro inteiro é que fazendo as pequenas coisas corretamente é importante, mesmo que não seja obvio como. Esse aspecto é bem claro neste capítulo.

- "O que as suas mãos tiverem que fazer, que o façam com toda a sua força" (Eclesiastes 9:10). Como que essa escritura aplica para Lázaro? Releia o primeiro parágrafo do capítulo. Suponha que você estivesse vivendo em pobreza. Seria difícil para se sentir motivado para importar sobre limpeza e perfeição como Lázaro obviamente fazia? Porque você acha que ele se importava? Porque é importante de ter a atitude dele mesmo em situações difíceis?
- Releia agora o terceiro parágrafo do capítulo. Qual é a descrição de Lorsitan? Porque um homem pobre e aparentemente sem importância manteria tanto caráter de dignidade e honra?
- Marco também tem buscado excelência no seu caráter, obediência, e educação mesmo que sua vida aparenta escondido e insignificante. Porque Marco se importa tanto quando não tem nenhuma razão óbvia para pensar que importa? Releia os últimos dois parágrafos do capítulo. Como que o acontecimento do cavaleiro que falou em samaviano mostra que o treinamento de Marco é bem importante?

## Capítulo 6. Amor, Obediência e Confiança

O âmago de *O Príncipe Perdido* é a lealdade e amor que Marco e Loristan têm um como o outro. A primeira parte deste capítulo realça a intensidade de seu comprometimento um com o outro.

- Marco de repente fica comovido e exclama para seu pai: "você não sabe o tanto que te amo!... Quando olho para você, anseio muito em fazer algo para você que um menino não seria capaz de fazer. Iria morrer com mil feridas antes de te desobedecer!" Como que esta declaração mostra para você a natureza de amor genuíno?
- Jesus disse uma vez: "Se vocês me amam, obedecem aos meus mandamentos". A declaração de Marco ajudou a você ver a conexão entre amor e obediência? Você consegue descrever essa conexão nas suas próprias palavras?
- Marco depois diz para seu pai "Eu fiz meu juramento de fidelidade para você, Pai, quando eu também fiz para a Samávia. Você mesmo parece como se fosse Samávia também." O quê que está maravilhosa declaração diz para você sobre as intenções de Marco? Ele é um mero menino que está empolgado por uma grande "causa" ou "movimento"? Você acha que o compromisso de Marco para Samávia vai muito mais profundo do que o do Pelotão? Por quê?
- Loristan obviamente ama seu filho, mas ele também tem muita confiança nele e visão para seu futuro. Que ações e declarações demonstram essa confiança e comunica isso para seu filho? Essa descrição dá para você um pouco de luz sobre o amor de Deus nosso Pai para aqueles que têm nascido de novo dentro de Sua Família?

## Capítulo 7. Utilidade

Loristan agora confia Marco com uma importante tarefa: levantando no meio da noite e dando uma mensagem para um importante visitante, o cavaleiro que havia conversado com ele em samaviano anteriormente.

- Depois de anos de se submetendo de todo coração para treinamento, Marco está agora pronto para ser útil para seu pai e Samávia. Pense de novo no treinamento de Marco. Quais aspectos de seu treinamento têm sido especialmente úteis em prepará-lo para esta tarefa? Como que o treinamento formou seus hábitos e caráter para torná-lo útil?
- Qual é a reação de Loristan quando Marco mostra para ele seu desenho? Porque é importante para você trabalhar diligentemente para desenvolver seus dons?

- Na parábola de Jesus dos talentos, o senhor diz para dois de seus servos: "Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito" Como que esse mesmo princípio é verdade para Marco? Como que aplica para sua vida?

## Capítulo 8. Foco

Essa secção do livro não só traz a história para um ponto crucial, mas também revela uma intensidade de foco nos principais personagens.

- Quais são as evidências nos pensamentos e ações de Marco tanto na Torre de Londres quanto na pensão que suas emoções e energias estão focadas na situação de Samávia.
- "Para o resto dos meninos isso era apenas um jogo empolgante, mas Marco sabia que para O Rato era mais do que isso." Como que Marco conseguiu perceber que Samávia tem se tornado mais do que só um jogo para O Rato?
- Qual seria o foco da maioria das crianças de doze anos na situação de Marco ou do Rato? O que você pessoalmente foca no seu dia-a-dia?

## Capítulo 9. Um Pai que Escuta

No coração deste capítulo tem uma maravilhosa interação entre o Marco e Loristan quando o menino decide de tomar o risco de falar para seu pai sobre "o jogo".

- Releia o capítulo rapidamente de novo. Liste as maneiras em que Loristan demonstra que ele tem um interesse genuíno em o que Marco tem a dizer.
- Agora liste todas as maneiras nesse capítulo que Loristan tenta inspirar e dar confiança para os meninos.
- Quando Loristan avisa ele sobre os perigos de ser um mensageiro para o Partido Secreto, Marco exclama: "Se eu fosse fuzilado, seria fuzilado por Samávia e por VOCÊ, Pai." Pensando na história até este ponto, você consegue entender porque Marco tem um amor tão profundo e devoção ao seu pai? Explique seus pensamentos.
- Como que Loristan é uma imagem de Deus? Você vê Deus da mesma maneira que Marco vê Loristan? Se Deus é um Pai que escuta e ama nós, isso muda como você pensa sobre o tópico de "oração"?

## Capítulo 10. Um Coração Capturado

O Rato chegou inesperadamente na pensão de Loristan e Marco para informá-los que seu pai havia morrido. Loristan trata-o com dignidade e compaixão. O Rato é completamente mudado para sempre por causa dessa experiência.

- Liste todas as maneiras em que Loristan trata O Rato com dignidade e bondade durante este encontro. Como que O Rato geralmente é tratado por adultos? Porque você acha que Loristan está tratando ele tão bem quando outros não têm?
- Descreva como O Rato responde à Loristan. Quais são as impressões que este homem tem nele?
- No final do capítulo é obvio que O Rato será mudado para sempre por essa experiência. Quais sinais que você Descreva como O Rato responde à Loristan. Quais são as impressões que este homem tem nele?

## Capítulo 11. Submissão

Para a alegria do Rato, Lorisitan convida ele para se juntar a família. O Rato está completamente pronto para submeter-se de baixo da liderança de Loristan.

- Releia o primeiro parágrafo do capítulo. O quê que O Rato pensa e diz que deixa você saber que ele quer si colocar de baixo da autoridade de Loristan? Por que você acha que ele já está tão fiel ao homem?
- Loristan diz para O Rato: "Posso achar um LUGAR para você se eu te levar comigo." O quê que um "lugar" significa para O Rato? Porque tendo um lugar é tão importante para ele? A autora implica que Loristan significa mais do que O Rato percebe. O que mais que você acha que Loristan tem em mente quando diz "um LUGAR"?
- Jesus disse para as pessoas que deveriam "contar o custo" antes de poderem se tornar Seus discípulos. Em que maneiras que Loristan ajuda O Rato a "contar o custo" antes de ele levar o menino dentro de sua casa? Por que é importante que O Rato entenda em avanço alguns dos desafios que ele talvez encontrará?
- Pelo menos duas vezes neste capítulo Loristan expressa sua confiança no Rato. Porque você acha que isso é uma coisa importante para fazer? Por que falando para O Rato: "Você e Marco estão debaixo de um oficial comandante" é algo que "enche" O Rato e "agita seu sangue"?

## Capítulo 12. Devoção

O Rato agora se acomoda na casa de Loristan e Marco. Na superfície não parece que está acontecendo muito; é um tempo de preparação e espera. Mas num sentido bem real, os eventos neste capítulo estão entre um dos mais importantes neste livro inteiro.

- Releia a conversa entre O Rato e Lázaro que começa o capítulo. Por que O Rato implora para Lázaro por uma oportunidade para servir Loristan? Por que você acha que O Rato não importa se Loristan nem sabe sobre o trabalho dele? Quando eles falam sobre Loristan, O Rato primeiro fala para Lázaro "Ele é seu.", mas Lázaro o corrige e diz: "Eu sou dele." Qual é a diferença e porque isso é importante?
- Por que O Rato começa a trabalhar tão firme para aprender a andar nas suas muletas? Por que você acha que ele demonstra "perseverança e determinação maravilhosa" mesmo quando ele "parecia cansado e pálido e algumas vezes desesperadamente fatigado"?
- Como pode ser que Marco nunca fica com inveja do Rato ou Lázaro quando eles demonstram grande devoção ao seu pai? O quê que Marco tem aprendido do seu pai sobre lidando com pensamentos "selvagens".
- Pense sobre suas próprias atitudes para Jesus. Você poderia dizer como O Rato disse: "Não consigo tirar meus olhos Dele... Quero descobrir tudo o que ele gosta e tudo que ele não gosta... Não há nada que possa fazer por Ele? Não importa o que seja... Eu era dele no minuto que olhou para mim com seus olhos profundos e convidativos. É como se eles pegassem e segurassem você e o fizessem ser dele, e você quer segui-lo Eu vou seguir." Se não, você quer sentir dessa maneira sobre Ele? Você está disposto a fazer espaço no seu coração para Ele?

## Capítulo 13. Dando a Sua Vida

Depois de dois ou três dias de O Rato ficar com Marco, Loristan os surpreendem quando sugere para ele continuar a treinar o "pelotão" de meninos que têm sido seus amigos. Loristan entusiasma O Rato chamando os meninos de "seus homens".

- O que a amizade e liderança do Rato significaram para os meninos? Porque eles estavam com medo que ele não voltará? Porque você acha que Loristan sente que é importante que O Rato continue a treiná-los.
- Por que você acha que é importante para o próprio Rato que ele continue a manobrar "seus homens"? Porque Loristan iria considerar uma "negligência de obrigação" se O Rato esquecesse sobre eles?

- O livro mostra Loristan como sendo uma pessoa muito ocupada com planos importantes e reuniões relacionados a Samávia. Porque então que você acha que Loristan leva o tempo para visitar O Rato e seu pelotão nos seus "quartéis"? O que sua visita faz para O Rato? O que faz para os outros meninos?
- Uma vez quando um homem que Jesus havia curado queria segui-Lo, Jesus disse para o homem: "Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você" (Marcos 5:19). Você acha que essa ordem poderia ter ajudado tanto o homem quanto os seus amigos em casa? Só para você saber, aquele homem foi e disse para *dez cidades* o que Jesus tinha feito por ele!

## Capítulos 14 & 15. Serenidade

Pela primeira vez Marco se acha em verdadeiro perigo. Ele tem sido enganado por uma mulher idosa que, levando vantagem de sua bondade, tem seduzido ele numa armadilha. Ele agora deve depender do seu treinamento para poder manter calmo e sereno.

- Quando Marco percebe que ele tem sido enganado, ele diz para a mulher, "você é muito esperta," e depois adiciona, "Eu fui muito imaturo para saber que existe alguém tão... espertalhona... no mundo." Como que a mulher tem enganado ele? Marco tem sido treinado para ter um caráter bondoso, generoso, que serve. Tem mais alguma coisa que ele precisa aprender dessa experiência?
- Liste todas as diferentes maneiras que a mulher idosa e o homem jovem tentam manipular Marco em revelar informações sobre Loristan e Samávia. Como que o treinamento de Marco capacita ele para resistir os esquemas deles?
- Uma vez que Marco é trancado na adega, a primeira coisa que ele faz é perguntar ele mesmo: "Será melhor pensar sobre o que primeiro?" De fato, a habilidade de Marco para disciplinar seus pensamentos é a chave em se manter sereno nessa crise. Releia rapidamente as últimas poucas páginas do capítulo 14 junto com o começo do capítulo 15. Que pensamentos e sentimentos que Marco permite ele mesmo a ter? Quais pensamentos que ele rejeita? Como que lembrando as instruções do seu pai ajuda ele?
- Como que você pode desenvolver uma vida consciente e disciplinada? Você precisa esperar até você está numa crise para considerar essa pergunta? Se você não sabe realmente onde começar, seria bom você perguntar alguns adultos que você respeita por ajuda!

## Capítulos 16 & 17. Amizade

Finalmente Marco é liberto. Seu libertador não é Loristan nem Lázaro nem alguém heroico, mas O Rato... o menino que tentou espantar Marco para fora com pedras só poucos dias antes!

- Marco é bondoso e cortês para todos que ele encontra, mas ele oferece sua amizade para outros bem cuidadoso e cautelosamente. Na verdade, lemos num capítulo anterior que sua amizade com O Rato é seu primeiro "verdadeiro companheirismo" que ele tem experimentado com um menino da sua mesma idade. Loristan não tem proibido ele de fazer amigos, mas ele tem exigido cautela. Sobre O Rato e seus seguidores, ele disse: "Você vai saber por si mesmo se eles realmente são seus amigos ou não... você conhece meninos em vários países e você os julga bem, eu acho. Mesmo que eles só tenham doze anos, você logo saberá se vão se tornar HOMENS ou irão permanecer meros moleques." Porque você acha que Loristan e Marco são cautelosos sobre estendendo sua amizade íntima para outros?
- Em que maneiras que Marco e O Rato são bem diferentes? Como que eles são similares? Qual é a base de sua amizade? Você acha que a amizade deles baseia-se numa fundação firme? Você acha que vai durar?
- Depois que a crise passa, Marco percebe que ele "ganhara um novo amor e confiança de seu pai." Ao eles sentarem juntos aquela noite, ele percebe que "suas almas estavam mais perto uma da outra do que estiveram antes." Por que você acha que Loristan tem uma nova confiança com Marco? Porque eles estão mais próximos das almas um do outro do que antes? Tem algo sobre seu relacionamento que vai bem além do que meramente sendo pai e filho? Que mais eles têm em comum?
- E que tal um discípulo de Jesus vivendo no mundo, mas não pertencendo ao mundo... porque ele ou ela precisam ser cautelosos(as) sobre amizades? O que precisa ser a base de amizades para um Cristão?

## Capítulo 18. Família

O acontecimento com Marco faz mais do que simplesmente fortalecer seu relacionamento com O Rato e Loristan, mas os vincula, junto com Lázaro em uma unidade fortemente interlaçado.

- Enquanto Marco ainda está desaparecido, Loristan declara para O Rato: "Você é um de nós". Ele repete esta declaração sobre O Rato para Marco e depois para o Príncipe. Porque Loristan está certo agora onde O Rato pertence?
- O Rato agora "foi permitido ficar perto de Loristan como ele nunca ousara ter esperança de ficar". Ele tem sido "levado para dentro da intimidade que antes

incluía apenas os três". Loristan agora "fala com ele do mesmo modo que fala com Marco". O Rato percebe que Loristan "está se tornando mais e mais como um pai para ele". Em resumo, O Rato agora faz parte de uma família. Como que o conceito de "família" vai além do que ser relacionado fisicamente? Existem parentes que não são verdadeira "família" um com o outro? Existem pessoas que não são parentes que realmente experimentam "família" juntos? O quê que leva para ser "família"?

- Jesus prometeu uma vez para Seus discípulos cem "casas, irmãos, irmãs, mães, e crianças" se eles deixassem tudo para segui-lo. A experiência do Rato ajuda você a entender como é possível para um seguidor de Jesus de ter cem famílias nessa vida?

## Capítulo 19. Diligência

Marco e O Rato agora começam "o jogo" de verdade. A disposição e habilidades deles para si prepararem a obedecer as tarefas dadas à eles com diligência e determinação é absolutamente crítico para o sucesso deles.

- Releia o começo desse capítulo onde Marco e O Rato estudam suas tarefas em preparação para "o jogo". Descreva suas atitudes sobre esse tempo de preparação. O quê que o termo "diligente" significa para você? Em que modos que você vê diligência nas ações dos meninos? Porque essa diligência é tão importante para o sucesso final do "jogo"?
- Marco pode falar para seu pai: "Tudo o que você tem me falado para fazer e aprender é parte de mim, Pai. É parte de mim, como se fosse minha mão ou meus olhos ou meu coração." Quando você é dado tarefas importantes, você pode honestamente dizer que as palavras de Marco também descrevem você? Se não, o que você acha que está faltando? Você gostaria de ter essa responsabilidade e confiança? Você está disposto a pagar o preço?
- A primeira tarefa dos meninos é para dar sua mensagem para uma mulher em Paris. Por que um caráter diligente é necessário para o sucesso deles? O que você acha que é mais importante em realizando coisas significantes nessa vida: talento ou diligência?
- A Bíblia diz: "Sem fé ninguém pode agradar a Deus, porque quem vai a ele precisa crer que ele existe e que recompensa os que procuram conhecê-lo melhor" (Hebreus 11:6). Na versão da Bíblia Viva diz: "Ele recompensará aqueles que sinceramente O procuram". Como que você pode ser mais sincero ou diligente na sua busca por Deus?

## Capítulos 20 & 21. Provisão

Ao Marco e O Rato planejarem sua jornada eles sentiram dispostos a mendigar para poderem prover por si mesmos. Mas, ao a viagem ocorrer, eles começam a receber presentes inesperados de vários tipos - nada extravagante, talvez, mas provisão suficiente para suas necessidades.

- Qual que é o "imprevisto" que acontece na noite antes deles saírem de Paris para Munique? Como que este presente é útil para a viagem deles? É útil, em até mesmo cumprindo a segunda missão deles?
- Na casa de ópera em Munique, Marco mais uma vez se vê ameaçado por espões. Que provisão que ele encontra lá para escapar do perigo?
- Depois que Marco volta para o quarto, chega à porta ainda outra provisão. Qual é a forma dessa provisão? Porque ela é potencialmente importante para o sucesso do "jogo"?
- Leia 2 Coríntios 9:6-11, onde Paulo discute sobre o tema da provisão de Deus. O que significa "semear pouco" e "semear com fartura"? Por que Deus supre e aumenta a provisão de uma pessoa? Por que Deus faria uma pessoa "rica em todos os sentidos"? Qual afirmação reflete o coração de Paulo (e Deus) melhor: "Dê para que possa receber" ou "Dê para que possa dar ainda mais"? Por quê? Como que esse princípio é refletido nessa seção da nossa história?

## Capítulo 22. Discernimento

No próximo destino deles - Salzburgo - os meninos enfrentam um desafio diferente. Será que eles deveriam dar o sinal para um homem que parece quase exatamente igual ao seu esboço, mas tem algo que parece de alguma maneira diferente para os dois? Mostrando um bom senso em situações complicadas e vendo a maneira correta de proceder é chamado de *discernimento*.

- Marco tem uma decisão difícil a tomar sobre se ele deve dar a seu barbeiro o sinal. Como que é uma vantagem que ele tem O Rato com ele? Você pode ver uma conexão entre o trabalho em equipe e discernimento? Qual seria uma razão pela qual Jesus enviou seus discípulos de "dois em dois" em vez de sozinhos?
- Marco diz: "Meu pai me treinou para eu me acalmar quando as coisas não fazem sentido e eu não sei o que fazer." A autora explica que: "Ir a um lugar quieto e se sentar e pensar sobre a coisa que queria lembrar ou achar era o velho costume" de Marco. "Ficar quieto era sempre a melhor coisa, seu pai o ensinara. Algumas vezes era como escutar o próprio Loristan." Como que o treinamento de Marco poderia aplicar-se a um seguidor de Jesus que quer saber a vontade de seu Mestre?

- "Marco era o mais calmo dos dois por causa da paz que sentia em fazer qualquer coisa que pensava que agradaria seu pai." Qual foi a ligação entre o *desejo* de Marco de agradar seu pai e sua *habilidade* de discernir o que agradaria ele?
- Em Romanos 12:1-2, Paulo dá alguns vislumbres preciosos de como uma pessoa pode discernir a vontade de Deus. "...que vocês se ofereçam completamente a Deus como um sacrifício vivo... Não vivam como vivem as pessoas deste mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma completa mudança da mente de vocês. Assim vocês conhecerão a vontade de Deus, isto é, aquilo que é bom, perfeito e agradável a ele." Você consegue ver paralelos entre a forma como Marco e O Rato discerniram o que Loristan queria que fizessem e como você pode discernir o que Deus quer que você faça? Qual é a ligação entre o seu desejo de agradar a Deus e sua habilidade de discernir a vontade Dele? Olhando Romanos 12:1-2 de novo, o que você vê que seria um desafio para você? Existem maneiras que você precisa mudar para que possa conhecer melhor a Deus?

### Capítulo 23. Importância

A tarefa que Loristan deu a Marco e O Rato muitas vezes leva-os para pessoas que, no lado de fora parecem ser insignificantes – como os meninos eles mesmos parecem! Certamente ninguém tem se aparentado com tanta pouca importância do que essa mulher idosa em uma aldeia remota nas montanhas. Um dos temas principais de *O Príncipe Perdido* é de que importância verdadeira é baseada em algo muito diferente do que as coisas superficiais que o mundo dá valor.

- Marco e O Rato já deram o Sinal para duas outras pessoas aparentemente insignificantes: o barbeiro e o sapateiro, e os dois tinham largado seu emprego para se tornarem um guia de montanha. De repente torna claro para O Rato por que esses homens são realmente importantes para a causa da Samávia. Por que eles são?
- Agora os meninos dão o Sinal para essa mulher. Será que o mundo veria ela como alguém importante? Por que não? Durante esse encontro, porém, ela demonstra algumas qualidades de caráter admiráveis. Você pode citar algumas delas e descrever como ela os demonstrou?
- Que relacionamento que a mulher tem que faz dela uma pessoa muito importante para a causa da Samávia? Como que sua importância era relacionada à sua capacidade de amar?
- O que você valoriza em outras pessoas: as coisas que o mundo admira ou o caráter e amor que Jesus admira? O que você está tentando desenvolver em sua própria vida?

## Capítulo 24. Fé e União

Várias vezes durante a viagem dos meninos, sua missão se torna difícil. Dando o sinal para o príncipe austríaco é certamente um desses momentos. Sempre que as circunstâncias se tornam difíceis, é a fé em Loristan que dá ânimo para os meninos continuarem.

- O Rato observa o seguinte sobre seu amigo: "Marco não tinha imaginações fantásticas. Ele havia aprendido muito e sua mente era muito balanceada. Não tentava 'matutar'. Somente pensava nas coisas sobre as quais tinha ordens para fazer." Descreva como a mente de Marco funciona. Como que essa mentalidade dá para ele estabilidade e paz em situações problemáticas?
- A autora nos dá um importante esclarecimento: "Nas suas conversas com Loristan, haviam aprendido que um grande segredo de força e coragem inabalável é confiar naquele que os enviou e recusar de ficar ansioso; em vez disso devem esperar pelo o momento certo." Você pode descrever em suas próprias palavras a conexão entre confiança, força e coragem? Quais são as circunstâncias nas quais você pode "confiar na pessoa que enviou você"? Como que isso poderia se aplicar ao seu relacionamento com Deus?
- A autora faz a seguinte observação maravilhosa: "Eles frequentemente descobriam que estavam pensando as mesmas coisas, ao se tornarem mais e mais como Loristan." Quais seriam *más* razões para pessoas pensarem nas mesmas coisas? Qual seria um bom motivo? Qual é a chave para a verdadeira união entre o povo de Deus?

## Capítulos 25 & 26. Fidelidade

Marco e O Rato continuam sua difícil tarefa. Eles conseguem concluí-lo, porém obriga-os a passar a noite fora em uma grande tempestade! Esta parte do "jogo" exigiu dos dois que mostrassem um alto nível de fidelidade.

- Tente si colocar no lugar de Marco, escondendo em um arbusto no lado de fora de um palácio, encharcado por uma tempestade violenta, sem qualquer "sucesso" evidente para recompensar seus esforços. Como que você estaria tentado a sentir? Como que Marco escolheu de sentir? Qual é o resultado da fidelidade de Marco? Quem é companheiro do príncipe? Qual é o impacto que a disposição de Marco em passar a noite em uma tempestade tem sobre o príncipe e seu amigo?
- O Rato escolhe de passar a noite na rua em frente ao jardim onde Marco está escondendo. Por que ele não espera lá de volta no quarto deles? No lado de fora, não parece que O Rato pode realmente ajudar Marco esperando lá fora.

Mas você acha que Marco é realmente ajudado quando ele descobre o que O Rato tem feito? Explique.

- Os meninos atravessam para dentro da Samávia, prontos para concluírem sua missão e voltarem para Loristan. Marco diz: "E como a gente não sabe como será o final, obedecemos às ordens." E O Rato repete os mesmos pensamentos: "Temos obedecido às ordens. Não esquecemos nem uma." Coloque em suas próprias palavras o que os meninos estão tentando dizer. Como que esta atitude é uma parte importante em sendo fiel?
- Quando ele encontra o velho pastor, Marco explica a sua missão da seguinte maneira: "Eu não era velho o suficiente para lutar, servir no exército ou pensar sobre grandes coisas. A única coisa que poderia fazer era ficar silencioso e me treinar a lembrar de coisas e ficar pronto para quando eu fosse chamado. Quando meu pai viu que eu estava pronto, confiou em mim para sair e dar o Sinal." Fidelidade é um traço de caráter que precisa ser aprendido? Como que você pode, pessoalmente, aplicar as palavras de Marco e, especialmente, a atitude dele na sua própria situação?

## Capítulo 27. Prontidão

O velho pastor leva Marco e O Rato para encontrar com um grupo secreto chamado "Os Forjadores da Espada". Desde que o Príncipe Perdido desapareceu, esta organização tem se preparado para o dia em que ele iria voltar.

- A autora nos diz: "Quinhentos anos atrás eles fizeram seu juramento pela primeira vez; e os reis vieram e se foram, morreram ou foram assassinados, e as dinastias mudavam, mas os Forjadores da Espada não mudaram nem esqueceram seu juramento nem vacilaram em sua crença de que algum dia – algum dia, mesmo após os longos anos escuros – seu Príncipe Perdido estaria entre eles novamente, e de que eles se submeteriam ansiosamente a seu governo legítimo." Isso é uma atitude de *prontidão*. Descreva em suas próprias palavras o que *prontidão* significa. Os Forjadores tinha ficado negligente? Como que *estar pronto* é diferente de *estar esperando*?
- Descreva a reação dos Forjadores quando veem Marco e ouçam o Sinal. Durante a viagem dos meninos, a maioria das pessoas que receberam o Sinal tem ficado silenciosamente agradecida. Porque você acha que os Forjadores são tão diferentes? O Rato fica assustado, mas Marco não faz nada para conter os homens. Por que não?
- Jesus ensinou: "Estejam prontos para servir, e conservem acesas as suas candeias, como aqueles que esperam seu senhor voltar de um banquete de casamento; para que, quando ele chegar e bater, possam abrir-lhe a porta imediatamente.

Felizes os servos cujo senhor os encontrar vigiando, quando voltar" (Lucas 12:35-37). Ele estava dizendo aos Seus seguidores que eles precisavam viver com atenção e prontidão, como se Ele fosse voltar a qualquer momento. Como que uma pessoa que está *alerta e pronta* vive a sua vida diária?

## Capítulos 28 & 29. Paz

Os meninos voltam para casa em Londres de pressa e descobrem que Loristan viajou para Samávia. Junto com Lázaro eles se acomodam para esperar por notícias dele.

- Marco e O Rato estão imensamente decepcionados que Loristan está fora. Na viagem de volta, Marco estava "preenchido com o anseio de ver a face de seu pai e ouvir sua voz novamente." Ele quer "sentir a pressão da mão dele em seu ombro e ter certeza de que ele era real e não um sonho." O Rato também tem ansiado "chegar a Londres e ficar face a face com Loristan!" A notícia de que Loristan se foi sente como se tivessem sido "golpeado no peito." Como que eles lidam com sua decepção e sua preocupação de que Loristan pode estar em perigo?
- Marco percebe do Lázaro que eles estão quase sem dinheiro e ele é forçado a lidar com a proprietária ansiosa e bastante insistente. Como que Marco age nesta situação? Como que ele, O Rato, e Lázaro planejam a responder a este desafio?
- Marco e O Rato voltam para o "Quartel" e recomeçam o treinamento e inspirando o "Pelotão". Você acha que é difícil considerar outros e satisfazer as necessidades de outros quando você está sob pressão e com tentação de preocupação? A decisão deles de considerar os outros meninos é altruísta, mas você acha que Marco e O Rato se beneficiam também?
- Marco, O Rato, e Lázaro são cada um capaz de manter o coração em paz mesmo quando estão incertos sobre o futuro. O que você vê nas escolhas e atitudes deles que você pode aplicar a sua vida?

## Capítulos 30 & 31. Realeza

A história termina com triunfo, recompensa, alegria e um reencontro. Marco e O Rato agora começam uma jornada bem diferente para Samávia. Eles estão indo lá para se juntar a Loristan, agora que Samávia está em paz.

- Ao Marco aproximar-se de Samávia, ele continuamente si relembra de uma coisa: "Sou o filho de Stefan Loristan... Estou indo para meu pai. Por que você acha que Marco pensou em si mesmo principalmente como "o filho de Loristan" ao invés de "o Portador do Sinal"? Porque você acha que ele foi

principalmente pensando em reencontrar-se com seu pai, ao invés de ver os resultados da sua missão? A atitude de Marco pode ensinar você algo sobre o que é verdadeiramente importante na vida?

- Loristan diz aos meninos: "Não é a coroa! Não um trono. 'A Vida da minha vida: para Samávia.' Foi para isso que eu trabalhei, o que nós todos temos trabalhado por. Se tivesse levantado um homem mais sábio quando a Samávia precisava... Eu poderia ter ficado de lado. Mas nenhum homem se manifestou." Descreva em suas próprias palavras o que motivou o sacrifício de Loristan para Samávia. Jesus disse certa vez: "Quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa, este a salvará." Como que a vida de Loristan demonstra essa verdade?
- Marco "levantou seus olhos. Para um momento inteiro... ele ficou em pé parado e reto, olhando para aquele magnífico rosto majestoso. Então ajoelhou-se e beijou as mãos estendidas para ele - beijou as duas com paixão. O Rei tinha os olhos que ele ansiava ver - as mãos do Rei eram aquelas que ansiava sentir nos seus ombros de novo - O Rei era seu pai!" Para alguns, vendo o verdadeiro Rei, Jesus, quando Ele voltar de novo será uma experiência quase exatamente como a de Marco! Descubra como VOCÊ pode ser uma destas pessoas! Não simplesmente pressupõe que você sabe, mas procure na palavra de Deus e aprenda sobre estas verdades por si mesmo. Peça a Deus para lhe mostrar como você pode ser Seu filho. Ele vai! Por que não começar a perguntar Ele agora? 😊

## EXPLORE: *O PRÍNCIPE PERDIDO* COMO UMA ALEGORIA

---

Pense em todas as *boas* histórias que já ouviu. Pense nas histórias que o inspiram, aqueles que fazem você querer viver uma vida nobre, repleto de propósito e de sacrifício e amor. Elas podem vir de qualquer forma: livros, filmes, poesias ou contos compartilhados entre amigos sentados comendo um churrasco, desde que fazem você querer *ser* uma pessoa melhor e *viver* uma vida melhor. É provável que todas estas histórias tenham algo em comum: elas são, de algum modo, muito semelhantes aos das Boas Novas de Jesus. Temas de auto sacrifício heroico, amor invencível e fé vitoriosa permeiam toda literatura verdadeiramente *boa* em qualquer cultura. Afinal, todos os seres humanos foram criados para conhecer a Deus. Nada mais pode tocar nossos corações e satisfazer as nossas almas, como conhecê-Lo. Talvez por isso as histórias que se assemelham ao incrível plano de Deus para resgatar a raça humana nos encham com fervor e as histórias que de alguma forma recontam a vida de Jesus são as mais satisfatórias de todas. Na verdade, devemos até dizer que é a Lei da Boa Literatura: o mais que uma história se assemelha às Boas Novas, o mais gratificante a história tende a ser.

Normalmente, é claro, esta imitação do Evangelho será de forma não intencional. O escritor ou escritora talvez só reconhece uma boa história quando ele ouve ou imagina uma. E, embora alguns autores podem ter um prazer perverso em chocar ou deprimir seus leitores, muitos genuinamente tentam escrever palavras edificantes que vão tocar o coração. Ao escolher um *bom* tema e habilmente tecer uma história em torno dela, o escritor(a) está inconscientemente recontando o Evangelho.

Talvez essa seja a explicação da forma surpreendente como *O Príncipe Perdido* parece incorporar algumas verdades bíblicas profundas. Infelizmente, não há razão para crer que a autora do livro, Frances Hodgson Burnett, era cristã. As suas crenças religiosas e seu modo de vida, ambos, testemunham ao contrário. Ela viveu em uma época (1849-1924) quando a maioria das pessoas na Inglaterra e na América tinham

contato com a Bíblia. Alguns dos seus temas provavelmente penetraram sua imaginação mesmo se ela nunca escolheu para colocá-las em prática em sua própria vida. Em sumo, ela foi uma escritora de sucesso que conseguiu superar uma infância pobre por meio de criar literatura infantil saudável. Se juntarmos uma pessoa com uma boa imaginação e com um talento de linguagem, depois misturar isso com um desejo de escrever *boa* literatura e, talvez, uma decisão soberana de Deus de usar um livro para seus propósitos sem o conhecimento do autor e do resultado final, de vez em quando sai uma história como *O Príncipe Perdido*.

Vamos considerar, então, como ler *O Príncipe Perdido* como uma alegoria de verdades espirituais. Uma *alegoria* é uma história com um significado literal, na superfície, mas que também contém um significado mais profundo, figurativo. Em uma alegoria as personagens, os lugares e objetos podem representar outras coisas.

Um exemplo bem conhecido de alegoria é *O Peregrino*. Na superfície este livro conta a história das aventuras de um homem ao ele viajar da Cidade da Destruição para a Cidade Celestial. Num nível mais profundo, no entanto, serve para descrever o "progresso" de um cristão ao ele superar tribulações, tentações e perseguições em sua jornada da terra ao céu. *O Peregrino* não é uma alegoria de difícil interpretação. Muitas das personagens, tais como Cristão, Sábio-Segundo-o-Mundo e Flexível têm nomes que dizem exatamente que tipo de pessoa elas representam. Até lugares representam algo: Feira das Vaidades é o mundo, por exemplo, enquanto a Bela Casa é a igreja local.

Algumas alegorias são um pouco menos óbvias, mas o segundo nível de significado é perceptível para qualquer um que se importa o suficiente para procurar. *As Crônicas de Nárnia* é um bom exemplo. Tem um enredo emocionante com personagens interessantes mas muitas pessoas provavelmente não olham além disso. Se você tiver olhos para ver, no entanto, não demora muito para perceber que o leão Aslam representa Jesus e o Imperador de Além-Mar é o Pai. A feiticeira é o diabo e o manjar Turco, que tem um excelente paladar, mas leva a uma escravidão terrível, é pecado. O livro inteiro é uma alegoria que se destina a ensinar verdades espirituais.

Podemos tomar a mesma abordagem para entender *O Príncipe Perdido*. É bom ter em mente que a autora provavelmente nunca teve a intenção do seu livro ser lido como uma alegoria. Ela queria comunicar princípios verdadeiros sem dúvida, mas ela não intencionalmente fez as personagens e lugares representarem realidades espirituais específicas. Mas por causa da Lei da Boa Literatura, é justo podermos usar o livro como uma maneira de pensar sobre o Evangelho de Jesus. Vamos levar alguns minutos para fazer exatamente isso!

**Loristan.** A figura central em *O Príncipe Perdido* é o Stefan Loristan. Ele é um homem alto com um "ar de majestoso", cujos movimentos são "cheios de dignidade e graça." O Rato observa o seguinte sobre Loristan:

Havia algo nele que fazia com que você queria continuar olhando para ele e queria saber o que ele estava pensando, e porque você sentia como se aceitaria ordens dele como receberia ordens do seu general se fosse um soldado. Ele parecia, de alguma forma, como um soldado, mas como se fosse algo mais, como se as pessoas tivessem recebido ordens dele toda a sua vida e sempre iriam receber ordens dele. E ao mesmo tempo ele tinha aquela voz calma e os movimentos finos e confortantes, mas ele não era um soldado e sim apenas um homem pobre...

Embora as roupas do Loristan podem ser "bem usadas e esfarrapadas", a "sua pobreza não tinha poder para tocá-lo". Nem "trapos velhos" podem o fazer "parecer insignificante ou indistinto". O seu "absoluto ar de autoridade serena" é baseado em seu caráter nobre e não em algum show exterior.

Apesar de sua presença marcante, Loristan é acessível e simpático. Ele tem um "maravilhoso sorriso" e olhos "suaves, escuros". Ele se mistura com a mesma facilidade com pessoas de rua do que com príncipes. As crianças são atraídas para Loristan porque ele tem "o poder de fazer todas as coisas interessantes ao ponto de fascínio". Quando ele conversa com os meninos pobres do Pelotão, eles se maravilham "que conseguiam entendê-lo e ele incendiava seu espírito".

Loristan nunca se esquece de quem ele é. Nas palavras do livro, ele é "sempre o mesmo", mas ele ainda é capaz de grande sentimento e paixão, especialmente quando ele pensa sobre as dificuldades enfrentadas por seu povo amado. Certa vez, Marco acha Loristan "andando de um lado para o outro como um leão na sua jaula e um papel estava esmagado e rasgado em suas mãos e seus olhos estavam cheios de fogo." Por quê? Porque ele "estava lendo sobre as crueldades impostas sobre pessoas pobres, mulheres e crianças inocentes." Mais do que tudo, Loristan é definido por seu profundo compromisso com o bem de seu país. Ele diz ao Marco: "Nós somos aqueles que devem VIVER para Samávia - trabalhando dia e noite, negando a nós mesmos, treinando nossos corpos e almas, usando nossas mentes, aprendendo as melhores coisas que precisam ser feitas por nosso povo e o nosso país."

Se lermos *O Príncipe Perdido* como uma alegoria, quem poderia Stefan Loristan representar? Jesus! Embora Ele sendo um grande Príncipe, Jesus pôs de lado todas as formas exteriores de poder e assumiu a forma de servo (Filipenses 2:6-7). Ele era rico, mas se fez pobre para que pudesse ajudar os outros (2 Coríntios 8:9). Jesus não tinha pompa exterior de poder para atrair as pessoas para Ele (Isaías 53:2), mas elas foram atraídas mesmo assim. As pessoas comuns O ouviam com prazer (Marcos 12:37). Ele não tratou elas como sendo inferiores, mas elas O entenderam. Elas viram que Jesus era um homem de grande compaixão para pessoas "aflitas e desamparadas" (Mateus 9:36). As pessoas com olhos para ver olharam além dos pés empoeirados e as mãos calejadas de um simples carpinteiro de Nazaré e viram alguém com *autoridade*. Elas queriam continuar olhando para Jesus. Elas queriam saber o que Ele estava

pensando. E elas se sentiram como se iriam aceitar ordens dEle como se Ele fosse seu general. E Ele é o mesmo hoje! "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre" (Hebreus 13:8).

Consciente ou inconscientemente, a autora de *O Príncipe Perdido* deve ter modelado a personagem de Stefan Loristan em Jesus. Os paralelos são simplesmente muito grandes para ser uma coincidência. Loristan é uma cópia; Jesus é o original.

**Samávia.** A paixão de Loristan é para sua pátria natal da Samávia. Há um certo tempo, centenas de anos antes, era quase um paraíso:

Tinha sido celebrado tanto por sua felicidade pacífica e riqueza como pela sua beleza. Seu povo naqueles dias eram pastores e cuidadores de rebanhos cuja riqueza das plantações e seus rebanhos e manadas esplêndidas eram a inveja de países menos férteis. Entre os pastores e cuidadores de rebanhos haviam poetas que cantavam suas próprias canções quando tocavam suas flautas entre as suas ovelhas sobre as encostas das montanhas e nos vales com tapetes de flores. Suas canções foram sobre patriotismo e bravura e sobre fidelidade aos seus líderes e seu país. A cortesia simples do camponês mais pobre era tão majestoso quanto os modos de um nobre.

A história da Samávia tomou um rumo trágico, no entanto, quando uma insurreição derrubou um rei fraco, dando início a séculos de maus governantes e guerras civis.

"Daquele ponto em diante, aquele pequeno reinado esplendido se tornou como um osso que os cachorros brigam para ter. A paz que tinha foi esquecida. Aquele país foi rasgado, atormentado e abalado pelos outros países mais fortes. Rasgou e atormentou a si mesmo com as brigas internas. Assassina os reis e criava outros. Nenhum homem jovem poderia saber quem iria servir quando ficasse mais velho, ou se suas crianças iriam morrer em uma batalha fútil, ou se eles iam passar por tempos desagradáveis de pobreza, crueldade e leis inúteis."

A situação continua a degenerar e Marco e Loristan, vivendo em exílio na Inglaterra, estão angustiados com a notícia da brutal opressão estrangeira e as sangrentas guerras civis que arruinam sua terra natal. É por isso que eles se comprometem a "trabalhar para Samávia dia e noite."

O paralelo não é exato, é claro, mas a paixão de Loristan para Samávia é, pelo menos, um reflexo ofuscante da paixão que Deus sempre teve por Seu povo, seja Israel sob a Velha Aliança ou a igreja sobre a Nova. Deus alegrou-se sobre Israel "como o noivo se regozija por sua noiva" (Isaías 62:5). Jesus *ama* a igreja e "se entregou por ela para torná-la santa, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga

ou qualquer outro defeito, mas santa e inculpável" (Efésios 5:25-27). Mas Deus também *se entristece* mais profundamente do que jamais poderia imaginar quando Seu povo rebela (Isaías 63:10) ou vivem em amargura, raiva e calúnia (Efésios 4:30). Ao longo da história de Israel, Deus sempre desejou livrá-los da opressão e da escravidão, e Ele fazia isso com grande poder sempre que eles se voltavam para Ele em arrependimento e fé.

O mesmo é verdade hoje: se o Seu povo rejeitar frieza espiritual, falso ensino, imoralidade e indiferença, Jesus promete enchê-los com força espiritual e amor íntimo (Apocalipse 2-3).

Samávia, então, pode representar a igreja em qualquer momento e em qualquer lugar em que ela está devastada pelo pecado, infiltrada por mundanismo, ou empobrecida espiritualmente através de ensinamentos ímpios. Jesus se entristece e chora, mas quando Ele achar aqueles que irão "VIVER para o Reino de Deus - trabalhando dia e noite, negando a si mesmo, treinando seu corpo e alma, usando sua mente, aprendendo as melhores coisas que precisam ser feitas para o povo de Deus," Ele irá usá-los para fazer a diferença. É claro que Jesus NÃO está procurando por pessoas que se acham importantes ou ambiciosas, que se veem como heróis "montado em um cavalo branco" e "fazendo grandes coisas". Ele quer pessoas cheias de amor, que, assim como aqueles da casa de Loristan, vão humilde e despretensiosamente oferecer suas vidas diárias em serviço a Ele e ao Seu povo. Você será um dos servos de Jesus, cheio de amor, que Ele está procurando?

**O Partido Secreto.** A terra atormentada de Samávia não é a única figura da igreja em *O Príncipe Perdido*. Longe disso! A verdade é que uma condição de pobreza espiritual, escravidão e opressão não é a condição normal da igreja. De acordo com Jesus, a igreja que Ele vai construir vai ser uma força poderosa no reino espiritual, e, na verdade, "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18). A igreja é para ser uma demonstração do poder de Deus. Como Paulo disse: "Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o Seu poder que atua **em nós**, a Ele seja a glória **na igreja** e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre!" (Efésios 3:20).

No livro *O Príncipe Perdido*, este aspecto da igreja pode ser visto em um grupo conhecido como o "Partido Secreto". Não se deixaram ser conquistados e intimidados pelos inimigos da Samávia. Apesar de suas terríveis circunstâncias, eles nunca perderam a sua visão do que Samávia pode e deve ser. Eles estão determinados que ela vai alcançar a sua vocação e estão dispostos a fazer qualquer sacrifício necessário para trazê-la de volta a seus dias de glória. O Rato ouviu de seu pai que:

Ele disse que era o Partido Secreto mais maravilhoso do mundo porque tem trabalhado e esperado por tanto tempo e nunca desistiu, embora não exista nenhuma razão para ter esperança... Existem pessoas em quase

todos os países da Europa que pertencem a ele em pleno silêncio e estão prontos para ajudar quando forem chamados. Estão somente esperando. Algumas são ricas que irão dar dinheiro, e outros são pobres que vão ir de fronteira para fronteira para lutar ou ajudar contrabandear armas.

Essa atitude de paciência, esperança, sacrifício e trabalho árduo é a condição normal da igreja. Não deve ser a propriedade de só um "partido secreto" de cristãos, mas deve ser a atitude do coração de cada filho de Deus!

**Os Forjadores da Espada.** Um grupo especial de samavianos em *O Príncipe Perdido* é conhecido como os Forjadores da Espada. Eles vêm se preparando há séculos para o dia que Samávia iria se levantar e restaurar seu regente legítimo. Aprendemos que "eles, seus pais, seus avôs, e seus bisavôs têm sempre feito espadas e as guardado em cavernas que ninguém conhece escondidas de baixo do chão", em preparação para esse dia. Lemos:

Reis vieram e se foram, morreram ou foram assassinados, e as dinastias mudavam, mas os Forjadores da Espada não mudaram nem esqueceram seu juramento nem vacilaram em sua crença de que algum dia – algum dia, mesmo após os longos anos escuros – seu Príncipe Perdido estaria entre eles novamente, e de que eles se submeteriam ansiosamente a seu governo legítimo.

Uma atitude muito similar caracteriza algumas pessoas muito especiais que estão registrados nas Escrituras. Quando José e Maria vieram apresentar Jesus no templo, eles encontraram um homem chamado Simeão que era "justo e piedoso". Lucas nos diz que Simeão "estava esperando a consolação de Israel".

Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. Movido pelo Espírito, ele foi ao templo. Quando os pais trouxeram o menino Jesus para lhe fazerem o que requeria o costume da lei, Simeão o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: "Ó Soberano Senhor, como prometeste, agora podes despedir em paz o teu servo. Pois os meus olhos já viram a tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos: luz para revelação aos gentios e para a glória de Israel, teu povo." (Lucas 2:25-32)

A atitude de Simeão tinha muito em comum com os Forjadores da Espada. E isso deve ser a mentalidade de todos os que verdadeiramente nasceram de novo: ter uma esperança paciente, uma fé inabalável, um fervoroso desejo de ver Jesus honrado nos lugares mais distantes como Senhor, e uma disponibilidade ávida para "submeter a Seu governo legítimo." Paulo falou sobre "a coroa da justiça que o Senhor, justo juiz, me dará... a todos os que amam a sua vinda" (2 Timóteo 4:8). João acrescentou: "Sabemos que quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, pois O veremos como Ele é. "Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim

como Ele é puro" (1 João 3:2-3). O foco de todos os crentes é de ansiar ver Jesus e purificar-se em preparação para Sua vinda.

**O Rato.** Chegamos agora a três personagens de nossa história que cada um pode simbolizar um aspecto diferente do que significa ser discípulo de Jesus. Existe apenas um tipo de cristão, na verdade, embora existam muitos diferentes dons e funções na igreja. Todo crente, se ele ou ela *realmente* crê e assim nasceu de novo, sinceramente deseja amar Deus com todo seu coração, alma, mente e força. Mas assim como há um crescimento físico que vem após o primeiro nascimento, há também um crescimento espiritual que vem após o segundo nascimento. O apóstolo João descreve o processo de crescimento assim:

Escrevo para vocês, filhinhos, porque vocês conhecem o Pai. Escrevo a vocês, pais, porque vocês conhecem aquele que é desde o princípio. Escrevo para vocês, jovens, porque vocês são fortes, e em vocês a palavra de Deus permanece e vocês venceram o maligno. (1 João 2:13-14)

Isso é uma ordem interessante, não acha? Primeiro vêm as crianças, *depois* os pais, e em seguida os jovens. Mas se você olhar para o que João diz sobre o "estágio" de maturidade de cada um, você pode entender porque ele escolheu essa ordem. É uma personagem em *O Príncipe Perdido* exemplifica a fase de maturidade de uma "criança" mais do que qualquer outro: "Jem" Ratcliff, mais conhecido como O Rato.

Quando Marco encontra com ele pela primeira vez, O Rato é um produto endurecido de uma vida com uma família desestruturada. Ele é deficiente físico por fora, mas emocionalmente e espiritualmente deficiente por dentro. É nos dito que: "Uma das primeiras coisas que Marco notou era que naquele pequeno rosto havia linhas marcadas como se estivesse irado toda sua vida." Tão logo ele percebe Marco observá-lo, O Rato reage por gritar com raiva e atira uma pedra que acerta o ombro do Marco. Sua hostilidade está profundamente enraizada em seu caráter. Ele apelidou-se de O Rato. "Eu me sinto como um", ele explica para Marco. "Todo mundo é meu inimigo. Sou uma peste. Não posso me defender a não ser por morder. Mas, consigo morder... Mordi meu pai uma vez e ele nunca mais me incomodou."

O Rato é um exemplo claro de vidas não salvas, não resgatadas, como cada pessoa no nosso planeta já foi e a maioria ainda são. Paulo descreve esse tipo de vida miserável e decaída: "Houve tempo em que nós também éramos insensatos e desobedientes, vivíamos enganados e escravizados por toda espécie de paixões e prazeres. Vivíamos na maldade e na inveja, sendo detestáveis e odiando uns aos outros" (Tito 3:3). Mas O Rato também exemplifica maravilhosamente a transformação que ocorre na vida de uma pessoa quando ele ou ela é salva. Como Paulo prossegue dizendo,

Mas quando, da parte de Deus, nosso Salvador, se manifestaram a bondade e o amor pelos homens, não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à Sua misericórdia, Ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que Ele derramou sobre nós generosamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador. Ele o fez a fim de que, justificados por Sua graça, nos tornemos seus herdeiros tendo a esperança da vida eterna. (Tito 3:4-7)

Quando ele fica conhecendo Loristan, O Rato experiência uma transformação tão radical como essa. Todo o seu mundo vira de cabeça para baixo. É nos dito que: "Ele queria ver Marco de novo, mas queria mais ver o homem alto com os olhos escuros e gentis e aquela aparência nobre." Quando Loristan lhe mostra um simples gesto de bondade, isso "tira dos ombros do Rato um peso que ele mesmo nunca soubera que estava lá."

"De algum modo ele sentiu como se alguma coisa nova tivesse acontecido a ele, como se ele não fosse um simples "verme", afinal de contas, como se não precisasse ficar na defensiva – até mesmo como se não precisasse temer muito na escuridão, e como uma coisa para a qual não havia lugar no mundo. O mero olhar direto e perspicaz dos olhos desse homem parecia abrir espaço em qualquer lugar para onde ele olhasse."

Após o funeral breve de seu pai, O Rato pensa que Loristan irá recusá-lo. Ele não quer se separar deste homem. "Nos olhos do Rato estava um tipo de adoração arrebatada. Ele não sabia o que iria fazer quando esse homem virasse e andasse para longe dele. Seria como se o próprio sol houvesse caído do céu." Para o imenso alívio do Rato, Loristan oferece para ele "um lugar" com ele. Nesse momento O Rato supõe que "significava um pedacinho de espaço no mundo onde poderia ter um certo direito de ficar, mesmo que fosse pobre e sem nada. O que perceberia depois era que Loristan quis dizer muito mais, muito mais do que só isso. O futuro inteiro do Rato foi transformado pelas palavras simples do Loristan: "Venha comigo. Não o deixaremos."

Pela primeira vez em sua vida, O Rato era amado e aprendeu a amar também. Até então, Samávia era apenas um jogo emocionante para ele, uma breve fuga da realidade dolorosa de sua vida. Agora, porque Loristan tornou sua paixão, Samávia tornou uma paixão também. Nos próximos dias O Rato iria experimentar fraternidade, utilidade, e propósito. Ele era um novo menino.

É exatamente assim quando encontramos com Jesus de verdade. O Rato é um exemplo excelente do que significa renascer, de se tornar um "filhinho".

**Lázaro.** Depois de viver como uma "criança" na casa de Deus, o próximo estágio de crescimento é se tornar um "pai" nessa casa. João não estava se referindo a pais literalmente falando, mas estava incluindo homens e mulheres, jovens e velhos,

casados e solteiros em suas "categorias" de crescimento. Ele estava descrevendo um Cristão que tinha começado a tomar a responsabilidade de cuidar de outros, como um pai faz. Paulo disse que ele tinha sido como um pai para os cristãos de Tessalônica, "exortando, consolando e dando testemunho para que vocês vivam de maneira digna de Deus" (1 Tessalonicenses 2:11-12). Ser um "pai" na igreja não é uma posição. É **certamente** não é um título religioso (Mateus 23:9)! É dar a sua vida pelos outros. É isso que pais fazem. E é isso que Lázaro faz.

Lázaro é um velho soldado samaviano que agora vive para servir Loristan e Marco. Ele é incansável em seu serviço e diligente na sua atenção aos detalhes. Ele cuida deles com abnegada devoção, atendendo a suas necessidades com eficiência e competência. Mas a característica suprema de Lázaro é que ele se importa. Certa vez, quando Loristan leu notícias profundamente perturbadoras sobre os sofrimentos da Samávia, Marco encontra Lázaro "pasmado olhando para ele em pé com grandes lágrimas escorrendo pelo seu rosto." Lázaro guia Marco para fora do quarto e então lhe diz: "Ninguém o pode ver assim, nem você. Ele sofre tão horrivelmente". Então Lázaro "abaixa sua cabeça grisalha e chora como uma criança que havia sido apanhada".

Ele se importa...profundamente.

Porque Lázaro se importa "a pobre pensão deles era sempre mantida bem arrumada com uma limpeza de soldado e tudo tinha seu lugar. Quando um objeto estava meio desbotado, era forçado para brilhar. Nenhum grão de pó era permitido descansar em qualquer lugar sem ser perturbado." Porque Lázaro se importava, "por mais simples que fosse a comida, era sempre servida com o mesmo cuidado e a mesma cerimônia de um banquete." E porque ele se importa, Lázaro também não se importa quando O Rato começa a ter um novo lugar de relacionamento com Loristan. Ele simplesmente expande o escopo de seu serviço para incluir o novo garoto. Quando O Rato sugere que Loristan de alguma forma pertence a Lázaro, o velho soldado responde: "Eu sou dele. Eu sou dele, e do jovem Mestre." Dar a sua vida para outros era a paixão de Lázaro e o seu propósito.

Lázaro é extremamente dedicado ao Loristan. Mas essa devoção o leva a dedicar a sua vida também para aqueles a quem Loristan lhe confiou. Em sua jornada final para Samávia, ele pede apaixonadamente aos cavalheiros em liderança:

"Até que eu possa ficar diante de meu Mestre e o vê-lo abraçar seu filho... VÊ-LO de verdade... imploro que vocês me deixem não perdê-lo da minha vista noite ou dia. Imploro que me deixem viajar, armado, ao lado dele. Não sou nada mais do que o servo dele e nem tenho o direito de ocupar um lugar na mesma carruagem. Mas me ponha em qualquer lugar. Serei surdo, mudo, cego para todas as outras coisas a não ser ele.

Só me deixe ficar próximo o suficiente para dar a minha vida se for necessário. Deixe-me dizer a meu Mestre que "Nunca o deixei."

É o coração de "paternidade" que o apóstolo João se referiu: uma suprema devoção a Jesus e, portanto, uma devoção para com aqueles com quem Jesus se preocupa.

**Marco.** Claramente, o "jovem" que João se referiu, que é "forte" e que "vence o maligno" é exemplificado pelo filho do Loristan, pelo Marco. O crescimento até chegar a ser um jovem espiritualmente não significa que você esquece de ser uma criança. Aliás, na igreja de Deus, você cresce e torna um jovem por causa de seu relacionamento contínuo com Ele.

Se Loristan é a personagem central do livro *O Príncipe Perdido*, então a relação central do livro é aquela que existe entre Loristan e seu filho. Na verdade, a palavra "filho" aparece 70 vezes no texto e a palavra "pai" *mais de 300 vezes!* Marco é um personagem forte e fascinante, e sua força brota de sua devoção e lealdade a seu pai. Marco é capaz de realizar tarefas incríveis, muito além das capacidades da maioria dos garotos de sua idade, simplesmente porque ele ama e confia no Loristan e o obedece com um coração tranquilo e alegre. O serviço de Marco para a Samávia não vem de um desejo orgulhoso e ambicioso para realizar grandes coisas. Ele só sabe que Samávia é importante para seu pai então isso faz Samávia importante para ele também. Em um trecho comovente, Marco se ajoelha e beija a mão de seu pai:

"Pai!" ele disse, "você não sabe o tanto que te amo! Eu gostaria que você fosse um general e eu poderia morrer na batalha por você. Quando olho para você, anseio muito em fazer algo para você que um menino não seria capaz de fazer. Iria morrer com mil feridas antes de te desobedecer, ou Samávia! Eu fiz meu juramento de fidelidade para você, Pai, quando eu também fiz para a Samávia. Você mesmo parece como se fosse Samávia também," ele disse e beijou sua mão de novo.

Loristan também é cheio de amor pelo seu filho:

Um olhar carinhoso brilhou na face do seu pai ao levantar o seu menino e colocar sua mão nos seus ombros. "Camarada", ele disse, "você não sabe o tanto que eu amo você e a razão porque precisamos amar um ao outro! Você não sabe como eu tenho olhado você e agradecido a Deus cada ano que aqui crescia um homem para Samávia.

A devoção de Marco para com seu pai gerou nele um caráter lindo.

- Ele é caracterizado pela **humildade**. Quando O Rato pergunta se Marco alguma vez tem ciúme quando outros mostram sua devoção ao Loristan, o menino pode responder honestamente, "Não, não tenho. Quanto mais pessoas amam e servem ele, melhor. A única coisa com a qual eu me importo é... é ele. Eu só me importo com ELE."

- Marco também é caracterizado por **maturidade** e **dignidade**. Ele quer representar o seu pai bem por onde for. O Rato observa que o seu amigo "estava fazendo o que quer que fosse simplesmente por causa do seu pai. Era como se ele sentisse que estava representando seu pai, embora fosse meramente um menino; e por causa disto, menino como era, devia carregar-se nobremente e permanecer externamente tranquilo."
- Marco tem uma **paz** impressionante considerando a idade dele. Ele mantém sua postura "por causa da paz que sentia em fazer qualquer coisa que pensava que agradaria seu pai."
- Seu relacionamento com Loristan dá ao Marco um forte **sentimento de identidade**. Vez após vez durante a segunda viagem à Samávia, quando Marco se encontra sendo o foco da atenção do público, ele não se entrega a sentimentos de timidez ou medo, lembrando-se: "Sou o filho de Stefan Loristan. Estou indo para meu pai."
- De maneira impressionante, o amor que Marco tem para seu pai produz nele uma **obediência** jubilosa. É nos dito que: "o treinamento de Marco desde quando era uma criancinha tinha sido extraordinário. O amor que tinha por seu pai fez com que esse treinamento parecesse simples e natural para ele e nunca tinha questionado a razão para esse treino." E ao o "Jogo" chegar ao fim para os meninos, Marco diz ao Rato: "E como a gente não sabe como será o final, obedecemos às ordens."

O clímax do livro vem, não com uma batalha ou algum outro ato de coragem, mas com um simples reencontro entre pai e filho. Só então é que Marco percebe que é seu pai que foi coroado Rei da Samávia. O Rei tinha os olhos que ele ansiava ver – as mãos do Rei eram aquelas que ansiava sentir nos seus ombros de novo – O Rei era seu pai! O povo Samaviano é comovido ao ver que "os dois estavam ligados por uma amizade de força e significado singular e o amor deles para seu povo adicionava-se aos seus sentimentos um pelo outro."

De todas essas maneiras Marco é um exemplo claro do que significa ser um Cristão. Cristianismo significa salvação, é claro. Mas um relacionamento com Deus é a razão pela qual somos salvos. A fé de Marco e o seu amor por Loristan são um retrato maravilhoso de como as mesmas atitudes devem encher o coração e a vida de qualquer filho de Deus. Marco exemplifica os "jovens" que o apóstolo João se referiu. Ele é forte; as palavras de seu pai vivem nele; e ele vence o mal neste mundo. Isso pode ser o seu futuro se você expressar o mesmo amor e confiança para o seu Pai Celestial que o Marco tem pelo seu pai terreno!

**O Fim...e o Começo!** A história de *O Príncipe Perdido* termina com uma coroação. Loristan, que agora sabemos é o descendente do lendário Príncipe Perdido da Samávia, retorna ao seu povo e é coroado rei. Finalmente o usurpador foi destronado

e o regente legítimo está no seu lugar. Uma era de justiça e de um reino de amor começou.

A história do planeta terra vai acabar de maneira muito similar. Jesus foi "exaltado à mais alta posição" e recebeu "o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (Filipenses 2:9-10). Todo joelho não se dobrou ainda, mas vai. O Pai lhe disse: "Senta-te à minha direita, até que eu faça dos teus inimigos um estrado para teus pés" (Hebreus 1:13). Como Paulo disse, é necessário que Jesus "reine até que todos os Seus inimigos sejam postos debaixo dos Seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte" (1 Coríntios 15:25-26). Neste momento Jesus irá trazer tudo, até Ele próprio, sob a sujeição ao Pai para que Ele possa ser "tudo em todos" (1 Coríntios 15:28). E depois? Isto é o final? Ou apenas o começo?

É interessante que o livro *O Príncipe Perdido* termina com um final muito aberto. "E agora, Pai?" Marco pergunta. "Grandes coisas virão, uma por uma" Lorsitan responde "se nos mantermos prontos."

Assim como Marco, todo cristão verdadeiro é um cidadão de outro país. "A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Pelo poder que O capacita a colocar toda as coisas debaixo do Seu domínio, Ele transformará os nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao Seu corpo glorioso." (Filipenses 3:20-21). É uma verdade maravilhosa: "se morremos com Ele, com Ele também viveremos; se perseverarmos, reinaremos" (2 Timóteo 2:11-12). Assim como Marco, seremos convidados ao trono por um Rei que é nosso Pai. Quais tarefas gloriosas que Ele nos dará? Que aventuras iremos compartilhar com Ele? Tudo o que temos de saber é: "Grandes coisas virão, uma por uma se nos mantermos prontos."

Você estará pronto?